



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – PPGEL
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

ANTONIO MARCOS DE ALMEIDA RIBEIRO

**DIAMANTES LEXICAIS: GARIMPANDO O VOCABULÁRIO DO
ROMANCE *CASCALHO* DE HERBERTO SALES**

Feira de Santana-BA
2020

ANTONIO MARCOS DE ALMEIDA RIBEIRO

**DIAMANTES LEXICAIS: GARIMPANDO O VOCABULÁRIO DO
ROMANCE *CASCALHO* DE HERBERTO SALES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz.

Feira de Santana-BA
2020

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

R367 Ribeiro, Antonio Marcos de Almeida
 Diamantes lexicais : garimpando o vocabulário do romance Cascalho de
Herberto Sales / Antonio Marcos de Almeida Ribeiro. – 2020.
200 f.: il.

Orientadora: Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana,
2020.

1. Cascalho: romance (1944) – Sales, Herberto de Azevedo, 1917-1999.
2. Romance regionalista. 3. Lexicologia. 4. Lexicografia. 5. Campos
léxicos. 6. Garimpos – Chapada Diamantina, Bahia. I. Título. II. Queiroz,
Rita de Cássia Ribeiro de, orient. III. Universidade Estadual de Feira de

ANTONIO MARCOS DE ALMEIDA RIBEIRO

**DIAMANTES LEXICAIS: GARIMPANDO O VOCABULÁRIO DO ROMANCE
CASCALHO DE HERBERTO SALES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de
Feira de Santana, como requisito para obtenção de título
de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 27/03/2020

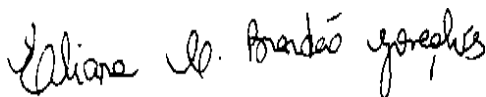
BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (Orientadora)
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS



Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros (Membro interno)
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS



Profª. Dra. Eliana Correia Brandão Gonçalves (Membro
externo) Universidade Federal da Bahia - UFBA

Dedico este trabalho a todas as comunidades da Chapada Diamantina por sua riqueza cultural fantástica. Com retratos vivos de tradição garimpeira onde os patrimônios linguísticos brilham mais que o brilho dos diamantes.

AGRADECIMENTOS

Dentre as virtudes do ser humano, a gratidão configura-se a resposta à generosidade de pessoas que estiveram em nosso caminho. A gratidão é uma das qualidades que Tomás de Aquino (2005) coloca como uma das virtudes sociais de reconhecimento e apreço. O ato de agradecer acontece na imaterialidade, pois nem sempre se pode pagar materialmente ao favor feito. Por isso ainda se diz hoje “Deus lhe pague”, na tentativa de que somente Deus pode recompensar apropriadamente um benfeitor. Aqui externo meus sinceros agradecimentos.

A Deus, originador da palavra que disse “Haja luz” e estimula “Em todas as circunstâncias rendei graças”. NEle todas as coisas foram criadas “e o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (BÍBLIA, 1999). E permanece em nós.

À minha família, esse conjunto de laços eternos que de alguma forma me apoiou nessa jornada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, personificado nos professores, servidores e visitantes.

À turma 8 do MEL (Mestrado em Estudos Linguísticos), a mais festiva e animada que já se teve notícia no programa. É o que se diz nos corredores. No futuro essa turma se reencontrará mais uma vez?

Ao círculo de colegas mais próximos durante o percurso do mestrado: Elisângela Ribeiro, Laiane Oliveira, Lidiane Ferreira e Paulo Henrique Silva. Colegas de “resenha”, de bandeirão e tudo mais.

Ao amigo Hilton Arruda, pela hospitalidade fraterna, pelas caronas, idas e vindas à paragem itaberabense.

À Keila Fernandes Ribeiro e o fruto do vosso ventre, pela paciência e companheirismo. “Eu estou escrevendo...”.

À Biblioteca Herberto Sales em Andaraí-Ba, nas pessoas de seus funcionários que me receberam gentilmente durante a pesquisa.

A Paulo Augusto Moscoso “Artesão”, por estar sempre disposto a ajudar, pelas contribuições em algumas palavras não dicionarizadas, pelo roteiro de *Cascalho* e demais presentes.

A Alan Buriti, amigo dos quadrinhos e da criatividade por trás dessas páginas.

Aos amigos, que me receberam em meu novo município domiciliar, próximo dos antigos garimpos da Chapada Diamantina, Nova Redenção.

À minha orientadora Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz, por ler e reler cada palavra minha. Não só compartilhamos dos estudos linguísticos, mas de artesanias poéticas. Ainda quero participar de outras tantas coletâneas que vier a organizar. É a poesia em pessoa.

À banca examinadora, composta pelos professores Dr. Patrício Nunes Barreiros e Dra. Eliana Correia Brandão Gonçalves, por fazerem parte dessa incrível jornada acadêmica.

Existem tantos nomes não mencionados que também fazem parte deste trabalho, nunca estamos sós. Agradeço também a estes.

E de tantos rostos, mãos e nomes que nos acompanham, a evolução humana perpassa pelo ato de gratidão. Os agradecimentos são o mais pessoal e sentimental do escrutínio acadêmico. E como postulou Tomás de Aquino (2005), minha gratidão é no nível mais profundo, sendo assim, OBRIGADO! A todos os que trilharam comigo esta andança.

De amores e sabores tocando em frente à existência,
E o que quero não é nada, apenas um gole de alegria,
Com calor humano e banhos de cachoeira encantada,
Desembucho: Chapada Diamantina, sofro de tofília!
(RIBEIRO, 2019, p. 8).

RESUMO

Nesta dissertação tivemos como objetivo analisar o vocabulário constante na obra literária *Cascalho* (SALES, 2011), do escritor baiano Herberto Sales. O romance de caráter regionalista materializa fatos sociais ocorridos nos garimpos da Chapada Diamantina, na Bahia, descortinando seu cotidiano. Configurando-se, assim, do vocabulário inventariado por Ribeiro (2017) como *corpus* da pesquisa, constituído por 370 lexias, definidas em simples, compostas e complexas, segundo concepção de Pottier (1972). As 370 lexias foram criteriosamente selecionadas constituídas de aspectos linguísticos importantes representativos para o estudo da língua relacionados à cultura, sociedade e história. Organizadas em glosas em sua significação e contexto de uso dentro da literatura e, por conseguinte, classificadas dentro de nove campos lexicais hierarquicamente divididos em macrocampos, a saber: do espaço geográfico; da natureza; das lavras; da alimentação; das indumentárias; dos armamentos; da religiosidade e manifestações populares; da sexualidade e do corpo; dos qualificadores. Subdivididos em microcampos referentes à história e contexto sociocultural da comunidade do garimpo. Com o propósito de alcançar os objetivos, utilizamos como fundamentação teórico-metodológica os postulados dos campos lexicais propostos por Coseriu (1977); o conceito de língua, cultura e sociedade de Abbade (2006) e Seabra (2015); as proposições sobre o estudo do léxico de Biderman (1981), Oliveira e Isquerdo (1998), Vilela (1995), dentre outros arrolados nas referências. À vista disso, por possuir também caráter lexicográfico, consultamos Ferreira (1999), Houaiss (2009), Moraes Silva (1890), Figueiredo (1913) e para macroestrutura e microestrutura utilizamos Barbosa (2001), Borba (2003), Welker (2004), Barros (2004) e outros compêndios que apontam sobre elaboração de dicionários. Os resultados foram a organização de campos léxicos caracterizadores da comunidade do garimpo, e vocabulário definido e abonado a partir das ocorrências no romance. As 370 lexias coletadas são importantes por possuírem aspectos relacionados à identidade local abrindo possibilidade para diversos estudos. Sendo reveladores, no que diz respeito aos aspectos socioculturais e históricos, explicitando a confluência entre língua, cultura e sociedade. Portanto, os diamantes lexicais do vocabulário da obra *Cascalho* (SALES, 2011) possuem a relevância evidenciada por meio do léxico, da história, da sociedade e da cultura da comunidade das antigas lavras. Sua linguagem, como patrimônio vocabular, pelo presente trabalho, incorpora a preservação da memória linguística da Chapada Diamantina.

Palavras-chave: Lexicologia. Campos léxicos. Lexicografia. *Cascalho*. Herberto Sales.

ABSTRACT

In the dissertation we had aimed to analyze the constant vocabulary in the literary work *Cascalho* (SALES, 2011), by the bahian writer Herberto Sales. The regionalist novel materializes social events that occurred in the diamond-digging of the Chapada Diamantina, Bahia, revealing their daily lives. Thus, configuring the vocabulary invented by Ribeiro (2017) as a research corpus, consisting of 370 lexias, defined as simple, compound and complex, according to Pottier's conception (1972). The 370 lexias were carefully selected consisting of important linguistic aspects representative for the study of language related to culture, society and history. Organized in glosses in their meaning and context of use within the literature and, therefore, classified within nine lexical fields hierarchically divided into macroamps, namely: geographic space; from nature; from the mines; of food; of the clothes; of armaments; of religiosity and popular manifestations; of sexuality and the body; of qualifiers. Subdivided into micro fields referring to the history and socio-cultural context of the mining community. In order to achieve the objectives, we use as theoretical and methodological foundation the postulate of the lexical fields proposed by Coseriu (1977); Abbade (2006) and Seabra (2015) concept of language, culture and society; the propositions about the study of the lexicon of Biderman (1981), Oliveira and Isquerdo (1998), Vilela (1995), among others listed in the references. In view of this, due to its lexicographic character, we consulted Ferreira (1999), Houaiss (2009), Moraes Silva (1890), Figueiredo (1913) and for macrostructure we use Barbosa (2001), Borba (2003), Welker (2004), Barros (2004) and other compendia that point the elaboration of dictionaries. The results were the organization of lexical fields that characterize the mining community, and a vocabulary defined and accredited from the occurrences in the novel. The 370 lexias collected are important because they have aspects related to local identity, opening the possibility for several studies. Being revealing, as regards, the socio-cultural and historical aspects, explaining the confluence between language, culture and society. Therefore, the lexical diamonds from the *Cascalho* vocabulary (SALES, 2011) have the relevance evidenced by the lexicon, history, society and culture of the community of the old diamond-digging. His language, as a vocabulary heritage, by the present work, incorporates the preservation of the linguistic memory of Chapada Diamantina.

Keywords: Lexicology. Lexical fields. Lexicography. *Cascalho*. Herberto Sales.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

adj.	adjetivo
adv.	advérbio
cf.	conforme
exp. pop.	expressão popular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
interj.	interjeição
lat.	latitude
loc. adj.	locução adjetiva
loc. subst.	locução substantiva
loc. verb.	locução verbal
long.	longitude
NeiHD	Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais
NEMa	Núcleo de Estudos do Manuscrito
p.	página
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
pron.	pronome
SIG-BA	Sistemas de Informações Geográficas - Bahia
SIRGAS	Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas
s.m.	substantivo masculino
s.f.	substantivo feminino
subst. pej.	substantivo pejorativo
TTM	Tese dos três mundos
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
v.	verbo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Localização da Chapada Diamantina	25
Figura 2 -	Localização do Parque Nacional da Chapada Diamantina com suas cidades outrora garimpeiras	30
Figura 3 -	Fac-símile da décima edição do romance <i>Cascalho</i> (2011), de Herberto Sales	42
Figura 4 -	Lexicologia, Lexicografia e Terminologia interligadas e contidas nos Estudos do Léxico	49
Figura 5 -	O imbricamento entre léxico, cultura e sociedade. Pela evolução histórica os elementos caminham sempre juntos	53
Figura 6 -	A tese dos três mundos de Karl Popper (1975) independentes e distintos, mas que se interagem	59
Figura 7 -	Exemplo de verbete adotado	75
Figura 8 -	Interface do <i>WordSmith 7.0</i>	155
Figura 9 -	Lista de palavras em ordem alfabética e em ordem de frequência	156
Figura 10 -	Os macrocampos e microcampos lexicais	173

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Número de lexias por macrocampos	66
Quadro 2 -	Listagem dos macrocampos e microcampos lexicais em <i>Cascalho</i> (2011)	78
Quadro 3 -	Exemplo de ficha lexicográfica	79
Quadro 4 -	Listagem das lexias constantes no macrocampo do Espaço geográfico e seus microcampos	86
Quadro 5 -	Listagem das lexias constantes no macrocampo da Natureza e seus microcampos	102
Quadro 6 -	Listagem das lexias constantes no macrocampo das Lavras e seus microcampos	121
Quadro 7 -	Listagem das lexias constantes no macrocampo da Alimentação e seus microcampos	128
Quadro 8 -	Listagem das lexias constantes no macrocampo das Indumentárias e seus microcampos	133
Quadro 9 -	Listagem das lexias constantes no macrocampo dos Armamentos e seus microcampos	137
Quadro 10 -	Listagem das lexias constantes no macrocampo Manifestações religiosas e culturais e seus microcampos	140
Quadro 11 -	Listagem das lexias constantes no macrocampo do Corpo e da sexualidade e seus microcampos	145
Quadro 12 -	Listagem das lexias constantes no macrocampo dos Qualificadores e seus microcampos	154
Quadro 13 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em cidades e povoações	157
Quadro 14 –	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em ruas e bairros	157
Quadro 15 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em localizações	157
Quadro 16 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em rios, cachoeiras e afins	158
Quadro 17 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em fenômenos da natureza	158

Quadro 18 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em flora	159
Quadro 19 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em fauna	160
Quadro 20 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em ferramentas e equivalentes	161
Quadro 21 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em profissões e trabalho	161
Quadro 22 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em serviços e afins	162
Quadro 23 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em diamantes e afins	162
Quadro 24 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em formações geológicas e cascalhos	162
Quadro 25 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em taxas	163
Quadro 26 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em habitações e apetrechos	164
Quadro 27 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em utensílios de cozinha	164
Quadro 28 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em pratos crus, cozidos e assados	164
Quadro 29 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em bebidas	165
Quadro 30 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em doces e salgados	165
Quadro 31 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em roupas de cama	166
Quadro 32 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em vestimentas	166
Quadro 33 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em acessórios e generalidades	166
Quadro 34 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em armas de fogo	167
Quadro 35 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em armas brancas	167
Quadro 36 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em santos	167
Quadro 37 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em festas e manifestações populares	168

Quadro 38 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em livros e rezas	168
Quadro 39 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em partes do corpo	168
Quadro 40 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em órgãos sexuais	168
Quadro 41 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em doenças sexuais	169
Quadro 42 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em relações íntimas afetivas	169
Quadro 43 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em qualificadores masculinos	169
Quadro 44 -	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em qualificadores femininos	170
Quadro 45	Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em qualificadores infantis	171

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	TOMAR CÁLCULO: DESCORTINANDO O ROMANCE <i>CASCALHO</i>	22
2.1	DESCORTINANDO O PAÍS DO GARIMPO	23
2.2	DESCORTINANDO O AUTOR DE <i>CASCALHO</i>	31
2.3	DESCORTINANDO O VOCABULÁRIO DA OBRA <i>CASCALHO</i>	33
3	CATEAMENTO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS SOBRE O ESTUDO DO LÉXICO	43
3.1	OS PRESSUPOSTOS SOBRE LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA	45
3.2	OS PRESSUPOSTOS SOBRE LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE	51
3.3	OS PRESSUPOSTOS SOBRE AS REDES ASSOCIATIVAS DO LÉXICO	55
4	BATEIA, CARUMBÉ E RALO: OS INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	62
4.1	OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS	63
4.2	OS INSTRUMENTOS DE MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA	67
5	APURAÇÃO: AS DISCUSSÕES E OS RESULTADOS DOS DIAMANTES LEXICAIS	76
5.1	MACROCAMPO LEXICAL DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	79
5.1.1	Microcampo das cidades e povoações	81
5.1.2	Microcampo das ruas e bairros	83
5.1.3	Microcampo das localizações	84
5.2	MACROCAMPO LEXICAL DA NATUREZA	87
5.2.1	Microcampo dos rios, cachoeiras e afins	87
5.2.2	Microcampo dos fenômenos da natureza	89
5.2.3	Microcampo da flora	90
5.2.4	Microcampo da fauna	99
5.3	MACROCAMPO LEXICAL DAS LAVRAS	103
5.3.1	Microcampo das ferramentas e equivalentes	104
5.3.2	Microcampo das profissões e trabalho	107
5.3.3	Microcampo dos serviços e afins	108
5.3.4	Microcampo dos diamantes e afins	111
5.3.5	Microcampo das formações geológicas e cascalhos	112
5.3.6	Microcampo das taxas	118
5.3.7	Microcampo das habitações e apetrechos	118
5.4	MACROCAMPO LEXICAL DA ALIMENTAÇÃO	122
5.4.1	Microcampo dos utensílios de cozinha	123
5.4.2	Microcampo dos pratos crus, cozidos e assados	124
5.4.3	Microcampo das bebidas	125
5.4.4	Microcampo dos doces e salgados	127

5.5	MACROCAMPO LEXICAL DAS INDUMENTÁRIAS	128
5.5.1	Microcampo das roupas de cama	129
5.5.2	Microcampo das vestimentas	130
5.5.3	Microcampo dos acessórios e generalidades	131
5.6	MACROCAMPO LEXICAL DOS ARMAMENTOS	133
5.6.1	Microcampo das armas de fogo	134
5.6.2	Microcampo das armas brancas	136
5.7	MACROCAMPO LEXICAL DA RELIGIOSIDADE E MANIFESTAÇÕES POPULARES	137
5.7.1	Microcampo dos santos	138
5.7.2	Microcampo das festas e manifestações populares	139
5.7.3	Microcampo dos livros sagrados e rezas	140
5.8	MACROCAMPO LEXICAL DA SEXUALIDADE E DO CORPO	141
5.8.1	Microcampo das partes do corpo	141
5.8.2	Microcampo dos órgãos sexuais	142
5.8.3	Microcampo das doenças sexuais	143
5.8.4	Microcampo das relações íntimas afetivas	143
5.9	MACROCAMPO LEXICAL DOS QUALIFICADORES	145
5.9.1	Microcampo dos qualificadores masculinos	147
5.9.2	Microcampo dos qualificadores femininos	152
5.9.3	Microcampo dos qualificadores infantis	154
5.10	LEXIAS, OCORRÊNCIAS E FREQUÊNCIAS	155
6	A RESTINGA E AS CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
	REFERÊNCIAS	179
	APÊNDICE	186
	Índice remissivo	187

1 INTRODUÇÃO

Qual impacto a leitura de um romance ou uma sessão de filme pode causar em uma pessoa? De todas as respostas podemos inferir que de imediato pode suscitar um diálogo com o mundo via as citadas artes, ou em alguns casos absolutamente nada! Mas ao ler e ver, mesmo que sem compromisso algum, ao entrar em contato não existe o “nada”. Algo acontece, internalizamos alguma mensagem. Como diz a letra de uma música “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”. Pessoas consomem produtos culturais para alimentar a fome de algo a mais, de abstrações para saciar a inconstância humana e reafirmar o processo de hominização. Um romance ou um filme, como uma espécie de comida, pode cair no esquecimento, numa pálida lembrança de que em algum tempo e lugar degustamos suas narrativas, sejam fílmica ou literária. Assim, toda essa argumentação é para dizer que não foi isso que aconteceu quando ainda na graduação em História, na Universidade do Estado da Bahia - UNEB/Campus XIII, em Itaberaba, a obra fílmica *Cascalho* (2004) suscitou um lampejo inquiridor e por meio do contato posterior com o romance *Cascalho* (SALES, 2011), que a seu tempo, foi tomada como *corpus*/fonte de investigação científica. Ressaltando que a primeira edição da obra *Cascalho* foi lançada em 1944, foi reescrita para uma segunda edição em 1951, e em 1956 foi revista pelo autor e essa terceira edição passou sendo publicada por várias editoras e traduzida em vários idiomas até o presente momento.

Porém, até chegar ao presente trabalho dissertativo, alguns anos se passaram desde a fecundação para que efetivamente o lampejo inquiridor tomasse a forma em projeto de pesquisa. A ideia fecundada por meio do filme estava alicerçada na concepção inequívoca de trabalhar com um *corpus* regional com sentimento de identidade e pertença como parcela de contribuição de valorização da singularidade linguística local. Posto isso, iniciamos os estudos a partir do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Filológicos da UNEB/Campus XIII, como primeira envoltura com a pesquisa lexicológica e lexicográfica concluída em 2017. Com os resultados obtidos, outras abordagens e desdobramentos puderam ser possíveis dadas às possibilidades de ampliação da pesquisa. Assim, com esse anteâmbulo, o horizonte investigativo se ampliou no presente trabalho dissertativo.

Com o olhar investigativo estendido, algumas reflexões suscitaram um novo redimensionamento do *corpus*. A tradução espanhola para o romance *Cascalho* recebeu o título de *Diamante* (SALES, 1980), o que nos fez inquirir sobre as implicações e sutilezas do título para uma língua europeia. Os títulos mencionados como uma espécie de metáfora sobrepujam em realidade indicando que nas lavras dos garimpeiros ficaram os cascalhos e

para os europeus, para os quais escoou grande parte de sua riqueza mineral, os eternos diamantes. Os próprios garimpeiros tinham consciência disso quando falavam que “— Andaraí é assim mesmo. Nunca passou disso. É uma terra rica de gente pobre” (SALES, 2011, p. 83). Por isso, a existência de um encadeamento denunciante no romance, da exploração dos garimpeiros protagonistas, na cotidiana faina.

Os retratos e cenas das lavras são reconstituídos por narrativas que se inter-relacionam, desvendando o fervilhante tecido social em suas minúcias numa Andaraí oclusa, abundante em credices e mitos. Com a presente agitação da massa de garimpeiros e forasteiros atraídos pelo enriquecimento fácil, na tentativa de bamburrar pedras preciosas. Contudo, imperando, sem encontrar oposição, a lei dos coronéis em mandos e desmandos naquele ambiente social impregnado de situações em que toda sociedade é manipulada por esta elite dominante (GARCIA, 2011).

Para além da denúncia social, essas narrativas são construídas por uma linguagem, estilo e sintaxe próprias de uma artesanania lexical atenta para a sensibilidade explicitada em captar os falares específicos da sociedade do garimpo na Chapada Diamantina, na Bahia. Permeia em toda obra os jargões profissionais do garimpo como um registro dos falares daquela sociedade que compõe marcadamente em sua linguagem o período do garimpo de diamantes. Esses falares constituem-se em seus diamantes lexicais dados de valor linguístico histórico, opulência de vocábulos, escolhas lexicais do autor que revelam valores ideológicos, visões de mundo, hábitos e costumes, descortinando o imbricamento de língua, sociedade e cultura.

O estudo do léxico possibilita ser aplicado dentro de um *corpus* literário, no caso específico, a obra *Cascalho* (SALES, 2011), o que cobre uma lacuna de estudos linguísticos sobre um romance que trata da Chapada Diamantina. Existem vários estudos tendo a obra como referência, dos quais podemos citar o trabalho de Ângela Vilma (2004) no aspecto literário, Augusto (2007) nos aspectos sociais, Boudoux (2008) se debruça sobre as representações sociais, Góes (2010) trata da religiosidade na obra de Herberto Sales, Garcia (2013) trata das questões de identidade, cultura popular, territorialidade e poder. Há dentro do universo acadêmico outros trabalhos a nível monográfico e artigos tendo como referência a obra *Cascalho* (SALES, 2011). Porém, sob o ponto de vista dos estudos linguísticos, com esse recorte literário, o presente trabalho configura-se pioneiro, o que o torna profícuo por contribuir para o aprofundamento desses estudos nessa perspectiva. Sobretudo, cabe ressaltar que a “[...] dimensão territorial do Brasil, os processos migratórios que têm marcado a história interna do país e a inexistência de uma ampla descrição da variante brasileira da língua

portuguesa são alguns dos fatores que dificultam a classificação dos regionalismos no português do Brasil” (ISQUERDO, 2007, p.193). Esse apontamento diz respeito às inabituais pesquisas que descrevem os falares do interior do Brasil. O que realizamos com a obra *Cascalho* (SALES, 2011) é exatamente a contribuição para a investigação da linguagem interiorana reproduzida na literatura regional.

Isso é possibilitado pelas variadas produções literárias que expressam historicidade linguística e cultural, por meio da perspectiva do léxico, no qual podemos citar o trabalho de Aragão (1990) sobre a linguagem regional em José Lins do Rego e Martins (2001), que exaustivamente estudou o léxico de Guimarães Rosa. Dessa forma, a obra *Cascalho* (SALES, 2011) insere-se na mesma perspectiva de estudo, contendo unidades lexicais por todas as suas páginas que tratam da comunidade de garimpo fictícia no romance do escritor baiano Herberto Sales. Assim, nessa produção literária, língua, sociedade e cultura estão entrelaçadas, o que permitiu um profícuo estudo dos aspectos linguísticos, encabeçados na obra. O romance, de cunho regionalista, possui elementos diatópicos e socioculturais que particularizam o modo de ver o mundo. Essa forma de enxergar o universo concebe maneiras peculiares, refletidas no falar, o que permitiu ser esse falar elemento pesquisável desses fenômenos linguísticos.

Uma comunidade linguística tem como patrimônio o seu léxico e os usuários são todos responsáveis pelas transformações e manutenção de sua língua como forma constante de comunicação. Herberto Sales (2011) constituiu em seu romance um inventário de itens linguísticos característicos de sua região. Ele, por meio do romance *Cascalho* (SALES, 2011), registrou uma profusão de palavras, que a seu tempo, algumas estão em desuso, porém configura-se por meio desse acervo lexical um retrato da história, sociedade e cultura da época. Por trás de cada lexia é possível desvendar o contexto sócio histórico da comunidade do garimpo, caminho para compreensão e explicações que auxiliem nosso entendimento da sociedade atual.

A pertinência do trabalho está no fato de investigar o léxico determinando em como as palavras constituem o acervo vocabular de um povo, corroborando, assim, para traçar perfis linguísticos identitários relacionados com a cultura e a sociedade, interligando esses elementos com a comunidade e os seus falantes. Sendo assim, as reflexões oriundas do trabalho que se fez delineou parte da história linguística da Chapada Diamantina-Ba.

Além do mais, a relevância social e contribuições do trabalho para o programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana abrem possibilidades nos aspectos de estudo da obra em seu maior entendimento, tanto literário

quanto do próprio vocabulário utilizado. Assim, também, refletindo e problematizando sobre os atravessamentos da linguagem enquanto reflexo da cultura e sociedade. Ademais, concorre para a história da língua portuguesa no interior da Bahia ao delinear elementos identitários e socioculturais para aqueles que desejam conhecer e aprofundar sobre o universo linguístico da Chapada Diamantina por meio dos estudos lexicais.

Na presente dissertação, selecionamos as unidades lexicais da obra *Cascalho* (2011) do autor Herberto Sales, constituída pelas trezentas e setenta lexias escolhidas, e organizamos em macrocampos e microcampos de acordo com a metodologia dos campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu (1977). Com isso, classificamos o vocabulário constante analisando em como o léxico reflete e se relaciona com a sociedade e cultura da comunidade garimpeira de Andaraí, BA. Por meio do léxico, evidenciamos aspectos da realidade sócio histórica, cultural e identitária mediante a linguagem utilizada pelos personagens no romance.

A organização da dissertação está estruturada em seis seções, nas quais utilizamos a metáfora do garimpo como forma de estruturação, por entendermos que o percurso da pesquisa para se conseguir os diamantes lexicais passa por um processo tal qual acontece no garimpo artesanal da Chapada Diamantina. Detalhamos cada seção por critérios textuais que se iniciam pelas considerações introdutórias e, em seguida, por *Tomar cálculo: descortinando o romance Cascalho*, na qual tratamos sobre o *corpus* no âmbito de contextualização histórica do garimpo da Chapada Diamantina na Bahia, aspectos biográficos, de criação do autor e do léxico no discurso literário. Nessa seção contamos com a fundamentação de Abreu (1975), Araújo (2008), Assis Brasil (2002), Moraes (1975), Ribeiro (2017), Sales (1955), Seabra (2017) e outros. Esse enquadramento estabelece as formas de apresentar os elementos extralinguísticos que também são importantes para se conhecer a espacialidade e temporalidade em que o léxico no romance está inserido.

Na terceira seção, *Cateamento: pressupostos teóricos sobre o estudo do léxico*, apresentamos os aspectos teóricos referentes aos estudos do léxico. Constitui-se como arcabouço sobre as epistemologias da Lexicologia, Lexicografia assentados em Abbade (2006), Biderman (1981), Nunes (2010), Pontes (2009), Saussure (2006), Vilela (1995) etc. Sobre léxico, cultura e sociedade, elencamos Biderman (1998a), Pires (2006), Seabra (2015), entre outros. Sobre as redes associativas do léxico contamos com Coseriu (1980), Martínez (2001), Saussure (2006), Popper (1975) e mais. Todos eles como constructo teórico necessário para as questões relativas ao estudo do léxico.

Na quarta seção, *Bateia, carumbé e ralo: os instrumentos e procedimentos de pesquisa*, fixamos os paradigmas metodológicos apresentando como se deu a coleta e

organização dos dados e a composição do *corpus*. Nessa seção apresentamos os instrumentos de pesquisa, as diretrizes que perfazem a produção do conhecimento da pesquisa linguística. Assim, os critérios adotados aos aspectos lexicográficos na estruturação do glossário e campos lexicais estão referenciados em Barbosa (2001), Borba (2003), Welker (2004), Barros (2004), Miranda (2007) entre outros autores conceituadores em macroestrutura e microestrutura. Os dicionários consultados foram Ferreira (1999), Houaiss (2009), Moraes Silva (1890), Figueiredo (1913), entre outros. Definimos, portanto, os processos empregados, os dispositivos imprescindíveis para elaboração do presente trabalho, para assim, alcançar os objetivos propostos na pesquisa.

Na quinta seção, *Apuração: as discussões e os resultados dos diamantes lexicais*, pautamos nossa análise na descrição das especificidades de cada macrocampo e microcampo lexicais. Do levantamento das lexias existentes na obra *Cascalho* (SALES, 2011), o qual foi realizado de forma ordenada, procuramos relacionar com os aspectos físicos e socioculturais da comunidade linguística do garimpo em consonância com o arbítrio metodológico. Doravante, as lexias estão escrutinadas por meio de glosas e quadros para facilitar o entendimento. Além disso, fizemos o levantamento das ocorrências e frequências das lexias utilizando a ferramenta computacional *WordSmith Tools 7.0*, que verifica dados linguísticos para estudos em relação à distribuição das lexias no *corpus*.

Na última seção, a sexta, *A restinga e as considerações finais*, expomos a relevância do presente trabalho, evidenciando por meio do léxico a história, a sociedade e a cultura da comunidade do garimpo mediante sua linguagem. Em vias de preservar essa memória linguística, propomos um trabalho voltado ao âmbito de aplicação pedagógica na educação básica, pois o mesmo coaduna com proposições que valorizam a identidade e história regional/local. Encerramos o garimpo lexical com as devidas considerações de possibilidade para novas frentes de trabalho acerca da linguagem da Chapada Diamantina por meio de *corpora*. Esta como ponto de ignição para futuros projetos ainda mais enriquecedores, pois o garimpo lexical não se finda, apenas está começando, “no picuá de imbé” ainda cabem mais diamantes para futuras pesquisas linguísticas. Seguem-se as referências.

2 TOMAR CÁLCULO: DESCORTINANDO O ROMANCE *CASCALHO*

Tomar cálculo na linguagem do garimpo é, dentro de alguns aspectos, a sondagem do cascalho à qual se pretende estabelecer a frente de trabalho. É a primeira tarefa de escolha e preparação do terreno, que permite a escavação à procura do diamante. Aqui nesta seção, evidenciamos o *corpus* em suas nuances de contextualização histórica, biográfica do autor, literária. Além de apresentar a espacialidade e temporalidade em que o romance está inserido. É uma forma de adentrar a obra para além dos conhecimentos linguísticos, mas que são necessários para compreensão do todo em estudo.

O romance *Cascalho* (SALES, 2011) de Herberto Sales é um discurso literário produzido e contextualizado em um momento histórico importante no Brasil. O texto literário inserido na obra engloba um universo de sentidos para um sem número de pesquisas associadas a diversas temáticas. O seu discurso é uma soma de elementos pesquisáveis que depreende faces para investigações no âmbito sócio-histórico-cultural de uma localidade inserida em uma espacialidade específica. O repositório linguístico abona, para o presente trabalho, ao seu acervo lexical extremamente produtivo. O narrador a todo o momento exterioriza com vivacidade o linguajar dos garimpeiros e de toda uma sociedade da Chapada Diamantina, na Bahia. Sendo assim, pretendemos esboçar a caracterização da região em que o *corpus* está inserido, uma síntese biográfica do autor e a linguagem que utiliza no romance, as condições de produção da obra *Cascalho* (SALES, 2011), e a contextualização sócio histórica do momento de produção do Brasil enquanto produtor de literatura. O conjunto desses elementos nos dá uma visão panorâmica de conhecimento extralinguístico, que é importante para a compreensão da obra em todas as suas perspectivas diferentes.

A linguagem literária abarca o uso cotidiano buscando relações com a história, a sociedade, a cultura que os cerca. Existe uma convergência entre literatura e linguística, pois as mesmas não podem se ignorar ao passo que compartilham o mesmo objeto que é a linguagem. Nessa etapa procuramos convergir o *corpus* para um olhar literato, adentrando a obra em suas faces que precisamos desvendar. Articulação que coopta para a compreensão linguística do nosso objeto que é o léxico da obra *Cascalho* (SALES, 2011). A oralidade está presente na narrativa e nos diálogos herbertianos, as criações lexicais que aproximam o leitor do cotidiano nu e cru daquelas paragens garimpeiras. Contemplamos a história da comunidade pela sua língua.

A artesanía lexical de Herberto Sales é singular em seus aspectos narrativos. O léxico próprio de *Cascalho* (SALES, 2011) procede do português popular dos lugares remotos, onde

se conservaram um modo próprio de falar que foi captado pelo autor. O discurso está intrinsecamente ligado à forma de falar do povo, uma profusão de arcaísmos, neologismos etc., um leque de formações que a língua permite retirado da fonte que é a própria comunidade garimpeira. Araújo (2008, p. 134, 135) tece considerações sobre esses aspectos quando diz que:

Cascalho é um afresco dos complexos e conflitos de ambições e sonhos na região diamantífera da Bahia, acrescido de um vocabulário e sintaxe que ampliam o romance na órbita de uma enriquecida e exuberante prosódia narrativa. Sua originalidade desconcerta pela impressionante espontaneidade. As imagens representam outra notável aderência ao texto enxuto de obliquidades ou derramamentos estéreis ou logorréicos.

Muita daquelas formações lexicais ainda não havia sido dicionarizadas, outras entrando em estrito desuso ou utilizadas restritamente no grupo de garimpeiros longe das formações institucionalizadas. Daí uma dificuldade para o leitor que desconhece tais palavras. Essa multiplicidade lexical que é fonte de pesquisa para o presente trabalho, advém do povo, é popular das entranhas da Chapada Diamantina. Convém nesta etapa do trabalho conhecer o lugar, a obra e o autor, pois os Estudos do Léxico permitem abordar o texto literário para fins de estudo linguístico, mas, contudo, há de se esperar a interface contextual da obra que remete a diversas esferas de conhecimento. Por essa razão sobrelevamos a compreensão do *corpus* a um contexto extralinguístico no intuito de estender aos propósitos da pesquisa.

2.1 DESCORTINANDO O PAÍS DO GARIMPO

A Chapada Diamantina é uma vasta extensão de terras com características geográficas, sociais, econômicas, culturais e dialetais diferenciadas do restante do estado da Bahia. Como descreve Seabra (2017, p. 9), “[...] desponta como um conjunto de terras elevadas que parte do coração da Bahia até alcançar o norte de Minas Gerais. Na Bahia, a região montanhosa se estende por 41.994 km²[...]”, o equivalente a muitos países da Europa (Por exemplo, Bélgica que tem 30.688 km²). Por isso, Herberto Sales considera essa região como o “país dos garimpos” (SALES, 2011, p. 58), com cidades protegidas pelos relevos, cercadas por um complexo de serras de considerável altitude, chegando, em alguns lugares, a 1.700 metros acima do nível do mar nos pontos mais altos.

Essas superfícies rochosas que formam a Chapada Diamantina são prolongamento da Serra do Espinhaço, considerada a única cordilheira do Brasil, formada por uma cadeia de

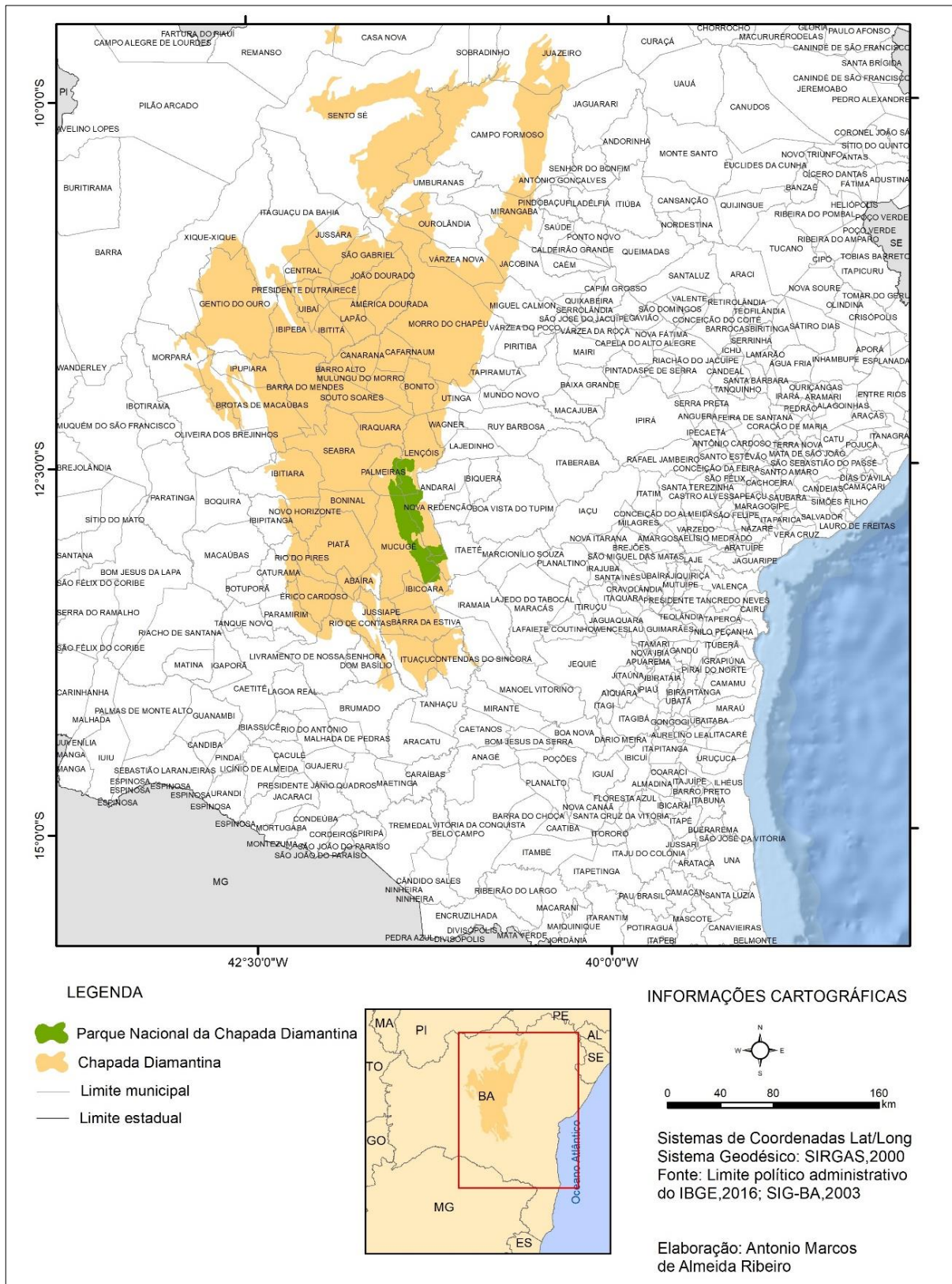
montanhas, também conhecida como Cadeia do Espinhaço, que se estende pelo norte de Minas Gerais e adentra à Bahia. Pela sua biodiversidade e características peculiares, em 1985 foi criado por meio do decreto nº 91.655, de 17 de setembro de 1985, o Parque Nacional da Chapada Diamantina com vistas de ser um espaço de preservação e conservação ambiental, priorizando diversas propostas de pesquisa científicas, de recreação e educação ambiental.

Essa região tradicionalmente esteve ligada à exploração de diamantes e os primórdios dessa atividade remontam como marco oficial de início do garimpo, 1844. Mas bem antes disso, com as viagens de Spix e Martius em 1817 a 1820, os pesquisadores alemães reconheciam que a região era de terras diamantíferas. Em 1841, registravam-se achados de diamantes por Francisco José da Rocha Medrado, em sua propriedade às margens do rio Mucugê. Contudo, foi somente em 1844 que iniciou o ciclo do garimpo na Chapada Diamantina, a partir da notícia de descoberta de diamantes nos rios Cumbuca e Mucugê, atribuída nesse momento a José do Prado. Assim, iniciou-se a corrida pelo diamante, afluindo para aquelas paragens uma onda migratória massiva de aventureiros. Abreu (1975, p.105) nos diz que:

As lavras da Bahia provocaram movimentos migratórios, não só deslocando garimpeiros de Minas, através do São Francisco, como, também, atraindo, em certa época, uma grande massa humana para o alto Paraguaçu e o Mucugê. Segundo um escritor da época, o vale do Mucugê “pela sua quantidade é talvez a mais rica descoberta diamantina no Brasil”. Calcula-se em 30.000 pessoas a onda humana que nos anos de 1844 a 1848 se espalhou nas cercanias do Mucugê, elevando a população local a 50.000 almas. Foi um *rush*, em nada inferior aos da Califórnia e da Austrália, quando se espalharam ali as notícias da descoberta de ouro.

Dessa forma, a partir de 1845, várias cidades surgem com o advento do garimpo, nos rios de águas escuras, na Chapada. A prática era da mais rudimentar, por meio de várias espécies de serviços disponíveis naquele momento. A mineração vai marcando as migrações de pessoas oriundas de várias partes da Bahia, de outros Estados como Minas Gerais e São Paulo. Além de garimpeiros, afluíam também sertanejos, tropeiros, prostitutas, comerciantes e estrangeiros representantes de companhias ligadas à atividade garimpeira. Eram vários atores sociais, no propósito de ascensão na sociedade, tendo o diamante como o centro de seus objetivos na chamada Eldorado do sertão. Esse fluxo migratório contribuía para o aumento populacional na região com os acampamentos montados para a exploração nas terras diamantinas.

Figura 1: Localização da Chapada Diamantina.



Convém ressaltar que antes das descobertas dos diamantes e a explosão populacional, já existiam povoadamentos no lugar, com latifundiários criadores de gado, roceiros,

remanescentes de quilombos, indígenas etc., que estavam ali desde a época colonial no século XVII. Antes das descobertas dos diamantes aquelas terras foram doadas às margens de seus dois principais rios, Paraguaçu e Contas, para posseiros. Com seus poucos habitantes os vales dos rios foram ocupados por pessoas ligadas ao cultivo do campo, criação de gado e extrativismo dos recursos naturais. Com o advento do garimpo, em 1845, essa população aumentou consideravelmente. O jornal da época denominado *O Guaycuru* noticiou sobre essa região da província da Bahia na seguinte forma:

Há ja ahi hoje trez povoações notáveis, cheias de commercio, de commodidades e riquezas, que parecem surgir, como Herculano e Pompéia, das entranhas da terra. A maior dessas povoações he o grande arraial de Paraguassú , à margem do Rio desse nome: este arraial tem talvez uma população de 16 a 20 mil almas – he hoje o emporio do commercio do nosso sertão. A distancia de 15 on 16 legoas está o arraial de Lensóis, à margem do Rio do mesmo nome: he povoação menor - 5 a 6 mil habitantes - rica porem proporcionalmente em mineração e commercio. Segue-se o Andarahy, pequena povoação, menor que as duas outras, colocada no centro, e a igual distancia pouco mais ou menos de ambas. He pois a população das lavras razoavelmente calculada na actualidade de trinta a quarenta mil almas: em geral he composta de negociantes, artistas, aventureiros, que de toda parte são atrahidos pela fama desse thesoiro de riquezas quase incríveis: há sobremodo numeroso o mulherio – ha porem já não pequeno numero de famílias ; há mesmo pessoas distintas por sua educação e suas qualidades acima do comum [...] (O GUAYCURU, 1845, p. 3).

A zona diamantina ou lavras diamantinas possuía quatro cidades importantes que, juntas, formavam o chamado quadrilátero diamantífero que eram: Mucugê (Outrora Santa Isabel do Paraguaçu), Lençóis, Andaraí e Palmeiras (Outrora Vila Bela das Palmeiras) (SALES, 1955). Essas cidades foram povoadas por massas migratórias de toda parte do Brasil na busca da riqueza fácil. As condições adversas no que diz respeito à alimentação e condições de trabalho favoreciam a laços de solidariedade entre os grupos marginalizados, criando assim traços culturais próprios dessa gente do garimpo. A sociedade possuía uma formação cultural e linguística com as marcas da extração mineral. Abreu (1975, p. 105), que era geólogo dedicado à mineralogia, percebia bem essa faceta linguística da região quando disse: “Usa-se, nas lavras de diamantes, uma nomenclatura especial, introduzida pelos trabalhadores dos séculos passados, e ainda tradicionalmente conservada”. Assim, já era percebida, há muito tempo, uma linguagem corriqueira própria entre os falantes daquela região. A dimensão histórica e cultural é fundamental nesse processo de formação linguística.

As autoras Oliveira e Isquardo (1998, p. 6) conseguem, de forma bem elucidativa, demonstrar as dimensões do léxico e a sua vasta gama de sentidos:

[O léxico] representa a janela através do qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita ligação com a história cultural da comunidade.

Biderman (1998a, p. 88) considerou que: “[...] É a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”. Dessa forma, os garimpeiros adquiriam conhecimentos por meio de processos mentais por categorização de organização cognitiva, ou seja, por meio das palavras mentalizadas. O léxico, no entendimento de Biderman (1998a, p. 90), “[...] é conceptualizado como um conjunto de representações, isto é, de objetos mentais que se consubstanciam nas palavras que esse indivíduo domina e das quais ele se serve”, sendo, portanto, a forma de registrar o universo em que vive uma sociedade (RIBEIRO, 2017).

Aquela comunidade garimpeira estava bem estabelecida e a indústria diamantífera era considerada uma atividade de grande relevância internacional. Lençóis ficou conhecida como a capital dos diamantes e umas das mais importantes cidades da Bahia, sendo produtora mundial naquele momento. Em fins do século XIX, muito se discutia sobre reforma urbana e remodelação das cidades no Brasil. Pelo fluxo de riquezas e comércio exercidos na Chapada Diamantina, cogitava-se na época uma suposta mudança da capital, não só da província, mas do Brasil para a região das lavras diamantinas. Essa proposta se dava em um movimento de remodelação urbanística discutido em várias capitais de províncias, que em alguns casos deram certo como a mudança das capitais em Goiás e Minas Gerais, contudo:

[...] Outros projetos semelhantes não se concretizaram, como o de mudança da capital da Bahia para o alto Paraguaçu, proximidades da serra do Sincorá, conforme estudo encomendado pelo governador Joaquim Manoel Rodrigues Lima, em 1894, a uma comissão chefiada pelo engenheiro João Carlos Greenhalgh (NEVES, 2002, p. 14).

O local preterido seria o distrito de Cascavel, hoje pertencente à Ibicoara-BA. A localidade era promissora devido ao terreno ser bem nivelado, com condições, em primeiro momento, de abrigar uma capital nacional, mas após avaliação técnica dos engenheiros

responsáveis não foi aprovado o lugar, pelo fato da quantidade de água não ser suficiente para abastecer uma cidade com porte que pretendia ser. Seja como for, o projeto foi inviabilizado.

Outro fato interessante atualmente é a cogitação de Lençóis ter tido um vice-consulado francês, todavia nunca se constatou por documentação a comprovação desse fato. Contudo, existiam comerciantes franceses exercendo uma forte influência europeia nas famílias abastadas que cultivavam hábitos e procuravam imitar um estilo de vida do Velho Mundo. Podemos constatar pelas várias palavras de influência francesa e alemã que estavam presentes no cotidiano daquela sociedade, a exemplo que aparecem em *Cascalho* (SALES, 2011) algumas aportuguesadas pelos moradores locais: *décor* (SALES, p. 274), *manulicha* (SALES, p. 50), *comblain* (SALES, p. 148), *fuzil mauser* (SALES, p. 86), *parabélum* (SALES, p. 53). São formações lexicais que mostram marcadamente os estrangeirismos advindos da Europa presentes na região do garimpo.

A partir de 1870 houve um declínio na venda de diamantes, por conta das descobertas na África do Sul (1866), tornando-se forte concorrente do Brasil, com preços mais acessíveis no mercado internacional. Porém, a rotina de exploração dos diamantes e carbonatos (também chamado de diamante negro) prosseguia abastecendo a revolução industrial. A Chapada Diamantina era a única no mundo que explorava o carbonato/carbonado por ser extremamente duro e servia à indústria mundial em máquinas perfuratrizes (foram largamente utilizados na abertura do canal do Panamá em 1880). Naquele momento o carbonato ajudava a equilibrar a economia local enquanto os preços dos diamantes estavam em baixa em sua primeira fase de decadência do garimpo.

No início do século XX, especificamente 1920 (segunda fase da decadência mineira), os preços caíam novamente e considerava-se que as jazidas já estavam se esgotando. Contudo, uma série de acontecimentos enfraquecia o garimpo por diversos fatores: faltava estímulo político, o coronelismo estava em declínio, as condições para uma exploração mais racional não foram incentivadas, pois, ainda existiam depósitos nas profundezas do subsolo para serem explorados. E, dessa forma, a Chapada Diamantina foi entrando num período de decréscimo populacional diferentemente do início com um êxodo acentuado. Moraes (1963, p. 210 e 211) nos informa que:

Para que se tenha uma ideia exata dessa fuga, basta o fato de que, daquelas trinta mil criaturas que se comprimiam em meados do século XIX, às margens do rio Lençóis, transformando, logo mais, o sítio, numa das mais civilizadas cidades sertanejas restam, apenas segundo estatísticas recentíssimas, 2.483 pessoas. Se tomarmos, pois, como números índices, aquelas trinta mil criaturas, e calcularmos, à base da taxa geométrica de

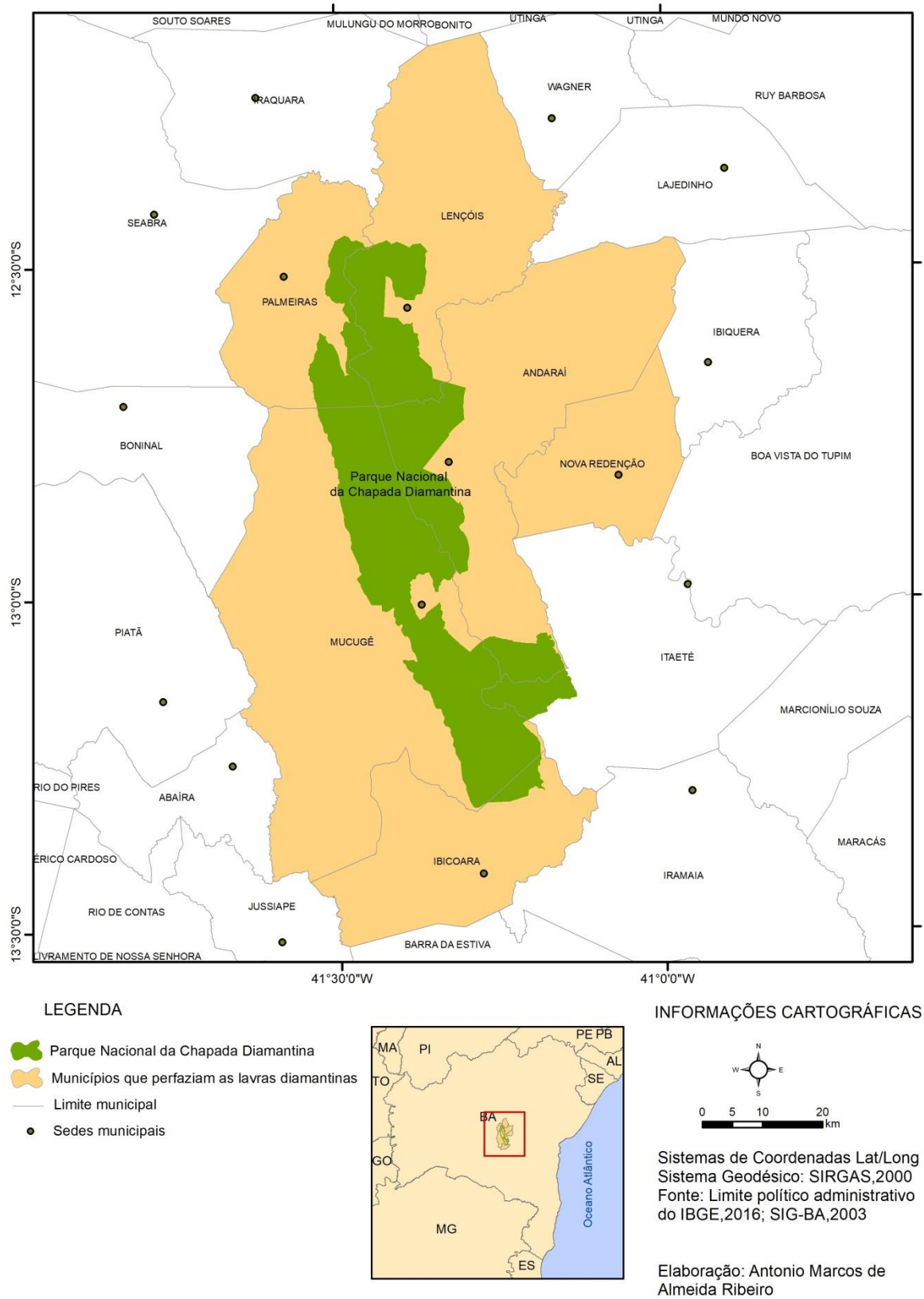
crescimento anual que se observa no País (21,6 por 1.000 habitantes), a fabulosa capital do diamante devia ter, nos nossos dias, aproximadamente cem mil almas. Outras cidades, como Andaraí, onde a densidade demográfica, à mesma época, era de cerca de vinte cinco mil pessoas, está reduzida a 2.510, apenas. Finalmente, como último exemplo, temos a cidade de Mucujê, antiga sede da freguesia de Santa Isabel do Paraguaçu que, ainda no mesmo período, tinha uma população calculada de vinte mil pessoas, estando reduzida agora a 723 habitantes de todas as idades. Assim, pois, de todas as zonas fisiográficas baianas, a única acentuadamente deficitária é a Chapada Diamantina, no que concerne aos seus índices populacionais.

A partir de 1940 entrava uma nova fase de decadência, com o custo da produção aumentando e a produtividade decaindo pela, novamente, baixa do preço no mercado internacional, as lavras diamantinas nunca mais seriam as mesmas. No entanto, a sociedade e sua formação linguística e cultural ficaram estabelecidas com base no garimpo. Os habitantes do lugar projetaram seu léxico consoante à experiência dos lavristas em relação ao espaço e tempo aliado aos aspectos sócios históricos e geográficos. Gonçalves (1984, p. 111), falando da linguagem de Lençóis, que também abarca toda zona diamantífera, diz em como as migrações trouxeram consigo deixando um vocabulário e maneiras de falar peculiares na Chapada Diamantina:

[...] foi povoada por gente que veio de Minas Gerais, especialmente de Diamantina, somando-se depois os baianos vindos do Recôncavo. Os primeiros trouxeram a linguagem simples e característica dos paulistas, que domina na região de Minas Gerais, o dialeto caipira. Os segundos trouxeram sua contribuição, especialmente no sotaque e no vocabulário. No final, chega-se a um falar com ritmo próprio, rápido, frases curtas, bem marcadas, com razoável variedade de inflexões.

O vocabulário da Chapada Diamantina é um elemento marcante nas comunidades e diz muito a respeito da herança dos garimpeiros, seus costumes, seus valores, sua visão de mundo, a paisagem do lugar. Existe nessa região da Bahia um perfil sociocultural a partir dessa construção sócio histórica e vocabular. A linguagem com seu léxico remontam às antigas atividades garimpeiras em todo tecido social. Com isso, configuram-se singularidades linguísticas identitárias representativas de uma comunidade reunindo informações importantes para as pesquisas linguísticas.

Figura 2: Localização do Parque Nacional da Chapada Diamantina com suas cidades outrora garimpeiras.



2.2 DESCORTINANDO O AUTOR DE *CASCALHO*

Herberto Sales, nascido em Andaraí, Bahia, em 21 de setembro de 1917. Estudou o primário na Escola Ângelo Costa em sua cidade natal, iniciando como ele mesmo falou no “mistério desabrochado das palavras” e o secundário em Salvador, no Colégio Antônio Vieira, de fundação dos jesuítas. Foi o professor Agenor Almeida que percebeu a vocação literária. Não concluindo os estudos, retorna a Andaraí e dedica-se a trabalhos modestos como vendedor de lenha, depois dono de venda, que foi fechada por conta dos muitos fiados não quitados. Abriu um açougue para abater carneiros e porcos: foi a última tentativa de ganhar a vida com comércio. Fez concurso para um cartório e foi admitido, este funcionava em sua casa. Em alguns momentos, entre leituras, fez incursões nos garimpos na tentativa de bamburrar. Sales (2017, p. 25) mesmo diz:

Associei-me a garimpeiros, com eles sofri e convivi, e dessa experiência inata e vocacional, a mão do destino guinando o homem, me envolvi com a miséria social dessa gente sonhadora, que desde menino conhecia, ainda que até então só de ver.

Mas, só de ver, e tudo vendo espectador do fato e da memória, vi morrer gente matada na rua, à toa, numa rotina de violência erigida em ordem, por toda parte as pegadas da cobiça nas areias do sonho.

O romance de denúncia social me trouxe pelo reembolso postal a grande novidade literária. Romance do cacau. Romance da cana de açúcar, Romance da seca. Por que não romance dos garimpos?

Entre atividades no cartório e ajuda ao pai na farmácia, dedicou-se também em atividades literárias, ora lendo, ora escrevendo. Depois de um “parto laborioso” lança em 1944 seu romance de estreia *Cascalho*, que o projetou no meio dos literatos do país naquela época. A repercussão o faz mudar-se para o Rio de Janeiro em 1948, residindo até 1974. Trabalhou nos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, que estava no auge de seus dias, como assistente de redação para revista “O Cruzeiro”. Depois galgou outras funções, tornando-se diretor em outras divisões da empresa. Nesse período, dedicou-se às atividades jornalísticas, era contista, romancista e memorialista.

Foi eleito em 1971 para Academia Brasileira de Letras a ocupar a cadeira número três, sucedendo Aníbal Freire da Fonseca, que havia falecido um ano antes aos 86 anos. Empossado em 21 de setembro, em seu aniversário, foi recebido pelo amigo Marques Rebelo. O fardão, roupa feita de sarja inglesa verde escura bordado com fios de ouro em forma de ramos de café, foi oferecido pelo governador do Estado da Bahia no mandato de Antônio

Carlos Magalhães. Em 1974 mudou-se para Brasília, ocupando o cargo governamental no Instituto Nacional do Livro, durante toda ditadura militar, no qual trabalhou por dez anos até 1984. A essa função levantaram-se suspeitas, que tivesse sido cooptado. Pensadores têm enfatizado que um intelectual não pode estar associado a governos ou corporações, com a justificativa de seu discurso ficar comprometido, deixando de ter legitimidade perante a sociedade (GOÉS, 2010, p. 17). Essas suspeitas nunca foram comprovadas. Em 1986 foi indicado para o cargo de adido cultural na França onde residiu até 1989. Após esse período regressa ao Brasil e se estabelece em São Pedro da Aldeia-RJ, morando em um pequeno sítio, o que conferiu sua retirada da vida pública. Em 1996 recebe o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal da Bahia em reconhecimento enquanto intelectual e de sua vida literária. Faleceu em 13 de agosto de 1999 devido a complicações de um câncer de próstata.

Quando residente em Andaraí-BA, era um observador atento da vida social, e descortinou com riqueza de detalhes o cotidiano de uma cidade diamantífera em seu romance *Cascalho* (SALES, 2011). Por meio de pequenos enredos, informou sobre as relações de trabalho, as relações sociais, as atividades urbanas e rurais, as atividades da feira, a fauna e a flora peculiares das lavras. Discorreu sobre as várias problematizações que giravam em torno do garimpo de diamantes. A literatura inaugural de Herberto Sales torna-se um documento, retrato de uma época, como trata Fernando Sales (2006, p. 9) em tom poético, dos anos que habitou o autor no sobrado de vinte janelas que foi sua residência:

Nela viveu até os trinta e um anos e com sua gente conviveu, de forma bem vivida, captando-lhe costumes, usos e tradições; a ingênua malícia do seu dia-a-dia nos corriqueiros fatos do disse-me-disse, quase sempre à boca pequena, sem consequência de maldade.

Tudo isso revelando em seu romance de estreia o *modus vivendi* daquela comunidade, apontada pelo autor e que é fruto de várias e sucessivas temporalidades. Tudo e todos vivendo em torno das lavras diamantíferas, que regiam muitas vidas humanas de várias gerações. A obra é narrada a partir de uma estética impecável sobre as relações ideológicas, políticas e culturais, e sobre a reconstrução que transcende ao tempo real. Diante disso, Augusto (2007, p. 53) considera *Cascalho* (SALES, 2011) como um romance documental, pois, segundo ele:

A narrativa de Herberto Sales em *Cascalho* vai às origens da civilização do garimpo para buscar ali as explicações relacionadas ao lugar ocupado pelos personagens. Estas idas e vindas da narrativa à fonte da história passam pela descrição sociogeográfica da região do garimpo, passam pela interação da história local com os acontecimentos do país. Através desta historicidade da

obra, o autor vai montando uma biografia da civilização do garimpo através do texto literário.

Por meio do romance, o autor nos convida a adentrar no cotidiano do garimpo, lugar de mandos e desmandos dos coronéis, marcado pelos contrastes entre a riqueza que brota da terra e o estado de pobreza e miséria que vivem as classes populares. Herberto Sales também nos proporciona um contato com palavras e construções linguísticas típicas da linguagem regional/popular, dentro do microcosmo da região diamantífera, elencando um rico acervo linguístico, fundamental para a catalogação e estudo linguístico.

2.3 DESCORTINANDO O VOCABULÁRIO DA OBRA *CASCALHO*

O Brasil vivia uma de suas etapas da formação de sua identidade, que foi um processo longo e com estágios diferenciados em sua historicidade. Com a ascensão do republicanismo esse processo se acelerou e, durante a primeira metade do século XX, por meio de seus intelectuais as questões sobre a construção dessa identidade nacional estava em efervescência. Escritores insuflados por uma tendência, que ganhou impulso a partir de 1930, estavam ligados a uma temática estruturada numa abordagem rural. Buscava-se refletir nas obras a configuração política, econômica e cultural de seu tempo, na incessante procura da construção de uma identidade pátria capturando em suas obras a essência de um Brasil interiorano. O romance *Cascalho* insere-se nesse contexto histórico (RIBEIRO, 2017).

A escrita de romances antes da Semana de Arte Moderna valorizava a erudição, o de se aproximar o máximo da norma culta em sua linguagem. Isso porque existia um conceito de que a língua popular era inferior, que a norma era o padrão. Então, nos romances escritos anteriormente era comum encontrar na boca de personagens subalternos uma linguagem que não correspondia de fato à fala popular. Uma artificialidade criada pelos autores, que não colocavam em seus romances a ‘língua deturpada’.

Diferentemente pós Semana de Arte Moderna, os escritores ditos regionalistas passaram a observar as línguas em toda sua riqueza cultural e transpor essa linguagem para seus romances. Os modernistas passaram a valorizar a fala popular em detrimento da norma culta. Com isso, os escritores apresentavam as raízes socioculturais dos lugares mais distantes dos grandes centros urbanos, desvendando a linguagem do interior na boca de seus personagens. Dessa forma, o vocabulário nesse tipo de literatura descortinava falares rurais fidedignos transportados para o universo literário. Assim, nesse tipo de romance:

[...] a frase torna-se mais despojada, a linguagem se aproxima da língua falada, e a colocação dos pronomes demonstra que esta distância em relação às normas portuguesas visa a afirmar os usos correntes no Brasil. A variação de vocabulário é tão nítida, que o romance pioneiro foi publicado com um glossário [...] (GARCIA JR. 2011, p. 24).

A materialização de fatos sociais era colocada na literatura com enunciados em consideração aos aspectos da vida no interior do país. E mais, a literatura regionalista contribuía no sentido de apresentar as problemáticas do mundo rural a uma parcela da população que, mesmo morando nos centros urbanos, ainda conhecia suas raízes do interior, por isso houve uma aderência e popularidade desses romances. Decerto que os recém-chegados à cidade eram oriundos dos lugares temáticos que os romances apresentavam. Com tudo isso, a marca bem visível dessas obras, consideradas inovadoras até então, não só pelo debate que proporcionava sobre questões sociais denunciadas em suas páginas, eram as formações lexicais abundantes no texto regionalista. Milliet (2011, p. 14) já apontava para a riqueza vocabular da obra *Cascalho* (SALES, 2011) e os horizontes de pesquisa:

Há em *Cascalho*, além do valor literário, uma importante contribuição ao estudo do vocabulário e da sintaxe de toda uma região. Do ponto de vista do estilo e da língua será talvez, esse, o melhor e mais sedutor aspecto do romance. Acontece ainda que, ao contrário do que fizeram numerosos regionalistas, não se trata, no caso, de uma anotação erudita e morta, e sim de uma penetração viva e aguda, de uma comunhão real do autor com o meio descrito. Seus garimpeiros falam e agem sem nenhum esforço dentro do desenvolvimento do tema. Não se sente a presença de um observador, de caderninho em mão a registrar palavras exóticas ou metáforas curiosas, para com a matéria-prima colhida, contar histórias falsas, artificiais em sua trama e na psicologia dos protagonistas.

O romance *Cascalho* (SALES, 2011) encabeça um conjunto de obras que, juntamente com as de Jorge Amado, José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Guimarães Rosa e outros autores, com suas experiências social e familiar retratando nos seus escritos um Brasil até então desconhecido em termos editoriais. Livros escritos pós Semana de Arte Moderna que principiam o que se chamou de romance de essência e alma brasileira. Era uma proposta de um gênero literário que dialogava com as transformações ocorridas na sociedade, era a ascensão do moderno romance brasileiro. Isso porque esses escritores trataram de desvendar o mundo rural brasileiro, delineando um retrato nu e cru das realidades interioranas. Apresentavam as raízes dos lugares mais distantes dos grandes centros urbanos,

reproduzindo a linguagem do interior na boca de seus personagens. O vocabulário nessa literatura descortinava falares rurais fidedignos transportados para o universo literário, era a:

[...] constatação literária de fatos sociais amplamente conhecidos e comentados no dia a dia, mas pouco retomados na literatura, por serem percebidos até então como atestado de pouco “civilizado” do país. Tratava-se mais de romances esperados, em razão de uma carência, da explicitação de conflitos violentos, que atravessavam o cotidiano do universo social afastado das grandes cidades (GARCIA JR. 2011, p. 25).

Cascalho (SALES, 2011) possui aspectos realistas, com argumento de denúncias sociais em relação ao coronelismo, exploração do trabalho, prostituição, políticas locais etc., sendo retrato dos elementos sócio históricos daquele momento em particular. O romance escrito de forma circular, como um eterno retorno, inicia a trama em um ponto de garimpagem e termina no mesmo local. Trata-se, portanto, de uma narrativa marcada por três mortes, duas ocorridas no garimpo, e a segunda em emboscada traiçoeira na cidade. A ligação cidade (Andaraí) *versus* garimpo (local de trabalho) é uma complexa rede de ligações, que descortina o chamado “país dos garimpos”. A conjuntura da obra é um território fechado, longínquo na Chapada Diamantina, de linguajar peculiar, tradições, mitos, crendices, e com figuras que compõem o contexto de riqueza ecológica, detalhadamente descrita, com coronéis, jagunços, garimpeiros, prostitutas, vaqueiro, lavrador, farmacêutico, juiz, promotor, delegado, polícia, benzedeira, um misto de gente trazida pela onda migratória que o garimpo suscitou. Há traços psicológicos marcantes, principalmente dos personagens subalternos como protagonistas da obra.

Na obra existe uma relação de poder entre explorador e explorados, em que o coronel, figura que está no topo da pirâmide social, controla tudo na região. Nessas relações, o coronel tem em suas mãos a vida e a morte dos seus subalternos. Todos que estão em sua área de jurisdição, em uma atmosfera de temor e respeito, reverenciavam a figura do coronel que, ao decretar a morte de uma pessoa, o fazia de forma violenta e brutal, por meio de sorrateira emboscada. Aquele que estava acima da lei e da justiça manipulava a representação do Estado em seus funcionários designados, controlando a polícia, intimidando o juiz e expulsando o promotor que intentava desvendar seus crimes. Contudo, apenas não controlava o rio Paraguaçu, apesar de tê-lo reivindicado como pertencente a si, intimidava a todos: a força da natureza, as trombas d’água inesperadas de suas enchentes traziam medo e terror a todas as classes sociais. O rio Paraguaçu é um personagem, mitificado e respeitado, era o verdadeiro dono dos diamantes.

O romance possui uma verossimilhança com os personagens e com a própria história local. O contexto nos remete à primeira metade do século XX, época da Primeira República, em que as oligarquias detinham o poder político e econômico junto aos coronéis. Além disso, a marcha da Coluna Prestes também é citada, na obra, juntamente com o alistamento dos Batalhões Patrióticos e as milícias organizadas pelos coronéis para conter a passagem de Luís Carlos Prestes na Chapada Diamantina. A narrativa, portanto, comunga com as realidades históricas da época, servindo de pano de fundo para a escrita ficcional. Para Augusto (2007, p. 63), “[...] a arte literária, ao universalizar o particular por meio da linguagem, ganha *status* de documento diante da história”. Dessa forma, *Cascalho* (SALES, 2011) é um registro documental que fotografa um momento histórico. Cabe ressaltar que a ficção não sobrepõe à historiografia oficial, mas a literatura tem, em sua narrativa, uma “liberdade de registro” dos conhecimentos relativos ao passado.

O romance *Cascalho* constitui uma “janela” da Chapada Diamantina, pela qual vemos a sociedade do garimpo em nua e crua exploração. As várias representações de seus personagens, bem como a crítica social, a natureza e a denúncia em relação à vida dos garimpeiros. A referida obra promove a conscientização e os questionamentos pertinentes à sociedade de ontem e de hoje. Por possuir uma narrativa impactante, o autor de *Cascalho* (2011) sofreu ameaças de morte por parte da elite de sua cidade natal, ao se reconhecer na obra, Herberto Sales mudou-se para o Rio de Janeiro para não ser vítima de emboscada, tal qual foi seu personagem Zé de Peixoto no romance.

Os antecedentes de *Cascalho* descampam exatamente por essas características e além do mais, sendo significativas por seu vocabulário. A obra chegou ao público exatamente por essa peculiaridade. Herberto Sales iniciou o romance em 1939, finalizando-o em 1942. Enviando os originais para o Concurso Interamericano de Romances que acontecia naquele ano. Por meio do amigo da família, Sebastião Martins de Queiroz, encaminhou ao Rio de Janeiro, que entregaria a Matilde Garcia Rosa, responsável pela inscrição da obra no evento. Entretanto, um dos critérios do concurso seria a entrega do original em três vias, mas o autor havia enviado apenas uma cópia, sendo, portanto, desclassificado. Ao saber da desclassificação queimou a cópia que estava consigo por não obter êxito no concurso.

Os vencedores do concurso foram os romances: *Terras do Sem-fim* (1943) de Jorge Amado e *Marco Zero I – A Revolução Melancólica* (1943) e *Marco Zero II – Chão* (1945) de Osvald de Andrade. E cumpridas as etapas do concurso, Zélio Valverde, patrocinador do evento, considerou incinerar todos os não contemplados, exceto um, *Cascalho*, que foi solicitado por Aurélio Buarque de Holanda, que ouvira os elogios feitos pela banca e pela

riqueza do vocabulário que utilizou em muito no dicionário que estava desenvolvendo. Depois de algum tempo, Marques Rebelo, vizinho de Aurélio, também se interessou pela obra e, conseguiu a cópia para publicação. Em 1944, o livro foi lançado pelas Edições *O Cruzeiro*, com tiragem inicial de cinco mil exemplares. O rebuscamento das palavras, a linguagem evidente nas falas dos personagens, os brasileirismos que tanto chamaram a atenção de Aurélio tornou de imediato em um romance de sucesso. Em suma, o vocabulário das lavras diamantinas foi quem salvou *Cascalho* das labaredas do esquecimento e se transformou em um clássico atemporal (SALES, 2006, p. 134-137).

O romance *Cascalho* (SALES, 2011) atualmente está em sua terceira edição. Faz-se importante ressaltar que outras editoras também publicaram e publicam a obra. Cabe também informar que a primeira edição foi lançada em 1944 e a segunda em 1951, em que o autor reescreve fazendo algumas alterações de cunho estilístico. E, em 1956, lança uma terceira e definitiva edição revista e enriquecida em alguns detalhes, sendo esta que as editoras publicam até hoje. Obra reconhecida como um clássico pelos críticos foi traduzido para diversas línguas (tcheca, romena, italiana, coreana, espanhola, polonesa e japonesa), a obra virou história em quadrinhos (1957) e dois filmes, com a primeira versão cinematográfica estreando em 1950 pela Sul Filmes, com direção de Leo Marten e acompanhado pelo próprio Herberto Sales. A segunda versão foi lançada em 2004 com a direção de Tuna Espinheira. Os dois filmes tiveram locações na Chapada Diamantina, na própria Andaraí-Ba.

As palavras no romance transmitem uma série de elementos emotivos, físicos, constantes para descrever sua realidade. A literatura tem bases de um sentimento regional/popular, Herberto Sales (2011) descortinou a ‘alma vocabular garimpeira’ revelando uma identidade linguística peculiar àquela região. De fato, há um português de base regional/popular demonstrado nas inovações lexicais registradas no romance. Diferente de outros romances da Literatura Brasileira, *Cascalho* (SALES, 2011) comporta uma oralidade, como falou Assis Brasil (2002, p. 17), que não “macaqueia” a linguagem. Os escritores regionalistas de sua época colhiam os falares e expressões de “ouvido” e, ao transporem para os romances, esses diálogos soavam forçados. Herberto Sales, por outro lado, fazia a transposição dos falares populares para a linguagem literária, não cometendo uma “heresia”, mas tornando harmoniosa e coerente os fatos e ideias apresentados em sua obra, caracterizando uma verossimilhança nos diálogos.

Podemos notar que as expressões estão fundadas na tradição oral, sendo uma expressividade advinda do entrecruzamento da língua, da cultura, e da sociedade associadas à tradição do garimpo. Ou seja, esses neologismos atendem a uma necessidade prática da

comunidade ante o contexto sociocultural. O autor de *Cascalho* (SALES, 2011) se apropriou dos falares regional/popular e inseriu em sua obra como inovação lexical. O que causa no leitor uma sensação de estranhamento pela quantidade de lexias desconhecidas, dando um tom de particularidade linguística. Na inovação lexical introduzida pelo autor, as palavras, algumas já existentes, sofrem perda do valor semântico, fazendo surgir novas palavras com outro sentido de acordo o contexto de uso, no caso, nos vários nomes dados aos diamantes (bala, mosquito, olho-de-arara etc.). Essas criações lexicais estão presentes na literatura de forma constante oriundas da ‘boca do povo’ do garimpo.

A ocorrência de inovações lexicais é um fenômeno presente na obra *Cascalho* (SALES, 2011) e o garimpo influenciou diretamente nessa criatividade lexical. A produtividade flui de forma intensa no texto herbertiano em um demonstrativo de que a língua não é homogênea como se pensava na época. Encontramos nessas construções além de neologismos (bamburrar): arcaísmos (repetição), fraseologismos (bananeira que já deu cacho), estrangeirismos (manulicha) que estão exclusivamente no terreno da oralidade, comprovando que as criações de Herberto Sales advêm de um vocabulário real vívido das lavras diamantinas; registros orais recolhidos a partir do falar regional/popular que visa mostrar o léxico particularizado da comunidade local, demonstrando o falar ‘diamantino’.

Sendo assim, a sociedade que se formou e sua cultura, as condições diatópicas justificam o aparecimento de unidades lexicais autenticamente ‘diamantinas’ porque são tipicamente utilizadas nas lavras diamantinas, regionalizando de forma léxico-semântica a língua portuguesa na região. Essas unidades léxicas estão presentes no cotidiano da sociedade garimpeira, o que pressupõe uma constante recriação de palavras, adaptando-as ao seu contexto sociocultural. Nesse caso, a variável grupo social é o provocador de inovação lexical. Por meio de fatores sociais compreendem-se as características de uma comunidade com os fatores diatópicos também relacionados a essas inovações.

A obra *Cascalho* (SALES, 2011) se insere nesse processo de inovação lexical, na medida em que Herberto Sales se propôs a escrever utilizando a linguagem popular não procurando fidelidade à norma padrão, mas demarcando uma linguagem mais próxima ao português popular. Sobressaindo construções lexicais e discursivas que não abonam a norma culta como parâmetro. Outro dado importante é que Herberto Sales estabeleceu diferenciações nas falas de seus personagens. Em relação à posição social dos personagens (por exemplo, coronel, promotor, médico etc.), convém ressaltar, que quanto mais abastada for, mais esses usuários da língua se aproximam da norma padrão em seus diálogos. Enquanto que nas classes populares (garimpeiro, mulher-dama, meia-praça etc.) a linguagem aproxima-se do

coloquial. As inovações lexicais ocorrem mais na boca das classes subalternas, comprovando que os estratos sociais são bem marcados por meio da linguagem. Vejamos um excerto do diálogo entre os garimpeiros, que demonstra naturalidade e fluidez em suas falas, de cunho regional/popular:

Em outro grupo, com a sua grande masca de fumo no canto da boca, Benedito Lasqueado contava:

- Nosso serviço estava de pé. Fizemos um corte de caixão, e socamos terra preta até ficar que nem cimento. Recuamos a água toda, que devia ter uns três batidos, depois esquadreamos a cata, desmontamos, e metemos a broca no emburrado. Demos uns seis a oito tiros. Depois retiramos os estilhaços de pedras, e ferimos o cascalho pra conhecer a qualidade.

- A informação era bosta de barata? – perguntou Joaquim Boca-de-Virgem.

- Qual é bosta de barata, seu!

- Estou perguntando é porque bosta de barata é informação de arrozinho – explicou o garimpeiro. – E arrozinho aqui no Paraguaçu, você bem sabe, não dá nem a poder de reza.

- Quem encontrar cascalho arrozinho no Paraguaçu pode dizer “Até logo!”, porque senão morre de fome – aparteu outro homem.

Benedito Lasqueado retomou a conversa:

- Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, bugalhau pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! Repetiu, com ar gabola.

- Então você entrou foi no come calado, hem, seu mano? – aparteu um garimpeiro doca, que era sobrinho de Bertulino Mentira-Fresca, de Lençóis (SALES, 2011, p. 42).

Sales (2011) utiliza lexias e conceitos próprios do garimpo como, por exemplo: cata, emburrado, bosta de barata, arrozinho, cocá, feijão azul-oleoso, bugalhau, favinha, balinha etc. A quantidade de informações sobre o garimpo é tão grande que, em alguns momentos, chega a comprometer a narrativa, indo em direção ao vocabulário técnico fugindo do romanesco. No entanto, esse vocabulário do garimpo vai dando uma delimitação, uma espécie de identidade à região diamantífera, configurando-se como um dos recursos herbertianos para construir uma narrativa diferenciada encharcada de inovações lexicais extremamente ‘desconhecidas’ pela maioria dos leitores, tornando o texto por vezes incompreensível pelo tom coloquial e lexias desconhecidas no discurso. Esses garimpeiros levavam as suas vidas em um português bem diferente da norma padrão, comprovando que existiu e existe um falar ‘diamantino’.

Herberto Sales circunscreveu por meio de sua obra inaugural, dando atenção ao léxico do garimpo, aproximando-se de sua comunidade, explorando o tesouro vocabular de sua região. Apropria-se da oralidade de pessoas reais transportando para o seu romance

singularidades linguísticas que culminaram em uma obra de êxito e referencial para muitos estudos em outras áreas e no presente trabalho com enfoque linguístico. Como o próprio Herberto Sales falou de Filó Finança, um de seus protagonistas, que existiu na vida real:

[...] foi, como se costuma dizer, a “crônica viva” da região das Lavras Diamantinas, cuja história conhecia melhor do que ninguém. Dono de um linguajar todo pessoal e cheio de pitoresco, introduziu muitas expressões hoje correntes na gíria dos garimpeiros (SALES, 1955, p. 48-49).

O vocabulário de *Cascalho* (SALES, 2011) com suas inovações lexicais existia na ‘boca do povo’. Sales (2011) retirou da fala dos próprios garimpeiros, criadores originais de seu dialeto, as lexias constituintes de seu romance. Assim, o léxico é portador de história e é na oralidade que mais carrega os traços de identidade, nela reside a tradição diferenciada de outros lugares. Herberto Sales pensava uma identidade nacional a partir do interior, da tradição oral. O seu vocabulário do garimpo possui a função de particularizar o romance, criando uma sensação de estranhamento, o que força o leitor a ser mais atento quanto à interpretação. A história da ocupação da Chapada Diamantina também é a história da língua naquela região, como diz Mello (2011, p. 175):

As várias modalidades do português brasileiro compõe um diassistema e são normalmente inseridas sob dois grandes rótulos classificatórios: o português vernáculo e o português culto [...]. [...] na formação do PBV é a história da ocupação do território brasileiro.

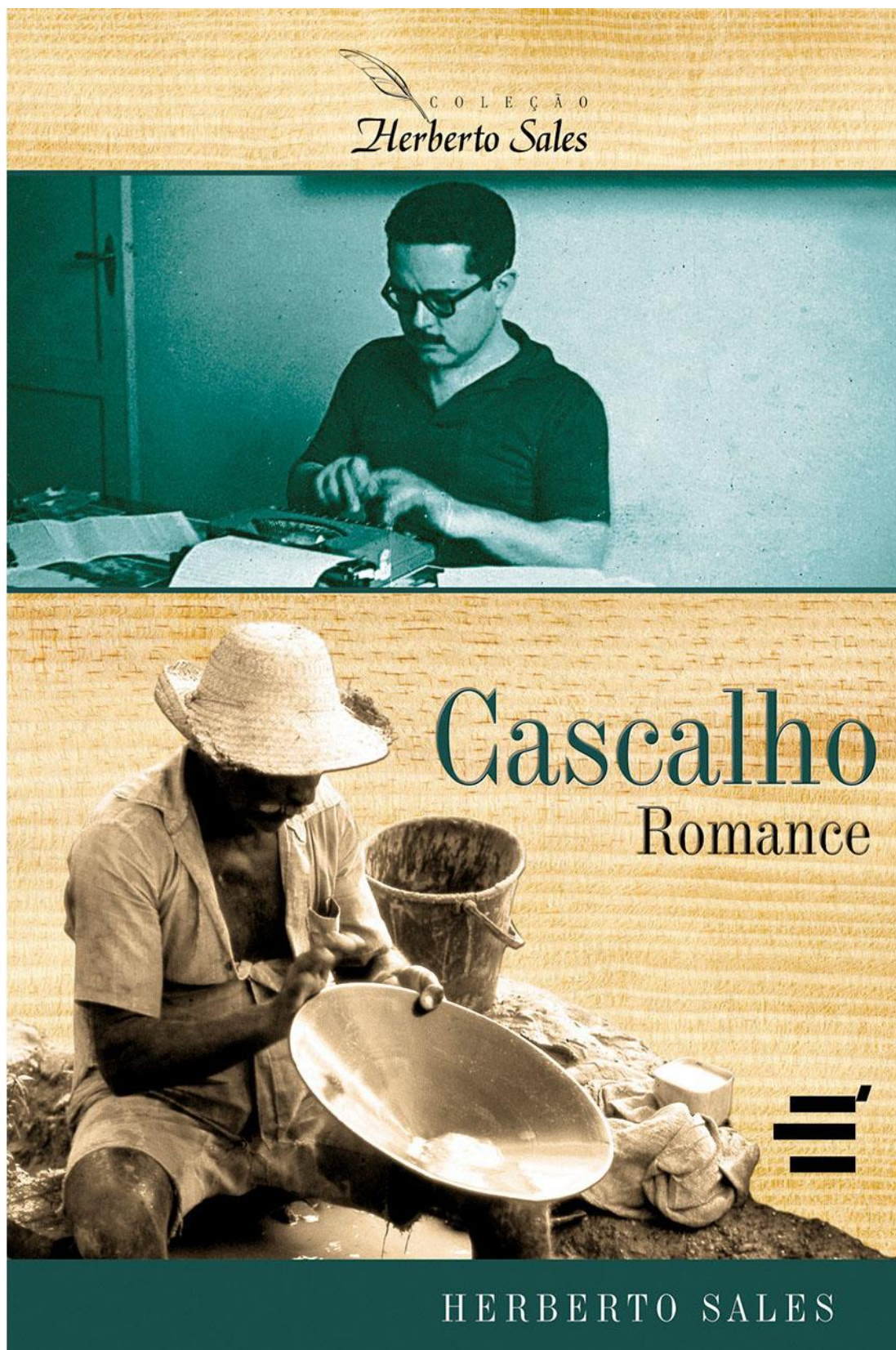
Fiorin (2013, p. 147) ainda ressalta que:

O que importa é a memória armazenada na língua, pois um idioma é a condensação da história de um povo, das influências que ele sofreu, dos seus desejos, de suas expectativas, de seus preconceitos, do modo de ser sua gente, de sua música, de sua literatura.

As palavras impressas estavam impregnadas com as marcas dos garimpeiros com uma particular e genuína construção lexical nascida das entranhas da comunidade lavrista. E no romance a linguagem foi transportada de fora para dentro. A literatura herbertiana não procurava o rebuscamento, a erudição que outrora era marca dos autores românticos. Sales (2011) incorporou a fala dos garimpeiros como um componente revelador de uma identidade sertaneja de um Brasil longínquo, interiorano. Estão ali estabelecidos elementos socioculturais linguísticos da fala popular no sentido de conduzir o leitor a conhecer uma linguagem que

também faz parte da língua portuguesa no Brasil. Assim, esse traço marcante da obra torna-se um depósito de inovações lexicais. A linguagem dos garimpeiros que por muito tempo foi estereotipada, agora é o léxico emergido de ‘baixo’, dos menos favorecidos, das classes populares. É a boca do garimpeiro que fala em *Cascalho* (SALES, 2011) desvendando a Chapada Diamantina.

Figura 3: Fac-símile da capa da décima primeira edição do romance *Cascalho* (2011), de Herberto Sales.



Fonte: SALES, Herberto. **Cascalho**. São Paulo: É realizações, 2011.

3 CATEAMENTO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS SOBRE O ESTUDO DO LÉXICO

Essa etapa do garimpo é a cata, cateação ou cateamento. O garimpeiro escava o solo e esquadreja. Isso é feito geralmente nas margens ou leito dos rios quando se está seco ou com pouca água. Esse serviço de garimpagem é muito importante, pois conduz a outras operações nas lavras. Se tratando de um trabalho sobre diamantes lexicais, cateamento é a metáfora que utilizamos para apresentar as bases teóricas que fundamentam a revisão bibliográfica sobre o estudo do léxico.

Desde a Antiguidade Clássica a linguagem tem sido investigada, inquietando pessoas à procura de respostas sobre o complexo fenômeno linguístico. Margarida Petter (2004) traça uma breve história do estudo da linguagem, estabelecendo desde as explicações gregas e latinas à preservação do texto sagrado para os indianos. Eram, assim, os princípios de análise tendo a língua como objeto de estudo naquele momento histórico. Contudo, as bases do pensamento linguístico contemporâneo estão alicerçadas a partir dos estudos comparativos das línguas oriundas do século XIX. Por meio do método histórico-comparativo evidenciou que “[...] as línguas se transformam com o tempo, independentemente da vontade dos homens, seguindo uma necessidade própria da língua e manifestando-se de forma regular” (PETTER, 2004, p. 12). Essa observação alterou sobremaneira o objeto de análise dos estudos da linguagem, abrangendo outros paradigmas teóricos no sentido de priorizar a mudança linguística; o que estabeleceu uma nova etapa dos estudos linguísticos por meio de uma abordagem reconhecida com *status* científico.

A Linguística moderna passou a ser reconhecida a partir de 1916 com o lançamento do livro *Curso de Linguística Geral* atribuído a Ferdinand de Saussure. As dicotomias língua/fala, significante/significado, diacronia/sincronia foram construtos basilares de uma sistematização para os estudos da linguagem com respaldo científico. A contribuição de Saussure (1916) ao delimitar um objeto e propor uma metodologia rompeu com as formas antecedentes de estudar a língua. Assim, o estruturalismo saussuriano inaugurou uma nova era abrindo um leque de subáreas dentro da Linguística, contribuindo para novas concepções no estudo da linguagem.

Saussure (1916) dedicou uma parte de seus escritos sobre a formação das palavras assentando concepções para um modelo morfológico. Assim, o modelo Saussuriano de Morfologia parte da premissa de que as palavras estabelecem relações associativas entre si por processos mnemônicos de estocagem, de categorização e de significação. Essa discussão

encontra-se na obra, quando Saussure (1916) discute como as palavras são formadas e exemplifica essas relações estabelecidas. Ele designa esse tipo de relação da seguinte forma:

[...] fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. Assim, a palavra francesa *enseignement* ou a portuguesa *ensino* fará surgir inconscientemente no espírito uma porção de outras palavras (*enseigner, renseigner* etc. ou então *armement, changement*, ou ainda *éducation, apprentissage*); por um lado ou por outro, todas têm algo em comum entre si.

Vê-se que essas coordenações são de uma espécie bem diferente das primeiras. Elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo. Chamá-las-emos *relações associativas* (SAUSSURE, 2006, p. 143).

Essa ideia integra uma cadeia de articulações ligadas a campos léxicos existentes na memória, perfazendo um patrimônio linguístico ao mesmo tempo individual e coletivo, pois os indivíduos compartilham de uma mesma língua em comunidade. Embora fatores internos abalizem a formação da língua por atos sucessivos de cognição, ressaltamos que o acervo vocabular é constituído tanto por processos psicolinguísticos quanto por experiências resultantes da interação com o ambiente físico e cultural (BIDERMAN, 1981, p. 134). Mas, o que queremos ressaltar sobre o modelo morfológico de Saussure (1916) é que esse constructo teórico serviu de base para sedimentar os estudos do léxico, essencialmente a teorização sobre os campos lexicais dentro da linguística moderna.

Sintetizando as ideias de Abbade (2006, p. 214-217) sobre o estudo do léxico, há uma tradição de práticas antecedentes a Saussure. Numa perspectiva cronológica, na Índia do século IV a.C, Panini estudava o sânscrito desvendando elementos importantes quanto à morfologia das palavras. Na antiguidade clássica, os gregos delineavam as primeiras reflexões no domínio da Semântica tendo a filosofia como ponto de partida. Os romanos procuravam esclarecer as nuances gramatical e o uso efetivo de sua língua. Durante a Idade Média existiu um prolongamento das tradições greco-latinas, retomando os estudos clássicos acerca da palavra. No Renascimento até o século XVIII, o estudo do léxico pautou-se na elaboração de dicionários acompanhando a evolução da imprensa, e no estudo dos vocábulos por viés filosófico. Entretanto, o Oriente desde épocas pretéritas confeccionava listas lexicais com os Chineses e seus ideogramas.

No século XIX os estudos do léxico estavam pautados nos campos da semântica evolutiva ou história das palavras e também na geografia linguística. Dentro desses domínios, alguns desses estudos estavam relacionados com léxico e cultura (BIDERMAN, 1981). Dessa

forma, com esse panorama histórico desvencilhamos que os estudos envolvendo o léxico sempre acompanham a humanidade. Entretanto, com Saussure (1916) a observação dos fatos passaram a ser examinados sistematicamente com a aplicação de um método científico dentro de uma teoria adequada. Assim, novas concepções sobre o estudo da linguagem foram aparecendo paulatinamente desde então.

Um marco importante são as décadas de 50-60 do século XX, que concentrou diversos formatos metodológicos e concebeu diversas denominações para os estudos do léxico, desdobrando-se em: campos semânticos, campos lexicais, campos nocionais, campos conceituais, com especificidades e características próprias, abrindo um universo de possibilidades e uma profícua produção de trabalhos. As pesquisas, tanto no sentido sincrônico como no plano diacrônico estrutural, dentro dos estudos do léxico, permitiram um maior aprofundamento conceitual que caminhou em vias de não esgotamento de estudos, ao contrário, se abria para revisões, discussões e aperfeiçoamento metodológico.

Quando se trata do estudo do léxico no romance *Cascalho* (SALES, 2011), proposto neste trabalho, adentramos tanto no terreno da Lexicologia como da Lexicografia. A Lexicologia está presente como base descritiva e analítica de estudos dos campos lexicais que explicaremos melhor na seção dedicada aos instrumentos e métodos. A Lexicografia atua na descrição das entradas lexicais como forma de esclarecer as lexias presentes na obra.

Essa abordagem sobre o estudo do léxico é necessária como base para uma discussão teórica, na qual está assentado o presente trabalho. Não iremos esgotar todas as concepções epistemológicas referentes à lexicologia e lexicografia, léxico, sociedade e cultura e redes associativas do léxico que são abrangentes, mas tecer alguns pressupostos essenciais, como fundamentais dentro de nossa temática.

3.1 OS PRESSUPOSTOS SOBRE LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA

Convém, nesse momento, delimitar as perspectivas teórico-metodológicas que cada domínio possui, distinguindo Lexicologia de Lexicografia para em seguida compreender as contribuições recíprocas entre as áreas de estudo do léxico. As características, faces e interfaces que cada campo possui são direcionadas tomando por base as unidades lexicais, que são conduzidas por procedimentos específicos segundo suas especificidades.

A Lexicologia é entendida como parte da linguística que, por meio de análises, categorização e estruturação, desvenda elementos conceituais, funcionais, morfossintáticos atrelados aos aspectos semânticos e socioculturais do léxico. De outro modo, a Lexicologia

dentro de sua episteme é geradora de teorias, que visam abastecer os múltiplos saberes de seu objeto. Essencialmente é elemento conceptual da fundamentação teórica que referencia os estudos lexicais fornecendo componentes epistemológicos para análise e discussão das pesquisas de seu domínio.

A Lexicologia tem seu reconhecimento enquanto disciplina, a partir de 1950, com as publicações de Georges Matoré (*apud* ARAÚJO, ASSUNÇÃO, 2017, p. 9-10), que seguia ainda até aquele momento uma linha estruturalista, desde então, passou a considerar os aspectos sociais referentes ao léxico, explanando que a língua não possui expressão fora da sociedade, ou seja, a língua é um fato social. Os trabalhos seguidos nessa linha adquiriram uma valorização sociolinguística do léxico. Assim, a inserção da Lexicologia passou por adaptações e discussões a respeito de seu objeto e sua autonomia enquanto disciplina linguística ao longo do século XX, definindo seu estatuto juntamente com os avanços da área da ciência linguística. Com os novos modelos teóricos e metodológicos passou a ser vista como tendo um caráter transdisciplinar por ter uma dinâmica de pesquisa bem diversificada e se desdobrando em vários domínios, prestigiando as dimensões sociosemântica e sociolinguística do léxico (ARAÚJO, ASSUNÇÃO, 2017).

Dentro do plano lexicológico é preciso delinear as diferenciações entre léxico, vocabulário, e explicitar o que são *lexia*, *lexema* e *palavra*. Haja vista que iremos recorrer a esses termos no presente trabalho. Dessa forma, para essas questões, Vilela (1995, p. 13) concebe o léxico como o conjunto de palavras utilizadas por uma comunidade e o vocabulário como uma subdivisão do léxico. Concisamente o léxico seria o acervo global, enquanto o vocabulário uma parte desse acervo. Mas, ao vermos as definições nos dicionários, Vilela (1995, p. 13) distingue da seguinte forma:

[...] – o léxico é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística;
– o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório.

Como podemos ver o vocabulário está contextualizado dentro de uma temporalidade e espacialidade, encontrando-se em exercício por uma comunidade linguística. A *lexia*, diferentemente da palavra, “[...] é a unidade significativa do léxico de uma língua, ou seja, é uma palavra que tem valor social. [...] tem significação externa ou referencial, ou seja, apenas *lexemática*” (ABBADÉ, 2006, p. 218 e 219). O *lexema* é considerado como um morfema

lexical que reúne todas as flexões de uma mesma palavra possuidora de forma e conteúdo. Já a conceituação de palavra é entendida como unidade significativa que pode ser lexemática, gramatical ou morfemática. Assim essas distinções são importantes no sentido de trazer luz quanto aos termos essenciais no estudo do léxico como elementos interdependentes dos conceitos importantes nos estudos do léxico.

O campo da Lexicologia veio galgando espaço dentro dos estudos linguísticos uma vez que, nos anos iniciais do advento da linguística moderna, ocupava uma posição marginal em detrimento de outros estudos que na época estavam em voga. Com o surgimento de novas áreas, novos paradigmas metodológicos e as mudanças tecnológicas, os pesquisadores mudaram decididamente o modo de observar o léxico. Assim, segundo Pontes (2009, p. 19), quanto ao domínio da Lexicologia e investigação do léxico, enquanto objeto de estudo, ela “[...] compreende questões relativas à morfologia lexical e à semântica lexical, uma vez que o léxico não é apenas uma lista de palavras, mas se organiza a partir de dois planos: o do sentido e o da forma”, sendo possuidora de várias dimensões de estudo e aplicação nos estudos linguísticos numa crescente de aperfeiçoamento e busca de maior rigor metodológico. Nunes (2010, p. 159) aponta as consequências da práxis da Lexicologia e a sua legitimação dentro das ciências da linguagem que:

Além de fornecer pressupostos teóricos para a lexicografia, a lexicologia traz condições para diversas práticas languageiras consolidadas, como a análise de textos e de discursos, a leitura e produção de textos, os estudos de sintaxe e semântica. Na análise do discurso, a lexicologia traz elementos para a compreensão das palavras do discurso e tem participado da análise de discursos políticos, do estudo de discursividades urbanas e da constante busca de um melhor conhecimento da relação entre língua, sociedade e história. Com o advento das novas tecnologias e a constituição de grandes *corpora*, a lexicologia participa da produção de ferramentas de leitura e do desenvolvimento de procedimentos de análise informatizada.

A Lexicologia, em pleno século XXI, se faz presente nas questões de semântica, de metáfora, de polissemia, de sinonímia etc., estando entre os aspectos analíticos do estudo do léxico, sendo redimensionamentos que perfazem novas frentes de trabalho e um novo ciclo de múltiplos saberes em uma rede que se estende cada vez mais. As conjunturas, os recortes espaço-tempo, configuram-se em novos desdobramentos que afunilam a organização do saber lexicológico.

Convém nesse momento ressaltar sobre os domínios da Lexicografia que, por sua vez, está destinada ao fazer lexicográfico, ou seja, à técnica da produção de dicionários, vocabulários e glossários com finalidade e procedimentos voltados à atividade prática na

descrição de um léxico. Dessa forma, dada à importância na descrição de uma língua, glossários e vocabulários são essenciais para a compreensão textual, fornecendo elementos elucidativos para o entendimento de um texto literário ou um linguajar regional. A Lexicografia segue em direção à perspectiva aplicada, registrando o acervo lexical de um idioma, processando e classificando um léxico específico.

A Lexicografia está dentro de um domínio nos estudos do léxico com maior tradição, com a confecção de glossários, isso porque ao longo da história se constituiu no ramo dedicado a métodos e técnicas direcionados na confecção de dicionários. Concomitantemente esteve ligada aos avanços no que diz respeito ao agregar informações de referência lexical. A Lexicografia Ocidental inicia-se no medievo com obras que possuíam lista de palavras explicativas de textos clássicos e da Bíblia. Nos séculos XVI e XVIII os primeiros dicionários portugueses são publicados, a exemplo o Dicionário de Língua Portuguesa de Antônio de Moraes Silva (1789) que se configura como o marco da lexicografia portuguesa, utilizando para coleta de dados linguísticos os escritores literários, mas também os autores de obras técnicas e científicas em seu arquivo lexicográfico, tendo o mérito de inovar no sentido de indicar a palavra-entrada (BIDERMAM, 1984).

Esse saber de caráter prático que trata de gravar itens lexicais se compunha de especialidades extralinguísticas para proporcionar informações àqueles que consultam um dicionário. Como afirma Pontes (2009, p. 29), “[...] os dicionários são numerosos e diversos, daí a necessidade de categorizá-los em tipos. Porém há várias tentativas de classificação de dicionário a partir de critérios pluriformes ou de uniformes”. Essas considerações incidem sobre a complexidade do fazer lexicográfico em desdobramentos de sua tipologia que possam dar conta da necessidade de usuários. Por isso existem distinções importantes dentro do campo da moderna Lexicografia abrangendo campos de ação dentro de seus domínios em subáreas como a Lexicografia Pedagógica, especialidade direcionada à comunidade escolar com público específico que utiliza vários tipos de dicionários (monolíngues e bilíngues). Existe ainda, a Lexicografia Teórica, Lexicografia Prática, Lexicografia Computacional etc., todos para darem conta dos fenômenos relativos ao léxico, sob perspectiva e natureza distintas da lexicografia clássica.

Logo, discutir sobre Lexicografia é tratar do estudo científico e analítico direcionado à feitura de dicionários, que preestabelece os princípios de seleção, classificação, definição, e descrição do léxico. Assim, os dicionários da atualidade incorporam os efeitos das mudanças ocorridas ao longo do tempo com os avanços da Lexicografia. Com isso, os dicionários prestam um serviço à sociedade alcançando um número maior de pessoas devido à sua

popularidade e inserção nas escolas, ao que facilita o acesso a um bem cultural coletivo que é o léxico. A sua representatividade, os rigorosos processos de catalogação e processamento dos dados revelam uma fatia delimitada do léxico de uma língua em suas variações lexical, diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica, incorporando um número maior de informações. O que configura uma maior complexidade nos domínios da Lexicografia fruto do desenvolvimento dos estudos do léxico.

Após essas considerações sobre os conceitos de Lexicologia e Lexicografia, a reflexão teórica sobre seus instrumentos e procedimentos metodológicos das realidades nas duas áreas dos estudos do léxico, convém dizer que, os domínios (Lexicologia, Lexicografia e também Terminologia) possuem seus pontos de intersecção e complementariedade. É por princípio saberes diferentes que dialogam e estreitam relações que podem ser congruentes nesses estudos. Cada disciplina possui um estatuto próprio delimitador para o tipo de trabalho que se pretende realizar com seus limites metodológicos estabelecidos. Contudo, por possuírem em comum seu objeto, o léxico, evidencia fronteiras interligadas comungando da episteme entre as duas áreas. As contribuições entre os campos do saber geram contribuições produtivas, um compartilhamento interdisciplinar enriquecedor para o estudo linguístico.

Figura 4: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia interligadas e contidas nos Estudos do Léxico.



Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Convém ressaltar, como ilustrado na figura 4, no estudo do léxico o objeto em comum das disciplinas Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e acrescento ainda na discussão a Terminografia, é o léxico. Elas estabelecem relações entre si pelo componente lexical em seus estudos, existindo facetas constitutivas entre elas se beneficiando mutuamente. Queremos dizer com isso, que se trata de zonas de intersecção como observado na figura 4 que em cada zona possui sua especificidade, mas ao mesmo tempo se tocam, seja pelo aparato teórico, metodológico para dar conta em alguma pesquisa ou *corpus* que necessite dessa confluência. Portanto, dentro do estudo do léxico suas disciplinas são co-extensivas desempenhando uma multidimensionalidade que encerra convergências entre as disciplinas por pontos de contato que revelam interdisciplinaridade profícua, sem comprometer as especificidades teórico-metodológico de cada uma.

Dentro dos Estudos do Léxico, a Lexicologia, Lexicografia e Terminologia observam o léxico com perspectivas teórico-metodológicas diferentes. As linhas de estudo pautando-se por procedimentos diferenciados é o que aborda Almeida (2006, p. 229) quando diz que:

[...] a ciência do léxico caracteriza-se, tomando por base um panorama global, por ser o estudo do(s) léxico/vocabulários e das(os) unidades léxicas/vocábulo, considerando as suas faces e interfaces, a partir de diversas linhas de estudo, valendo-se de diferentes perspectivas teóricas e procedimentos metodológicos.

A trifurcação entre Lexicologia, Lexicografia e Terminologia é que a primeira tem como objeto principal o desenvolvimento de teorias balizadoras de descrição e análise do léxico. A segunda segue em direção à perspectiva aplicada, registrando o acervo lexical de um idioma, processando e classificando um léxico específico. E a Terminologia tem como objeto os termos técnico-científicos de uma área. Assim, as três disciplinas estão ligadas por possuírem em sua base o estudo do léxico, apresentando entre si pontos diferentes e pontos em comum em seus escopos teórico-metodológicos. Essas disciplinas possuem limites fixos, mas ao mesmo tempo estão vinculadas entre si, evidenciando que suas fronteiras estão interligadas, comungando do conhecimento fornecido entre as duas áreas.

Vilela (1995) aparentemente compactua com a noção dicotômica entre Lexicologia e Lexicografia. Discorrendo que a primeira se limita aos estudos científicos e a segunda à técnica de elaboração de dicionários. Mas, em seguida, em seu texto, o autor deixa claro que essas distinções não são simples em sua definição, a depender do tipo de pesquisa que se deseja realizar, podemos encontrar, ao mesmo tempo, apoio na Lexicologia e na Lexicografia em um mesmo trabalho, pois o pesquisador pode, por exemplo, utilizar um arcabouço teórico

para elaborar um projeto e referenciar sua pesquisa, e, ao mesmo tempo, fazer um trabalho lexicográfico a partir da catalogação das palavras existentes em um *corpus*. É exatamente o que acontece no presente trabalho, não desvinculando seus saberes com aplicação de suas teorias, procedimentos e métodos. O que corrobora para um enriquecimento do trabalho, a suma relevância necessária para interpretação e análise do *corpus*.

O repertório lexical propiciado pelo *corpus* da obra *Cascalho* (SALES, 2011) nos permite adentrar, sem impedimento, nas áreas da lexicologia e lexicografia. As duas disciplinas nos conduzem desde os critérios de escolha das lexias, que farão parte do trabalho, até a construção dos verbetes. Isso é possível pelo acervo linguístico que é abundante e rico no sentido de contribuir para o conhecimento sociocultural da região da Chapada Diamantina. O *corpus* do romance *Cascalho* (SALES, 2011) nos proporciona o estudo de seu vocabulário, compondo assim, um horizonte de trabalho significativo pela produtividade oferecida por suas lexias.

3.2 OS PRESSUPOSTOS SOBRE LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE

Nesta seção, as reflexões recaem sobre as conexões existentes ente léxico, cultura e sociedade, a sua indissociabilidade enquanto fator essencial na formação da língua de um povo. Dessa maneira, a linguagem é entendida como uma prática compartilhada em comunidade inserida dentro de um contexto social e cultural. Assim, o entrelaçamento entre léxico, cultura e sociedade perfazem elementos básicos elementares que justificam realidades de falantes de um lugar específico. O léxico reflete determinantemente a cultura de uma sociedade, é no vocabulário que se dá a conhecer o ambiente que os cerca. Dessa forma, Abbade (2006, p. 213) sintetiza a não desvinculação desses elementos essenciais de estudo do léxico de uma comunidade da seguinte maneira:

[...] pode-se concluir que o homem só existe histórico e socialmente quando houver linguagem para expressar essa história social. A linguagem faz parte da sua história. Essa linguagem é expressa por palavras e essas palavras irão constituir o sistema lexical de uma língua e, conseqüentemente, de um povo. Assim, estudar o léxico de uma língua é estudar também a história do povo que a fala.

Estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias. É mergulhar na vida de um povo em um determinado período da história, através de seu léxico.

Nos estudos do léxico, aqui presentes, a descrição e/ou análises estão voltados para os elementos socioculturais relacionados à língua. Esses aspectos língua, cultura e sociedade perfazem a experiência humana de entendimento integral. As características individuais de cada cultura estão relacionadas com o seu ambiente físico e social. O léxico inserido no campo da cultura recai no horizonte da antropologia, isso se dá quando descrevemos a linguagem sob o viés dessa ciência tentando relacionar em como a cultura influencia nas formas de organização e transmissão inseridas em uma comunidade. Sendo assim, a linguagem exerce um papel de mediador entre os elementos materiais e os cognoscíveis (SEABRA, 2015, p. 67).

Essa perspectiva sob a égide da cultura, considerada de natureza simbólica, difundida pelos antropólogos, principalmente na visão de Lévi-Strauss (1993), o qual considera a construção histórica relativa a um processo de construção humana, não dada naturalmente. É uma dimensão do processo social coletivo, sobretudo no que tange às variações linguísticas, em que existe a estreita relação entre língua, cultura e sociedade. Ou seja, a cultura é distinta da natureza, ela é “[...] apreendida, transmitida, herdada de geração a geração pelo homem, mediante a comunicação linguística, mas não está ligada a traços genéticos e sim sujeita a influências do ambiente em que se vive” (SEABRA, 2015, p. 68).

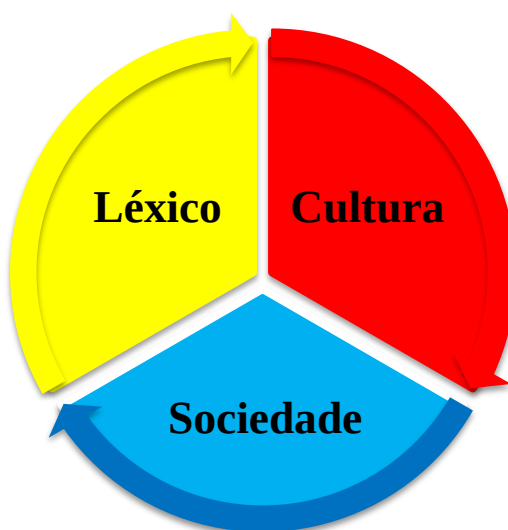
Considerando que uma língua natural faz parte da cultura de uma sociedade, refletida especialmente em seu idioma, os estudos tendo por base o léxico hão de levar em conta a estrita relação entre língua, cultura e sociedade. A experiência sociocultural mediatizada possui relação direta com o léxico. A relação sociocultural reflete na linguagem criando representações daquele universo em particular em dada comunidade. Assim, os falantes vão se conhecendo e conhecendo o mundo em sua volta mediante atos cognoscíveis de nomeação, vão “categorizando a experiência” (BIDERMAN, 1998a, p. 11).

Dessa forma, o léxico surge assegurando a comunicação do grupo em redes de significações em diversas situações. O que cria o léxico de uma comunidade é a forma com que os grupos humanos classificam o seu entorno por meio de diferenças e semelhanças, distinguindo simbolicamente do que seja real ou não. Por ato cognitivo e experiência sensorial cristaliza as significações tornando-as lexias. Biderman (1998a, p. 11) elucida essa ideia da seguinte forma: “Através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados surgem as categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios: o léxico das línguas naturais”. Os dados são as palavras associadas a conceitos armazenados cognoscitivamente. Cada sociedade possui uma cultura complexa em seu sistema de elaboração linguística bem ordenada e estruturada necessária àquela comunidade específica.

O léxico de uma comunidade dá testemunho de sua história refletindo os diferentes momentos da vida na comunidade exprimindo uma visão particular de mundo. Constitui um acervo que revela a heterogeneidade linguística daquele lugar, que deixa revelar os valores, as crenças, os costumes etc., em cada pormenor conservando a história cultural por meio da linguagem. O repertório vocabular vai sendo construído, através das gerações, como um patrimônio abstrato herdado e transmitido sucessivamente. O acervo aumenta à medida que se ampliam as inovações tecnológicas, a comunidade se desenvolve incorporando palavras, descartando outras defasadas de acordo com a necessidade dos falantes. Nesse avanço há um entrelaçamento entre linguagem, cultura e sociedade que atuam na realidade social.

O acervo lexical de uma comunidade é transmitido por vários meios, quer sejam formais ou informais, é o conjunto de emblemas e termos da sociedade mediatizada pela cultura, são a conceptualização de um conjunto de representações mentalizadas que registram o universo particular daquela sociedade. Por meio do léxico, consegue-se chegar mais perto da compreensão do modo de vida de um povo, como afirma Abbade (2006, p. 213), tecendo sobre o sensível imbricamento de se conhecer a história de uma comunidade, a partir da sua linguagem: “Estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias. É mergulhar na vida de um povo em um determinado ponto da história, através de seu léxico”. O patrimônio linguístico de uma comunidade é um arquivo mental das experiências socioculturais. É um arquivo imaterial, patrimônio intangível, um registro duradouro na memória social.

Figura 5: O imbricamento entre léxico, cultura e sociedade. Pela evolução histórica os elementos caminham sempre juntos.



Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

O léxico reflete com nitidez as visões de mundo de uma comunidade. Assim, Vilela (1995, p. 13) considera que o “[...] léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade”, essa representatividade está elencada por um conjunto de palavras partilhado social e culturalmente. A conexão entre cultura e identidade relacionadas ao léxico estão dispostas ao alcançar todas as esferas da atividade humana, como diz Baldinger (1966, p. 42): “[...] a história da língua se converte em história da cultura. A história da língua passa a ser uma ciência auxiliar da história, e com isso fica emoldurada pela história do homem [...]”, pois “[...] todo conhecimento do universo é transferido para o léxico” (BIDERMAN, 1998a, p. 19). Em outras palavras, a língua está relacionada com a cultura, ao criar os laços de identidade via convívio social.

Posto que, quando o homem domina o meio natural, utiliza-se de um repertório linguístico para nomear seu entorno, via o entrelaçamento língua, cultura e sociedade. A cultura diferencia as sociedades uma das outras por meio das diversas formas de pensar e conceber a realidade, podendo existir diversidade cultural em ambientes geográficos semelhantes, nas manifestações nas artes, nas técnicas, na religiosidade, nas tradições e nas vestimentas etc., as variedades culturais também são refletidas na língua. A dinâmica do processo de adequação da comunidade com o ambiente influi nas práticas e ações dentro do espaço/tempo, influenciando também na língua. Pires (2006, p. 59) esclarece da seguinte forma: “[...] As pessoas falam diferentemente porque elas pensam diferentemente, e elas pensam diferentemente porque as suas línguas lhes oferecem maneiras distintas de expressar o mundo em volta delas (daí a noção de relatividade linguística)”. Por isso, a existência de um léxico de uma comunidade, o vocabulário de uma região, de uma literatura, pois:

[...] as palavras que as pessoas proferem referem-se às experiências comuns. Elas expressam factos, ideias ou acontecimentos que são comunicáveis porque se referem a um armazenamento de conhecimento do mundo que as pessoas partilham. As palavras também reflectem atitudes e crenças dos escritores, os seus pontos de vistas, que também são os dos outros indivíduos que pertencem a uma mesma comunidade. Em ambos os casos, a língua expressa uma realidade cultural (PIRES, 2006, p. 61).

A língua de um povo representa, dessa forma, uma realidade social e referencial, estando sujeitas às influências histórico-sociais das relações entre os sujeitos, que partilham sua existência em uma mesma comunidade. Nessa perspectiva, contexto cultural, localização geográfica, história corroboram para “construir” a língua de acordo a esse conjunto de fatores.

O que reforça o entrelaçamento entre léxico, cultura e sociedade congregando um papel importante no funcionamento linguístico de uma localidade. O que permite desvendar interpretações e conhecimento sobre o lugar em que a língua está vinculada.

No contexto de pesquisa, o léxico enquanto fonte de investigações torna-se objeto para vários ramos do conhecimento, principalmente o linguístico. As marcas lexicais fixadas no acervo linguístico de um lugar revelam a identidade sociocultural de uma região, sendo uma fonte histórica, testemunha de uma época, desvelam visões de mundo, representatividades do patrimônio de um povo, que é a sua língua. Por exemplo, as lexias que tratam das diversas espécies de diamantes encontrados na Chapada Diamantina (bala, carbonato, mosquitinho, olho-de-arara, xibiu etc.), das ferramentas de trabalho no garimpo (bateia, carumbé, farracho, frincheiro, ralo etc.), dos serviços ali estabelecidos (apuração, cata, faisqueira, mosquitar etc.), dentre outras lexias específicas, formam as construções linguísticas de garimpeiros revelando a sociedade que habitam, a cultura que vivem e a linguagem que utilizam. Por meio de seu vocabulário, observado no *corpus*, podemos inferir sobre aspectos socioculturais reveladores de um conjunto de características que diferenciam de outras comunidades e compõem perfis identitários.

3.3 OS PRESSUPOSTOS SOBRE AS REDES ASSOCIATIVAS DO LÉXICO

Tendo em vista que a composição da língua perpassa pelo entrelaçamento entre a cultura e a sociedade, existe ainda outra dimensão do léxico que são suas redes associativas e sua estrutura mental. Nessa perspectiva, os estudos linguísticos do léxico consideram o signo linguístico como pressuposto do ato de nomeação da realidade. Léxico e ideias estão conectados por um campo operacional com estruturação sistemática mental. Portanto, aqui nesse tópico pretendemos refletir sobre as epistemologias referentes às redes associativas, o processo mental do léxico, e sua organização cognoscitiva de como um acervo verbal/lexical/vocabular se dá em uma comunidade.

Sobre as redes associativas, as preocupações de Saussure (1916) pautaram-se em uma epistemologia que delineava a estrutura abstrata da língua, o seu funcionamento. Definindo a língua como um sistema de signos ligado a um princípio de comunicação verbal entre as pessoas, lançando assim, diversos conceitos fundamentais para os estudos linguísticos. Entretanto, Saussure (1916) não tratou diretamente sobre o léxico, mas deixou transluzir a sua visão sobre como as palavras se formam mentalmente via redes associativas:

Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam. Assim, em *enseignement*, *enseigner*, *enseignons* etc. (ensino, ensinar, ensinemos), há um elemento comum a todos os termos, o radical; todavia a palavra *enseignement* (ou ensino) se pode achar implicada numa série baseada em outro elemento comum, o sufixo (cf. *enseignement*, *armement*, *changement* etc. ensinamento, armamento, desfiguramento etc.); a associação pode se fundar também apenas na analogia dos significados (ensino, instrução, aprendizagem, educação etc.) ou, pelo contrário, na simples comunidade das imagens acústicas (por exemplo *enseignement*, *justement*, ou ensinamento e *lento*) (SAUSSURE, 2006, p. 145).

Embora, tratando de temas ligados à Morfologia, o que Saussure (2006) estabeleceu foi uma sedimentação para futuros estudos tendo uma palavra como centralizadora evocando outras relacionadas, dentro do que ele falou sobre a noção da “constelação”. Que evidencia em como as palavras se relacionam entre si, o que levou outros estudiosos a analisar o léxico na perspectiva de campos: nocionais, léxicos, semânticos etc. Essa espécie de rede associativa suscita uma teia de signos ligados por uma associação em consequência de significante e significado. Diante disso, as reflexões sobre a temática originou um fundamento para a teoria dos campos lexicais, utilizados aqui, como base teórico-metodológica para o presente trabalho.

Em 1931, marco estabelecido como data fundadora dos estudos dos campos lexicais, Jost Trier (*apud* MARTINEZ 2001, p. 263) propôs uma teoria na configuração da “constelação associativa”, uma tentativa de sistematizar a noção de Saussure (1916) quando disse que “Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida” (SAUSSURE, 2006, p. 146). Trier (*apud* MARTINEZ 2001) considerou o léxico de uma língua como um todo articulado e estruturado em campos, isso estabelecido mentalmente por redes associativas interligadas hierarquicamente.

Para Martinez (2001), os pioneiros como Trier, Coseriu, Ullmann, Pottier etc., contribuíram para a teoria dos campos lexicais/semânticos, aplicando métodos para o estabelecimento de suas pesquisas linguísticas, apropriando-se de uma terminologia técnica para abalizar seu estudo lexical, o que trouxe contribuições importantes dentro dos estudos linguísticos. Trier (*apud* MARTINEZ 2001, p. 261) se apropriou das ideias saussurianas, no sentido de que a língua possui uma arquitetura geral, em que todo sistema é organizado em campos mentalmente estabelecidos.

Entretanto, mesmo a ideia de Trier (*Apud* MARTINEZ 2001, p. 261) que inspira inúmeros trabalhos acarretou muitas críticas no sentido da supervalorização da teoria dos campos, isso porque não havia um método definido para a teoria. Consideravam ainda que, em Saussure (1916) já estava implícito a teoria dos campos, faltava o estabelecimento de um método de pesquisa próprio inerente ao objeto. Essa configuração metodológica seria abalizada por Eugenio Coseriu (1977), responsável por definir um método para a teoria dos campos.

Coseriu (1980) reinterpretou o conceito de campo lexical para um sentido estrutural, atentando-se para o fato da existência de um acervo linguístico social, pois, para ele (1980, p. 199), o léxico é um sistema “[...] que resulta da repartição de um conteúdo lexical contínuo entre vários lexemas que se opõem de maneira imediata uns aos outros, por meio de traços distintivos mínimos”, isto é, a significação de uma lexia é estabelecida a partir de outras lexias, de um conjunto ou campo em que está inserida. Dessa forma, o estudo, a partir de campos lexicais, é um instrumental que evidencia termos de uma língua, no qual as lexias não estão dispostas aleatoriamente, mas a partir de associações lexemáticas de expressividade peculiar de uma comunidade, onde a língua está inserida. A sua proposta seria no sentido de estudar numa perspectiva diacrônica e estrutural do léxico.

Portanto, ainda assim, um estudo estrutural nos moldes dos campos lexicais não cobre o léxico global de uma língua. O que se pode considerar é um recorte por meio de um *corpus* específico, tendo a possibilidade de fazer um levantamento e conhecer alguns aspectos de uma comunidade, a partir do léxico. Sendo assim, garimpamos os diamantes lexicais da obra *Cascalho* (SALES, 2011) de Herberto Sales, em seus aspectos socioculturais. As formações lexicais colhidas do romance revelam aspectos socioculturais portadores de visões de mundo e das experiências vividas nessa comunidade. Por exemplo, seus hábitos alimentares (arroz de cacimba, jacuba, moca etc.), a suas vestimentas (calção de valença, paletó alpaca, capote, ceroula etc.), dentre outros aspectos configurando-se evidências linguísticas para conhecimento da comunidade.

É importante, nesse ponto, estabelecer outra perspectiva nos estudos do léxico que é a construção do acervo lexical de uma comunidade, sem fugir da visão de rede associativa. Consideramos para isso o postulado de Karl Popper (1975) redimensionado por Biderman (1981, p. 134), segundo o qual teoriza sobre a pluralidade e interacionismo dos três mundos (Doravante TTM: Tese dos três mundos). O mundo 1 seria o mundo físico ou das coisas materiais (O mundo natural); o mundo 2 seria o do estado de consciência, ou de todos os processos de consciência humana, através dos sentidos (visão, audição, olfato etc.); e o mundo

3 seria o dos produtos da mente humana, onde se localizam a cultura, as expressões artísticas, o mundo da memória. Esses mundos estão conectados e são ontologicamente distintos.

Com essa premissa, outros teóricos utilizaram essa tese para propor como se processam, no cérebro humano, as interações entre o indivíduo e os mundos, sobretudo linguísticas. Conjecturaram sobre como se processa a linguagem via TTM. Haja vista que postularam a interação contínua entre os mundos 1 (o mundo físico) e 3 (mundo da consciência humana) por meio da interação entre esses mundos, extraindo suas percepções, sensações, experiências etc., e como vão sendo categorizadas e registradas na memória (mundo 2). Suscintamente, o que acontece é o ato interacional do ambiente físico, biológico e social passando por um processo de cognição por meio de experiências sensoriais com o mundo físico.

Quando as ideias da TTM são confrontadas com a teoria sobre como as sociedades adquirem seu acervo lexical, deparamo-nos com as construções linguísticas sendo moldadas ao longo da história de um idioma em suas comunidades. Assim, o ambiente físico (mundo 1) será percebido com base no léxico cristalizado em seu idioma (mundo 3). Por meio dessa interação entre os mundos, existe uma estocagem mnemônica sistematizada por um processo histórico e cultural, em um movimento cíclico. A cultura moldando a língua e a língua influenciando a cultura que é pertencente a uma sociedade específica.

Cada comunidade humana, por processo criativo linguístico, seguindo seus protocolos de comunicação, elabora designações para o ambiente físico em seu grupo social. Nessa dinâmica, lexias podem surgir, desaparecer e reaparecer com novos sentidos, o léxico obedece, na linguagem de Vilela (1995, p. 17), “[...] a condicionamentos econômicos, culturais e históricos [...]” com criações metafóricas, metonímicas, sinédoques, importação de lexias, recuperação de lexias antigas, e criação de outras. A lexia assume uma função social, por meio de “papeis” ou atos comunicativos, obedecendo a um “[...] conjunto de direitos e deveres recíprocos que são reconhecidos implicitamente por todos os componentes de uma dada comunidade linguística e atribuídos a uma determinada função social [...]” (VILELA, 1995, p. 23). Observemos um extrato do diálogo entre personagens do romance *Cascalho* (SALES, 2011), que demonstram o processo criativo linguístico e designações peculiares de seu ambiente:

A noite caíra de todo, e a serra desaparecera nas sombras – rochas e árvores que se fundiam na escuridão. De acordo com o hábito existente entre os garimpeiros, da boia tomada em comum, cada sociedade se reuniu diante de

seu carumbé, Neco, Agenor e Filó diante de um, Peba e Silvério diante de outro – todos comendo de mão. Agora tinham acabado de comer.

- Faz um moca aí pra gente – pediu Neco a Agenor, que era o cuca da sociedade.

Por medida de economia, a exemplo de inúmeros garimpeiros, Peba e Silvério não tomavam café de noite, substituindo-o por chá de capim-da-lapa. Diante da chocolateira tisonada, que se equilibrava sobre a trempe de pedras, Agenor Cabeça-Seca perguntou:

- Quer café Filó?

- Café de língua e beijo meu boi não puxa.

- Já vi que você gosta de me aporrinhar.

- Ora, vá tomar no toba! Tire um pedaço daquela carne de dois pelos dos Campos de São João, e meta no espeto pra mim.

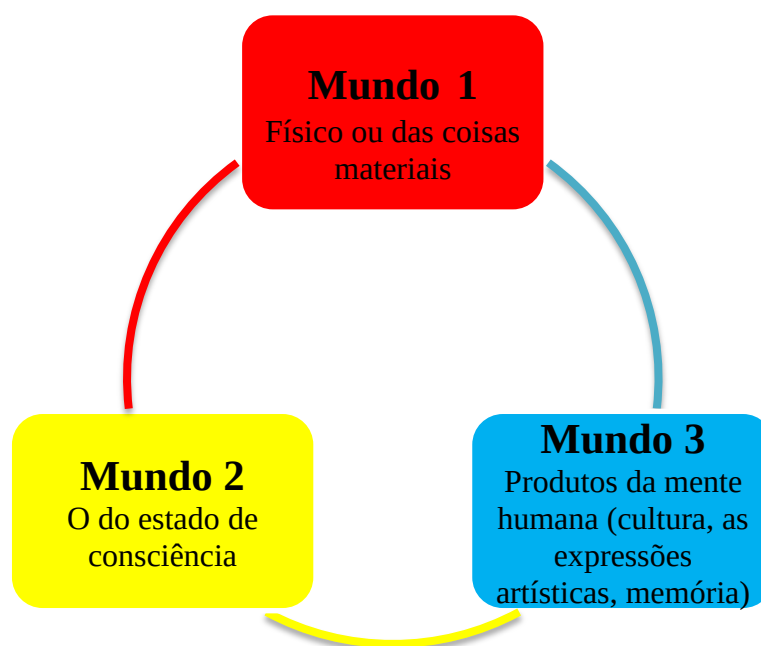
- Está com fome de cachorro?

- Meta a carne no espeto rapaz! Que eu preciso criar sustança pra dar vergonha àquela negra Vitalina.

E tendo dito isto, enquanto os companheiros sorriam, Filó levantou-se e foi para a porta do rancho (SALES, 2011, p. 113-114).

O universo sociocultural está implícito na língua, as visões de mundo, as vivências, as formas de pensar e refletir sobre a vida desses garimpeiros. Lexias como carumbé, moca, capim-da-lapa, fome de cachorro, toba, como por exemplo, reúne um conjunto de características identitárias de uma comunidade que partilha de marcas linguísticas particulares. Essa peculiaridade possui carga sociocultural muito forte relacionada ao modo de vida do garimpo conhecido por meio da linguagem.

Figura 6: A tese dos três mundos de Karl Popper (1975) independentes e distintos, mas que se interagem.



Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

A língua torna-se intermediária no ato de conhecer o ambiente físico (mundo 1), formando uma “memória léxica”. Os pressupostos indicam a língua como intermediária da interação entre os mundos 1 e 3 da tese de Popper (*apud* BIDERMAN, 1981, p. 134). O que os estudos concebem é que existe uma memória léxica nos indivíduos, localizada na “memória operacional”, lugar onde está armazenado o acervo vocabular dos indivíduos. Biderman (1981, p. 138), portanto, sintetiza da seguinte maneira:

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico (M 1) e do universo cultural (M 3), criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso, o léxico é o menos lingüístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que situa entre o lingüístico e o extra-lingüístico.

Em suma, é entendido que para haver comunicação entre os usuários de uma língua necessita-se de um leque de signos linguísticos comuns para interagirem uns com os outros. Assim, os indivíduos possuem um registro vocabular que é utilizado de acordo com o contexto ou situação que o usuário deseje. No processo evolutivo da língua existem padrões neurais formadores de uma memória léxica. Assim sendo, mentalmente via rede associativa existe uma “constelação” lexical armazenada, de acesso rápido (utilizadas no dia-a-dia em sua comunidade) e as de acesso não tão frequente (utilizadas em situações esporádicas, em que o falante não faz uso constante). Em cada usuário, em nível cognoscível, existe uma rede associativa no formato de campo léxico, a partir de lexias significativas que foram armazenadas ao longo de sua vida. O que existe também a nível social é uma memória lexical de todo um grupo em uma determinada localidade. Biderman (1981, p. 139) deixa isso claro quando diz que:

Uma rede semântica é composta da integração estruturada de vários campos léxicos. Um campo léxico integra uma rede semântica juntamente com muitos outros campos léxicos. As palavras nucleares dentro de um campo léxico provavelmente são as palavras mais frequentes dentre as palavras de conteúdo léxico.

Um campo lexical é integrado em cadeia com articulações ligadas em campos léxicos existentes na língua, transmitidas via gerações dentro de determinada comunidade. O vocabulário de uma comunidade torna-se patrimônio linguístico da localidade, legado por processos psicolinguísticos. Embora os fatores internos corroborem com a formação da língua

por atos sucessivos de cognição, é elementar que o léxico de uma comunidade é constituído tanto interna quanto externamente de forma interacionista:

O acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura, através do reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre os elementos da experiência humana, tanto a experiência resultante da interação com o meio ambiente físico como o meio cultural (BIDERMAN, 1981, p. 134).

A operação mental está em uniformidade com a experiência do mundo físico. Os processos mnemônicos passam pelas experiências de mundo, evidenciadas por processo interacionista. O cérebro é o lugar de armazenagem, da classificação, da significação, lugar esse onde selecionam os itens para compor o acervo lexical. Dessa forma, as propriedades linguísticas estão diretamente ligadas a um processo integrado, como esboçado na tese de Popper e redimensionado por Biderman (1981).

4 BATEIA, CARUMBÉ E RALO: OS INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Todo garimpeiro possui no mínimo esses instrumentos de trabalho: bateia, carumbé e ralo. A bateia é um recipiente onde o cascalho é lavado e revolvido na busca do diamante, geralmente para facilitar o manejo, é fabricado de madeira leve. O carumbé também é feito de madeira e serve para carregar cascalho, levando até o paiol e em seguida para as bateias. O ralo de forma retangular é uma espécie de peneira empregada para lavar o cascalho. São esses os instrumentos indispensáveis para a prática do ofício de garimpeiro (SALES, 1955). O trânsito desta seção é apresentar os instrumentos de pesquisa, as diretrizes que fazem a produção do conhecimento lexicológico e lexicográfico. Essencialmente em como foi estruturado o glossário que perfaz os campos lexicais.

Encontram-se elencados os critérios tomados, no que dizem respeito aos aspectos da estrutura e montagem do glossário e dos campos lexicais. Os posicionamentos tomados estão ancorados em saberes lexicográficos de Barbosa (2001), Borba (2003), Welker (2004), Barros (2004), Miranda (2007), dentre outros autores consultados que nos apontam os conceitos gerais de organização de dicionários. Como foi definido na seção 2 sobre os aspectos teóricos da lexicologia e lexicografia, este último trata da elaboração de dicionários e para isso existem técnicas, critérios e sistemas que direcionam ao “[...] conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes” (BORBA, 2003, p. 15). Para dar conta das lexias selecionadas no *corpus* é preciso a vinculação da lexicologia com a lexicografia, pois um glossário não é apenas um ajuntamento de palavras, bem mais que isso, é um instrumento, um guia para aqueles que necessitarão dessas informações sobre a linguagem do garimpo.

Como abordado por Borba (2003, p. 17), “existem duas modalidades básicas de manifestação da língua: o oral e o escrito”, sendo assim, as ocorrências aqui recolhidas estão no domínio do registro escrito vinculado pelo romance *Cascalho* (SALES, 2011). Para o propósito que se destina o trabalho, o conjunto de itens é a soma parcial de lexemas que perfazem a linguagem da zona diamantífera de Andaraí na Chapada Diamantina-BA. Dessa forma, analisando e descrevendo as expressões linguísticas da comunidade do garimpo estaremos correlacionando aos entrelaçamentos existentes entre língua, sociedade e cultura. Portanto, o padrão de tratamento dado ao *corpus* conta com arcabouço teórico da lexicologia, lexicografia e terminologia com seus devidos conhecimentos para o estudo do léxico.

4.1 OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

O caminho metodológico tomado para a construção do conhecimento sobre o léxico da obra *Cascalho* (SALES, 2011) perpassa por formas de organização e sistematização da pesquisa, objetivando um recorte epistêmico adequado sobre língua, cultura e sociedade, ponderando sobre suas relações com o léxico. Sobretudo, esses desdobramentos perpassam inicialmente pela pesquisa bibliográfica por meio de um levantamento de referências teóricas. Durante essa etapa inicial da pesquisa bibliográfica concorremos para compreender o fenômeno do léxico, buscando a descrição do fenômeno em estudo e critérios para estabelecer direcionamentos metodológicos. Portanto, essa primeira etapa do trabalho visou o aprofundamento teórico do objeto pesquisado, verificando fontes bibliográficas, fazendo levantamento sobre existência de trabalhos já realizados sobre o *corpus* em estudo, entre outros registros importantes da exploração sistemática de aprofundamento teórico-metodológico.

O construto teórico abalizador do presente trabalho é a metodologia dos campos lexicais. Essa abordagem em estudos da linguagem remonta a Jost Trier, que em 1931 publicou resultado de uma pesquisa sobre campos linguísticos. O pesquisador referenciava lexias do ponto de vista conjuntural estruturado, em que considerou as palavras como estando dispostas hierarquicamente dependentes uma das outras. Como afirma Abbade (2012, p. 151), esclarecendo sobre o método, diz que:

[...] o campo léxico representa uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquias articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: o campo léxico. Nesse sentido, as palavras que ocupam determinado campo estão individualmente determinando seus significados pelo número e pela situação. As palavras estão organizadas em um campo com mútua dependência, ou seja, elas adquirem uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo.

Para a realização do estudo do léxico, existem paradigmas metodológicos de várias vertentes com seus devidos autores consagrados. Partindo disso, contamos com a fundamentação teórico-metodológica dos campos lexicais do romeno Eugenio Coseriu (1977). Coseriu (1980b) considerava a língua enquanto estrutura, na qual as palavras se relacionam entre si, por meio de sistemas ou campos. Ele sistematizou algumas possibilidades em uma perspectiva de estudo estrutural da palavra dentro de um plano diacrônico, pois a linguagem, em uma comunidade, possui um caráter dinâmico, transformando-se no espaço e

no tempo. Diferentemente de Saussure (2006), que entendia o sentido, a categoria, a descrição da palavra aos estudos do léxico, Coseriu (1980a, p. 37) concebia que “[...] a linguagem é essencialmente criação e deve, portanto ser estudada no seu próprio surgir, e não como técnica ou uso de uma linguagem já feita”. Essa criação pode ser encontrada em textos, como nos literários, com critérios e delimitação do campo léxico, que abarquem zonas temáticas acerca do tipo de pesquisa que se deseja realizar.

Seguindo esse parâmetro descrito acima, dentro de um plano lexicológico, alocaremos as lexias constantes na obra *Cascalho* em macrocampos e microcampos por entendermos que “[...] todo campo es un campo parcial de outro campo mayor¹” (MARTÍNEZ, 2001, p. 274). Assim, estabelecemos o estudo de campos, ou conjunto de palavras, que compreendem unidades lexicais envolvidas na mesma zona de significação. Os macrocampos foram selecionados em consonância com os aspectos socioculturais e da biodiversidade na comunidade do garimpo, por considerarmos, assim, traços identitários dessa região, sendo marcadores valorativos que individualizam tal sociedade. Ao levantarmos as lexias existentes no *corpus* observamos seus conceitos, estruturando-as em seus devidos campos lexicais, buscando uma ordem reveladora da sociedade, do ambiente e da cultura da comunidade onde está inserida a língua. O que, dessa forma, concorre para a preservação dos valores socioculturais consignados no linguajar expresso na obra.

No presente caso, para a seleção de dados realizamos a leitura minuciosa da obra, elencando criteriosamente lexias dos universos físico, biológico, sociocultural representados a partir da linguagem inserida no romance *Cascalho* (SALES, 2011). Com essa seleção, estruturamos hierarquicamente as lexias em macro e microcampos lexicais, aplicando, para isso, a metodologia dos campos lexicais, o que se configurou como possibilidades de estudo do vocabulário constante na referida obra. Descortinando a sociedade e cultura por meio da linguagem garimpeira, esta referenciada de forma pontual em seus aspectos lexicais.

Contamos com 370 lexias, divididas em nove macrocampos e subdivididos em microcampos mais específicos para facilitar a organização. Selecionamos essas lexias do vocabulário em um trabalho lexicográfico anterior (RIBEIRO, 2017), aqui apresentaremos cada lexia em sua significação e contexto de uso dentro da literatura. Na obra *Cascalho* (SALES, 2011) existe um repertório lexical abundante apresentadas parcialmente em forma

¹ Tradução nossa: “[...] cada campo é um campo parcial de outro campo principal” (MARTÍNEZ, 2001, p. 274).

de glossário trazidas na pesquisa de Ribeiro (2017)². As lexias no romance transmitem uma série de elementos emotivos, físicos, constantes para descrever sua realidade. A literatura tem bases de um sentimento regional/popular e Sales (2011) descortinou a “alma vocabular garimpeira” revelando uma identidade linguística peculiar àquela região. De fato, há um português de base regional/popular, demonstrado nas inovações lexicais registradas no romance.

As lexias organizadas em glosas contêm sob forma de definições simples, segundo proposições de Barbosa (2001), Borba (2003), Barros (2004) e Welker (2004), que tratam das formas de macroestrutura e microestrutura em dicionários, das palavras levantadas nos respectivos macrocampos. Essas lexias são próprias de um grupo sociocultural, que são representativas do universo do discurso das lavras diamantinas. O segmento social de garimpeiros e toda comunidade das lavras, esses sujeitos, ouvintes e falantes utilizam-se constantemente desse vocabulário, tendo uma alta frequência nos diálogos. As lexias levantadas perfazem, assim, acepções de um léxico agregado na obra em contextos específicos da vida cotidiana. Assim, segundo Barbosa (2001, p. 35):

[...] um **glossário** *stricto sensu* seria a obra lexicográfica que apresentasse unidades lexicais extraídas de um único texto manifestado e definidas em suas significações específicas, correspondentes a cada palavra-ocorrência, no mais alto nível de densidade semântica, sem reunir num só verbete duas ou mais palavras-ocorrências com a mesma forma de expressão.

O discurso manifestado em *Cascalho* (SALES, 2011) trata de um conjunto linguístico fundamental de suas interações relacionadas a uma região, a um grupo social. As lexias organizadas em glosas recuperam, armazenam as palavras extraídas do romance considerando os critérios da lexicografia (BARBOSA, 2001; BORBA, 2003; BARROS, 2004 e WELKER, 2004). A decisão sobre a seleção de lexias pertinentes ao presente trabalho distingue-se por aspectos de um estado de língua diferentemente da usual com características regionais peculiares de um grupo social, por meio de atos de fala extraídos do texto/discurso produzidos em determinado lugar e tempo. Portanto, como diz Barbosa (2001, p. 43), “um glossário será ‘dicionário de discurso’ e não ‘dicionário de língua’”. Por isso, as glosas apresentadas das lexias em seus devidos campos lexicais possuem essa configuração.

² Trabalho realizado dentro do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Filológicos do Departamento de Educação e Ciências do *Campus XIII* da Universidade do Estado da Bahia, situada no município de Itaberaba. O estudo tratou do vocabulário regional constante na obra *Cascalho* (SALES, 2011) de Herberto Sales utilizando a metodologia dos campos lexicais de Eugênio Coseriu (1977).

Para as definições, foram consultados os seguintes dicionários: Dicionário da Língua Portuguesa de Moraes Silva (1890), Novo dicionário da Língua Portuguesa de Cândido Figueiredo (1913), Dicionário da terra e da gente do Brasil (1939), Dicionário novo Aurélio do século XXI (1999), Dicionário tocantinense de expressões e afins (2002) e Dicionário Houaiss eletrônico (2009). Dicionários *on-line* também foram utilizados “[...] pela facilidade que supõe o acesso em qualquer momento a múltiplos repertórios das mais variadas áreas ou domínios” (PONTES, 2009, p. 55), os quais são: Dicionário de português (*on-line*), Dicionário informal de português (*on-line*), Dicionário Aurélio de português (*on-line*). Além dos dicionários, foram consultadas obras específicas que tratam das expressões regionais e das palavras do garimpo, a saber: Sales (1955) e Catharino (1986). Outros trabalhos que abordam campos lexicais foram consultados, a saber: Abbade (2009), Queiroz (2012), Barreiros (2016) e Silva e Queiroz (2016). Todas estas são, portanto, as fontes de consulta para as lexias formadoras dos campos lexicais. Dessa maneira, dicionários de várias épocas e outras obras foram consultados para dar significação às lexias levantadas.

O que procuramos foi uma descrição semântica representativa da linguagem do garimpo de forma clara e compreensível como convém dentro dos estudos lexicográficos. Partimos do princípio de reconstituição da memória sociocultural do léxico do garimpo descritiva da comunidade das lavras. E para melhor auxílio na compreensão, inserimos abonações retiradas do romance encontradas no *corpus*, o que fornece informações importantes no sentido de esclarecer uma colocação.

O quadro a seguir oferece uma ideia dos macrocampos organizados:

Quadro 1: Número de lexias por macrocampos.

Macrocampo lexical	Número de lexias
Do espaço geográfico	30
Da natureza	98
Das lavras	108
Da alimentação	25
Das indumentárias	18
Dos armamentos	14
Da religiosidade e manifestações populares	13
Da sexualidade e do corpo	21
Dos qualificadores	43
Total de Lexias	370

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

As entradas lexicais estão dispostas em seus respectivos macrocampos seguindo uma hierarquia com intuito de referenciar por meio da glosa a sociedade, cultura e história do garimpo da Chapada Diamantina. Assim, nos deparamos com um vocabulário específico de uma região, a do garimpo. Podemos, dessa forma, observar traços linguísticos peculiares dessa comunidade revelando aspectos da vida social e de sua história social. Essa estruturação é possível no sentido de contribuir para o entendimento do imbricamento das relações entre língua, sociedade e cultura.

Com isso, coletamos 370 lexias e, assim, buscamos a significação de cada uma delas e elaboramos as glosas considerando o contexto da obra *Cascalho* (SALES, 2011), os dicionários e outras referências consultadas. As lexias estão classificadas em campos lexicais e subdivididas em microcampos lexicais organizados em uma ordem hierárquica. A partir da perspectiva do entrelaçamento entre léxico, cultura e sociedade tecemos considerações desse imbricamento em cada macrocampo lexical nos seus aspectos identitários com a língua juntamente com um quadro demonstrativo com as respectivas lexias catalogadas, além das ocorrências e frequências realizadas com ferramenta computacional. Após essas etapas elaboramos um infográfico (Ver na página 173) identificando os macrocampos e microcampos. E, ao final, esboçamos as considerações conclusivas juntamente com os horizontes de avanço na pesquisa e aprofundamento da temática. O que inclui considerar que ainda existe um sem número de possibilidades para o prosseguimento dos estudos lexicais referentes à obra *Cascalho* (SALES, 2011).

4.2 OS INSTRUMENTOS DE MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA

As ferramentas metodológicas que nos permitiram produzir o glossário parte do conceito de macroestrutura e microestrutura que, segundo Rey-Debove (1971, *apud* MIRANDA, 2007, p. 261) a macroestrutura se define como: “o conjunto de entradas de acordo com uma leitura vertical”, ou seja, “a estruturação das informações em verbetes” (BARROS, 2004, p. 151). Sem entrar em detalhes sobre as discussões dos critérios integradores referentes à macroestrutura, o que nos interessa no momento é o tratamento dado ao *corpus* e seu léxico partindo de uma proposta de ordenar no formato semasiológico quanto às lexias recolhidas.

Sobre a microestrutura, podemos afirmar que é “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete a cada entrada” como fala Rey-Debove (1971, *apud* WELKER, 2004, p. 107).

A microestrutura segue uma padronização em que as informações são claras no seu entendimento, sem ater a cientificismos. O glossário atenderá a uma demanda como produto que poderá ser utilizado em escolas de educação básica. As informações serão precisas e claras para cumprir o objetivo de esclarecer o público sobre os significados das palavras do garimpo. A microestrutura é composta de informações acerca da entrada mais abonações referenciais de que lugar fora extraída. A microestrutura compreende-se como “a organização dos dados contidos no verbete” (BARROS, 2004, p. 156), ou seja, seus elementos descritivos. O que perpassa as decisões tomadas sobre como serão as informações contidas nos verbetes, o que segue critérios e particularidades quanto à forma e apresentação.

Segundo Borba (2003, p. 311), “Cada acepção começa por uma definição que tem a forma de conceituação”, essa descrição procura por regra “reter os traços básicos da coisa”, no caso presente procuramos evitar ao máximo descrições repletas de termos técnicos por considerar o público que irá desfrutar do glossário. Borba (2003) salienta de forma acentuada quanto às definições e suas problemáticas de alguns casos serem confusas, técnicas em demasia, vagas etc. A sugestão é de serem as mais enxutas possíveis, preocupando-se com a identificação da palavra, sua significação e traços semânticos.

Dispondo por estas bases, a perspectiva adotada na produção do glossário segue uma ordem alfabética de forma semasiológica, partindo do significante para o significado. A quantidade de verbetes utilizados provém de uma classificação baseada no romance em suas características socioculturais. A taxonomia revela-se incompleta, no sentido que o intuito não é dicionarizar o romance como um todo, mas apenas as lexias que farão parte dos campos lexicais como aponta a proposta metodológica.

Sendo assim, a microestrutura está organizada em arranjos por meio da ordenação de lexemas, mesmo sendo alertado por especialistas sobre os problemas de arranjo alfabético como informa Welker (2004, p. 82), segue-se estritamente uma ordem alfabética linear. Dentro dessa ordem podem ocorrer lexias simples, compostas, segundo concepção de Pottier (1972, p. 27), e fraseologismos, como no caso de “bananeira que já deu cacho” e “mulher de prateleira de cima” dentre tantos outros. As entradas em seu conjunto constituem um glossário representativo dos campos lexicais referentes à obra *Cascalho* (SALES, 2011). Biderman (2005, p. 747) considera o léxico de uma língua como um tesouro vocabular, obviamente nosso glossário contém apenas alguns diamantes lexicais.

Ainda sobre fraseologismos, Biderman (2005, p. 748) trata como “[...] combinatória cristalizada da herança cultural registrada na memória coletiva [...]”, porém, essas combinações são muito fluídas por haver discordâncias por parte dos linguistas sobre as

fronteiras de demarcação sobre o que incluir ou não em um dicionário. O acervo léxico da obra *Cascalho* (SALES, 2011) possui muitas unidades combinatórias que necessitaria de um trabalho à parte. Isso foi esboçado em forma de artigo, conforme em Ribeiro; Barreiros; Queiroz (2018), mas que não esgota outras possibilidades de maior envergadura. Desse modo, lexias compostas fazem parte do trabalho com palavras constituídas por hífen, ou não, no intuito, como já foi anteriormente mencionado, como forma de conhecer e adentrar a comunidade do garimpo pela sua linguagem. Essas unidades revelam e refletem os aspectos socioculturais do lugar, incluímos como forma de enriquecer o conhecimento linguístico da região.

Em grande parte, essas lexias hoje em dia estão em vias de desuso, são raras, algumas possuidoras de termos técnicos do garimpo, regionalismos e neologismos (em que sua utilização foi passageira, apenas para aquela época), tudo que foi catalogado é fruto de uma artesanaria literária como registro escrito da comunidade. Trata-se de um glossário sincrônico, pois a obra *Cascalho* (SALES, 2011) está situada em uma temporalidade específica fixa que é a primeira metade do século XX.

Ao adotar um parâmetro macroestrutural no presente trabalho, a mesma não está ancorada na representação estatística do léxico em que a alta frequência torna-se fator decisivo, como ocorre na confecção de dicionários. Utilizamos os números para fins de contabilizar as ocorrências por meio da frequência no romance, como demonstrativa dessas, para fins puramente de análise lexicológica. O que define se uma lexia entra ou não em nossa macroestrutura é a sua representatividade sociocultural independente de uma alta ou baixa frequência. Queremos ter um retrato lexical que reflita as bases de uma comunidade por meio de sua cultura, sociedade e história referentes ao garimpo.

A importância de tabular a frequência de lexemas está no fato de fornecer dados concretos de um *corpus* revelando os itens lexicais. Assim, o que aqui constatamos não são as palavras mais frequentes e importantes, como é o comum dos lexicógrafos, que inclui em seus dicionários palavras de alta frequência, mas as mais representativas do contexto sociocultural da comunidade do garimpo. As características dos elementos socioculturais farão com que exista certa representatividade dentro dos campos lexicais, por apresentar o conjunto de lexias referentes à comunidade do garimpo. Sendo assim, a frequência não interessa na inclusão, mas é a relação com os aspectos socioculturais e representativos daquela comunidade em consonância aos campos lexicais estabelecidos. A lista de vocábulos foi extraída de Ribeiro (2017), o qual contabilizou até aquele um grande número de lexias, mas para os fins que aqui se prestam, utilizaremos apenas uma parte.

Conforme orientações de Welker (2004, p. 96), que preconiza a inclusão de topônimos em dicionários por razões linguísticas específicas, aqui levamos em consideração os nomes próprios (Andaraí, Itaetê, Rio de Contas etc.), as formas consideradas fora da norma padrão pela gramática normativa (raspadura, toicim) lexias tabus consideradas de forma vulgar (toba, quimbas, trepar), lexemas pejorativos considerados ofensivos para o politicamente correto (besta, aguada, fubuca), estrangeirismos (combléia, manulicha, parábelum) , gírias da época (cabra retinto e dobrado, caipora, curau). Conforme os critérios metodológicos, levando em conta a abordagem do trabalho, a seleção parte do ponto dos campos lexicais conforme a representatividade identitária das lavras diamantinas. O registro advém de sua existência no *corpus*, que é diversificado quanto à sua representatividade nos aspectos socioculturais.

Como já salientado, não apresentaremos a totalidade dos lexemas do romance, mas sua representatividade sociocultural dentro dos campos lexicais. A seletividade parte de um recorte do objeto de estudo, o que não abandonamos as pretensões *a posteriori* de se construir um glossário mais completo com uma abrangência de lexias superior ao que apresentamos no momento. Enfim, a macroestrutura inclui elementos representativos do léxico de *Cascalho* (SALES, 2011) partindo de uma seletividade que contempla o proposto dentro do presente trabalho linguístico. A pretensão é dar ênfase ao registro literário priorizando os aspectos socioculturais representativos da comunidade do garimpo das lavras diamantina na Bahia.

Na macroestrutura os arranjos das entradas contemplam hiponímias, homonímias, sinonímias, e polissemias, o que dá um maior número de lexemas, mas necessário para se entender como o universo do garimpo é amplo na questão linguística. No caso do diamante, poderia só haver essa entrada, mas pela criação lexical da comunidade existem várias formas de tratar o diamante por espécies e subespécies de um mesmo mineral (Arrozinho, bala, lambreu, xibiu etc.). A separação de cada tipo de diamante, por exemplo, aumenta as entradas por constituir lemas diferentes caracterizadores das diferenciações em que os garimpeiros percebem o seu objeto. Como os esquimós que designam várias palavras para o mesmo objeto neve, como reportou Biderman (1998b, p. 95).

Sobre a classe gramatical optamos em utilizar abreviaturas por razões de ordem econômica, como recomendado por Welker (2004, p. 115) e por ser uma forma utilizada por muitos dicionários populares. Existe uma lista de abreviaturas no início do trabalho para consulta caso o leitor tenha alguma dificuldade em identificar a classe gramatical pela abreviatura. Sobre a definição que nos leva à compreensão da palavra o critério aqui é lexicográfico, não exaustivo e nem enciclopédico, mas o mais simples e conciso de forma clara, para informar de maneira precisa. Evitando ao máximo cientificismo por considerar

técnico demais, que, por ser assim, ao invés de auxiliar o leitor, cause mais confusão e estranheza. Existem muitos modos de definir as entradas, seguimos a recomendação, por exemplo, os substantivos serem iniciados por substantivos, verbos por verbos e por assim em diante, mas não todos, por via de regra, apenas como uniformização, pois os adjetivos e advérbios possuem formas bem diversas de definição.

As características que definem a entrada ou explicação lexicográfica perpassam quanto à sua utilidade para os usuários. Como já mencionado que o glossário fornecerá informações para, principalmente estudantes, por conseguinte também a turistas e população local, devemos nos ater a formas compreensíveis com abonações abrangentes. O enunciado lexicográfico (tema ou rema), suas informações cumprem em seu objetivo em ser o mais concreto possível. Essas informações identificam classe gramatical, informação explicativa, e informação sintagmática que serão as abonações. E contará também com remissões em alguns lexemas. Essa forma nos dirige à praticidade do produto inventariado, que não passa somente ao nível da compreensão, mas também quanto à utilização em outros contextos. Como por exemplo, um leitor perguntar qual significado de tal palavra, o informante de forma direta empregar a definição simples e objetiva. O significado atribuído aos lexemas é retirado no contexto do romance *Cascalho* (SALES, 2011). Ou seja, teremos como parâmetro, como prioridade o valor semântico extraído do romance citado, em vias de reconhecer as palavras outrora utilizadas constantemente na comunidade do garimpo. Logo haverá uma entrada e uma significação simples, direta e objetiva.

Outra questão que vale salientar são as marcas linguísticas, que nesse momento não serão importantes informar dentro do glossário, pois o foco do trabalho é estabelecer os campos lexicais representativos da comunidade do garimpo expostos no romance *Cascalho* (SALES, 2011). Sendo assim, adicionar as marcas linguísticas seria uma tarefa extenuante de extrema dedicação, e de uma ordem de tempo que não possuímos no momento para tal empreendimento. Existem as ordens de trabalho presentes, as quais priorizamos para atender à metodologia que requer atualmente. Outro fator é que as marcas são pouco usuais do ponto de vista de indicação ou recurso na confecção de dicionários. Porém, colocamos aqui brevemente, sem aprofundamento teórico, como forma de indicar que existem formas de marcação em determinados lexemas que são interessantes do ponto de vista dos estudos linguísticos.

Então, listamos aqui algumas marcas que pudemos identificar dentro do glossário, conforme Welker (2004, p. 131): diatópicas, diacrônicas, diaintegrativas, diamediais, diastrásticas, diafásicas, diatextuais, diatécnicas, diafrequentes, diaevaluativas, dianormativas.

Essas marcas de uso servem-se aos estudiosos da análise linguística de informação para quem está observando algum fenômeno linguístico específico. Os lexemas selecionados possuem marcas de uso, que é uma forma de conhecimento histórico linguístico que esclarece em como era utilizada tal lexia em uma dada época. Mas de forma geral, as marcas por critérios já explicitados não entram no glossário por apresentarmos os lexemas de forma enxuta, direta e simples.

Sobre as abonações, elas são tipicamente exemplificações que geralmente aparecem em dicionários para ilustrar uma entrada. Welker (2004, p. 150) salienta que é comum aparecerem colocações em dicionários, muito embora os especialistas da área não as uniformizem, utilizando frases, colocações e expressões idiomáticas. Existe uma concepção, sobre abonações, que Welker (2004, p. 150) diz ser “frase ou trecho de frase encontrada em um texto autêntico”. No Houaiss eletrônico (2009) encontramos “comprovar ou autorizar, por citação de trecho de autor consagrado, a existência e o bom uso [...]”. Aqui no presente trabalho utilizaremos exemplo autêntico retirado diretamente do *corpus* que é a obra *Cascalho* (SALES, 2011), de modo a explicitar bem o sentido ou uso da palavra.

Vale ressaltar que existirão abonações em que por mais que prolongue o contexto, só será possível entender o significado da lexia dentro de um contexto mais amplo, que é a leitura do romance integral. Acontece também que existem abonações que não trazem nenhum elemento esclarecedor do lexema, por mais que se amplie o contexto. O leitor terá de utilizar suas habilidades interpretativas e com o auxílio do significado do lexema ter a visão de tal sentença. É o que acontece em “bananeira que já deu cacho” e “Joaquim-madrugada” que mesmo em um contexto amplo, só se compreende a partir da significação.

Outro ponto que vale ressaltar é que as abonações em grande parte são obsoletas do ponto de vista de seu uso na atualidade. Como já foi explicado, não atemos quanto à funcionalidade do lexema para época atual, mas em registrar a história linguística de um momento pretérito. Welker (2004, p. 160-161) aconselha ainda que abonações longas são desnecessárias e que podem pela sua extensão não esclarecer o lexema e desviar a atenção do leitor para outras palavras que não tem a ver com a lexia naquele momento. Logo, iremos dosar de maneira cautelosa a extensão do abono em uma medida que serve ao estudo linguístico presente. O que encontraremos é o necessário e suficiente para ilustrar a entrada. E, por conseguinte, existem lexemas que ocorrem apenas uma vez no corpo da obra, ou seja, apenas uma abonação, logo uma frequência. E que acontecem também abonações que servem para mais de uma entrada.

Outro elemento que entra no glossário são as remissões que são denominadas de medioestrutura conforme Welker (2004, p. 177), perfazendo parte integrante da macroestrutura e microestrutura dos dicionários. Não iremos aqui abordar todas as nuances que envolvem as remissões. Aqui, no presente trabalho é utilizado como nota de rodapé remetendo para algumas fontes onde foram colhidas informações para algumas entradas. Algumas dessas informações são oriundas dos trabalhos desenvolvidos em dois núcleos de estudos, um deles é o Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD) e o outro é o Núcleo de Estudos do Manuscrito (NEMa) , ambos estão vinculados à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), que trabalham na perspectiva dos estudos do léxico, com fontes manuscritas, sejam literárias ou de natureza documental.

O recurso da remissão está dentro do glossário remetendo a significações já utilizadas em outros trabalhos. Assim, uma das funções das remissões é evitar construir outro significado de um já existente. Logo, utilizaremos em algumas significações um indicador que remeterá a uma nota de rodapé com a abreviatura cf. (conforme), que informará o autor que já trabalhou com aquela determinada lexia. Isso objetiva a uniformizar as entradas não fragmentando informações ou construindo outras diferentes de trabalho já realizado de uma mesma lexia.

Sendo assim, os leitores poderão, por meio das abonações, terem acesso em como os lexemas são empregados dentro do romance. O que se estabelece é a apresentação de um trabalho o mais próximo do ideal lexicográfico que nos fornece abonos e entradas bem alinhadas correspondendo aos critérios propostos. Dessa forma, o *corpus* nos fornece exemplos autênticos cumprindo a finalidade das abonações, que é em auxiliar o leitor na compreensão e emprego do lexema. O caso de nosso trabalho linguístico é verificar o uso de lexemas que representam os aspectos socioculturais da comunidade do garimpo da Chapada Diamantina na Bahia.

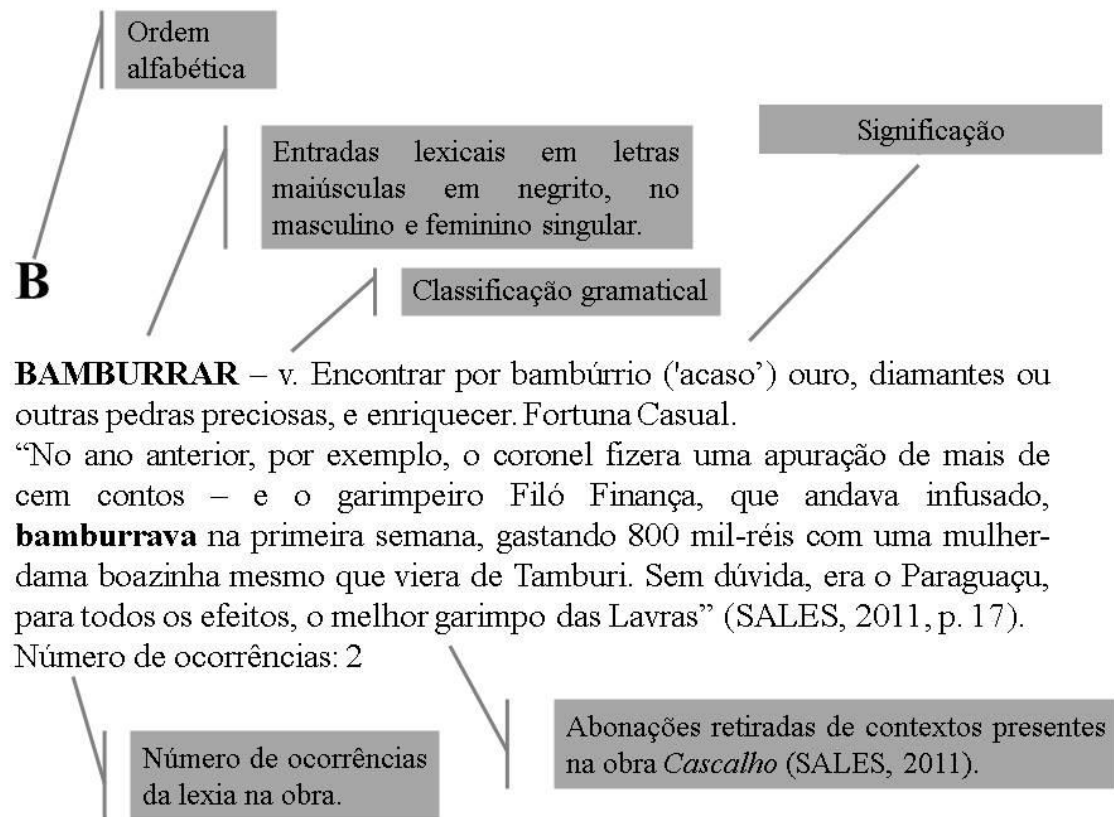
Por fim, os verbetes elencados são um gênero textual que possui um caráter informativo como componente de uma obra lexicográfica, que, por meio de uma exposição sistemática de informações define e descreve o objeto disposto em dicionários ou enciclopédias. Sua organização composicional perfaz um propósito instrutivo sobre lexias catalogadas e organizadas para um determinado fim ou público. A definição de uma lexia equivale a organizá-lo, por base em três componentes essenciais: a entrada, a categoria e a definição. A definição se equipara semanticamente com a lexia, tornando de forma simples, não exaustiva e que esclareça ao usuário.

Metodologicamente, as lexias e expressões são apresentadas da seguinte forma: classificação gramatical, significado e excerto onde aparece a palavra dentro da obra. Além destes, outros critérios de organização estão listados a seguir, segundo teoria lexical de autores já apontados anteriormente. A seguir o resumo de como estão dispostas as lexias catalogadas:

- As entradas estão ordenadas semasiologicamente destacadas em letras maiúsculas e em negrito;
- De forma abreviada informa-se a classe gramatical a que pertence à entrada. Os significados das abreviaturas estão em uma lista no início do trabalho;
- A definição de cada lexia, em análise, é dada conforme aparece no contexto, extraído da obra;
- As abonações são extraídas do romance *Cascalho* (SALES, 2011) e disponibilizadas logo abaixo da definição por meio de aspas, a lexia estará em negrito como destaque;
- A abonação terá indicação onde se encontra no romance seguindo o critério de autor, ano e página do livro;
- Teremos apenas uma abonação para cada entrada;
- Após abonação indicaremos o número de ocorrências que a lexia aparece na obra *Cascalho* (SALES, 2011).

Dentro desse plano, o aspecto linguístico semântico passou por algumas etapas, a saber: a definição da unidade lexical e a abonação. Sendo assim, realizamos o estudo dos campos lexicais apresentando lexias contidas no universo regional da obra *Cascalho* (SALES, 2011) e, ao mesmo tempo, apresentamos expressões e termos distintivos da linguagem popular utilizados pelas personagens no romance, os quais fazem parte de um regionalismo, da segunda metade do século XX, característico da Chapada Diamantina-Ba onde se passa a obra herbertiana.

Figura 7: Exemplo de verbete adotado.



Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

5 APURAÇÃO: AS DISCUSSÕES E OS RESULTADOS DOS DIAMANTES LEXICAIS

A etapa final do processo de garimpagem denomina-se apuração. Todos os serviços do garimpo conduzem a esta operação, que após vários procedimentos chega-se ao momento de perscrutar os resultados do trabalho desenvolvido. É a “lavagem do cascalho” (SALES, 1955, p. 29) ou como se diz “apuração do esmeril”. O garimpeiro, com as pontas dos dedos, revolve os seixos observando atentamente o encontro da pedra estimada, trabalha com a bateia em movimentos circulares de forma rápida ou lenta, para “puxar” o diamante. A sua visão é extremamente exigida nessa parte do trabalho. É o momento de intensa concentração com a bateia exposta à luz do sol para fazer reluzir o diamante, facilitando sua identificação. O encontro de cascalhos específicos, chamado de “informações”, indica o sucesso da empreitada. Ao encontrar um diamante, este passa para o picuá e a apuração prossegue no intuito de encontrar mais pedras. Terminada a apuração, e encontrado o diamante, o garimpeiro bamburrou.

Procuramos, no levantamento das lexias existentes na obra *Cascalho* (SALES, 2011), realizado de forma prescritível, relacionar com os aspectos socioculturais de acordo com a proposição metodológica. Conforme a metodologia de Coseriu (1977), estas lexias foram estruturadas em macrocampos e microcampos, segundo os apontamentos explicitados na seção anterior. Procedemos, dessa maneira, apresentação, análise e elucidação de cada campo para compreendermos o léxico de *Cascalho* (SALES, 2011). Portanto, aqui são veiculadas informações relevantes de caráter sociocultural sobre cada campo lexical e suas inferências sobre esse linguajar peculiar da Chapada Diamantina, na Bahia. Esta seção dissertativa está arrolada em 370 lexias.

A definição das lexias segue as orientações de Borda (2003), Barros (2004) e Welker (2004), que apontam para uma tipologia básica em obras lexicográficas, as quais devem exprimir informações objetivas referindo-se a explicações descritivas de forma “prática e didática” (BARROS, 2004, p. 159). Temos o entendimento que existem várias abordagens sobre o quesito definição, sendo um tema complexo e não definitivo nas discussões lexicográficas. Aqui optamos por seguir uma linha que contemple a palavra com acepção de sentido específico de um domínio regional (Chapada Diamantina) e para alguns casos de domínio terminológico (Garimpo/mineração).

Importante ressaltar que dentro dessas perspectivas não é pretensão apresentar as definições de forma exaustiva, mas a particularidade linguística de uma região viabilizando o

conhecimento sociocultural de aspectos dentro de uma espacialidade e temporalidade estabelecidas pelo *corpus*. Os verbetes agrupados em ordem alfabética seguidos de indicação da categoria gramatical, definição e abonações extraídas do *corpus* contribuem para um glossário de modo que identifique as características essenciais para compreensão sociocultural da Chapada Diamantina.

Queremos ressaltar que alguns macrocampos e microcampos são rerepresentações do trabalho anterior nosso, Ribeiro (2017), isso porque estamos ampliando e aprofundando a análise das lexias selecionadas. A ampliação se dá por termos realizado, neste trabalho, uma prospecção mais atenta voltando ao *corpus* e detectando outras lexias, redescobrimos mais elementos socioculturais relacionados à língua. Foram relançados pela melhoria da perspectiva e amadurecimento de conceitos e posicionamento em relação ao objeto de estudo em um lastro mais consistente em sua teoria e metodologia. Para isso, consideramos esses macrocampos, microcampos e lexias significativas às necessidades do presente trabalho.

As motivações dos signos linguísticos do garimpo são de ordem interna e externa, ou seja, algumas lexias são motivadas dentro do próprio sistema linguístico, a partir de relações de palavras já existentes na língua em uso, enquanto outras lexias possuem caráter externo de transferência semântica. Essas alterações, embora sejam de perspectiva diacrônica não analisada neste trabalho, pois não estamos observando a mudança linguística, apontamos apenas em como essas alterações podem ser observadas pela sucessão que foram submetidas. O ponto que queremos chegar é que, fatores socioculturais e até mesmo naturais determinaram e motivaram o surgimento dessas palavras no seio da comunidade estudada. A própria comunidade das lavras foi o agente criador no decurso do tempo para formação de seu léxico, a língua passou por processos históricos, sociais e culturais que geraram tal qual se encontra no *corpus*.

Numa perspectiva sincrônica, que é a abordagem do presente trabalho, observamos a comunidade das lavras sendo descrita e apresentada por meio das lexias. Estas, por sua vez, foram forjadas pelos sujeitos em sociedade em consonância à sua cultura em torno do garimpo. No interior de sua comunidade, nas relações interpessoais, o acúmulo de conhecimento sobre seu ambiente foi fator crucial conjuntamente com a cultura. Logo, as lexias para nomear as ferramentas, locais de trabalho, os qualificadores, sobretudo, dentre outros comprovam a especificidade do vocabulário constante na obra *Cascalho* (SALES, 2011).

Assim, o quadro a seguir oferece, a fim de possibilitar o entendimento, a organização dos macrocampos e microcampos, totalizando 370 lexias.

Quadro 2: Listagem dos macrocampos e microcampos lexicais em *Cascalho* (2011) com total de lexias.

DIAMANTES LEXICAIS: GARIMPANDO O VOCABULÁRIO DO ROMANCE CASCALHO DE HERBERTO SALES		
MACROCAMPOS	MICROCAMPOS	Total de lexias
Do espaço geográfico	Cidades e povoações, ruas e bairros, localizações.	30
Da natureza	Rios, cachoeiras e afins, fenômenos da natureza, flora, fauna.	98
Das lavras	Ferramentas e equivalentes, profissões e trabalho, serviços e afins, diamantes e afins, formações geológicas e cascalhos, taxas, habitação e apetrechos.	108
Da alimentação	Utensílios de cozinha, pratos crus, cozidos e assados, das bebidas, dos doces e salgados.	25
Das indumentárias	Roupas de cama, vestimentas, acessórios e generalidades.	18
Dos armamentos	Armas de fogo, armas brancas.	14
Da religiosidade e manifestações populares	Divindades, festas e manifestações populares, livros e rezas.	13
Da sexualidade e do corpo	Partes do corpo, órgãos sexuais, doenças sexuais, relações íntimas afetivas.	21
Dos qualificadores	Masculinos, femininos, infantis.	43
Total Geral de Lexias	370	

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Colocamos também como exemplificação uma ficha lexicográfica preenchida como forma de organização de dados lexicais que pode ser contemplada em trabalhos futuros utilizando um *corpora* (romances que tratam da Chapada Diamantina de diversas épocas). A ficha lexicográfica destina-se às unidades lexicais utilizando assim, um modelo de ficha, embora não descartamos outros modelos para registrar as informações referentes a um determinado campo lexical. Os campos que se apresentam na ficha são: unidade lexical, categoria gramatical, definição, abonação, fonte e ocorrência. O que engloba toda estrutura da entrada do glossário dos macrocampos e microcampos em que se pauta o presente trabalho.

Quadro 3: Exemplo de ficha lexicográfica.

FICHA LEXICOGRÁFICA	
Unidade lexical	Bamburrar
Categoria gramatical	Verbo
Definição	Encontrar por bambúrrio ('acaso') ouro, diamantes ou outras pedras preciosas, e enriquecer. Fortuna Casual.
Abonação	No ano anterior, por exemplo, o coronel fizera uma apuração de mais de cem contos — e o garimpeiro Filó Finança, que andava infusado, bamburrara na primeira semana, gastando 800 mil-réis com uma mulher-dama boazinha mesmo que viera de Tamburi. Sem dúvida, era o Paraguaçu, para todos os efeitos, o melhor garimpo das Lavras.
Fonte	SALES, Herberto. Cascalho . 11. ed. São Paulo: É Realizações Editora, 2011. p. 17.
Número de ocorrências	2

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

5.1 MACROCAMPO LEXICAL DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

O termo espaço geográfico é um conceito polissêmico dentro da Geografia, o que gerou e ainda recaem amplos debates sobre a temática. De um modo particular o termo está associado pela natureza e pelas marcas deixadas pelo homem na superfície da Terra (CÔRREA, 2000, p. 15). O conceito de espaço geográfico perpassa diferentes concepções estabelecidas por correntes de pensamentos e posturas que o respalda e referencia. O amplo debate conceitual abre um leque de opções e, assim, permite o avanço da epistemologia de sua ciência. Não iremos nos deter em cada corrente e seus debates, pois isso demandaria uma ampla discussão, mas ressaltar pontos que justificam o macrocampo lexical e seus microcampos do espaço geográfico dentro de nosso trabalho.

Sendo assim, a geografia tradicional, vinculada ao positivismo e historicismo do século XIX, atribuiu o espaço geográfico com os conceitos de paisagem e região. Dessa forma “os debates incluíam os conceitos de paisagem, região natural e região-paisagem, assim como, os de paisagem cultural, gênero de vida e diferenciação de áreas” (CÔRREA, 2000, p. 17). Todos esses aspectos associados às atividades dos homens e seus fluxos tendo como base as condições de trabalho como elemento de domínio do espaço. Com isso, a apropriação do espaço da Chapada Diamantina na Bahia, como conhecemos hoje, ocorreu em função da exploração do garimpo. O espaço foi ocupado, nomeado/rotulado em função do usufruto de seus recursos naturais, as experiências, o trabalho, todas as práticas humanas, todas as dimensões da vida associam-se à exploração da área em função do garimpo.

Em outro patamar, Milton Santos (2006), adepto da geografia crítica, que está fundada no materialismo histórico e na dialética, discute o espaço geográfico discernindo ação e objetos geográficos dispostos na Terra, sejam móveis ou imóveis (uma cidade, uma estrada, um rio, uma montanha, plantação etc.). Esses objetos são diversificados e fazem parte de uma herança da história natural da humanidade. Os objetos se conjugam com as ações da humanidade no sentido de construir e transformar esse espaço. A mudança do espaço geográfico ocorre, segundo a visão de Santos (2006), por meio de sistemas de ações dentro das relações sociais de produção.

Assim, existe uma distinção dentro do espaço geográfico sendo que, no dinamismo espacial há uma elaboração social (uma cidade, uma estrada, um garimpo) e obras da natureza (uma montanha, um rio, uma cachoeira) em que ambos fazem parte do mesmo espaço. Como afirma Santos (2006, p. 56), “O espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido”. O espaço é entendido como espaço social correlacionado com as práticas sociais; é o lugar da reprodução das relações sociais de produção (CÔRREIA, 2000, 26). Em suma, sociedade e espaço não estão separados, a formação do lugar é sócio espacial. Essa conceituação difere da geografia tradicional por discutir o espaço como fator social e não um reflexo da sociedade.

Como já salientado, existe uma epistemologia do espaço geográfico de várias vertentes, aqui elucidamos a conceituação tradicional (CÔRREA, 2000) e a crítica de Santos (2006), mas reconhecendo que existem outras (humanista e cultural), e que, no momento, não aprofundaremos esse debate. Portanto, dentro do conceito de espaço geográfico existe um consenso entendido como lugar da intervenção humana sobre o meio. Por isso, no macrocampo do espaço geográfico, mostramos elementos e aspectos existentes na paisagem da Chapada Diamantina, na Bahia, e outros relacionados na perspectiva da intervenção humana, mesmo nos elementos da natureza existe essa intervenção nas nomeações desses elementos. É uma forma de domínio e ocupação dos espaços delimitados de forma linguística. Esses elementos correspondem aos meios utilizados e transformados pela intervenção humana dentro de seu espaço em um ato entrelaçado entre sociedade e meio natural.

A Chapada Diamantina, na Bahia, abrange inúmeros espaços, é a dimensão da existência das lavras resultado da intervenção humana nos níveis econômicos, sociais, culturais e históricos. Dessa forma, o espaço geográfico corrobora para uma característica interdisciplinar que favorece uma gama de conhecimentos para além da disciplina linguística. Assim, a construção da realidade perpassa pelo espaço geográfico, lugar primeiro de contato do homem com o meio ambiente. O estabelecimento da linguagem do espaço ocupado

concorre para um conjunto de aspetos elencados aqui, sejam estes físicos (rios, cachoeiras etc.) ou de natureza toponímica (cidades, ruas, bairros etc.). Estamos estabelecendo traços significativos na forma lexical de um espaço geográfico ocupado e inventariado de uma comunidade, abarcando um repositório lexical de uma sociedade.

Assim, das motivações o interesse social pelo garimpo e a cultura sertaneja interiorana influenciou a um direcionamento lexical seguindo a ordem do trabalho, da cultura e das relações sociais estabelecidas. O que decisivamente remete a essas características citadas, contribuindo diretamente para o léxico desse espaço. Mesmo que as práticas garimpeiras estejam extintas hoje em dia, que o sentido de interior esteja em transformação pelo encurtamento das comunicações e acessos facilitados, ainda prevalece a informação semântica de um tempo pretérito valorizado.

Ressaltamos ainda, que essa parte do garimpo lexical recai de alguma forma na Onomástica, que estuda as lexias dos nomes próprios, no nosso caso, nome de lugares (Toponímia). Esses elementos linguísticos preservam em seu invólucro lexical fatos culturais do espaço geográfico servindo de testemunho linguístico da história do lugar. Por isso, a justificativa de se elencar o espaço geográfico da Chapada Diamantina.

5.1.1 MICROCAMPO DAS CIDADES E POVOAÇÕES

ANDARAÍ – s. m. Município brasileiro do Estado da Bahia localizado na Chapada Diamantina, que tem sua origem relacionada ao garimpo de diamantes.

“Os garimpeiros que tinham de ir para **Andaraí** aguardavam que as águas do rio baixassem, sem o que não poderiam atravessar para a Vitória. Nem era bom pensar em vau, e não havia braço humano que pudesse governar, com o rio tão cheio, o ajoujo das travessias normais.” (SALES, 2011, p. 41).

Número de ocorrências: 73.

COXÓ – s. m. Povoado localizado em Seabra, na Bahia, que antes se chamava Cochó do Malheiro.

“Haviam lutado juntos nos barulhos do **Coxó**, mas sempre lhe votara grande antipatia. Não porque tivesse medo dele; não. Não tinha medo dele. Era homem para enfrentar dois Zé de Peixoto” (SALES, 2011, p. 40).

Número de ocorrências: 9.

FEIRA DE SANTANA – s. m. Município brasileiro do Estado da Bahia situado a 108 quilômetros da capital, Salvador.

“— Eu ainda conheci uma filha dele fazendo vida na Rua das Barricas — declarou Zé do Fumo. — Era Elvirinha — explicou a velha Do Ouro. — A que tocava piano. As outras também se perderam, mas foram pra **Feira de Santana** com d. Almira — esclareceu.” (SALES, 2011, p. 85).

Número de ocorrências: 9.

ITAETÊ – s. m. Município brasileiro do Estado da Bahia localizado na Chapada Diamantina-Ba, desmembrado de Andaraí em 1961.

“Ao fazê-lo, porém, verificava tratar-se ora de algum carregador de adobes ou de lenha, com os seus vagarosos jumentos, ora de algum tropeiro que se antecipava à feira, e não dos tão esperados burros que transportavam as malas postais de **Itaetê** a Andaraí.” (SALES, 2011, p. 201).

Número de ocorrências: 9.

JUSSIAPE – s. m. Município brasileiro do Estado da Bahia, localizado na Chapada Diamantina.

“Talvez fosse Eleutério com o seu carregamento de cachaça, ou Nezinho de seu Filotas trazendo carne-seca de **Jussiape**” (SALES, 2011, p. 51).

Número de ocorrências: 1.

LENÇÓIS – s. m. Município brasileiro do Estado da Bahia, localizado na Chapada Diamantina, cuja origem está relacionada ao garimpo de diamantes.

“— Filó tem razão aparteou com alvoroço um garimpeiro de **Lençóis**. — Garimpo, apesar de tudo, é muito melhor do que roça. Nem tem termo de comparação, Silvério.” (SALES, 2011, p. 74).

Número de ocorrências: 17.

MATO GROSSO – s. m. Distrito localizado no município de Rio de Contas, na Chapada Diamantina-Ba.

“— Meu sócio também cortou um doze — declarou outro. — E eu, que estava com o sentido no bambúrrio pra ir ver minha mãe em **Mato Grosso**, vou ver agora eu sei o que é” (SALES, 2011, p. 26).

Número de ocorrências: 1.

MUCUJÊ – s. m. Município brasileiro do Estado da Bahia, localizado na Chapada Diamantina, cuja origem está relacionada ao garimpo de diamantes.

“— A pedra ficou mais de um mês em cima da mesa de seu Bacelar, servindo de peso de papel. Quando foi um dia, seu César de **Mucujê** entrou lá e disse: “Mas compadre, como é que você tem coragem de deixar à toa um carbonato desse tamanho?”. Seu Bacelar quase cai pra trás” (SALES, 2001, p. 221).

Número de ocorrências: 5.

PALMEIRAS – s. m. Município brasileiro do Estado da Bahia, localizado na Chapada Diamantina.

“— Ela era lavadeira — prosseguiu. — Arranjava os seus 40 mil-réis por mês com as freguesias que tinha. Mas o que é que ela podia fazer com esse dinheiro? Meu pai, antes de ir para **Palmeiras**, havia feito um rancho para nós no Tomba-Surrão” (SALES, 2011, p. 109).

Número de ocorrências: 9.

PASSAGEM – s. m. Povoado localizado no município de Andaraí-Ba, às margens do rio Paraguaçu que foi um grande centro de comércio, no auge da exploração do diamante.

“No povoado da **Passagem**, à margem do Rio Paraguaçu agora de monte em monte, rajadas de vento cortavam de alto a baixo as ruas ermas, quando os garimpeiros, em lúgubre vozerio,

irromperam pela praça alagada com enxurradas descendo para o areão.” (SALES, 2011, p. 15).

Número de ocorrências: 46.

PIRANHAS – s. f. Povoado localizado no município de Andaraí-Ba.

“Por volta das nove, já não havia ninguém, e Peba apareceu. Era um mulato de cara gorda, banguela, apontado como autor de duas mortes bárbaras em **Piranhas**” (SALES, 2011, p. 66).

Número de ocorrências: 18.

RIO DE CONTAS – s. m. Município brasileiros do Estado da Bahia, localizado na Chapada Diamantina-Ba.

“— É — prosseguiu a velha. — Aliás, nesse particular, eu posso garantir porque vi. Vocês sabem, eu nunca fiz segredo da minha vida, que me botaram esse apelido por causa dos anéis de ouro que eu trouxe do **Rio de Contas**” (SALES, 2011, p.83, 84).

Número de ocorrências: 1.

TAMBURI – s. m. Povoado pertencente ao município de Maracás-Ba, que foi desmembrado e passou a chamar-se Marcionílio Souza.

“No ano anterior, por exemplo, o coronel fizera uma apuração de mais de cem contos — e o garimpeiro Filó Finança, que andava infusado, bamburrara na primeira semana, gastando 800 mil-réis com uma mulher-dama boazinha mesmo que viera de **Tamburi**” (SALES, 2011, p. 17).

Número de ocorrências: 1.

XIQUE-XIQUE – s. m. Distrito localizado em Andaraí-Ba hoje conhecido como Igatu.

“Certa noite, depois de terem os garimpeiros falado de um cabra valente que urinara no chapéu de seu Aurino, o maior comprador de diamantes de **Xique-Xique** um homem voltou-se para ele e lhe disse que o tal cabra tinha sido seu pai” (SALES, 2011, p. 46).

Número de ocorrências: 5.

5.1.2 MICROCAMPO DAS RUAS E BAIRROS

JAQUEIRA – s. m. Logradouro, localizado em Andaraí-Ba.

“E é vem gente, é vem gente que até parece um mar humano, garimpeiros das Casas-Grandes, da Boca da Gruna, do Imbé, da Boa Noite, do Rapa-Tiçã, da Santa Bárbara, da **Jaqueira**, do Ribimba, dos Sete Pecados, das Barricas, do Buxo, do Sossego, do Bugalhau, de tudo quanto é rua, com sacos na mão para fazer o saco” (SALES, 2011, p. 89).

RAPA-TIÇÃ – s. m. Logradouro, localizado em Andaraí.

“A rua do Ribimba era continuação da do **Rapa-Tiçã**. Antigamente acabava naquela casa grande da ladeira. Mas depois homens que procuravam trabalho, homens pobres traídos pelas notícias dos garimpos ricos, e o Ribimba crescendo, com os seus casebres trepando pelo barranco como um rebanho de cabras” (SALES, 2011, p. 68).

Número de ocorrências: 6.

RIBIMBA – s. f. Logradouro, localizado em Andaraí-Ba.

“Entretanto, se o **Ribimba** crescia e estirava suas ruas de casas de palha por onde antigamente era mato fechado, um lado do barranco continuava despovoado. Era aquele lado de cima,

onde ficava o chalé de seu Durães com o seu oitão caindo o reboco, com as suas paredes rajadas de goteiras, com os seus morcegos, com a sua varanda coberta de ervas daninhas.” (SALES, 2011, p. 70).

Número de ocorrências: 27.

SANTA BÁRBARA – s. m. Logradouro, localizado em Andaraí-Ba.

“E é vem gente, é vem gente que até parece um mar humano, garimpeiros das Casas-Grandes, da Boca da Gruna, do Imbé, da Boa Noite, do Rapa-Tiçã, da **Santa Bárbara**, da Jaqueira, do Ribimba, dos Sete Pecados, das Barricas, do Buxo, do Sossego, do Bugalhau, de tudo quanto é rua, com sacos na mão para fazer o saco” (SALES, 2011, p. 89).

Número de ocorrências: 6.

5.1.3 MICROCAMPO DAS LOCALIZAÇÕES

BACIA DOS NAGÔS – loc. subst. Localidade das lavras onde se encontrava grande quantidade de diamantes.

“Fazia pouco tempo. Todos se lembravam: era um simples meia-praça que andava virando montoeira na **Bacia dos Nagôs**” (SALES, 2011, p. 64).

Número de ocorrências: 1.

BOCA DA GRUNA – loc. subst. Escavação funda feita pelos garimpeiros nos terrenos diamantíferos.

“Na farmácia de Carvalhal, na loja de Benigno Carregosa, no bilhar de Ziu, nas bibocas do Rapa-Tiçã e da Santa Bárbara, nas casas das mulheres-damas e nos caminhos da serra, nos grupos reunidos debaixo da jaqueira e nos passeios das casas comerciais, na porta da igreja e debaixo das pontes, nos banhos da **Boca da Gruna** e nos churrascos de Pereirinha, à meia-noite, no Remanso — comentou-se largamente o episódio da Passagem: — O negro é raçado mesmo” (SALES, 2011, p. 54).

Número de ocorrências: 2.

BOCA DA MATA – loc. subst. Lugar de entrada, de acesso à mata. Geralmente com uma estrada cercada, dos dois lados, por uma floresta.

“Logo depois, os cavaleiros desapareciam na **boca da mata**. Na encruzilhada o grupo subdividiu-se. Nenzinha, Atanásia, Justino seguiram para a Santa Luzia; o coronel e João Vaqueiro” (SALES, 2011, p. 44).

Número de ocorrências: 1.

CABELO DA RODA – loc. subst. Poço em forma circular de grande profundidade onde se exploravam diamantes.

“Todavia, para não falar no Poço da Donana e de outros poços ricos que desafiavam, pela sua profundidade, os rudimentares processos de mineração ali empregados, restavam pródigos ajogos como o do **Cabelo da Roda**, onde eram encontrados os diamantes matemáticos do cascalho balinha” (SALES, 2011, p. 17).

Número de ocorrências: 1.

CAMPOS DE SÃO JOÃO – loc. subst. Localidade do município de Palmeiras-Ba.

“Deixe lá que a carne frescal dos **Campos de São João** ia quebrar muito com semelhante sol, e por isso tinham que subir o preço no retalho, do mesmo modo que o toucinho, toucinhão de palmo, agora perdendo peso nos fardos que engorduravam o calçamento” (SALES, 2011, p. 89).

Número de ocorrências: 2.

CORADOURO – s. m. Local ao ar livre, onde se estende as roupas recém-lavadas.

“E os dois desceram a ladeira com destino ao cabaré de Felícia. Do outro lado do rio — a cidade era um **coradouro** imenso, com a lua estendendo lençóis nos oitões caiados” (SALES, 2011, p. 68).

Número de ocorrências: 1.

ESTRADA DOS BICHINHOS – s. f. Estrada próxima ao cemitério da Piedade; do outro lado do Rio Baiano, que fica localizado na cidade de Andaraí-Ba.

“Acabavam de dar sete horas. Como era noite de lua, os meninos corriam picula no Ribimba, escondidos na mata de comboatá e velame da **estrada dos Bichinhos**, ou atrás das pedras. Chegava até ali a gritaria deles.” (SALES, 2011, p. 54, 55).

Número de ocorrências: 3.

LAVRAS – s. f. Localidade onde se concentra o garimpo; Região de mineração³.

“Era uma mulata fornida de carnes, que fazia vida em várias localidades das **Lavras**, o que não a impedia de demorar-se, às vezes, uma ou duas semanas na Passagem. Nessas ocasiões, valia-se o pequeno Zé da proteção da prima, que tudo fazia por ele” (SALES, 2011, p. 47).

Número de ocorrências: 45.

MÃE DO POVO – s. f. Gruta onde se extraía cascalho na Chapada Diamantina.

“– Nem bosta de barata é informação de cascalho pobre. Aqui no Paraguaçu, é; mas na **Mãe do Povo**, por exemplo, é informação de cascalho rico” (SALES, 2011, p. 43).

Número de ocorrências: 6.

SANTA LUZIA – loc. subst. Propriedade rural de dimensões consideráveis, de lavouras ou criação de gado localizado no município de Andaraí-Ba.

“Na escuridão, esperava pelo cantar do galo anunciando a madrugada, quando devia levantar-se para pegar os animais que tinha de levar à fazenda **Santa Luzia**: esforçava-se por concentrar o pensamento na ordem que recebera do coronel.” (SALES, 2011, p. 299).

Número de ocorrências: 4.

SÃO PEDRO – loc. subst. Propriedade rural de dimensões consideráveis, de lavouras ou criação de gado localizado no município de Andaraí-Ba.

“Como de costume, instalou-se na casa que pertencera à velha Chiquinha — urna casa térrea, de calçada alta, que ficava bem na entrada da praça. Nenzinha, sua amásia, viera com ele, e d. Santa, sua esposa, ficara na **São Pedro** — fazenda onde ele residia, e que distava poucas léguas dali.” (SALES, 2011, p. 18).

Número de ocorrências: 19.

VAI-QUEM-QUER – loc. subst. Antigo local de extração de diamantes em Andaraí-Ba.

³ Cf. Oliveira, 2008, p. 56.

“– Sim, quem tem sorte é você, que pegou uma lasca com dois grãos no **Vai-Quem-Quer**. Neco soltou uma gargalhada e Agenor guardou um silêncio mais significativo do que um nome feio” (SALES, 2011, p. 103).

Número de ocorrências: 1.

Quadro 4: Listagem das lexias constantes no macrocampo do espaço geográfico e seus microcampos.

MACROCAMPO	MICROCAMPOS E LEXIAS	Total de lexias
Do Espaço Geográfico	Das cidades e povoações: Andaraí, Coxó, Feira de Santana, Itaetê, Jussiapé, Lençóis, Mato Grosso, Mucujê, Palmeiras, Passagem, Piranhas, Rio de Contas, Tamburi, Xique-Xique. Das ruas e bairros: Jaqueira, Rapa-Tiçã, Ribimba, Santa Bárbara. Das localizações: Bacia dos Nagôs, Boca da Gruna, Boca da Mata, Cabelo da Roda, Campos de São João, Coradouro, Estrada dos Bichinhos, Lavras, Mãe do Povo, Santa Luzia, São Pedro, Vai-quem-quer.	30

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

5.2 MACROCAMPO LEXICAL DA NATUREZA

Existe uma linha tênue entre o macrocampo lexical do espaço geográfico e o macrocampo da natureza, isso porque possuem uma relação intrínseca em que o espaço geográfico é também o espaço da natureza e seus fenômenos. A dependência da sociedade garimpeira para com a natureza é de uma comunhão que influencia diretamente no léxico local. Assim, a hidrografia, os fenômenos da natureza, a flora, a fauna são marcadamente significativos nos falares da Chapada Diamantina.

Ainda sobre essa relação do espaço geográfico e a natureza, o espaço é o meio em que se passam os fenômenos e se vive os seres, assim, ambos se relacionam. A diferença entre os macrocampos está em sua forma de organização, no espaço geográfico estabelecemos as formas sociais mais afetadas pela ação do homem que são as cidades, povoações e locais de trabalho. Enquanto que, no macrocampo lexical da natureza catalogamos as lexicais que envolvem o meio natural. Decerto, o meio físico geográfico possui os elementos que o compõe, isso inclui tanto os elementos do macrocampo lexical do espaço geográfico como o macrocampo da natureza. O que estabelecemos são formas de organização, sendo que os

elementos mais próximos do social, da intervenção humana estão agrupados em um macrocampo e os elementos que tratam da biodiversidade, do clima, dos fenômenos naturais em outro agrupamento.

O macrocampo da natureza é constituído pelos microcampos dos rios, cachoeiras e afins, fenômenos da natureza, da flora e da fauna, tendo em vista que o bioma da Chapada Diamantina é representado no romance *Cascalho* (SALES, 2011) de forma verossímil. O autor tratou mediante o léxico revelar a paisagem do garimpo de forma rica e em seus detalhes, sem perder de vista o contexto histórico-social. O léxico de *Cascalho* (SALES, 2011) obrigatoriamente perpassa o espaço geográfico e também sua natureza. Os itens dos fenômenos naturais, da flora e da fauna chamam a atenção por serem parte integrante do homem em seu meio. Mostram a capacidade do garimpeiro de adaptação, pois, o garimpo é o seu mundo e para isso ele precisa se apossar de todo o conhecimento sobre seu clima, seus fenômenos, sua flora e sua fauna. Conhecimento este que lhe auxilia na sua sobrevivência e contato entre o meio e o homem. Essa constância do autor em apresentar a natureza revela sua intencionalidade de expor de forma grandiosa em como a Chapada Diamantina é peculiar na exuberância dos biomas brasileiros.

O meio ambiente é um universo em comum com a comunidade do garimpo por isso não poderia ficar de fora. O léxico pode em muito contribuir para desvendar os modos de vida, sua cultura e sociedade, mas o léxico de seu bioma também demonstra pela língua todo um conhecimento adquirido do seu entorno natural peculiar, em como foi classificado. Desse modo, elencamos as mais significativas lexias, as quais revelam aspectos constituintes do acervo vocabular da comunidade das lavras. Essas lexias são descritas pelos narradores, sem a sistematização científica em seus nomes, concebidas de forma popular pelo povo, as quais avultam suas crenças e a experiência vivida com o espaço natural.

5.2.1 MICROCAMPO DOS RIOS, CACHOEIRAS E AFINS

BOCA DO TANQUE – loc. subst. Saída de água das tampas das comportas.

“Então um companheiro de toca lhe respondera: "Você está bancando o curau?" — E explicara: "E só assuntar quando o martim-pescador sobe o rio, rapaz. Primeiro ele desce pra ir buscar a companheira, depois volta e vai abrir a **boca do tanque**. Quando desce de novo, já é com a cheia encostada. Fica então cantando nas gameleiras: "Este ano não tira mais! Não tira mais cascalho! Este ano não tira mais!" Portanto, fique prevenido: quando ele subir o rio pela segunda vez — é avexar o pau dia e noite, porque a enchente é certa".” (SALES, 2011, p. 24).

Número de ocorrências: 2.

CABECEIRA – s. f. Nascente de um rio.

“Do céu escuro, com a armação que houve de uma hora para outra, as águas caíram de uma vez nas **cabeceiras** distantes. E inundando talhados, catas e grunas, carregaram pela noite adentro os paióis de cascalho.” (SALES, 2011, p. 15).

Número de ocorrências: 3.

CÓRREGO DO PADRE – s. m. Corpo de água corrente de pequeno porte.

“Mas um velho garimpeiro, conversando no **Córrego do Padre**, mostrou-se pessimista. Disse: — Desta vez, ele pode encomendar a mortalha” (SALES, 2011, p. 54).

Número de ocorrências: 1.

RIO BAIANO – s. m. Afluente do rio Paraguaçu.

“— Você é dos tais que gostam de trabalhar no cheiro do torresmo? — respondeu Pebá, andando sempre. — Está que nem Curuba, que fica puxando lavagem no **Rio Baiano** e restringando em fundo de quintal? Deixe isso pra ele” (SALES, 2011, p. 99).

Número de ocorrências: 2.

RIO GAFANHOTO – s. m. Afluente do rio Paraguaçu.

“Entre os poços de água podre do areão e as mangueiras de um grande e sombrio quintal murado — erguia-se a casa do juiz. Ficava perto, ali mesmo na Rua da Ilha, e era ampla, rodeada de janelas, embora com dois propalados inconvenientes: as cheias do **Rio Gafanhoto** e as muriçocas” (SALES, 2011, p. 176).

Número de ocorrências: 1.

RIO PARAGUAÇU – s. m. Rio que banha o Estado da Bahia, com nascente na Chapada Diamantina⁴.

“No povoado da Passagem, à margem do **Rio Paraguaçu** agora de monte a monte, rajadas de vento cortavam de alto a baixo as ruas ermas, quando os garimpeiros, em lúgubre vozerio, irromperam pela praça alagada com enxurradas descendo para o areão.” (SALES, 2011, p. 15).

Número de ocorrências: 32.

RIO PIABAS – s. m. Rio que corta os municípios de Mucujê e Andaraí, ambos localizados na Bahia, afluente do Rio Paraguaçu.

“— Foi uma coisa à toa. Só se o senhor visse. Eu acho até que foi um ataque que ele teve, assim que nem o finado Flávio, que morreu nas **Piabas**” (SALES, 2011, p. 16).

Número de ocorrências: 2.

RIO SANTO ANTÔNIO – s. m. Afluente do Rio Paraguaçu.

“No passeio de João Febrônio, os peixeiros do **Rio Santo Antônio** expunham à venda os seus cambões de traíras, curimatãs, pirás, cumbás, piranhas, e Joana Magra foi chegando com a carapinha acamada a doses cavaleares de brilhantina, uma bolsa de croché na mão:

— A como está vendendo as traíras? — A 3 mil-réis o mercado — respondeu Antoninho do Peixe” (SALES, 2011, p. 91).

Número de ocorrências: 1.

⁴ Cf. Oliveira, 2008, p. 152.

POÇO DA DONANA – loc. sub. Grande buraco feito por queda d'água, de grande profundidade, que fica localizado no Rio Paraguaçu-Ba onde se exploravam diamantes.

“Todavia, para não falar no **Poço da Donana** e de outros poços ricos que desafiavam, pela sua profundidade, os rudimentares processos de mineração ali empregados, restavam pródigos ajogos como o do Cabelo da Roda, onde eram encontrados os diamantes matemáticos do cascalho balinha.” (SALES, 2011, p. 17).

Número de ocorrências: 2.

VIRIATO – s. m. Cachoeira do Rio Gafanhoto, que é um braço do Rio Baiano, localizado nos entornos de Andaraí-Ba.

“— A salvação é que existe o Paraguaçu. Senão a gente tinha de quebrar a cabeça cora aquelas restingas dos Coqueiros, faiscar no **Viriato**, ou lavar cisco debaixo da ponte, como Manezim Cangula” (SALES, 2011, p. 19).

Número de ocorrências: 3.

5.2.2 MICROCAMPO DOS FENÔMENOS DA NATUREZA

CABEÇA-D'ÁGUA – loc. subst. Aumento rápido e repentino do nível de um rio corrente ou cheio, devido a chuvas nas cabeceiras ou em trechos mais altos e seu percurso.

“Depois passou a explicar ao patrão que os garimpeiros estavam trazendo um companheiro que morrera afogado – “o Raimundo, aquele frente” – na correnteza de uma **cabeça-d'água**” (SALES, 2011, p.15).

Número de ocorrências: 2.

CHEIA DE SANTA LUZIA – loc. subst. Aumento rápido, sazonal ou fortuito, do nível de um curso de água. Ocorre durante o mês de dezembro.

“Durante o período das chuvas, que se prolongava, com intervalos variáveis, de princípios de novembro a fins de março, os garimpeiros eram obrigados a suspender todos os cateamentos. Vinha a **cheia de Santa Luzia**, batiam em retirada para os cascalhões, serviços que eram trabalhados com o aproveitamento das águas nos regos e nas corridas” (SALES, 2011, p. 17).

Número de ocorrências: 1.

ESTIAR – v. Cessar de chover.

“Outro garimpeiro lembrou então que se fizesse urna fogueira — “Vamos aproveitar agora que **estiu**”. A ideia foi acolhida com entusiasmo, e trouxeram lenha imediatamente.” (SALES, 2011, p. 26).

Número de ocorrências: 1.

LEBREIA – s. f. Chuva fina e contínua; chuveiro, garoa, neblina.

“— Mas quer dizer que, quando tem tromba-d'água, o rio enche sem chuva? — indagou um curau que viera do sertão. — Não cai nem neblina? Zé de Peixoto interveio: — Que neblina! Nem neblina nem **lebreia**! E cusbindo grosso: — A enchente vem é com o sol quente, tinindo, de tirar lasca” (SALES, 2011, p. 26).

Número de ocorrências: 1.

LUSCO-FUSCO – s. m. Momento de transição entre o dia e a noite; crepúsculo vespertino; o anoitecer.

“— Mas rapaz, você tem é pontaria! — disse Filó. — Corno é que você conseguiu atirar neste bicho agora no **lusco-fusco**?” (SALES, 2011, p. 103).
Número de ocorrências: 1.

MORMAÇO – s. m. Temperatura abafada, quente.

“A sala de redação de A Evolução estava mergulhada numa bocejante paz com o **mormaço** das duas horas da tarde abrasando o capinzal dos fundos” (SALES, 2011, p. 272).
Número de ocorrências: 1.

REMANSO – s. m. Porção considerável de água que, no mar ou num rio, penetra em recorte curvo do litoral ou da margem e forma uma espécie de pequena enseada tranquila.

“O rio, ao esvaziar-se, formava um **remanso** no meio da vegetação, sobre o qual um espinheiro avançava a galharia baixa. Urna grande pedra, isolando o areão, erguia-se do outro lado como uma muralha: era urna enseada agreste e solitária, cujas águas se engolfavam nas sombras da mata” (SALES, 2011, p. 300).
Número de ocorrências: 3.

SOL A PINO – loc. adj. Dia extremamente quente; sensação térmica muito elevada.

“O **sol estava a pino**. Peba trouxe a meia garrafa de azeite, retirou o sabugo de milho que a arrolhava e, ao fazê-lo, Silvério gritou: — Vocês vão me dar purga? Eu não engoli diamante nenhum, gente!” (SALES, 2011, p. 130).
Número de ocorrências: 1.

TROMBA-D’ÁGUA – s. f. Aumento rápido e repentino do nível de um rio quando chove nas nascentes.

“A pior é a de **tromba-d’água** – disse o garimpeiro Quirino. – Ninguém vê chuva, não cai uma gota d’água, e quando a gente menos espera, de uma hora pra outra, o rio enche e enrasca o serviço todo.” (SALES, 2011, p. 26).
Número de ocorrências: 3.

5.2.3 MICROCAMPO DA FLORA

ANGIQUINHO – s. m. Planta daninha anual que invade lavouras; Presente em todas as regiões do país.

“A fumaça do **angiquinho**, queimando em defumador para afugentar as asas-caídas que não deixavam ninguém dormir, já se tinha desfeito completamente, e agora começava a fazer frio dentro do rancho” (SALES, 2011, p. 107).
Número de ocorrências: 1.

ARRUDA – s. f. Erva de forte odor utilizada para fins medicinais.

“Para mulher parida que não podia comprar Água Inglesa na farmácia, ela tinha aquela velha fórmula tão bem conhecida de Salu: noz-moscada, quitoco, salsa, poejo, losna miúda, **arruda** e cebola branca — tudo pisado e posto de infusão numa garrafa de cachaça” (SALES, 2011, p. 77).
Número de ocorrências: 1.

AZEDINHA – s. f. Erva nativa do Brasil também conhecida por trevinho que cresce em lugares úmidos.

“Caminhando por entre moitas de **azedinha**, entraram em seguida num trecho arenoso da estrada, com um pequeno córrego deslizando sobre pedras recobertas de limo, cujas margens eram recobertas de musgos encharcados” (SALES, 2011, p. 212).

Número de ocorrências: 1.

BABATIMÃ – s. f. Planta nativa do cerrado brasileiro. É uma árvore pequena, de tronco tortuoso, que produz um fruto que é uma vagem grossa, carnuda, com muitas sementes.

“A vegetação baixa acumulava um verde denso na paisagem colorida e áspera, com emburrados de mondubi e rochas talhadas a pique, de cujas arestas pendiam os cachos amarelos das **babatimãs**” (SALES, 2011, p. 96).

Número de ocorrências: 1.

BANANA-BRAVA – s. f. Banana encontrada nos matos, também conhecida como banana de rato, que não deve ser consumida pelos humanos.

“Pelos peraus, alastravam-se em touças os imbezeiros – as **bananas-bravas** encartuchadas nas moitas e o fibroso cordoame dos cipós se estendendo como tentáculos” (SALES, 2011, p. 96).

Número de ocorrências: 1.

BATATA-DA-SERRA – s. f. Raiz tuberosa de uma trepadeira que se desenvolve no solo em algumas serras da Chapada Diamantina, no estado da Bahia. O tubérculo não costuma ser cultivado, mas apenas colhido da natureza.

“E as serras? Em muito garimpo que era rico antigamente, e de onde saiu diamante pra este mundão todo, garimpeiro só está indo hoje pra buscar **batata-da-serra** pra matar a fome” (SALES, 2011, p. 106).

Número de ocorrências: 1.

BICO-DOCE – s. m. Planta típica das serras, com frutos do mesmo nome.

“Depois de terem posto a ferramenta no chão, enquanto Silvério fazia um cigarro, Peba tornou da sonda e enterrou-a com força no solo, abalando-a de um lado para outro, entre as mãos possantes. Os sabiás cantavam por toda parte, esvoaçando nos pés de **bico-doce**” (SALES, 2011, p. 100).

Número de ocorrências: 1.

CABELUDA – s. f. Arbusto nativo do Brasil, com os ramos, folhas e frutos revestidos de tomento.

“Dali, só ouvia o rumor do vento nas moitas de malva lava-prato e de **cabeluda**, vento fresco e bom, aragem da noite que espalhava o cheiro ácido dos pedrestes e dos pinhões leitosos, cheiro forte de mato, de seiva, e da terra úmida da serra” (SALES, 2011, p. 106).

Número de ocorrências: 1.

CAMBOATÁ – s. f. Árvore nativa do Brasil de pequeno porte, com 4 a 7 metros de altura e folhagem muito densa. Suas flores são pequenas, esverdeadas, que nascem em espigas pendentes.

“Acabavam de dar sete horas. Como era noite de lua, os meninos corriam picula no Ribimba, escondidos na mata de **camboatá** e velame da estrada dos Bichinhos, ou atrás das pedras. Chegava até ali a gritaria deles.” (SALES, 2011, p. 54, 55).

Número de ocorrências: 3.

CANDEIA-DE-BOLOTA – s. f. Árvore nativa do Brasil (BA até MG, SP, GO); também conhecida como Paratudo. A madeira é própria para marcenaria e carpintaria, e as folhas e flores são medicinais.

“Tendo reunido sua ferramenta à de Peba, Silvério saiu do rancho e, pedindo emprestado o facão de Filó, foi cortar **candeia-de-bolota** e murici para acender o fogo.” (SALES, 2011, p. 102).

Número de ocorrências: 2.

CANJOÃO – s. m. Planta leguminosa da região da caatinga, na Bahia, com potencial forrageiro.

“Um cheiro ácido de mato se espalhava na noite, outras vozes não eram ouvidas no Ribimba a não ser a dos meninos brincando em volta do pé de **canjoão**, e lá embaixo, do outro lado do rio, as luzes da praça brilhavam. Silvério veio com as duas latas de café na mão” (SALES, 2011, p. 190).

Número de ocorrências: 3.

CANAPU – s. m. Arbusto rasteiro; Também conhecida como Melancia-da-praia.

“E a samambaia negro-nu, emergindo de velhos veios recobertos de musgo, fundia-se em farfalhante esteira de arbustos com a três-folhas, o **canapu**, a neve, com o chapéu-de-frade e a sempre-viva-da-serra, guarneendo o flanco acidentado dos rebaixos” (SALES, 2011, p. 96).

Número de ocorrências: 1.

CANELA D’EMA – s. f. Planta nativa do Brasil, de caules nodosos e frágeis, desprovidos de folhas na parte inferior, lembrando pernas de ema.

“Na época do cel. Germano, porém, já não ocorriam casos de garimpeiros que encontravam diamantes agarrados às raízes dos pés de **canela d’ema**, ao arrancá-los para acender fogo em suas tocas.” (SALES, 2011, p. 17).

Número de ocorrências: 4.

CAPIM-AÇU – s. f. Erva de até 1 metro, da família das gramíneas, nativa do Brasil, de folhas lineares, que fornece forragem.

“Estas já não estavam longe, e pouco depois chegavam os dois a uma pequena elevação da serra, recoberta de moitas de pau-de-mocó e **capim-açu**, em terreno de boa configuração diamantífera” (SALES, 2011, p. 100).

Número de ocorrências: 1.

CAPIM-CACHEADO – s. m. Espécie de gramínea perene; de folhas rígidas que formam touceiras.

“Subiam agora uma pequena rampa, ao lado da qual crescia o **capim-cacheado**, de pendões cor de palha, cujas hastes os garimpeiros infusados vendiam na cidade, depois de preparadas para flechas de foguetes, por ocasião das novenas e das festas de N. S. da Glória e do Divino” (SALES, 2011, p. 100).

Número de ocorrências: 1.

CAPIM-DA-LAPA – s. f. Planta herbácea de uso medicinal no preparo de chás; também conhecido como capim-santo ou capim-limão.

“Por medida de economia, a exemplo de inúmeros garimpeiros, Peba e Silvério não tomavam café de noite, substituindo-o por chá de **capim-da-lapa**” (SALES, 2011, p. 104).

Número de ocorrências: 1.

CAPIM PUBO – s. m. Espécie de capim, que cobre um terreno, tornando-o úmido, e é, geralmente, encontrado nas margens dos rios.

“Quando chegou a hora de fazer o corte, eu fiz o meu foi de caixão, com pedras assentadas no sistema de tição, em cima de camadas de **capim pubo**” (SALES, 2011, p. 43).

Número de ocorrências: 1.

CATINGA-DE-PORCO – s. f. Arbusto nativo do Brasil do bioma da caatinga; as folhas, flores e cascas são utilizadas na medicina popular para tratar diarreias. Também conhecida como pau-de-rato ou catingueira.

“Enquanto a velha Sebastiana vendia sua cachacinha com raízes de **cattinga-de-porco**, de losna e erva-cidreira, ele ia acompanhando, com o maior interesse, os casos que os homens contavam” (SALES, 2011, p. 46).

Número de ocorrências: 1.

CHAPÉU-DE-FRADE – s. m. Espécie de cacto nativo do bioma da caatinga; também conhecida como cabeça de frade.

“E a samambaia negro-nu, emergindo de velhos veios recobertos de musgo, fundia-se em farfalhante esteira de arbustos com as três-folhas, o canapu, a neve, com o **chapéu-de-frade** e a sempre-viva-da-serra, guarneendo o flanco acidentado dos rebaixos” (SALES, 2011, p. 96).

Número de ocorrências: 1.

CURA-FACADA – s. f. Planta medicinal nativa da Chapada Diamantina-Ba usada na cura de inflamações e cicatrização

“Filó banhava em silêncio o talho que dera no pé. Para isso, fizera um cozimento com alguns pés de **cura-facada**” (SALES, 2011, p. 114).

Número de ocorrências: 1.

DOM-BERNARDO – s. m. Arbusto nativo do Brasil, de folhas grandes, rígidas e geralmente lanceoladas, flores brancas; planta aromática e medicinal.

“Um cheiro agreste, desprendendo-se das folhas aromáticas dos **dom-bernardos**, das parasitas e dos xumbarés, embalsamava o ar” (SALES, 2011, p. 96).

Número de ocorrências: 1.

FEDEGOSO – s. m. Planta que possui odor desagradável com flores amarelas e vagens lineares, às vezes recurvadas, nativo da Guiana e do Brasil.

“Mas mentira ou não — muitos deles preferiam ficar em Andaraí a ir para Piranhas. Porque se de lá vinha a notícia do comentado bambúrrio de Carolo, vinha também a da febre de vazante que estava dando até nas galinhas — com garimpeiros empalamados se aguentando em pé a poder de chá de jurubeba com raiz de **fedegoso**” (SALES, 2011, p. 210).

Número de ocorrências: 3.

GRÃO-DE-GALO – s. m. Arbusto nativo do Brasil, de casca tanífera, madeira forte e muito flexível, ramos armados, folhas variáveis.

“— Isto aqui está muito trabalhado, Pebá — observou Silvério. À passagem deles, fugiam precipitadamente grandes batixós, sobre lajedos ou por entre as moitas de **grão-de-galo**” (SALES, 2011, p. 99).

Número de ocorrências: 1.

GRAVATÁ – s. m. Planta pertencente a vários gêneros da família das bromeliáceas, bastante cultivadas como ornamentais.

“Quando o sol começou a entrar, e as sombras se estenderam sobre os lírios e os **gravatás**, o desmante já ia bem adiantado; então de novo reuniram a ferramenta e voltaram ao rancho” (SALES, 2011, p. 101).

Número de ocorrências: 2.

HORTELÃ GRAÚDA – s. m. Planta de propriedades aromáticas e medicinal.

“Desconfiava que ia acabar como esmoler, no povoado onde vivia desde menino. De qualquer maneira, porém, não se descuidava: comprava uns óculos na loja de Zé Antunes e espremia sumo de **hortelã graúda** diariamente nos olhos” (SALES, 2011, p. 25).

Número de ocorrências: 1.

IMBÉ – s. m. Planta trepadeira cultivada como ornamentais; com seus cipós faziam-se picuás, que são peças de guardar diamantes; Imbezeiro.

“A sua passagem — de pés descalços, ferramenta ao ombro e conversando em voz alta — as lagartixas corriam assustadas por entre as moitas de **imbé**. Alguns desciam em marcha acelerada, como que incapazes de resistir ao impulso da própria velocidade que vinham deslocando, embalados pelo arranco inicial da caminhada que empreendiam de ladeira abaixo” (SALES, 2011, p. 209).

Número de ocorrências: 2.

INCHACOLHÃO – s. m. Espécie de gramínea de bordas cortantes.

“— Nossa Senhora do Parto lhe dê boa hora, Peba! — gritou Filó, antes de tomar a estrada oposta, que se abria sobre um grande lajedo áspero em toda a superfície, exceto na trilha a bem dizer lixada por pés humanos. — eles vão com pressa — observou Neco. — Ei, Silvério! — tornou a gritar Filó. — Tem **inchacolhão** nesta estrada! Passe por fora!” (SALES, 2011, p. 122).

Número de ocorrências: 1.

INHAME – s. m. Erva com tubérculos subglobosos, folhas peltadas, nativa de regiões tropicais.

“O mulhério se espalhou pela praça e foi especulando os preços das verduras – das batatinhas, dos **inhames**, dos maxixes, dos chuchus, dos quiabos, das abóboras-d’água e dos palmitos, que Zé Lavagem com outros verdureiros retalhavam nos passeios das casas comerciais ou ao longo dos lotes já vendidos” (SALES, 2011, p. 91).

Número de ocorrências: 1.

JASMIM – s. m. Planta com flores aromáticas, brancas, amarelas ou róseas, nativas de regiões tropicais.

“E recostou-se no portal, numa atitude de abandono. Silvério olhava fixamente os grandes pés descalços. Ao erguer os olhos na direção da mulher, notou que ela trazia um pequeno ramo de **jasmins** espetado no cabelo áspero” (SALES, 2011, p. 247).

Número de ocorrências: 2.

JERIZA – s. f. Planta nativa da Chapada Diamantina, que, quando queimada, causa ardência nos olhos.

“— Pois você me guarde o fígado do mocó. Quero fazer um remédio com ele pra minha mulher, que anda com uma gata-cega danada. Desde o dia que ela queimou **jeriza** lá no rancho ficou assim” (SALES, 2011, p. 107).

Número de ocorrências: 1.

JUÇARA – s. f. Palmeira de até 12 metros, nativa do Brasil, de estipe anelado, com palmito de excelente qualidade.

“Grande era o silêncio, apenas cortado pelo rumorejar na noite ou pelo piar de um ou outro caburé. Das **juçaras**, cuja raiz os garimpeiros usavam contra mordedura de cobras desprendia-se um cheiro agreste, que chegava até as narinas de Filó” (SALES, 2011, p. 104).

Número de ocorrências: 1.

JURUBEBA – s. f. Planta da família das solanáceas, geralmente com usos medicinais.

“Mas mentira ou não — muitos deles preferiam ficar em Andaraí a ir para Piranhas. Porque se de lá vinha a notícia do comentado bambúrrio de Carolo, vinha também a da febre de vazante que estava dando até nas galinhas — com garimpeiros empalamados se aguentando em pé a poder de chá de **jurubeba** com raiz de fedegoso” (SALES, 2011, p. 210).

Número de ocorrências: 1.

LÍRIO – s. m. Planta de diferentes gêneros; as flores são geralmente vistosas e perfumadas, e muito cultivadas como ornamentais.

“Quando o sol começou a entrar, e as sombras se estenderam sobre os **lírios** e os gravatás, o desmorte já ia bem adiantado; então de novo reuniram a ferramenta e voltaram ao rancho.” (SALES, 2011, p. 101).

Número de ocorrências: 1.

LOSNA – s. f. Planta medicinal também conhecida como absinto.

“O negrinho ficava num canto, encolhido, os olhos arregalados, escutando tudo sem perder uma palavra. Enquanto a velha Sebastiana vendia sua cachacinha com raízes de catinga-deporco, de **losna** e erva-cidreira, ele ia acompanhando, com o maior interesse, os casos que os homens contavam” (SALES, 2011, p. 46).

Número de ocorrências: 2.

MALVA LAVA-PRATO – s. f. Planta herbácea da família das malváceas.

“Dali, só ouvia o rumor do vento nas moitas de **malva lava-prato** e de cabeluda, vento fresco e bom, aragem da noite que espalhava o cheiro ácido dos pedrestes e dos pinhões leitosos, cheiro forte de mato, de seiva, e da terra úmida da serra” (SALES, 2011, p. 106).

Número de ocorrências: 2.

MANDACARU – s. m. Cacto arbustivo, nativo do Brasil muito disseminado no nordeste.

“Não demorou muito, e um homem assomou por trás de um grande **mandacaru** que havia por cima de uma toca, ereto nas sombras como um espantalho” (SALES, 2011, p. 102).

Número de ocorrências: 1.

MARIA-MOLE – s. m. Planta tóxica nativa do Brasil infestante nas pastagens das áreas rurais.

“Do cadáver estendido na marquesa, lívido e inchado, ainda escorria água. Em várias partes do corpo — um fardo úmido — havia sinais das cordas com que ele fora amarrado ao varão de **maria-mole**, para facilitar o transporte” (SALES, 2011, p. 25).

Número de ocorrências: 2.

MAXIXE – s. m. Planta anual nativa da América Central, de caule rasteiro, folhas com cinco lobos, flores pequenas, bagas ovóides, amarelo-claras quando maduras, e pequenas sementes brancas.

“O mulheiro se espalhou pela praça e foi especulando os preços das verduras – das batatinhas, dos inhames, dos **maxixes**, dos chuchus, dos quiabos, das abóboras-d’água e dos palmitos, que Zé Lavagem com outros verdureiros retalhavam nos passeios das casas comerciais ou ao longo dos lotes já vendidos.” (SALES, 2011, p. 91).

Número de ocorrências: 1.

MUCUJÊ – s. m. Pequena árvore da família das apocináceas, nativa do Brasil; com fruta semelhante à maçã, com bagas suculentas e comestíveis.

“Encontraram Filó Finança comendo **mucujê** na porta do rancho Anoitecia. No horizonte barrado de vermelho, a serra apresentava como que os contornos de uma fortificação em chamas, os píncaros criando a ilusão de monumentais ameias comburidas” (SALES, 2011, p. 101).

Número de ocorrências: 5.

MURICI – s. m. Árvore nativa do norte e nordeste do Brasil, de frutos comestíveis; muricizeiro.

“O vento agitava os pés de **murici**, espalhando forte cheiro de mato. Uma nuvem de poeira vermelha cobria cruzeiro fincado no alto do barranco” (SALES, 2011, p. 73).

Número de ocorrências: 2.

NEGRO-NU – s. m. Planta medicinal, de propriedade cicatrizante, típica da Chapada Diamantina-Ba.

“Nas proximidades, em ranchos de pedra e em tocas, ou simplesmente em lapas, outros garimpeiros cozinhavam o seu arroz de cacimba em panelas de barro do Carrapato e do Brejo de Luís de Brito, dividindo entre si o trabalho com o mesmo espírito de cooperação de garimpagem que os reunia em sociedade – um cortando **negro-nu** para espantar borrachudo, outro apanhando água, outro lavando os carumbés onde carregavam o cascalho e também comiam” (SALES, 2011, p. 102).

Número de ocorrências: 2.

NEVE – s. f. Arbusto semilenhoso de seiva leitosa, muito ornamental.

“E a samambaia negro-nu, emergindo de velhos veios recobertos de musgo fundia-se em farfalhante esteira de arbustos com as três-folhas, o canapu, a **neve**, com o chapéu-de-frade e a sempre-viva-da-serra, guarnecendo o flanco acidentado dos rebaixos” (SALES, 2011p. 96).

Número de ocorrências: 1.

PAU-DE-MOCÓ – s. m. Árvore pequena, nativa do Brasil de folhas verde-escuras e raízes tuberosas comestíveis.

“Estas já não estavam longe, e pouco depois chegavam os dois a uma pequena elevação da serra, recoberta de moitas de **pau-de-mocó** e capim-açu, em terreno de boa configuração diamantífera” (SALES, 2011, p. 100).

Número de ocorrências: 1.

PAU-TERRA – s. m. Planta da família das voquisiáceas, de flores amarelas, ornamental.

“Ao longo dos emburrados, onde as escoras de âmagô de quina-de-vara, os esbirros de gameleira, sapucaia e **pau-terra**, eram atravancamentos de velhos serviços engrunados, erguiam-se, como ossuários da serra trabalhada, as montoeiras pardas de antigos mocrorôs

encartuchados — detritos acumulados do solo revolvido e golpeado nos canalões, nos talhados, nas grupas, nos rebaixos, em toda espécie de serviço a seco ou com água, desde as grupiarias às grandes bocas descidas com pontaletes de cocão” (SALES, 2011, p. 99).
Número de ocorrências: 1.

PEDRESTE – s. m. Trepadeira nativa do Brasil de folhas ligeiramente lobadas, flores grandes amarelo-esverdeadas e frutos cilíndricos amarelados. As sementes encerram resina, alcaloide e óleo transparente amarelo-claro.

“Dali, só ouvia o rumor do vento nas moitas de malva lava-prato e de cabeluda, vento fresco e bom, aragem da noite que espalhava o cheiro ácido dos **pedrestes** e dos pinhões leitosos, cheiro forte de mato, de seiva, e da terra úmida da serra” (SALES, 2011, p. 106).

Número de ocorrências: 1.

PINDOBA – s. f. Planta da família das palmeiras.

“Os casebres multiplicavam-se nas armações de camboatá, com cobertura de **pindoba**, e entravam pela estrada dos Bichinhos ou desciam pelo areão que margeava o rio, num agrupamento de presépio” (SALES, 2011, p. 68).

Número de ocorrências: 2.

PINHÃO LEITOSO – s. m. Arbusto oleaginoso da família das Euforbiáceas.

“Dali, só ouvia o rumor do vento nas moitas de malva lava-prato e de cabeluda, vento fresco e bom, aragem da noite que espalhava o cheiro ácido dos pedrestes e dos **pinhões leitosos**, cheiro forte de mato, de seiva, e da terra úmida da serra” (SALES, 2011, p. 106).

Número de ocorrências: 1.

POEJO – s. m. Erva rasteira, nativa do Brasil, de uso medicinal no tratamento de afecções pulmonares.

“Para mulher parida que não podia comprar Água Inglesa na farmácia, ela tinha aquela velha fórmula tão bem conhecida de Salu: noz-moscada, quitoco, salsa, **poejo**, losna miúda, arruda, e cebola branca – tudo pisado e posto de infusão numa garrafa de cachaça” (SALES, 2011, p. 77).

Número de ocorrências: 1.

QUIABO – s. m. Planta da família da malva, conhecida na culinária típica de diversas regiões do Brasil.

“O mulhério se espalhou pela praça e foi especulando os preços das verduras – das batatinhas, dos inhames, dos maxixes, dos chuchus, dos **quiabos**, das abóboras-d’água e dos palmitos, que Zé Lavagem com outros verdureiros retalhavam nos passeios das casas comerciais ou ao longo dos lotes já vendidos” (SALES, 2011, p. 91).

Número de ocorrências: 1.

QUINA-DE-VARA – s. f. Arbusto da família das rubiáceas, bastante conhecida pelas cascas ricas em quinino.

“Ao longo dos emburrados, onde as escoras de âmago de **quina-de-vara**, os esbirros de gameleira, sapucaia e pau-terra, eram atravancamentos de velhos serviços engrunados, erguiam-se, corno ossuários da serra trabalhada, as montoeiras pardas de antigos mcororôs encartuchados — detritos acumulados do solo revolvido e golpeado nos canalões, nos talhados, nas grupas, nos rebaixos, em toda espécie de serviço a seco ou com água, desde as grupiarias às grandes bocas descidas com pontaletes de cocão” (SALES, 2011, p. 99).

Número de ocorrências: 1.

QUITOCO – s. m. Planta da família das compostas, nativas do Brasil; Usada contra males estomacais e peitorais.

“Para mulher parida que não podia comprar Água Inglesa na farmácia, ela tinha aquela velha fórmula tão bem conhecida de Salu: noz-moscada, **quitoco**, salsa, poejo, losna miúda, arruda, e cebola branca – tudo pisado e posto de infusão numa garrafa de cachaça” (SALES, 2011, p. 77).

Número de ocorrências: 1.

SABOROSA – s. m. Cacto arborescente cujo fruto é uma baga globosa ou oblonga com aréolas ou tufos de espinhos castanhos. Também chamado de cacto pé de mamão, árvore de espinho, ou deliciosa.

“No silêncio que se seguiu ao convite da mulher, ouviram ambos a conversa que chegava até eles através da cerca de um quintal, de onde emergia a folhagem de um pé de **saborosa**: — A cobra-preta mamava nela toda noite. Descia do telhado, subia na cama e começava a mamar. Ela não via nada: estava dormindo. Sentia a chuchada no peito, mas pensava que era o menino que estivesse mamando” (SALES, 2011, p. 243).

Número de ocorrências: 1.

SAPUCAIA – s. f. Árvore de até 30 m, com madeira nobre, dura, resistente, pardo-avermelhada.

“Ao longo dos emburrados, onde as escoras de âmago de quina-de-vara, os esbirros de gameleira, **sapucaia** e pau-terra, eram atravancamentos de velhos serviços engrunados, erguiam-se, corno ossuários da serra trabalhada, as montoeiras pardas de antigos mocororôs encartuchados — detritos acumulados do solo revolvido e golpeado nos canalões, nos talhados, nas grupas, nos rebaixos, em toda espécie de serviço a seco ou com água, desde as grupiaras às grandes bocas descidas com pontaletes de cocão” (SALES, 2011, p. 99).

Número de ocorrências: 1.

SEMPRE-VIVA-DA-SERRA – s. f. Planta de diferentes gêneros e famílias, com flores que secam sem murchar, parecendo vivas, geralmente muito cultivadas como ornamentais e para o comércio de flores.

“E a samambaia negro-nu, emergindo de velhos veios recobertos de musgo, fundia-se em farfalhante esteira de arbustos com as três-folhas, o canapu, a neve, com o chapéu-de-frade e a **sempre-viva-da-serra**, guarnecendo o flanco acidentado dos rebaixos” (SALES, 2011, p. 96).

Número de ocorrências: 1.

TRÊS-FOLHAS – s. f. Planta que têm folhas compostas por três subdivisões.

“E a samambaia negro-nu, emergindo de velhos veios recobertos de musgo, fundia-se em farfalhante esteira de arbustos com a **três-folhas**, o canapu, a neve, com o chapéu-de-frade e a sempre-viva-da-serra, guarnecendo o flanco acidentado dos rebaixos” (SALES, 2011, p. 96).

Número de ocorrências: 1.

VELAME – s. m. Planta da família das euforbiáceas, que se apresentam tomentosas, frequentemente, nas folhas, em que a maioria é muito cultivada como ornamental.

“Acabavam de dar sete horas. Como era noite de lua, os meninos corriam picula no Ribimba, escondidos na mata de comboatá e **velame** da estrada dos Bichinhos, ou atrás das pedras. Chegava até ali a gritaria deles” (SALES, 2011, p. 54, 55).

Número de ocorrências: 4.

XIQUEXIQUE – s. m. Planta da família dos cactos, típica da região nordeste; serve de alimento tanto para animais como para pessoas.

“— Manda buscar **xiquexique** na serra, faça um chá de raiz e um picado do miolo Depois de tomar o chá e comer o picado, tome um banho de assento com água bem quente, misturada com cachaça canforada. Depois você vai me dizer. Pois não foi que João Boi ficou bom? Eram, assim, muito grandes os conhecimentos terapêuticos de Sinhá do Ouro; e não ficavam atrás os seus conhecimentos históricos” (SALES, 2011, p. 78).

Número de ocorrências: 2.

XUMBARÉ – s. m. Planta da família das orquídeas; Orquídea Xumbaré.

“Um cheiro agreste, desprendendo-se das folhas aromáticas dos dom-bernardos, das parasitas e dos **xumbarés**, embalsamava o ar” (SALES, 2011, p. 96).

Número de ocorrências: 1.

5.2.4 MICROCAMPO DA FAUNA

ASA-CAÍDA – s. f. Inseto bem pequeno com picada muito dolorida.

“Apagaram finalmente o fifó e se deitaram. A fumaça do angiquinho, queimando em defumador para afugentar as **asas-caídas** que não deixavam ninguém dormir, já se tinha desfeito completamente, e agora começava a fazer frio dentro do rancho” (SALES, 2011, p. 107).

Número de ocorrências: 1.

BATIXÓ – s. f. Pequeno lagarto insetívoro.

“— Isto aqui está muito trabalhado, Peba — observou Silvério. À passagem deles, fugiam precipitadamente grandes **batixós**, sobre lajedos ou por entre as moitas de grão-de-galo” (SALES, 2011, p. 99).

Número de ocorrências: 2.

BORRACHUDO – s. m. Espécie de insetos dípteros, de 2 a 6 mm de comprimento e coloração preta.

“Nas proximidades, em ranchos de pedra e em tocas, ou simplesmente em lapas, outros garimpeiros cozinhavam o seu arroz de cacimba em panelas de barro do Carrapato e do Brejo de Luís de Brito, dividindo entre si o trabalho com o mesmo espírito de cooperação da garimpagem que os reunia em sociedade — um cortando negro-nu para espantar **borrachudo**, outro apanhando água, outro lavando os carumbés onde carregavam o cascalho e também comiam” (SALES, 2011, p. 102).

Número de ocorrências: 1.

CABEÇA-DE-PATRONA – s. f. Espécie de serpente venenosa de até 2 m de comprimento e coloração dorsal variável entre cinza, rosa, amarelo, marrom ou preto, com manchas triangulares marrom-escuras; Jararaca, jaracuçu.

“Sobre as lajes onde firmavam os pés descalços, enquanto andavam se punham de sobreaviso, pois, em semelhantes locais, aproveitando-se da sombra e da umidade, não raro se ocultavam cobras sob os tufo de capim — a coral, e sobretudo a não menos venenosa **cabeça-de-patrona**” (SALES, 2011, p. 212).

Número de ocorrências: 2.

CABURÉ – s. m. Coruja que fica em orla de mata, cerrado e arvoredos; com cerca de 16,5 cm de comprimento, cabeça e olhos pequenos, nódoas negras na nuca, geralmente com uma larga faixa branca e ventre claro com estrias longitudinais.

“Grande era o silêncio, apenas cortado pelo rumorejar na noite ou pelo piar de um ou outro **caburé**. Das juçaras, cuja raiz os garimpeiros usavam contra mordedura de cobras, desprendia-se um cheiro agreste, que chegava até as narinas de Filó.” (SALES, 2011, p. 104).

Número de ocorrências: 2.

CALANGO – s. m. Lagarto de pequeno porte que vive geralmente no solo ou em pedreiras.

“Ao rumor dos seus passos na areia grossa do caminho, vinha juntar-se a cada instante um outro, que eles ouviam com indiferença — rumor precipitado, seco e rápido, ocasionado por algum **calango** ou teiú em fuga por entre as moitas.” (SALES, 2011, p. 214).

Número de ocorrências: 2.

CANARINHO-DA-TERRA – s. f. Ave com ampla distribuição no Brasil, exceto na Amazônia, com uma plumagem variável; espécie muito encontrada em gaiolas e viveiros, especialmente no interior do Brasil.

“Nessas ocasiões, chegava a sentir falta dos dias passados em casa do juiz, embora ali tivesse sido obrigado a ouvir o colega discorrer enfadonhamente sobre sua criação de canários, à hora do almoço e do jantar, falando-lhe dos trinados do ‘Clemenceau’ e dos estalos do ‘Napoleão’, ah, seu colega! **canarinho-da-terra** que estava de muda, mas que qualquer dia daqueles ia abrir o bico que era uma beleza” (SALES, 2011, p. 163).

Número de ocorrências: 1.

COCURUTO – s. m. Ave com partes superiores cinzento-oliváceas, topete com branco escondido na região central, asas com duas faixas esbranquiçadas e barriga amarelada; cocurutado; guracava; maria-besta; maria-já-é-dia.

“Foi quando se ouviu um tiro. Ecoou demoradamente na serra, quebrando o silêncio da noite que caía — com os grilos cantando, e os tico-ticos e os **cocurutos** se recolhendo aos ninhos construídos nas rochas e nos galhos de gameleiras, e com o vento agitando as moitas de capim-pubo defronte das lapas.” (SALES, 2011, p. 102).

Número de ocorrências: 1.

CORAL – s. f. Serpente venenosa, de comprimento variável, corpo colorido, geralmente com uma combinação de anéis vermelhos, amarelos e pretos.

“Sobre as lajes onde firmavam os pés descalços, enquanto andavam se punham de sobreaviso, pois, em semelhantes locais, aproveitando-se da sombra e da umidade, não raro se ocultavam cobras sob os tufo de capim — a **coral**, e sobretudo a não menos venenosa cabeça-de-patrona” (SALES, 2011, p. 212).

Número de ocorrências: 2.

COQUI – s. m. Ave passeriforme; pássaro-preto, graúna.

“— Acorda, Neco, que os **coquis** já estão cantando — era a voz de Filó que vinha do outro compartimento” (SALES, 2011, p. 122).

Número de ocorrências: 1.

CUMBÁ – s. m. Peixe de corpo alongado, cabeça e focinho longos com boca larga, de ampla distribuição em rios brasileiros.

“Os peixeiros do Rio Santo Antônio expunham à venda os seus cambões de traíras, curimatãs, pirás, **cumbás**, piranhas, e Joana Magra foi chegando com a carapinha acamada a doses cavalares de brilhantina, uma bolsa de croché na mão: — A como está vendendo as traíras? — A 3 mil-réis o mercado — respondeu Antoninho do Peixe” (SALES, 2011, p. 91).

Número de ocorrências: 1.

CURIMATÃ – s. m. Família de peixes de água doce do Brasil⁵.

“Os peixeiros do Rio Santo Antônio expunham à venda os seus cambões de traíras, **curimatãs**, pirás, cumbás, piranhas, e Joana Magra foi chegando com a carapinha acamada a doses cavalares de brilhantina, uma bolsa de croché na mão: — A como está vendendo as traíras? — A 3 mil-réis o mercado — respondeu Antoninho do Peixe” (SALES, 2011, p. 91).

Número de ocorrências: 1.

JARACUÇU – s. f. Serpente peçonhenta de até 2 metros de comprimento e coloração dorsal variável entre cinza, rosa, amarelo, marrom ou preto, com manchas triangulares marrom-escuras.

“Se aparecer de súbito uma cobra, uma cabeça-de-patrona ou uma **jaracuçu**, cuja picada ‘quando não mata, aleija’, ele fará o que todo gruneiro tem a obrigação de fazer — de saber fazer. Procurará encandear os olhos da cobra com a luz da candeia, até poder pegá-la pela cabeça com mão firme, esmagando-a contra a pedra” (SALES, 2011, p. 314).

Número de ocorrências: 1.

MARTIM-PESCADOR – s. m. Ave aquática, que possui bico muito grande, pescoço curto e alimenta-se de peixes e insetos aquáticos.

“Fiquei olhando, olhando, e nisto eu vi um **martim-pescador** descendo rio abaixo cantando. Depois ele voltou, sentou num pé de gameleira e continuou a cantar. Deixe lá que eu estou olhando. Pois bem. Quando eu menos esperei, ele tornou a voar e subiu o rio toda a vida, cantando sempre” (SALES, 2011, p. 23).

Número de ocorrências: 6.

MOCÓ – s. m. Mamífero roedor encontrado em áreas descampadas e pedregosas da caatinga, semelhança a um coelho, geralmente um pouco maior, com cauda ausente, pequenas orelhas e pelagem cinzenta.

“O homem era Neco Rompedor, e tendo dito isto encaminhou-se para o rancho, exibindo a caça por ele abatida — um grande **mocó** de dois palmos, com a cabeça ensanguentada” (SALES, 2011, p. 103).

Número de ocorrências: 6.

MUTUCA – s. f. Inseto parecido com moscas geralmente encontrado em ambientes aquáticos que se alimentam de sangue.

“— Eu estava atrás de uma pedra, quando ouvi ele piar; aí eu preparei a espingarda. Nisto uma **mutuca** ferrou ele na orelha, ele saltou e eu passei fogo bem na cabeça dele. Assim mesmo o bicho ainda correu, só se vocês vissem, e foi morrer dentro de um canal que ficava adiante” (SALES, 2011, p. 103).

Número de ocorrências: 1.

⁵ Cf. Aragão, 1990, p. 81.

PIRÁ – s. m. Peixe de corpo e focinhos alongados, flancos amarelados, ventre esbranquiçado, nadadeira caudal lunada com uma mancha escura; muito comum no Nordeste do Brasil.

“Os peixeiros do Rio Santo Antônio expunham à venda os seus cambões de traíras, curimatãs, **pirás**, cumbás, piranhas, e Joana Magra foi chegando com a carapinha acamada a doses cavalares de brilhantina, uma bolsa de croché na mão: — A como está vendendo as traíras? — A 3 mil-réis o mercado — respondeu Antoninho do Peixe” (SALES, 2011, p. 91).

Número de ocorrências: 1.

PIRANHA – s. f. Peixe que possui dentes numerosos e cortantes, sendo carnívoro e extremamente voraz.

“Os peixeiros do Rio Santo Antônio expunham à venda os seus cambões de traíras, curimatãs, pirás, cumbás, **piranhas**, e Joana Magra foi chegando com a carapinha acamada a doses cavalares de brilhantina, uma bolsa de croché na mão: — A como está vendendo as traíras? — A 3 mil-réis o mercado — respondeu Antoninho do Peixe” (SALES, 2011, p. 91).

Número de ocorrências: 1.

SABIÁ – s. m. Ave passeriforme, que possuem plumagem de colorido simples, geralmente marrom.

“O sol já estava bem alto. Os **sabiás** cantavam por toda parte, esvoaçando nos pés de bico-doce” (SALES, 2011, p. 100).

Número de ocorrências: 2.

TEIÚ – s. m. Lagarto terrestre, que apresenta coloração dorsal marmoreada de cinzento e preto, com faixas e manchas pretas ou brancas e ventre claro, com barras transversais pretas.

“Ao rumor dos seus passos na areia grossa do caminho, vinha juntar-se a cada instante um outro, que eles ouviram com indiferença – rumor precipitado, seco e rápido, ocasionado por algum calango ou **teiú** em fuga por entre as moitas” (SALES, 2011, p. 214).

Número de ocorrências: 1.

TRAÍRA – s. f. Peixe encontrado em ambientes de águas paradas, de ampla distribuição no Brasil; com cerca de 60 cm de comprimento, coloração variando do negro ao pardo-escuro, carnívoro com dentes fortes e cortantes⁶.

“Os peixeiros do Rio Santo Antônio expunham à venda os seus cambões de **traíras**, curimatãs, pirás, cumbás, piranhas, e Joana Magra foi chegando com a carapinha acamada a doses cavalares de brilhantina, uma bolsa de croché na mão: — A como está vendendo as traíras? — A 3 mil-réis o mercado — respondeu Antoninho do Peixe” (SALES, 2011, p. 91).

Número de ocorrências: 2.

Quadro 5: Listagem das lexias constantes no macrocampo da natureza e seus microcampos.

MACROCAMPO	MICROCAMPOS E LEXIAS	Total de lexias
	Dos rios, cachoeiras e afins: Boca do tanque, cabeceira, Córrego do Padre, Rio Baiano, Rio Gafanhoto, Rio Paraguaçu, Rio Piabas, Rio Santo Antônio, Poço da Donana, Viriato. Dos fenômenos da natureza: Cabeça-	

⁶ Cf. Martins, 2001, p. 495.

Da natureza	d'água, cheia de Santa Luzia, estiar, lebreia, lusco-fusco, mormaço, remanso, sol a pino, tromba-d'água. Da flora: angiquinho, arruda, azedinha, babatimã, banana-brava, batata-da-serra, bico doce, cabeluda, camboatá, candeia-de-bolota, canjoão, canapu, canela d'ema, capim-açu, capim-cacheado, capim-da-lapa, capim-pubo, catinga-de-porco, chapéu-de-frade, cura-facada, dom-bernardo, fedegoso, grão-de-galo, gravatá, hortelã graúda, imbé, inchacollão, inhame, jasmim, jeriza, juçara, jurubeba, lírio, losna, malva lava-prato, mandacaru, maria-mole, maxixe, mucujê, murici, negro-nu, neve, pau-de-mocó, pau-terra, pedreste, pindoba, pinhão leitoso, poejo, quiabo, quina-de-vara, quitoco, saborosa, sapucaia, sempre-viva-da-serra, três-folhas, velame, xiquexique, xumbaré. Da fauna: asa-caída, batixó, borrachudo, cabeça-de-patrona, caburé, calango, canarinho-da-terra, cocuruto, coral, coqui, cumbá, curimatã, jaracuçu, martim-pescador, mocó, mutuca, pirá, piranha, sabiá, teiú, traíra.	98
--------------------	---	----

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

5.3 MACROCAMPO LEXICAL DAS LAVRAS

Consideramos o macrocampo lexical das lavras como o agente de maior relevância na questão de transformação da realidade local em muitos sentidos, em destaque na linguagem. Existem elementos, por meio dessa atividade, que caracterizam todo um entorno socioambiental levado a efeito em um sistema de exploração em bases de subsistência, como diz um de seus protagonistas: “Garimpeiro não fica rico” (SALES, 2011, p. 76). O garimpeiro não era trabalhador assalariado, pertencia à classe popular e sua sobrevivência se dava em uma relação sob uma herança patriarcal nas bases da exploração de seu trabalho. Embora os diamantes em sua maioria fossem encontrados por garimpeiros, estes não enriqueciam, salvo exceções, mas em sua maioria permaneciam em sua condição deplorável.

Tratar do macrocampo das lavras se justifica pelo fato dessa atividade influenciar a composição da paisagem, das moradias, da culinária, dos instrumentos de trabalho etc., um todo ligado a rotular o seu entorno com base no garimpo. A sociedade garimpeira dá sentido ao seu mundo por meio do universo do trabalho, este por sua vez modifica o ambiente e influi na sociedade, na cultura e na linguagem. Toda narrativa da obra *Cascalho* (SALES, 2011) possui como fio condutor a atividade nas lavras, na qual está assentado o vocabulário peculiar do “país do garimpo”.

Microcampos como ferramentas, serviços, diamantes etc., são subgrupos relacionados entre si pela atividade das lavras. Um microcosmo que remete à constituição histórica desde os primórdios das lavras por meio da língua. Lexias como bateia, carumbé, cata, apuração, restinga, carbonato, bala etc., são construções linguísticas referentes às técnicas e modos de trabalho, sendo estas especificidades relacionadas a esse microcosmo. Queremos ressaltar que o microcampo das formações geológicas e cascalhos, poderia estar no macrocampo lexical da natureza, mas optamos em concilia-lo no macrocampo lexical das lavras. Justificamos por estar relacionado diretamente com o trabalho do garimpeiro e abranger as lavras diamantinas. Além disso, a metodologia dos campos lexicais nos permite, por questões de organização, estabelecer de uma forma que as lexias fiquem mais bem agrupadas em um determinado macrocampo em detrimento de outro.

Sendo assim, a linguagem utilizada, nesse universo de trabalho, conjuntamente é bem específica, permeando todos os lugares da comunidade pela boca do povo. Esse vocabulário peculiar está relacionado ao seu contato com o lugar de trabalho e o modo de se relacionar linguisticamente com o labor. As construções são oriundas dos garimpeiros para os garimpeiros e sua comunidade no trato com o seu trabalho. Os garimpeiros emergidos em seu trabalho falam e pensam a partir desse contexto.

5.3.1 MICROCAMPO DAS FERRAMENTAS E EQUIVALENTES

ALMOCAFO – s. m. Enxada, empregada na mineração, com o tamanho reduzido pelo uso excessivo, à qual se adapta um cabo longo.

“Transformou-se então o ambiente do rancho. Tomaram café, cada qual pegou sua ferramenta, Agenor Cabeça-Seca de **almocafo** no ombro, e Silvério e Peba desceram em silêncio para o garimpo” (SALES, 2011, p. 122).

Número de ocorrências: 1.

BALANÇA GRANATÁRIA – s. f. Balança de precisão para pesar diamantes.

“Os dois transpuseram um pequeno pátio interno e deram entrada no escritório — uma sala mobiliada com quatro cadeiras e um birô meticulosamente arrumado, com picuás, crivos, lentes e **balanças granatárias** em cima” (SALES, 2011, p. 140).

Número de ocorrências: 10.

BATEIA – s. f. recipiente de metal ou madeira, de fundo cônico, onde cascalho, minério ou aluvião são revolvidos.

“Vinham encharcados de chuva, transportando como destroços suas **bateias**, seus carumbés, suas enxadas, seus frincheiros, suas alavancas, seus ralos, suas brocas — suas ferramentas de trabalho, no ombro e na cabeça” (SALES, 2011, p. 15).

Número de ocorrências: 24.

BOLINETE – s. m. Instrumento com grossas tábuas dispostas transversalmente ao fluxo da água, semelhante à canoa ('pequena caixa de madeira'), usado no processo de concentração do diamante.

“— Tem dois dias que eu estou batendo com água no **bolinete**. Hoje eu quero ver se apanho outra cabeceira. — E você, já quebrou sua cata? — perguntou ao companheiro, um negro que estava de calção. — Estamos quebrando — respondeu o outro” (SALES, 2011, p. 58).

Número de ocorrências: 1.

BROCA – s. f. Ferramenta para perfuração.

“Vinham encharcados de chuva, transportando como destroços suas bateias, seus carumbés, suas enxadas, seus frincheiros, suas alavancas, seus ralos, suas **brocas** — suas ferramentas de trabalho, no ombro e na cabeça” (SALES, 2011, p. 15).

Número de ocorrências: 6.

CARUMBÉ – s. m. recipiente de formato cônico em que se põe o cascalho a ser lavado.

“Vinham encharcados de chuva, transportando como destroços suas bateias, seus **carumbés**, suas enxadas, seus frincheiros, suas alavancas, seus ralos, suas brocas — suas ferramentas de trabalho, no ombro e na cabeça” (SALES, 2011, p. 15).

Número de ocorrências: 3.

CRIVO – s. m. Utensílio com o fundo perfurado e que se usa para separar fragmentos, grãos, pedras preciosas e congêneres, de acordo com o volume e a espessura; joeira, peneira.

“Os dois transpuseram um pequeno pátio interno e deram entrada no escritório — uma sala mobiliada com quatro cadeiras e um birô meticulosamente arrumado, com picuás, **crivos**, lentes e balanças granatárias em cima” (SALES, 2011, p. 140).

Número de ocorrências: 1.

CUNHA DE MARRETA – loc. subst. Ferramenta de ferro ou madeira cuja extremidade é cortada em ângulo agudo, e usada para quebrar pedra. Marreta com cunha.

“Sem tardar, foram trazidos à presença do coronel um ralo, uma **cunha de marreta**, um marrão, duas brocas, um socador de broca, e uma alavanca de 30 quilos. — Êh, pode deixar tudo aí, êh, êh! — foi dizendo o coronel. — Quando você arranjar os 90 mil-réis, pode vir buscar sua ferramenta” (SALES, 2011, p. 36).

Número de ocorrências: 2.

DESBRUTADOR – s. m. Ralo grosso, feito com lâmina mais resistente, usualmente folha de zinco, com aproximadamente dois palmos quadrados; ferramenta para fazer aparecer o diamante.

“— Apanha o **desbrutador** ali – pediu em seguida Tinham trazido toda a ferramenta necessária à última fase do serviço, e Silvério passou-lhe o **desbrutador**, também chamado pequenito, ralo pequeno e grosso por meio do qual se retiravam as pedras maiores, no rebaixo inicial do esmeril” (SALES, 2011, p. 123).

Número de ocorrências: 3.

FARRACHO – s. m. Instrumento geralmente usado para raspagem de cascalho, feito com arco de barril ou com aproveitamento de facão velho.

“— Não senhor... Eu estava trabalhando com a do meu sócio. De ferramenta minha, eu só tenho mesmo um **farracho**... — Faça bom proveito dele — atalhou o chefe, de mau humor.” (SALES, 2011, p. 37).

Número de ocorrências: 3.

ENXADA – s.f. Instrumento para revolver ou puxar o cascalho.

“Vinham encharcados de chuva, transportando como destroços suas bateias, seus carumbés, suas **enxadas**, seus frincheiros, suas alavancas, seus ralos, suas brocas — suas ferramentas de trabalho, no ombro e na cabeça” (SALES, 2011, p. 15).

Número de ocorrências: 13.

ESBIRRO – s. m. Escora vertical que reforça o sistema de sustentação de uma construção.

“Ao longo dos emburrados, onde as escoras de âmago de quina-de-vara, os **esbirros** de gameleira, sapucaia e pau-terra, eram atravancamentos de velhos serviços engrunados, erguiam-se, corno ossuários da serra trabalhada, as montoeiras pardas de antigos mocoarões encartuchados — detritos acumulados do solo revolvido e golpeado nos canalões, nos talhados, nas grupas, nos rebaixos, em toda espécie de serviço a seco ou com água, desde as grupiarias às grandes bocas descidas com pontaletes de cocão” (SALES, 2011, p. 99).

Número de ocorrências: 1.

FRINCHEIRO – s. m. Ferramenta usada para desprender o cascalho.

“De novo o silêncio recai. Agora só se ouve o ruído do **frincheiro** tirando cascalho: é como algo que estivesse arranhando o interior de uma sepultura. A terra escura e úmida vai sendo reunida com auxílio da mão, e, por fim, é colocada dentro do outro saco. Em alguma parte, há um ruído incessante de água pingando” (SALES, 2011, p. 316).

Número de ocorrências: 6.

MARRÃO – s. m. Grande martelo de ferro próprio para quebrar pedras.

“Estes trabalhos, que se prolongavam durante quatro ou seis semanas, eram logo recomeçados nas novas catas que se abriam, quase todas quebradas, numa operação que o **marrão** batido a braço arrematava” (SALES, 2011, p. 18).

Número de ocorrências: 2.

PEQUENITO – s. m. Ralo pequeno e grosso por meio do qual se retiravam as pedras maiores do cascalho.

“— Apanha o desbrutador ali – pediu em seguida Tinham trazido toda a ferramenta necessária à última fase do serviço, e Silvério passou-lhe o desbrutador, também chamado **pequenito**, ralo pequeno e grosso por meio do qual se retiravam as pedras maiores, no rebaixo inicial do esmeril” (SALES, 2011, p. 123).

Número de ocorrências: 2.

PIÃO DE CATA – loc. sub. Fundo da bateia onde, depois de muitos movimentos, o diamante vai parar.

“— Nisso me mandaram pro moirão. Mas aí também eu arreneguei. Então eu fui pro tombador, que é mais manso, e pude aguentar fixe até beber a água da cata toda. Quando entrou a noite, Joaquim trouxe um feixe de canela-d’ema e acendeu o fogo no **pião da cata**, que a aguinha já estava por nada. Mas deixe lá que eu sofri foi como boi ladrão” (SALES, 2011, p. 42).

Número de ocorrências: 2.

PICUÁ – s. m. Pequena peça cilíndrica, ôca onde se guardam os diamantes encontrados.

“— Então o senhor pode fazer a conta. O coronel guardou o diamante no **picuá**, que em seguida tampou, franziu as sobrancelhas e fez a conta” (SALES, 2011, p. 35).

Número de ocorrências: 17.

RALO – s. m. Peneira retangular com orifícios que variam de tamanho, de acordo com as exigências do trabalho com crivo.

“Vinhm encharcados de chuva, transportando como destroços suas bateias, seus carumbés, suas enxadas, seus frincheiros, suas alavancas, seus **ralos**, suas brocas — suas ferramentas de trabalho, no ombro e na cabeça” (SALES, 2011, p. 15).

Número de ocorrências: 13.

SOCADOR DE BROCA – s. m. Ferramenta para socar broca.

“Sem tardar, foram trazidos à presença do coronel um ralo, uma cunha de marreta, um marrão, duas brocas, um **socador de broca**, e uma alavanca de 30 quilos. — Êh, pode deixar tudo aí, êh, êh! — foi dizendo o coronel. — Quando você arranjar os 90 mil-réis, pode vir buscar sua ferramenta” (SALES, 2011, p. 36).

Número de ocorrências: 1.

5.3.2 MICROCAMPO DAS PROFISSÕES E TRABALHO

ALUGADO – adj. Garimpeiro contratado, que trabalha sem direito às pedras encontradas.

“— Você vai ganhar 2.500 por dia, Salu. Sei que você é bom de serviço. Quer dizer que eu entro como **alugado**? — respondeu o garimpeiro” (SALES, 2011, p. 20).

Número de ocorrências: 15.

BRUAQUEIRO – s. m. Garimpeiro novato, inexperiente.

“— O pior é que o patrão nos arranjou uns **bruaqueiros** que só fazem atrasar o serviço. Agente tem de explicar tudo. Eles não entendem patavina de cascalhão” (SALES, 2011, p. 58).

Número de ocorrências: 8.

CAPANGUEIRO – s. m. Comprador de diamantes, intermediário⁷.

“Sim, era sábado, e àquela hora as ruas deviam estar movimentadas, os escritórios dos **capangueiros** com gente entrando e saindo, cada qual querendo saber o que o seu meia-praça fizera durante a semana, se tinha pegado ou não. E Peba? Peba teria pegado? Fazendo a si próprio essa pergunta, ocorreu-lhe a lembrança de ir à procura do gerente Alípio, que naquele

⁷ Cf. Gonçalves, 1984, p. 234.

momento devia estar em casa jantando, e com ele obter alguma informação a respeito” (SALES, 2011, p. 133).

Número de ocorrências: 26.

FRENTE – s. m. Indivíduo que dirige os trabalhos de garimpagem.

“Depois passou a explicar ao patrão que os garimpeiros estavam trazendo um companheiro que morrera afogado — “o Raimundo, aquele **frente**” – na correnteza de uma cabeça d’água”. (SALES, 2011, p. 15).

Número de ocorrências: 42.

GARIMPEIRO – s. m. Aquele que garimpa; trabalhador que extrai minerais preciosos.

“Os **garimpeiros** que estavam em volta tinham um ar de expectativa. Mais adiante, do outro lado do córrego onde se tomava banho, vários alugados removiam o cascalho na boca da gruna” (SALES, 2011, p. 311).

Número de ocorrências: 162.

LAVRISTA – s. m. Indivíduo que tem como ocupação o garimpo.

“Viera de Palmeiras fazia quinze dias apenas, e embora fosse **lavrista**, tendo nascido e criado naquela cidade, não tinha até então cateado em leito de rio” (SALES, 2011, p. 23).

Número de ocorrências: 6.

MEIA-PRAÇA – s. m. Garimpeiro que trabalha para patrão ou fornecedor, com quem divide o resultado do trabalho⁸.

“— Você vai ganhar 2.500 por dia, Salu. Sei que você é bom de serviço. — Quer dizer que eu entro como alugado? — respondeu o garimpeiro. — Oxente! Como é que você queria entrar? Como **meia-praça**? Já não tem mais lugar pra **meia-praça**” (SALES, 2011, p. 20).

Número de ocorrências: 33.

MOSQUITADOR – s. m. Que ou aquele que comercializa mosquito (diamante pequeno).

“É comum, nos dias de feira, verem-se seus pequenos estabelecimentos comerciais cheios de garimpeiros — meias-praças ou não de seus proprietários — e, em todos eles, a mesma aparência de prodigalidade e fartura. Aos sábados, o **mosquitador** vai atalhar os garimpeiros nas pontas de rua, quando não se põe de atalaia à porta das vendas e dos escritórios improvisados, tudo fazendo para evitar que aqueles cheguem até a praça e entrem nos escritórios dos capangueiros” (SALES, 2011, p. 266).

Número de ocorrências: 7.

5.3.3 MICROCAMPO DOS SERVIÇOS E AFINS

APURAÇÃO – s. f. Etapa final da lavagem do cascalho diamantífero.

“Vinha então a fase final de **apuração** – com todos os serviços resumidos antes de novembro, quando tinha início o período regular das chuvas. Entretanto, ocorriam muitas vezes cheias temporãs — o que tornava aquela garimpagem não só a mais dispendiosa, mas também a mais arriscada das Lavras ” (SALES, 2011, p. 18).

Número de ocorrências: 12.

⁸ Cf. Gonçalves, 1984, p. 237.

BROQUEAMENTO – s. m. Ato ou efeito de furar com broca.

“Era muito dispendiosa a garimpagem no Paraguaçu: só em bananas de dinamite para os **broqueamentos** se gastavam somas vultosas. Os resultados, porém, eram compensadores. No ano anterior, por exemplo, o coronel fizera uma apuração de mais de cem contos — e o garimpeiro Filó Finança, que andava infusado, bamburrara na primeira semana, gastando 800 mil-réis com uma mulher-dama boazinha mesmo que viera de Tamburi” (SALES, 2011, p. 17).

Número de ocorrências: 1.

CATA – s. f. Escavação mais ou menos profunda, conforme a natureza do terreno, para mineração.

“Do céu escuro, com a armação que houve de uma hora para outra, as águas caíram de uma vez nas cabeceiras distantes. E inundando talhados, **catas** e grunas, carregaram pela noite adentro os paióis de cascalho. No povoado da Passagem, à margem do Rio Paraguaçu agora de monte a monte, rajadas de vento cortavam de alto a baixo as ruas ermas, quando os garimpeiros, em lúgubre vozerio, irromperam pela praça alagada com enxurradas descendo para o areão” (SALES, 2011, p. 15).

Número de ocorrências: 12.

CATEAMENTO – s. m. Ato ou efeito de catear.

“Durante o período das chuvas, que se prolongava, com intervalos variáveis, de princípios de novembro a fins de março, os garimpeiros eram obrigados a suspender todos os **cateamentos**. Vinha a cheia de Santa Luzia, batiam em retirada para os cascalhões, serviços que eram trabalhados com o aproveitamento das águas nos regos e nas corridas” (SALES, 2011, p. 17).

Número de ocorrências: 6.

FAISCAR – v. Ato de procurar diamantes em terras, anteriormente lavradas.

“— Então, seu Neco Rompedor, como vão os garimpos lá no Andaraí? Com esse tempo, coronel, está tudo parado — respondia o garimpeiro. — A salvação é que existe o Paraguaçu. Senão a gente tinha de quebrar a cabeça cora aquelas restingas dos Coqueiros, **faiscar** no Viriato, ou lavar cisco debaixo da ponte, como Manezim Cangula” (SALES, 2011, p. 19).

Número de ocorrências: 1.

FAISQUEIRA – s. f. Serviço de uma ou duas pessoas, no máximo, realizado separadamente no curso de uma garimpagem de grandes proporções.

“Somente a outra metade — a sociedade propriamente dita — era constituída de meias-praças, isto é, de garimpeiros que partilhavam, urna vez abatido o quinto, de 50% da venda preferencial dos diamantes. Por outro lado, fugindo à praxe dos demais serviços, só muito raramente eram ali admitidas sociedades fornecidas por estranhos: era o caso das de Quelezinho e das de dr. Marcolino, que exploravam ocasionais **faisqueiras**” (SALES, 2011, p. 21).

Número de ocorrências: 1.

GARIMPAR DE LANCHEIO – loc. verb. Garimpar debaixo de gruna.

“Na manhã seguinte, lavaram a cara no poço, tomaram café e saíram para o trabalho, Pebá se lembrando do tempo em que **garimpava de lanceio** no Guela” (SALES, 2011, p. 109).

Número de ocorrências: 1.

MAMPARRA – s. f. Ato de adiar um trabalho ou de fingir executá-lo; embromação.

“— Tomás já trabalhava sozinho de **mamparra** — E como foi que descobriram? — perguntou Neco instintivamente. Silvério estava atento; era justamente a pergunta que ia fazer. O gerente sorriu: — Força de dinheiro... — disse. — Seu Teotônio soube que ele tinha comprado um corte de H. J. na loja de seu Benigno” (SALES, 2011, p. 228).

Número de ocorrências: 1.

MOSQUITAR – v. Comprar pequenos diamantes.

“Dois dias depois, Zé de Peixoto viajou para Andaraí. Liquidou os negócios com o velho Justino, tendo retirado um saldo de 850 mil-réis. Com esse dinheiro — pensava — iria **mosquitar** na cidade, abrindo uma biboca para despachar meias-praças. A Passagem é que não lhe servia mais: terminara a garimpagem, o chefe aborrecera-se com ele, o melhor mesmo era procurar outro rumo” (SALES, 2011, p. 45).

Número de ocorrências: 1.

QUEBRAR CATA – loc. verb. Quebra do cascalho escavado e encontrado para depois retirá-lo e lavá-lo.

“— E você, já **quebrou sua cata**? — perguntou ao companheiro, um negro que estava de calção. — Estamos quebrando — respondeu o outro” (SALES, 2011, p. 58).

Número de ocorrências: 4.

REGO – s. m. Canalização das águas do rio, para algum serviço.

“Ao mesmo tempo, interrompendo por instantes o trabalho de escavação, Silvério desviava para o local, através de um pequeno **rego** aberto a golpes de enxada, a água do córrego que passava perto. Não tardou, e a lavadeira foi-se enchendo, a água subindo com alguma rapidez, e alcançando, por fim, os joelhos dos dois homens, que agora voltavam a remover conjuntamente a areia. Como já tivessem obtido a quantidade suficiente para a lavagem do cascalho, Silvério de novo obstruiu, sempre a golpes de enxada, o **rego** para canalização da água por ele aberto. Estava pronta a lavadeira, que tinha a profundidade e as dimensões de um pequeno poço” (SALES, 2011, p. 122).

Número de ocorrências: 5.

SERVIÇO DE BARRANCO – loc. subst. Pedaco de terra de dimensões variáveis, trabalhado dentro da cava por um ou mais garimpeiros, para ser explorado na busca do diamante.

“Viera de Palmeiras quinze dias apenas, e embora fosse lavrista, tendo nascido e se criado naquela cidade, não tinha até então cateado em leito de rio. “Será que vem enchente para nos tornar a cata?” — perguntara ao sócio, que era fornecido por uma sobrinha do cel. Joca de Carvalho. “Pode vir e não vir” — respondera-lhe o outro. Ele não se sentia bastante experiente para trabalhar num veio geral como era o Paraguaçu, só conhecia **serviços de barrancos** e de grupiara, de sorte que ficou sobressaltado” (SALES, 2011, p. 23, 24).

Número de ocorrências: 1.

SISTEMA DE TIÇÃO – loc. subst. Serviço do garimpo em que se colocam pedras construindo espécie de parede para represar águas de um rio.

“— Eu estava trabalhando de meia-praça — disse. — Foi um ano em que eu vi, de uma vez, seis olhos-de-arara. Quando chegou a hora de fazer o corte, eu fiz o meu foi de caixão, com pedras assentadas no **sistema de tição**, em cima de camadas de capim pubo. — Assoou o nariz com as pontas dos dedos e continuou: — O rio podia estar com uns cinco batidos” (SALES, 2011, p. 43).

Número de ocorrências: 1.

5.3.4 MICROCAMPO DOS DIAMANTES E AFINS

ARROZINHO – s. m. Mineral que ocorre associado ao diamante.

“— Estou perguntando é porque bosta de barata é informação de **arrozinho** — explicou o garimpeiro, — E **arrozinho** aqui no Paraguaçu, você bem sabe, não dá nem a poder de reza. — Quem encontrar cascalho **arrozinho** no Paraguaçu pode dizer “Até logo!”, porque senão morre de fome apartou outro homem” (SALES, 2011, p. 42).

Número de ocorrências: 3.

BALA – s. f. Variedade cristalina ou semicristalina do diamante, de forma esférica e estrutura radiada, não utilizável como pedra preciosa por sua forma, estrutura, dimensões ou cor.

“A **bala**, que é o nosso melhor diamante industrial, não está valendo nada. E o carbonato igualmente: os gringos não querem nem ouvir falar — tiveram um prejuízo enorme. O ladrão abarrotou a praça de mercadoria falsificada. E nós que aguentemos as consequências da baixa!” (SALES, 2011, p. 295).

Número de ocorrências: 13.

CARBONATO – s. m. Espécime de pedra diamantina de alto grau de dureza. É negro, opaco, sem nítida estrutura cristalina e geralmente poroso.

“— O Governo sabe mais do que ninguém que os diamantes das Lavras são os melhores que existem, como também não ignora que esta região é a única que produz **carbonatos** no mundo. Entretanto, cruza os braços e deixa os gringos agirem à vontade, abrirem seus escritórios e açambarcarem tudo. De lá da Europa eles manobram com o mercado inteiro aqui dentro” (SALES, 2011, p. 207).

Número de ocorrências: 67.

CHAPÉU DE FRADE – loc. subst. Espécie de diamante chato e irregular.

“— Esta pedra não tem boa formação. É um **chapéu de frade**. Como é que você quer 3 contos por ela? Ela vale, quando muito, um conto e quinhentos. — Só posso vender por 3 contos — respondeu Fulgêncio. E de tal maneira amarrou no preço, obedecendo às instruções recebidas, que o negro deixou de insistir. Sabia que o diamante valia o dobro, e se teimara na oferta inicial fora sobretudo por não dispor no momento da importância necessária” (SALES, 2011, p. 151).

Número de ocorrências: 1.

JAÇA – s. f. Impureza encontrada em pedra preciosa; imperfeição; mancha.

“Seu Teotônio repetiu: — Fofo. É um carbonato muito ruim... Além disso, tem uma **jaça** enorme aqui do lado. Só com a lente pode ver... Mas tomem conhaque. Filó lançou um olhar ao carbonato, como se tivesse a intenção de verificar os defeitos que acabavam de lhe ser atribuídos” (SALES, 2011, p. 236).

Número de ocorrências: 1.

LAMBREU – s. m. Espécie de diamante com facetas irregulares e muito brilho.

“— Diabo! — exclamou, depois de passar as costas da mão na boca, Quelezinho sentou-se à mesa e desdobrou um pequeno pacote de diamantes. Recolhendo com a pinça um **lambreu** de oito quilates, disse: — Creio que este serve — e passou-o ao delegado, que o guardou rapidamente num grosso picuá” (SALES, 2011, p. 143).

Número de ocorrências: 2.

LASCA COM DOIS GRÃOS – loc. subst. Pedacos de diamantes.

“— Sim, quem tem sorte é você, que pegou uma **lasca com dois grãos** no Vai-Quem-Quer. Neco soltou uma gargalhada e Agenor guardou um silêncio mais significativo do que um nome feio” (SALES, 2011, p. 103).

Número de ocorrências: 1.

MOSQUITINHO – s. m. Pedra de diamante extremamente pequena.

“A casa de negócio era perto. O negro abriu uma banda da porta, acendeu o candeeiro, e sentou-se no balcão para “ver se aparecia um **mosquitinho**”. Foram ter com ele alguns conhecidos, que moravam na mesma rua” (SALES, 2011, p. 66).

Número de ocorrências: 1.

MOSQUITO – s. m. Diamante de insignificante tamanho.

“— Deixe de besteira — respondeu Peba. — O rio só corre pra O mar... Se você tivesse comprado a meia-praça, vamos fazer de conta, sou capaz de apostar como o garimpo não dava nada. Não dava nem **mosquito** de grão” (SALES, 2011, p. 113).

Número de ocorrências: 5.

OLHO-DE-ARARA – s. m. Espécie de diamante.

“— Eu estava trabalhando de meia-praça — disse. Foi um ano em que eu vi, de uma vez, seis **olhos-de-arara**. Quando chegou a hora de fazer o corte, eu fiz o meu foi de caixão, com pedras assentadas no sistema de tição, em cima de camadas de capim pubo” (SALES, 2011, p. 43).

Número de ocorrências: 1.

XIBIU – s. m. Diamante pequeno, geralmente utilizado para cortar vidro.

“Fulgêncio foi chegando como quem não queria nada. Zé de Peixoto estava sentado no balcão, conversando com Peba. Até o comprara dois mosquitos. Contrariado com o mau resultado do garimpo, queixara-se ao sócio do pouco movimento do sábado — alegando que ‘aqueles dois **xibius** não davam nem para salvar a despesa’” (SALES, 2011, p. 148, 149).

Número de ocorrências: 1.

5.3.5 MICROCAMPO DAS FORMAÇÕES GEOLÓGICAS E CASCALHOS

AJOGO – s. m. Encosta de cascalho.

“Todavia, para não falar no Poço da Donana e de outros poços ricos que desafiavam, pela sua profundidade, os rudimentares processos de mineração ali empregados, restavam pródigos **ajogos** como o do Cabelo da Roda, onde eram encontrados os diamantes matemáticos do cascalho balinha” (SALES, 2011, p. 17).

Número de ocorrências: 1.

BAGAJUDO – s. m. Cascalho grosso.

“Andavam em passo regular, e enquanto andavam comentavam o trabalho que tinham feito durante os últimos dias (havendo sempre alguém para se queixar do cascalho, que só dava no **bagajudo**), trocavam impressões sobre alguma mulher do cabaré de felícia, falavam da negra Bataclã, boa fêmea, mas também uma colher-de-pau de primeira, em cuja casa haviam

comido uma moqueca de surubim no sábado anterior, depois de urna farra que acabara de madrugada” (SALES, 2011, p. 209).

Número de ocorrências: 1.

BALINHA – s. f. Mineral que ocorre associado ao diamante.

“— Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, bugalhau pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho **balinha** legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! — repetiu, com ar gabola” (SALES, 2011, p. 42).

Número de ocorrências: 3.

BOSTA DE CABRA – loc. subst. Tipo de cascalho diamantífero.

“— Mas que cascalho foi? — voltou a falar Agenor Cabeça-Seca. — **Bosta de cabra** ou cabeça de formiga? — **Bosta de cabra** — disse Peba, encaminhando-se para o interior do rancho. E pondo as enxadas e a sonda no chão: — Isto é, eu acho que é **bosta de cabra**. Agenor ia jogar o cigarro fora, mas, reparando que a ponta ainda estava grande, voltou a fumar, segurando-a entre as extremidades” (SALES, 2011, p. 101).

Número de ocorrências: 5.

BOSTA DE BARATA – loc. subst. Cascalho associado ao diamante.

“— A informação era **bosta de barata**? — perguntou Joaquim Boca-de-Virgem— Qual é **bosta de barata**, seu! — Estou perguntando é porque **bosta de barata** é informação de arrozinho — explicou o garimpeiro, — E arrozinho aqui no Paraguaçu, você bem sabe, não dá nem a poder de reza” (SALES, 2011, p. 42).

Número de ocorrências: 4.

BUGALHAU – s. m. Fragmentos angulosos ou massas sólidas de quartzo. O mesmo que cascalho.

“— Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, **bugalhau** pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! — repetiu, com ar gabola!” (SALES, 2011, p. 42).

Número de ocorrências: 4.

CABEÇA DE FORMIGA – loc. subst. Satélite de diamantes que indica quase o êxito da garimpagem; diamante de pequena dimensão.

“— Mas que cascalho foi? — voltou a falar Agenor Cabeça-Seca. — Bosta de cabra ou **cabeça de formiga**? — Bosta de cabra — disse Peba, encaminhando-se para o interior do rancho. E pondo as enxadas e a sonda no chão: — Isto é, eu acho que é bosta de cabra. Agenor ia jogar o cigarro fora, mas, reparando que a ponta ainda estava grande, voltou a fumar, segurando-a entre as extremidades” (SALES, 2011, p. 101).

Número de ocorrências: 1.

CALDEIRÃO BIDOQUE – s. m. Buraco onde se retira cascalho diamantífero.

“— Otacílio Preto. Ele está tirando cascalho de **caldeirão** casco de burro e **de bidoque**, você sabia? Vai pegar muito diamante. Aliás, ele sempre teve muita sorte pra serviço de caldeirão e bacia. Você se lembra daquelas bocetas que ele descobriu na Passagem? — Eu tenho lá tempo de me lembrar das bocetas de Otacílio Preto, Neco! Vá dormir” (SALES, 2011, p. 107, 108).

Número de ocorrências: 1.

CALDEIRÃO CASCO DE BURRO – s. m. Buraco onde se retira cascalho diamantífero.

“— Otacílio Preto. Ele está tirando cascalho de **caldeirão casco de burro** e de bidogue, você sabia? Vai pegar muito diamante. Aliás, ele sempre teve muita sorte pra serviço de caldeirão e bacia. Você se lembra daquelas bocetas que ele descobriu na Passagem? — Eu tenho lá tempo de me lembrar das bocetas de Otacílio Preto, Neco! Vá dormir” (SALES, 2011, p. 107).

Número de ocorrências: 1.

CASCALHÃO – s. m. Massa de cascalho trabalhada com a ajuda das águas pluviais.

“— O pior é que o patrão nos arranhou uns bruaqueiros que só fazem atrasar o serviço. Agente tem de explicar tudo. Eles não entendem patavina de **cascalhão**” (SALES, 2011, p. 58).

Número de ocorrências: 1.

COCÁ – s. m. Mineral que ocorre associado ao diamante.

“— Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi **cocá**, feijão azul-oleoso, bugalhau pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! — repetiu, com ar gabola!” (SALES, 2011, p. 42).

Número de ocorrências: 1.

EMBURRADO – s. m. Grande pedra que requer enorme força, a fim de ser alçada das catas ou perfurações; zona de cascalho.

“Amanheceu estiado. O rio baixara mais, descobrindo um grande pedaço do areão, e alguns **emburrados** estavam à vista, com os ovões característicos do Paraguaçu” (SALES, 2011, p. 34).

Número de ocorrências: 5.

ESMERIL – s. m. Mistura de minerais mais pesados que o quartzo e que formam um resíduo no fundo da bateia.

“— Não estou com pressa não — esclareceu o outro. Mas isso não impediu de se dirigir imediatamente ao paiol de **esmeril**, que ficava ao lado, retirando os galhos de mato que o cobriam” (SALES, 2011, p. 123).

Número de ocorrências: 20.

FAVINHA – s. f. Mineral que ocorre associado ao diamante.

“— Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, bugalhau pequeno e redondo, foi **favinha**, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! — repetiu, com ar gabola” (SALES, 2011, p. 42).

Número de ocorrências: 1.

FEIJÃO AZUL-OLEOSO – s. m. Mineral associado ao diamante.

“— Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, **feijão azul-oleoso**, bugalhau pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! — repetiu, com ar gabola” (SALES, 2011, p. 42).

Número de ocorrências: 1.

FERRAGEM – s. f. Pedra sem valor; falso diamante.

“— É uma **ferragem** besta. Silvério espantou-se: — Ferragem? — Sim — confirmou Zé de Peixoto. — Tem grã de carbonato, mas é ferragem. E acrescentou: — Pode jogar fora. Tendo

dito isto, passou a pedra com força no lajedo, e a fragilidade dela veio confirmar o que dissera: esboroou-se sob os seus dedos” (SALES, 2011, p. 127).

Número de ocorrências: 11.

FERVEDOURO – s. m. Pequena nascente de água cristalina com fundo de areia ou cascalho. “— A nossa tem cinco. Cinco canoas e cinco **fervedouros** separados por cinco traves de pedras retadas. É uma corrida de pipoco” (SALES, 2011, p. 58).

Número de ocorrências: 2.

FRENTE DE SERVIÇO – loc. sub. Lugar onde começa o cascalho, seja qual for o ponto em que ele esteja, a descoberto ou nas grunas⁹.

“— Pois é — disse ainda seu Teotônio. — Segunda-feira vocês me procurem. Tenho outra **frente de serviço** pra vocês trabalharem. Vamos pegar muito diamante, — Ao ver que os garimpeiros se preparavam para deixar o escritório, acrescentou, com a mão na chave da porta: — Não vão gastar o dinheiro à toa. Vocês devem agradecer a sorte que Deus lhes deu” (SALES, 2011, p. 240, 241).

Número de ocorrências: 7.

FRINCHA – s. f. Abertura estreita; fenda; fresta.

“Chegou ao salão — espécie de coração da gruna, vão úmido e tresandando a lodo, cujo interior há um montículo de cascalho recolhido das **frinchas**. Filó começou a encher o primeiro saco, quando a cabeça de Joaquim emerge do fundo do lapeiro que dá acesso ao local onde se realiza a extração do cascalho” (SALES, 2011, p. 315).

Número de ocorrências: 2.

GARIMPO – s. m. Mina de diamantes; lugar onde se explora pedras ou metais preciosos.

“— Encha as candeias — foi dizendo velho Justino assim que Neco chegou ao **garimpo**. — vamos começar a trabalhar imediatamente. Os garimpeiros que estavam em volta tinham um ar de expectativa. Mais adiante, do outro lado do córrego onde se tomava banho, vários alugados removiam o cascalho da boca da gruna” (SALES, 2011, p. 311).

Número de ocorrências: 73.

GRUNA – s. f. Escavação funda feita pelos garimpeiros nos terrenos diamantíferos.

“Do céu escuro, com a armação que houve de uma hora para outra, as águas caíram de uma vez nas cabeceiras distantes. E inundando talhados, catas e **grunas**, carregaram pela noite adentro os paióis de cascalho. No povoado da Passagem, à margem do Rio Paraguaçu agora de monte a monte, rajadas de vento cortavam de alto a baixo as ruas ertas, quando os garimpeiros, em lúgubre vozerio, irromperam pela praça alagada com enxurradas descendo para o areão” (SALES, 2011, p. 15).

Número de ocorrências: 29.

GRUPIARA – s. f. Depósito de cascalho em local elevado, acima do nível máximo das águas.

“Quanto ao rio propriamente dito, embora já muito trabalhado na **grupiara** das margens e em todos os serviços de leito por volta daquele ano, continuava a desfrutar da mesma fama do tempo do cel. Joca de Carvalho, seu primeiro explorador” (SALES, 2011, p. 16).

Número de ocorrências: 4.

⁹ Cf. Lima, 1932, p. 280.

INFORMAÇÃO – s. f. Pedras satélites que se encontram no cascalho, indicando a existência de carbonatos e diamantes¹⁰.

“Um velho alto, que estava pitando, e até então se conservara em silêncio, lembrando-se de uma pedra grossa que pegara na mocidade, disse como que a esmo: — Nem sempre bosta de barata é **informação** de cascalho pobre. Aqui no Paraguaçu, é; mas na Mãe do Povo, por exemplo, é **informação** de cascalho rico” (SALES, 2011, p. 43).

Número de ocorrências: 10.

MOCORORÔ OSSO DE CAVALO – loc. subst. Cascalho de diamante.

“Vestindo calções de algodãozinho muito justos nas pernas, os dorsos nus queimados de sol, palmilhavam os dois, em silêncio, o solo arenoso ou recoberto de bugalhaus, os pés calejados e insensíveis já ao contato das pedras quentes, dos seixos pontiagudos e rolados de antigas grupiarias, de lavagens velhas trazidas pelas enxurradas, de cortes de areia refervidos e de esmeris rebaixados — e que eram lascas de pedras ou informações disseminadas de garimpos anteriormente trabalhados, dos chabus ao grosso restolho do **mocororô osso de cavalo**” (SALES, 2011, p. 98).

Número de ocorrências: 1.

MONDUBI – s. m. Depósitos de conglomerados (rochas, areia, seixos, etc.), formando ligas de cascalhos; Pedra-mendobi.

“A vegetação baixa acumulava um verde denso na paisagem colorida e áspera, com emburrados de **mondubi** e rochas talhadas a pique, de cujas arestas pendiam os cachos amarelos das babatimãs” (SALES, 2011, p. 96).

Número de ocorrências: 1.

MONTOEIRA – s. f. Amontoado de pedras soltas, que sinaliza a atividade de garimpagem de diamantes.

“Muito dinheiro e a patente de major da Guarda Nacional. Mas as mãos — aquelas mãos cheias de anéis do atual patrão — conservavam ainda as asperezas das do antigo garimpeiro bafejado pela sorte. Fazia pouco tempo. Todos se lembravam: era um simples meia-praça que andava virando **montoeira** na Bacia dos Nagôs” (SALES, 2011, p. 64).

Número de ocorrências: 3.

MURUNDU – s. m. Pequena elevação ou montículo, que geralmente apresenta solo e vegetação diferentes dos da área circundante.

“Ao reaparecer adiante, no alto da ladeira ondulada de **murundus**, voltou-se lentamente na direção da cidade que abandonava: as casas eram manchas vagas e escuras sob a luz das estrelas” (SALES, 2011, p. 253).

Número de ocorrências: 1.

OVÃO – s. m. Fragmentos de cascalho ralados do garimpo.

“O rio baixara mais, descobrindo um grande pedaço do areão, e alguns emburrados estavam à vista, com os **ovões** característicos do Paraguaçu” (SALES, 2011, p. 34).

Número de ocorrências: 1.

PAIÓL – s. m. Monte de cascalho.

¹⁰ Cf. Lima, 1932, p. 281.

“Do céu escuro, com a armação que houve de uma hora para outra, as águas caíram de uma vez nas cabeceiras distantes. E inundando talhados, catas e grunas, carregaram pela noite adentro os **paíóis** de cascalho” (SALES, 2011, p. 15).

Número de ocorrências: 12.

PERAU – s. m. Lugar íngreme, escarpado; precipício.

“Em certos trechos, era o caminho um simples trilho bordejando os canalões revolvidos até a piçarra, o que os obrigava a andar lentamente, não raro se equilibrando nas pinguelas de cocão lançadas sobre os **peraus**, em cujas profundezas apodreciam os pontaletes de velhos serviços de talhado” (SALES, 2011, p. 211).

Número de ocorrências: 2.

PIÇARRA-MESTRA – s. f. Material semidecomposto, originado da mistura de fragmentos de rocha, areia e concreções ferruginosas; piçarro.

“— É. O serviço de cálculo é esse. Nós devemos continuar o rompimento feito por você e Peba, no tempo do finado Zé de Peixoto, até cairmos no veio da **piçarra-mestra**” (SALES, 2011, p. 190).

Número de ocorrências: 2.

RESTINGA – s. f. Exploração de cascalho extraído e, anteriormente, trabalhado por outros garimpeiros ou, em termos mais próprios, exploração de lavagem, isto é, de cascalho já lavado.

“— Então, seu Neco Rompedor, como vão os garimpos lá no Andaraí? Com esse tempo, coronel, está tudo parado — respondia o garimpeiro. — A salvação é que existe o Paraguaçu. Senão a gente tinha de quebrar a cabeça com aquelas **restingas** dos Coqueiros, faiscar no Viriato, ou lavar cisco debaixo da ponte, como Manezim Cangula” (SALES, 2011, p. 19).

Número de ocorrências: 2.

ROMPIMENTO – s. m. Fenda; abertura; rachadura.

“— É. O serviço de cálculo é esse. Nós devemos continuar o **rompimento** feito por você e Peba, no tempo do finado Zé de Peixoto, até cairmos no veio da piçarra-mestra” (SALES, 2011, p. 190).

Número de ocorrências: 2.

TOMBADOR – s. m. Encosta íngreme, onde o cascalho diamantífero, derivado da erosão, era retirado nos flancos dos relevos; Formação rochosa.

“Distribuídos em sociedades capitaneadas pelos frentes, entregavam-se os garimpeiros à secagem de água que os dividia entre o enchedor e o **tombador**, entrando na fase onde o cascalho era socado e por fim amontoado, para ser em seguida ralado e depois lavado” (SALES, 2011, p. 18).

Número de ocorrências: 2.

VEIO – s. m. Depósito mineral; parte da mina onde se acha o mineral.

“Viera de Palmeiras quinze dias apenas, e embora fosse lavrista, tendo nascido e se criado naquela cidade, não tinha até então cateado em leito de rio. “Será que vem enchente para nos tornar a cata?” — perguntara ao sócio, que era fornecido por uma sobrinha do cel. Joca de Carvalho. “Pode vir e não vir” — respondera-lhe o outro. Ele não se sentia bastante para trabalhar num **veio** geral como era o Paraguaçu, só conhecia serviços de barranco e de grupiara, de sorte que ficou sobressaltado” (SALES, 2011, p. 23, 24).

Número de ocorrências: 1.

5.3.6 MICROCAMPO DAS TAXAS

QUINTO – s. m. Percentual, em torno de 20%, sobre o diamante extraído pago aos donos da serra da área de mineração.

“Mas, de modo geral, o coronel não se interessava pela mera cobrança do **quinto**, que lhe dava direito a 20% sobre o produto extraído por qualquer sociedade com seus terrenos; preferia garimpar só, ressaltando o seu duplo direito de dono de serra e de fornecedor” (SALES, 2011, p. 21).

Número de ocorrências: 20.

5.3.7 MICROCAMPO DAS HABITAÇÕES E APETRECHOS

BIBOCA – s. f. Pequena venda ou taberna; tendinha, bodega.

“Dois dias depois, Zé de Peixoto viajou para Andaraí. Liquidou os negócios com o velho Justino, tendo retirado um saldo de 850 mil-réis. Com esse dinheiro — pensava — iria mosquitar na cidade, abrindo uma **biboca** para despachar meias-praças” (SALES, 2011, p. 45).

Número de ocorrências: 3.

BIRÔ – s. m. Mesa de escrever com gavetas; escrivaninha.

“Os dois transpuseram um pequeno pátio interno e deram entrada no escritório — uma sala mobiliada com quatro cadeiras e um **birô** meticulosamente arrumado, com picuás, crivos, lentes e balanças granatárias em cima” (SALES, 2011, p. 140).

Número de ocorrências: 3.

BOTEQUIM – s. m. Estabelecimento comercial popular onde servem bebidas, lanches, tira-gostos e, eventualmente, alguns pratos simples; bar, boteco.

“— Diga a Boca-de-Virgem que no **botequim** de Leó tem um litro de conhaque pago pra ele. Das alvissaras— Veja se vem com ele — acrescentou Neco, antes que Silvério desaparecesse no meio do povo: havia bastante gente se movimentando na direção do Beco da Lama” (SALES, 2011, p. 241).

Número de ocorrências: 8.

CABARÉ – s. m. Estabelecimento comercial onde geralmente são apresentados números de música, dança e variedades e onde os clientes podem beber, dançar e consumir refeições; prostíbulo.

“O que impelia Silvério a pensar em Pedro Almofadinha estava longe de ser o interesse pitoresco da vida que levava aquele garimpeiro reconhecidamente bamburrista, esbanjador de dinheiro nos **cabarés** de Andaraí” (SALES, 2011, p. 98).

Número de ocorrências: 16.

CANDEEIRO-PLACA – s. m. Utensílio de formatos variados que, contendo líquido combustível e provido de mecha ou torcida, se destina a iluminar. Próprio para prender na parede.

“A sala: quatro cadeiras de palhinha de cada lado do sofá com um travesseiro em cima, um **candeeiro-placa** pendurado na parede, sobre uma mesa em grande desordem — alguns autos entre jornais velhos e feixes de talas para fazer gaiolas” (SALES, 2011, p. 177).

Número de ocorrências: 4.

COLCHÃO DE ARASTO – s. m. Esteira de palhas trançadas.

“Nem todos os garimpeiros tinham esteiras – ‘**colchões de arasto**’, como diziam – para cobrir o lastro de varas das camas, nem cobertores, com exceção de Agenor e Neco, que possuíam uns pequenos, quadrados, que mal lhes chegavam até o peito — uns cobertores muito ordinários, de madapoloão, a que chamavam “desaperta-puta”” (SALES, 2011, p. 107).

Número de ocorrências: 1.

ESCARRADEIRA – s. f. Recipiente em que se escarra; escarrador; cuspidreira.

“Lançando os olhos em volta da sala, como que à procura de alguma coisa que não encontrava, dirigiu-se finalmente à janela, escarrando no pátio: não havia **escarradeira**. Voltou em seguida, limpando a boca no lenço, e aproximou-se da cadeira onde estava sentada a moça” (SALES, 2011, p. 193).

Número de ocorrências: 2.

ESPELUNCA – s. f. Habitação cheia de sujeira, em desordem, escura.

“Com tais propósitos, a que não faltava um vago sentimento de neutralidade, chegara num sábado a Andaraí, hospedando-se na pensão do árabe Mansur. Entretanto, mal apeará, depois da longa viagem a cavalo, já o dr. Canuto Rufino, juiz de Direito da comarca, vinha apresentar-se e cumprimentá-lo, levando-o em seguida para casa, sob o pretexto de que a pensão era uma verdadeira **espelunca**, onde ‘o colega seria devorado pelos percevejos’” (SALES, 2011, p. 160).

Número de ocorrências: 1.

ESTEIRA – s. f. Tapete rolante feito de matérias vegetais (palha) entrelaçadas.

“Como não havia, no pequeno cômodo enfumaçado, com urna **esteira** velha enrolada no canto e uma ceroula de valença pendurada na parede, nenhum caixão para sentar-se, Filó puxou as calças para cima e “Êta, que o reumatismo quer me pegar!”— ficou de cócoras junto à porta, empurrando o chapéu para trás” (SALES, 2011, p. 187).

Número de ocorrências: 9.

FIFÓ – s. m. Pequeno candeeiro a querosene, provido de pavio.

“E tendo dito isto, enquanto os companheiros sorriam, Filó levantou-se e foi para a porta do rancho. Nas tocas adjacentes, os **fifós** eram pontos luminosos na noite Grande era o silêncio, apenas cortado pelo rumorejar dos córregos ou pelo piar de um ou outro caburé” (SALES, 2011, p. 104).

Número de ocorrências: 13.

JIRAU – s. m. Armação de madeira semelhante a estrado ou palanque, que pode ser usado como cama, depósito de utensílios domésticos, secador de frutas ou, quando posta em cima de um fogão, como fumeiro de carne, toucinho, peixe etc.

“Sua casa, avarandada e baixa, erguia-se no centro do descampado, com meia dúzia de ranchos de palha em volta, morada dos trabalhadores, entre **jiraus**, tronco de árvores cortados e montes de cinzas sobre o solo — restos da queima dos pastos” (SALES, 2011, p. 287).

Número de ocorrências: 1.

LOCA – s. f. Gruta pequena; lapa.

“Quando menos esperou, não pôde mais levantar-se da esteira onde dormia, na **loca** que lhe servia de morada, perto da casa de Maria Caga-na-Telha” (SALES, 2011, p. 257).

Número de ocorrências: 1.

OITÃO – s. m. Construção; alvenaria.

“Voltou-se rapidamente para o lado, a ver se d. Santa estava no alpendre, e, nada divisando além da rede armada no **oitão**, despediu-se do capataz e fez galopar o animal” (SALES, 2011, p. 298).

Número de ocorrências: 7.

PLATIBANDA – s. f. Espécie de mureta, construída na parte mais alta das paredes externas de uma construção, para proteger e ornamentar a fachada.

“Depois da praça vinha a pracinha – àquela hora com Antônio de Zé Benício descarregando adobes trazidos da olaria para construção da segunda casa de **platibanda** da cidade, com grupos de homens indo para a rua do curral, com um menino vendendo verduras na porta da pensseio, com mulheres-damas conversando na esquina do Beco da Padaria, e com o sol batendo na placa do escritório do presidente do Conselho” (SALES, 2011, p. 63, 64).

Número de ocorrências: 2.

POTE – s. m. Vasilha de barro utilizada para transportar e armazenar água para beber ou para as necessidades domésticas¹¹.

“— Vá apanhar aquele copo de alumínio que está em cima da boca do **pote**, lá no corredor E quando o inspetor trouxe o copo: — Agora vamos beber” (SALES, 2011, p. 147).

Número de ocorrências: 1.

RANCHO – s. m. Acampamento de trabalhadores em frente à extração mineral.

“— Eu sei dizer que com isso eu fiquei foi sem minha ferramenta — queixou-se outro garimpeiro. — Eu estava na porta do **rancho** fazendo um cigarro, quando ouvi o sócio gritar: "O rio está enchendo!" e já vi foi a ferramenta descendo rio abaixo. Até meu chapéu foi embora” (SALES, 2011, p. 26).

Número de ocorrências: 63.

TABIQUE – s. m. Parede frágil, geralmente de madeira, usada para separar ou fechar áreas ou quartos numa casa; divisória; tapume.

“E contara que o hóspede se chamava Ostrowsky, um judeu russo que viera comprar diamantes em Andaraí, e cuja valise, onde estava guardada a referida importância, desaparecera misteriosamente do quarto de **tabique** da Pensão Grande Líbano” (SALES, 2011, p. 165).

Número de ocorrências: 6.

TREMPE – s. f. Chapa de ferro com buracos arredondados, colocada em fogão a lenha sobre o espaço destinado ao fogo, para sustentar as panelas; aro de ferro com três pés, usado para apoiar panelas sobre o fogo.

“A rua começava a despertar. A lenha ardia nas **trempes**, enfumaçando a cobertura de palha das moradas humildes. Era aquele movimento de sempre, de gente acordando para pegar firme no trabalho, cada qual tratando de sua ocupação” (SALES, 2011, p. 57).

Número de ocorrências: 4.

URINOL – s. m. Vaso apropriado para nele se urinar; penico.

¹¹ Cf. Barreiros, 2016, p. 212.

“Depois de lavar os pratos, a velha Atanásia escorou a porta dos fundos e levou o **urinol** para o quarto do patrão. Fazia isso precisamente há quinze anos” (SALES, 2011, p. 24).
Número de ocorrências: 3.

VENDA – s. f. Pequeno armazém; mercearia.

“Chegando-lhe aos ouvidos rumores de vozes, de envolta com latidos de cães, sons de harmônica e gargalhadas de homens e mulheres, compreendeu a inutilidade de esquivar-se, passando pelos fundos das casas: o movimento do sábado, com a noite povoada de garimpeiros e raparigas, com gente bebendo no balcão das **vendas** e a rufiagem solta nas ruas, já atingira aquela parte da cidade” (SALES, 2011, p. 134).
Número de ocorrências: 25.

Quadro 6: Listagem das lexias constantes no macrocampo das lavras e seus microcampos.

MACROCAMPO	MICROCAMPOS E LEXIAS	Total de lexias
Das Lavras	Ferramentas e equivalentes: almocafo, balança granatária, bateia, bolinete, broca, carumbé, crivo, cunha de marreta, desbrutador, farracho, enxada, esbirro, frincheiro, marrão, pequenito, pião de cata, picuá, ralo, socador de broca. Profissões e trabalho: alugado, bruaqueiro, capangueiro, frente, garimpeiro, lavrista, meia-praça, mosquitador. Serviços e afins: apuração, broqueamento, cata, cateamento, faiscar, faisqueira, garimpar de lancheio, mamparra, mosquitar, quebrar cata, rego, serviço de barranco, sistema de tição. Diamantes e afins: arrozinho, bala, carbonato, chapéu de frade, jaça, lambreu, lasca com dois grãos, mosquitinho, mosquito, olho-de-arara, xibiu. Formações geológicas e cascalhos: ajogo, bagajudo, balinha, bosta de cabra, bosta de barata, bugalhau, cabeça de formiga, caldeirão bidogue, caldeirão casco de burro, cascalhão, cocá, emburrado, esmeril, favinha, feijão azul-oleoso, ferragem, fervedouro, frente de serviço, frincha, garimpo, gruna, grupiara, informação, mcororô osso de cavalo, mondubi, montoeira, murundu, ovão, paiol, perau, piçarra	108

	mestra, restinga, rompimento, tombador, veio. Taxas: quinto. Habitação e apetrechos: biboca, birô, botequim, cabaré, candeeiro-placa, colchão de arasto, escarradeira, espelunca, esteira, fifó, jirau, loca, oitão, platibanda, pote, rancho, tabique, trempe, urinol, venda.	
--	--	--

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

5.4 MACROCAMPO LEXICAL DA ALIMENTAÇÃO

As relações do homem com o alimento estão para além de serem apenas para manutenção biológica. As dimensões sócio históricas e culturais relacionam-se às escolhas alimentares e às possibilidades de preparo disponibilizadas localmente. Significa dizer que, existe uma cultura alimentar oriunda da interação entre o homem e o seu ambiente. A cultura alimentar da região das lavras diamantinas é passada através de gerações, estando associada a todo um contexto histórico. O ato de se alimentar é uma dimensão cultural e social desde o seu preparo até as formas de comer. Os pratos, os modos de preparo, os ingredientes etc., remetem a uma identidade regional e isto está relacionado ao léxico. Os hábitos alimentares da sociedade do garimpo da Chapada Diamantina assumem, assim, um comportamento cultural e social que são refletidos na linguagem, por meio do seu léxico. Estão relacionadas às dimensões identitárias, religiosas e de extrato social.

As relações sociais e culturais estão nitidamente refletidas na alimentação garimpeira, por exemplo, o arroz de cacimba atendia às necessidades do manuseio e facilidade de preparo, pela disponibilidade e pelas condições econômicas. Naquela sociedade patriarcal, rural, de divisões das classes sociais nitidamente demarcadas, a comida indicava essa distinção social. Os garimpeiros consumiam o arroz de cacimba e outros alimentos comportando um valor social, que constituía um hábito estritamente relacionado a esse grupo social. Nessa perspectiva existiam nas lavras diamantinas “comida de pobre” e “comida de rico”. Hoje em dia existe uma resignificação sociocultural dessa culinária em função da valorização e expansão do turismo na Chapada Diamantina, não mais como polo garimpeiro, mas sendo polo turístico. Esses pratos tradicionais agregaram identidade local, mas acima de tudo valor econômico ao serem servidos nos restaurantes de comidas típicas da região. O que outrora era

“comida de pobre” passou a ser “comida de turista”. Vejamos o léxico da cozinha da sociedade garimpeira extraída do romance *Cascalho* (SALES, 2011).

5.4.1 MICROCAMPO DOS UTENSÍLIOS DE COZINHA

CHOCOLATEIRA – s. f. Vasilha usada para aquecer água e preparar café¹².

“E, conservando-se sentado à espera do café, como se lhe fosse impossível tomar outra atitude com resultado, viu Vitalina de novo desaparecer na cozinha, de onde vinha agora o ruído da água fervendo na **chocolateira**” (SALES, 2011, p. 247).

Número de ocorrências: 10.

COLHER DE SOPA – s. f. Utensílio de mesa e cozinha utilizada para servir e comer.

“Carregosa resmungou uma resposta qualquer, destampou o vidro de remédio e, com o rosto coberto de suor, pediu “uma **colher das de sopa**”. D. Marocas correu ao armário. Aproveitando a oportunidade, Valadão soprou aos ouvidos do compadre: — Sê hábil... Veio a colher, e o homem se dirigiu para o sótão, onde a moça se encontrava nesse momento. Enquanto o ouvia subir a escada, Valadão se pôs a andar em volta da mesa, as mãos para trás, apreensivo com o resultado que poderia advir da entrevista de Carregosa com a filha” (SALES, 2011, p. 198, 199).

Número de ocorrências: 1.

GAMELA – s. f. Vasilha de madeira ou de barro, de vários tamanhos, em forma de alguidar ou quadrilonga.

“Tudo se processava como num ritual conhecido: gente para baixo e para cima, cachorros rondando a calçada do açougue, de onde ia saindo o velho Torquato com a sua **gamela** de fatoe sempre gente e mais gente — dos ocasionais caixeiros-viajantes se exibindo na elegância ambulante dos jaquetões de linho branco, aos grupos familiares esparramados em cadeiras trazidas para os passeios das respectivas casas: moças e senhoras que não tinham ido à igreja e se distraíam” (SALES, 2011, p. 231).

Número de ocorrências: 2.

PANELA DE BARRO – loc. subst. Vaso de barro que serve para cozinhar alimentos¹³.

“Nas proximidades, em ranchos de pedra e em tocas, ou simplesmente em lapas, outros garimpeiros cozinham o seu arroz de cacimba em **panelas de barro** do Carrapato e do Brejo de Luís de Brito, dividindo entre si o trabalho com o mesmo espírito de cooperação da garimpagem que os reunia em sociedade — um cortando negro-nu para espantar borrachudo, outro apanhando água, outro lavando os carumbés onde carregavam o cascalho e também comiam” (SALES, 2011, p. 102).

Número de ocorrências: 3.

¹² Cf. Barreiros, 2016, p. 211.

¹³ Cf. Barreiros, 2016, p. 211.

5.4.2 MICROCAMPO DOS PRATOS CRUS, COZIDOS E ASSADOS

ARROZ DE CACIMBA – loc. subst. Arroz de garimpeiro, servido num carumbé, feito com arroz vermelho, toucinho, pedacinhos de carne frita e misturava com a farinha.

“Nas proximidades, em ranchos de pedra e em tocas, ou simplesmente em lapas, outros garimpeiros cozinhavam o seu **arroz de cacimba** em panelas de barro do Carrapato e do Brejo de Luís de Brito, dividindo entre si o trabalho com o mesmo espírito de cooperação da garimpagem que os reunia em sociedade — um cortando negro-nu para espantar borrachudo, outro apanhando água, outro lavando os carumbés onde carregavam o cascalho e também comiam” (SALES, 2011, p. 102).

Número de ocorrências: 1.

CARNE-SECA – s. f. Carne de sol, charque feito com bastante sal e ressecado, geralmente, em estufa.

“Talvez fosse Eleutério com o seu carregamento de cachaça, ou Nezinho de seu Filotas trazendo **carne-seca** de Jussiape O ruído dos chocalhos crescia na tarde calma, e o velho sentiu então uma estranha saudade do negro. Não sabia bem por que era. Mas sentiu” (SALES, 2011, p. 51).

Número de ocorrências: 12.

CARNE FRESCAL – s. f. Carne salgada quase fresca.

“Deixe lá que a **carne frescal** dos Campos de São João ia quebrar muito com semelhante sol, e por isso tinham que subir o preço no retalho, do mesmo modo que o toucinho, toucinhão de palmo, agora perdendo peso nos fardos que engorduravam o calçamento” (SALES, 2011, p. 89).

Número de ocorrências: 1.

CUSCUZ – s. m. Massa feita com tapioca ou de milho moído, e cozida no vapor.

“— Me dá 500 réis destas duas sílabas imorais. Seu Dudu conhecia a pilhéria. Meteu a faca no **cuscuz** e embrulhou-o num pedaço de folha de bananeira” (SALES, 2011p. 89).

Número de ocorrências: 2.

FATO – s. m. Vísceras de animal; miúdos.

“Tudo se processava como num ritual conhecido: gente para baixo e para cima, cachorros rondando a calçada do açougue, de onde ia saindo agora o velho Torquato com a sua gamela de **fato**, e sempre gente e mais gente — dos ocasionais caixeiros-viajantes se exibindo na elegância ambulante dos jaquetões de linho branco, aos grupos familiares esparramados em cadeiras trazidas para os passeios das respectivas casas: moças e senhoras que não tinham ido à igreja e se distraíam” (SALES, 2011, p. 231).

Número de ocorrências: 1.

FÍGADO – s. m. Víscera de animal; miúdo.

“— Voltando ao caso da permuta — disse dr. Oscar, enquanto se servia de um pedaço de lombo, que era sábado, dia da disputada carne fresca nos dois únicos açougues da cidade, com cachorros rosnando na porta e mulheres-damas assediando garimpeiros por causa de meia-libra de **fígado** — nunca me passou pela cabeça entrar no comércio de diamantes” (SALES, 2011, p. 168).

Número de ocorrências: 3.

LOMBO – s. m. Carne de animais bovino ou suíno da parte do dorso, costas; lombinho.

“— Voltando ao caso da permuta — disse dr. Oscar, enquanto se servia de um pedaço de **lombo**, que era sábado, dia da disputada carne fresca nos dois únicos açougues da cidade, com cachorros rosnando na porta e mulheres-damas assediando garimpeiros por causa de meia-libra de fígado — nunca me passou pela cabeça entrar no comércio de diamantes” (SALES, 2011, p. 168).

Número de ocorrências: 3.

MOQUECA – s. f. Guisado de peixe feito com leite de coco, dendê e bastante tempero.

“Andavam em passo regular, e enquanto andavam comentavam o trabalho que tinham feito durante os últimos dias (havendo sempre alguém para se queixar do cascalho, que só dava no bagajudo), trocavam impressões sobre alguma mulher do cabaré de felícia, falavam da negra Bataclã, boa fêmea, mas também uma colher-de-pau de primeira, em cuja casa haviam comido uma **moqueca** de surubim no sábado anterior, depois de urna farra que acabara de madrugada” (SALES, 2011, p. 209).

Número de ocorrências: 1.

PIRÃO – s. m. Almoço.

“— Você hoje está num grande dia, seu Nascimento — disse, com uma bonomia que implicava aprovação. Mas deixemos o gênero humano em paz, que está à nossa espera, lá dentro, o magro **pirão** de um pobre promotor. — Voltando ao caso da permuta — disse dr. Oscar, enquanto se servia de um pedaço de lombo” (SALES, 2011, p. 168).

Número de ocorrências: 1.

SARAPATEL – s. m. Guisado de sangue, tripas e miúdos de porco ou carneiro, bem condimentado.

“Muito pálida, os olhos semicerrados, a moça nada respondia. Como d. Marocas achava que tinha sido o **sarapatel** do meio-dia, Carregosa saiu como uma bala e foi buscar na loja um pouco de bicarbonato. Ao voltar, porém, deu de cara com Antunes, que vinha triunfalmente avisar a chegada do médico. O negociante voou para o corredor e, logo depois, entrava de novo na sala, acompanhado de dr. Marcolino” (SALES, 2011, p. 193).

Número de ocorrências: 2.

TOICIM – s. m. Alimento de origem animal, precisamente a gordura do porco subjacente à pele.

“A nota era esta: 1 qlo di carne 2\$000 1 qlo di **toicim** 3\$500 1 lt di feijão 1\$000 1 lt di arrois 1\$000 6 lt di farinha 1\$000 1/2 lb di café \$400 1 raspadura \$400” (SALES, 2011, p. 92).

Número de ocorrências: 1.

5.4.3 MICROCAMPO DAS BEBIDAS

CACHAÇA COM ÓLEO DE COPAÍBA – loc. subst. Bebida de uso medicinal caseiro anti-inflamatório e antibiótico.

“Em vão procurou curandeiros, tomou garrafadas e tudo o que lhe ensinavam as companheiras mais experientes — mamão serenado, banho de pó de cedro e **cachaça com óleo de copaíba**. Quando menos esperou, não pôde mais levantar-se da esteira onde dormia, na loca que lhe servia de morada, perto da casa de Maria Caga-na-Telha” (SALES, 2011, p. 257).

Número de ocorrências: 1.

GARRAFADA – s. f. Bebida preparada com plantas medicinais; utilizada como remédio caseiro.

“Em vão procurou curandeiros, tomou **garrafadas** e tudo o que lhe ensinavam as companheiras mais experientes — mamão serenado, banho de pó de cedro e cachaça com óleo de copaíba. Quando menos esperou, não pôde mais levantar-se da esteira onde dormia, na loca que lhe servia de morada, perto da casa de Maria Caga-na-Telha” (SALES, 2011, p. 257).

Número de ocorrências: 1.

JACUBA – s. f. Papa de farinha de mandioca preparada com mel, açúcar ou rapadura, a que se acrescenta, por vezes, leite ou cachaça e que também se dilui com água e sumo de limão, para servir como refresco.

“Mas como **jacuba** não dava sangue, não tardava e a fome sobrevinha; iam para a chácara, que ficava ali mesmo nos fundos do chalé, completar a refeição. Se as mangueiras estivessem carregadas — atiravam-se às mangas verdes ou simplesmente inchadas, não dando tempo a que elas amadurecessem...” (SALES, 2011, p. 71).

Número de ocorrências: 2.

JINJIBIRRA – s. f. Espécie de cerveja de gengibre, cuja composição inclui, além de gengibre, frutos, açúcar, ácido tartárico, fermento de pão e água; cerveja de barbante.

“Em torno da barraca de seu Frederico Macacão havia uma verdadeira multidão: o preto velho não tinha mãos a medir, corria de um lado para outro do pequeno balcão, a freguesia dobrando as doses da **jinjibirra** que ele fabricava durante a semana” (SALES, 2011, p. 94).

Número de ocorrências: 1.

MOCA – s. m. Variedade de café fino originária da Arábia.

“— Faz um **moca** aí pra gente — pediu Neco a Agenor, que era o cuca da sociedade. Por medida de economia, a exemplo de inúmeros garimpeiros, Peba e Silvério não tomavam café de noite, substituindo-o por chá de capim-da-lapa” (SALES, 2011, p. 104).

Número de ocorrências: 2.

RESTILO – s. m. Aguardente forte, redestilada.

“O menino saiu correndo e o negro foi apanhar na prateleira o litro de cachaça. Encheu dois copos. Peba cuspiu e despejou a cachaça na goela — o copo suspenso a um palmo acima da boca. Estalou a língua: — **Restilo**. O outro bebeu pelo mesmo processo. A cachaça desceu pela garganta como por um funil” (SALES, 2011, p. 67).

Número de ocorrências: 1.

VERMUTE – s. m. Vinho licoroso, branco ou tinto, preparado com infusão ou extrato de plantas aromáticas e amargas.

“O médico emborcou o cálice de cachaça com **vermute** — uma talagada de mestre E Ziu concluiu: — Aquilo é que é uma fêmea, seu Marcolino. É uma babaca de juízo! Trepado sobre uma mesa, no auge do porre, Pedro Almofadinha gritava para o povo: — Pode comer água, minha gente!” (SALES, 2011, p. 95).

Número de ocorrências: 1.

5.4.4 MICROCAMPO DOS DOCES E SALGADOS

BEIJU DE COCO – loc. subst. Massa de mandioca assada com coco, que foi ralado ou cortado em tiras minúsculas.

“Por outro lado, a molecoreba cercava os tabuleiros na Pracinha, gastando os níqueis dos eventuais mandados no doce de rapadura com gergelim, nas brevidades de tia Joana, nos queimados enrolados em papel de seda e com um gostinho bom mesmo de gengibre, nos **beijus de coco** e nos bolos de milho, de arroz e de aipim” (SALES, 2011, p. 89).

Número de ocorrências: 2.

BOLACHA PAPUDA – loc. adj. Biscoito de farinha de trigo empapuçado.

“A mulher respondeu com boca de nojo: — Olhe com os olhos e coma com a testa — e saiu rebolando as volumosas nádegas, a meia libra de **bolachas papudas** na mão” (SALES, 2011, p. 89).

Número de ocorrências: 3.

DOCE DE RAPADURA COM GERGELIM – loc. subst. Doce típico do nordeste, de origem portuguesa, que leva farinha de mandioca, castanha de caju, além dos ingredientes do próprio nome.

“Por outro lado, a molecoreba cercava os tabuleiros na Pracinha, gastando os níqueis dos eventuais mandados no **doce de rapadura com gergelim**, nas brevidades de tia Joana, nos queimados enrolados em papel de seda e com um gostinho bom mesmo de gengibre, nos beijus de coco e nos bolos de milho, de arroz e de aipim” (SALES, 2011, p. 89).

Número de ocorrências: 1.

QUEIMADO – s. m. Doce feito com melaço de açúcar.

“Por outro lado, a molecoreba cercava os tabuleiros na Pracinha, gastando os níqueis dos eventuais mandados no doce de rapadura com gergelim, nas brevidades de tia Joana nos **queimados** enrolados em papel de seda e com um gostinho bom mesmo de gengibre, nos beijus de coco e nos bolos de milho, de arroz e de aipim” (SALES, 2011, p. 89).

Número de ocorrências: 2.

RASPADURA – s. f. Açúcar mascavo solidificado em forma de um pequeno tijolo.

“A nota era esta: 1 qlo di carne 2\$000 1 qlo di toicim 3\$500 1 lt di feijão 1\$000 1 lt di arrois 1\$000 6 lt di farinha 1\$000 1/2 lb di café \$400 1 **raspadura** \$400” (SALES, 2011, p. 92).

Número de ocorrências: 1.

VOADOR – s. m. Biscoito de polvilho feito com ovos, sal, leite e óleo.

“E deu urna volta em torno da mesa, de onde emergia um bojudor candeeiro em meio dos mimos oferecidos pelos mordomos: formas de bolo, carneiros de doce de leite, compoteiras com o nome do ofertante embaixo, perus, galinhas e quartos de porco assado, bandejas de mangas e pencas amarradas de laranjas de umbigo, gaiolas de **voador** e fritadas cobertas de papel de seda recortado— tudo isso constituindo o vasto e variado leilão da tildam noite da novena de N. S. da Glória, funcionando na Praça do Rosário, com urna compacta massa humana em volta” (SALES, 2011, p. 258).

Número de ocorrências: 1.

Quadro 7: Listagem das lexias constantes no macrocampo da alimentação e seus microcampos.

MACROCAMPO	MICROCAMPOS E LEXIAS	Total de lexias
Da Alimentação	Dos utensílios de cozinha: chocolateira, colher de sopa, gamela, panela de barro. Dos pratos crus, cozidos e assados: arroz de cacimba, carne-seca, carne frescal, cuscuz, fato, fígado, lombo, moqueca, pirão, sarapatel, toicim. Das bebidas: cachaça com óleo de copaíba, garrafada, jacuba, jinjibirra, moca, restilo, vermute. Dos doces e salgados: beiju de coco, bolacha papuda, doce de rapadura com gergelim, queimado, raspadura, voador.	28

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

5.5 MACROCAMPO LEXICAL DAS INDUMENTÁRIAS

Da mesma forma que a alimentação, a indumentária possui características sócio-histórico-culturais pertinentes de significância não somente estética, mas que revelam um momento histórico, tipologias, símbolos, classes sociais etc., que reproduzem comportamentos e descrevem muito mais que “vestir o corpo”. Reunir informações lexicais das indumentárias nos informa dos comportamentos e rememora leituras a partir das vestimentas. A tradicional roupa dos garimpeiros (SALES, 1955) confeccionada em valença, nome de um tecido inferior de algodão muito utilizado na época pelas classes populares, contrasta com o linho H.J dos coronéis.

Sobre o tecido de valença, existe um suposto fenômeno metonímico em que o determinado tecido “valença” comumente usado pelos garimpeiros é atribuído ao município de Valença-BA. Isso se explica pela indústria têxtil (Todos os Santos) fundada em 1844, sendo pioneira em modernização ao utilizar turbinas hidráulicas gerando sua própria energia, obedecendo aos modelos das fábricas norte-americanas nos moldes oriundos da Revolução Industrial. A sua produção era pautada em tecidos finos destinados às classes abastadas. Posteriormente outra fábrica (Nossa Senhora do Amparo) fora inaugurada com a presença do então imperador D. Pedro II em 1860. Em finais de 1880 houve uma fusão que englobou as fábricas Todos os Santos e Nossa Senhora do Amparo constituindo a Empresa Valença Industrial que, posteriormente em 1899, tornou-se Companhia Valença Industrial (C. V. I).

As instalações das fábricas marcaram a história de Valença-BA na perspectiva econômica, mas também social e cultural. Assim, os tecidos de Valença sendo distribuídos por toda a Bahia, as pessoas identificavam o tecido com o município, de forma metonímica denominavam o produto têxtil como “tecido de valença”. Fabricadas, além de tecidos finos, panos grosseiros de algodão para atender o ensacamento de produtos para exportação e confecção de roupas usadas pelos escravos e camadas populares (OLIVEIRA, 2019; PAIXÃO, 2006).

De certo, configura um contexto histórico a partir das vestimentas e a língua é reveladora dos usos e procedimentos associados a códigos e práticas sociais. Da mesma forma que existia uma “comida de pobre”, também havia “roupas de pobre”. Roupas, comida e posição social estão intimamente relacionadas e o léxico revela os “rótulos” de como a sociedade considerava esses itens.

As vestimentas possuem uma linguagem estética, social e linguística reveladora de uma cosmovisão para além da necessidade de se cobrir o corpo. Sobretudo, existe uma construção linguística lexical demarcadora das classes sociais, por exemplo, um coronel nunca usaria um desaperta-puta, as classes populares do garimpo nomeavam sua indumentária segundo seu estilo de vida, caracterizado pela criação lexical que substituíam nomes genéricos (cobertor) por específicos segundo sua vivência (desaperta-puta). Isso nos mostra que o exame do léxico da indumentária permite que vejamos as demarcações sociais, a comunidade e os elementos culturais da interação entre o homem e o seu entorno.

5.5.1 MICROCAMPO DAS ROUPAS DE CAMA

COBERTOR DORME-BEM – s. m. Cobertor pesado de lã ou de algodão, encorpado e felpudo.

“De súbito, lançando os olhos para a cama armada no outro lado do cômodo, com um **cobertor dorme-bem** dobrado sobre um par de travesseiros de capim— um sentimento de amarga ternura obrigou-o a lembrar-se, com melancolia, de um fato que se lhe apresentava como uma espécie de injustiça: desde que chegara a Andaraí só estivera com mulheres debaixo das pontes, nos fundos dos quintais e atrás das pedras — os dois se entregando ao relento corno animais” (SALES, 2011, p. 248).

Número de ocorrências: 2.

DESAPERTA-PUTA – s. m. Cobertor popular, de má qualidade, inferior.

“Nem todos os garimpeiros tinham esteiras — “colchões de arasto”, como diziam — para cobrir o lastro de varas das camas, nem cobertores, com exceção de Agenor e Neco, que possuíam uns pequenos, quadrados, que mal lhes chegavam até o peito — uns cobertores

muitos ordinários, de madapolão, a quem chamavam “**desaperta-puta**”. Com a cabeça apoiada sobre a pedra coberta de capimpubo, que lhe servia de travesseiro, o corpo encolhido, as mãos entre as pernas, Filó se lembrava da negra Vitalina” (SALES, 2011, p. 107).

Número de ocorrências: 1.

5.5.2 MICROCAMPO DAS VESTIMENTAS

CALÇA DE BRIM – s. m. Calça feita de tecido resistente de linho, algodão ou fibra sintética.

“Um fraque velho e uma **calça de brim** branco rasgada na bunda. Fui logo dizendo à minha mãe: "Este fraque eu não visto. Os meninos me matam de arrelia". Ela procurou dar um jeito: "A gente pode cortar esse rabo, meu filho..." — "Não" — respondi. — "Essa porcaria eu não visto"" (SALES, 2011, p. 110).

Número de ocorrências: 1.

CALÇÃO DE VALENÇA – s. m. Calça comprida, mas arregaçada até os joelhos; tecido grosseiro.

“— Atirei quando ele pulou de uma pedra pra outra — respondeu Neco, apoiando a espingarda contra a parede do rancho. E limpando as mãos no **calção de valença**: — Eu estava atrás de uma pedra, quando ouvi ele piar; aí eu preparei a espingarda. Nisto urna mutuca ferrou ele na orelha, ele saltou e eu passei fogo bem na cabeça dele” (SALES, 2011, p. 103).

Número de ocorrências: 4.

CAPOTE – s. m. Peça de vestuário, capa larga e longa; casaco.

“O coronel vestiu o **capote**, pôs o chapéu e desceu para ver de perto a enchente. Muitos garimpeiros o acompanharam, alumando o caminho com as candeias. Soprava um vento frio, úmido, e algumas delas se apagaram. Nesse momento, um garimpeiro acendeu um pedaço de candombá, a resina pegou fogo e foi aquela claridade grande contra a qual o vento não podia” (SALES, 2011, p. 30).

Número de ocorrências: 5.

CEROULA DE VALENÇA – loc. subst. Roupa masculina íntima com duas pernas, usado sob as calças, que cobre da cintura até o tornozelo. (nota explicativa referente a Valença)

“Como não havia no pequeno cômodo enfumaçado, com uma esteira velha enrolada no canto e uma **ceroula de valença** pendurada na parede, nenhum caixão para sentar-se, Filó puxou as calças para cima e "Êta, que o reumatismo quer me pegar!" — ficou de cócoras junto à porta, empurrando o chapéu para trás” (SALES, 2011, p. 187).

Número de ocorrências: 1.

FRAQUE – s. m. Traje masculino usado em certas cerimônias.

“Um **fraque** velho e uma calça de brim branco rasgada na bunda. Fui logo dizendo à minha mãe: "Este fraque eu não visto. Os meninos me matam de arrelia". Ela procurou dar um jeito: "A gente pode cortar esse rabo, meu filho..." — "Não" — respondi. — "Essa porcaria eu não visto"" (SALES, 2011, p. 110).

Número de ocorrências: 3.

GIBÃO – s. m. Casaco de couro, geralmente largo, usado por vaqueiros.

“O **gibão**, protegendo-lhe o corpo, tornava fácil esse rastejante contato com o solo. Ao passar ao lado de um murundu, uma lagartixa fugiu precipitadamente por entre os matos, o que o fez parar de repente: só retirou a mão do cabo do revólver depois que descobriu a verdadeira causa do ruído que escutara” (SALES, 2011, p. 300).

Número de ocorrências: 1.

PALETÓ DE ALPACA – loc. subst. Indumentária de tecido lustroso, produzido a partir da lã de alpaca, mamífero sul-americano aparentado com a Lhama.

“Quelezinho chegou na sua besta melada de 2 contos de réis, um lenço de seda atado ao pescoço, de luvas, chapéu-chile e **paletó de alpaca**, as calças de linho branco entaladas num sólido par de botas de couro de bezerro. Acompanhavam-no dois guarda-costas armados até os dentes. Quando a cavalcada entrou na Rua dos Negros, a madrinha com um cabeção de prata e dois animais adestros, as janelas se encheram de gente corno se fosse dia de procissão” (SALES, 2011, p. 140).

Número de ocorrências: 2.

XALE – s. m. Manta de lã ou seda, usado pelas mulheres como ornato ou agasalho sobre os ombros, tronco ou cabeça.

“As mulheres, agasalhadas nos **xales**, ralhavam com os filhos para não saírem. Estes, não podendo ver de perto o rio, onde desde cedo se tornavam nadadores de mão-cheia, ficavam nas janelas espiando os garimpeiros. Algum dia fariam a mesma coisa, atravessariam a praça com uma candeia de azeite na mão, para ver as cabeças-d’água de noite” (SALES, 2011, p. 30).

Número de ocorrências: 4.

5.5.3 MICROCAMPO DOS ACESSÓRIOS E GENERALIDADES

BAGUETA – s. f. Pequeno bastão que é portado por certas pessoas investidas de cargos oficiais.

“O farmacêutico deixou-se vencer sem mais dificuldades. De **bagueta** em punho, manipulou a sua clássica poção veiculada em magnésia fluida, no que demorou mais de cinco minutos” (SALES, 2011, p. 198).

Número de ocorrências: 1.

BRAGUILHA – s. f. Abertura com zíper da parte dianteira de quaisquer calças, calções etc.

“Valadão sorriu discretamente e, limpando a goela com um pigarro, já ia retomar com animação a leitura — quando a porta da sala se abriu com arremesso e dr. Marcolino entrou abotoando a **braguilha**” (SALES, 2011, p. 274).

Número de ocorrências: 2.

CAPANGA – s. f. Bolsa pequena, de tecido, couro ou plástico, usado a tiracolo usado por viajantes.

“Para matar o tempo, com os cobertores dobrados na boca das **capangas**, conversavam: — Aqui no Paraguaçu — disse Filó Finança — alugado sofre mais do que sapatinha de mulher-dama em cabaré” (SALES, 2011, p. 41).

Número de ocorrências: 12.

CHAGRIN – s. m. Variedade de couro (chagrém) granulado, preparado com pele de jumento, cavalo ou caprino.

“Camisa de seda finíssima, roupa de linho H.J. muito bem engomada, de meias e chinelos **"chagrin"** acolchoados, chapéu-chile de copa alta, seu Teotônio acabava de resolver um caso ocorrido em sua serra. Por trás da mesa — um grande cofre. Muito dinheiro e a patente de major da Guarda Nacional. Mas as mãos — aquelas mãos cheias de anéis do atual patrão — conservavam ainda as asperezas das do antigo garimpeiro bafejado pela sorte” (SALES, 2011, p. 64).

Número de ocorrências: 1.

CHAPÉU-CHILE DE COPA ALTA – s. m. Chapéu masculino feito com fibras finas trançadas de palha flexível.

“Camisa de seda finíssima, roupa de linho H.J. muito bem engomada, de meias e chinelos **"chagrin"** acolchoados, **chapéu-chile de copa alta**, seu Teotônio acabava de resolver um caso ocorrido em sua serra. Por trás da mesa — um grande cofre. Muito dinheiro e a patente de major da Guarda Nacional. Mas as mãos — aquelas mãos cheias de anéis do atual patrão — conservavam ainda as asperezas das do antigo garimpeiro bafejado pela sorte” (SALES, 2011, p. 64).

Número de ocorrências: 4.

LINHO H.J. – s. m. Tecido da melhor qualidade, nobre usado por pessoas abastadas .

“Camisa de seda finíssima, roupa de **linho H.J.** muito bem engomada, de meias e chinelos **"chagrin"** acolchoados, chapéu-chile de copa alta, seu Teotônio acabava de resolver um caso ocorrido em sua serra. Por trás da mesa — um grande cofre. Muito dinheiro e a patente de major da Guarda Nacional. Mas as mãos — aquelas mãos cheias de anéis do atual patrão — conservavam ainda as asperezas das do antigo garimpeiro bafejado pela sorte” (SALES, 2011, p. 64).

Número de ocorrências: 1.

MADAPOLÃO – s. m. Tecido encorpado de algodão, branco e liso.

“Nem todos os garimpeiros tinham esteiras — **"colchões de arasto"**, como diziam — para cobrir o lastro de varas das camas, nem cobertores, com exceção de Agenor e Neco, que possuíam uns pequenos, quadrados, que mal lhes chegavam até o peito — uns cobertores muitos ordinários, de **madapolão**, a quem chamavam ‘desperta-puta’, a que chamavam **"desaperta-puta"**. Com a cabeça apoiada sobre a pedra coberta de capimpubo, que lhe servia de travesseiro, o corpo encolhido, as mãos entre as pernas, Filó se lembrava da negra Vitalina” (SALES, 2011, p. 107).

Número de ocorrências: 1.

VALISE – s. f. Maleta ou mala de mão.

“E contara que o hóspede se chamava Ostrowsky, um judeu russo que viera comprar diamantes em Andaraí, e cuja **valise**, onde estava guardada a referida importância, desaparecera misteriosamente do quarto de tabique da Pensão Grande Líbano” (SALES, 2011, p. 165).

Número de ocorrências: 5.

Quadro 8: Listagem das lexias constantes no macrocampo das indumentárias e seus microcampos.

MACROCAMPO	MICROCAMPOS E LEXIAS	Total de lexias
Das Indumentárias	Das roupas de cama: cobertor dorme-bem, desaperta-puta. Das vestimentas: calça de brim, calção de valença, capote, ceroula de valença, fraque, gibão, paletó de alpaca, xale. Dos acessórios e generalidades: bagueta, braguilha, capanga, chagrin, chapéu-chile de copa alta, linho H.J, madapolão, valise.	18

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

5.6 MACROCAMPO LEXICAL DOS ARMAMENTOS

Consideramos o macrocampo dos armamentos como revelador dos comportamentos da sociedade do garimpo, trazendo à tona as lutas e competições existentes do ciclo mineiro na Chapada Diamantina. Essas competições por terras e lutas constantes em um território densamente povoado na época eram disputadas à base da violência e esta associada às armas. Esta sociedade se formou com suas próprias leis, um código ajustado à base da justiça realizada pelas próprias mãos com armamento dos coronéis, dos jagunços, da polícia, enfim em posse de todo aquele que poderia adquirir. Uma região onde “corria dinheiro”, produzia pessoas arregimentadas acostumadas a uma tradição armamentista. Na narrativa observamos frequentemente referências às armas em punho, guardadas, sendo utilizadas, etc., as armas estão presentes no cotidiano diamantino. Gonçalves (2007), que estudou termos militares incluindo armas, destacou em como por meio da língua são revelados aspectos da história, cultura e sociedade a partir dessa categoria lexical. A palavra torna-se testemunha da época, as formas lexicais vinculadas ao contexto dos armamentos revelam o manejo constante para proteção, ataque e defesa.

As pistas deixadas por meio das lexias dos armamentos nos revelam uma sociedade armamentista com contexto de violência narrado no *corpus*. Moraes (1963) diz que na formação das comunidades na Chapada Diamantina-BA o cenário formado pela descoberta dos garimpos foi marcado pelas lutas e competições, pela ambição e mando coronelista por meio de seus jagunços. Sociedade forjada pelas próprias leis do sertão, palco de levantes, incidentes, sítios, marcha da coluna Prestes, tiroteios e revolução de 1930. Moraes (1963, p.

28) nos dá uma ideia de como era a ordem social nessas paragens longínquas do poder do Estado:

Por vêzes, a interferência da justiça ou do destacamento de linha consegue atuar como elemento moderador, fazendo, por meios suasórios, arrefecer os ânimos exaltados. Em tantas outras oportunidades, porém, a corrida pela manutenção do prestígio se acentua, cresce, agiganta-se e resulta em tiroteios coletivos, envolvendo nos conflitos as próprias autoridades. As injustiças se expandem e já não há mais aquele encanto descuidado e bom que o aventureirismo por vezes oferece, na vida da chapada. A força de linha termina perdendo o equilíbrio, passando a prestigiar, por determinação dos governos, uma facção em detrimento da outra ou para eliminação da outra. A soldadesca que se alista e vai para as Lavras é, quase toda ela, então, com raras exceções, constituída do rebotalho da sociedade baiana, e sobe aos Lençóis de plena má vontade que provoca, incontinenti, no espírito do povo, uma recíproca aterradora. Daí, a ojeriza aos conflitos renovados, aos tiroteios, aos espancamentos com enormes facções faz cagar, à violência desmedida, é passo, apenas. A semente do ódio brota dos corações com mais força do que as pedras preciosas brotam da terra.

Com isso, ressaltamos que o teor da violência praticado nas lavras é expresso no léxico, o que reflete as práticas delituosas tanto na zona urbana, quanto na zona rural da região. Fizemos o levantamento lexical dos tipos de armas mais utilizados na época, armas de fogo e brancas, segundo as formas de nomear daquele momento histórico. Constatamos nesse macrocampo um apagamento lexical na maioria das lexias referente às armas de fogo, pois hoje em dia não se utiliza nenhuma dessas armas.

Além disso, os estrangeirismos para algumas como *comblain*, *combleia*, *fuzil mauser*, *parabélum* demonstram a presença de armamento estrangeiro no interior da Bahia sendo aportuguesado pela inovação lexical e hoje reconhecido como arcaísmo. As mudanças também ocorrem na grafia: a manulicha na verdade é o fuzil Mannlicher de fabricação alemã. Ocorre uma simplificação para o português incorporando, nesse caso a palavra alemã ao português via simplificação. Enquanto as armas brancas como lambedeira e zé-tranquilino ressaltam as nomeações de forma popular para o tradicional punhal. Em todo caso, a língua por seu léxico mostra a origem cultural e regional desses portadores de armas e as palavras antigas, para seus armamentos. Pode ser que, hoje em dia, os armamentos permaneçam em outros modelos ou numa roupagem nova.

5.6.1 MICROCAMPO DAS ARMAS DE FOGO

COMBLAIN – s. f. Arma de fogo, espingarda, carabina.

“— Apanhe o fuzil que está lá dentro do quarto, Miguel — ordenou o delegado. E traga também aquela ‘**comblain**’ que está atrás da porta” (SALES, 2011, p. 148).
Número de ocorrências: 2.

COMBLEIA – s. f. Pistola de carregar de dois canos; garrucha.

“Nos barulho do Coxó/ Briga até as lagartixa/ Os calangos de **combléia**/ E elas de manulicha...” (SALES, 2011, p. 50).

Número de ocorrências: 1.

ESPINGARDA CANO DE CHAPÉU-DE-SOL – loc. subst. Antiga arma de fogo com cano largo e em forma de campânula na extremidade de onde sai a munição.

“Mas ele continuou a insistir. Então o outro, que levava consigo uma **espingarda cano de chapéu-de-sol**, ergueu a arma, fez pontaria e disse: — Se você continuar com descaração comigo, eu lhe dou um tiro” (SALES, 2011, p. 48).

Número de ocorrências: 1.

FOGO-CENTRAL – s. f. Arma de fogo que usa cartucho; pistola.

“O velho Justino sacou rapidamente a **fogo-central**, e alguns garimpeiros pensaram logo num provável rolo na sentinela de Raimundo. Ao estrondar, porém, o terceiro tiro, a voz de Zé Peixoto foi ouvida. A arma estava sendo disparada na porta do barracão” (SALES, 2011, p. 32).

Número de ocorrências: 2.

FUZIL MAUSER – s. m. Fuzil usado pelo exército alemão (1870-1945) e também adotado, mais tarde, por exércitos de outros países.

“O médico estava lendo na rede, quando ouviu as duas pancadas vibradas na porta da rua. “Deve ser algum cliente” — pensou. Levantando-se, tomou do candeeiro e encaminhou-se para a escada. Ao abrir a porta, a luz caiu em cheio sobre um homem de chapéu de couro, com um fuzil **Mauser** na mão” (SALES, 2011, p. 86).

Número de ocorrências: 1.

GARRUCHA – s. f. Pistola que se carrega pela boca; bacamarte.

“— O próprio réu apareceu-lhe um dia em casa, de **garrucha** na cintura, e exigiu, em nome do coronel, seu protetor, que ele lhe desse o processo. É como eu já lhe disse: você vai para uma terra de bandidos. Se alimenta sonhos com relação à carreira que abraçou, trate de pô-los de lado. Tenho bastante experiência para lhe dizer isto” (SALES, 2011, p. 159).

Número de ocorrências: 1.

MANULICHA – s. f. Arma de fogo (fuzil Mannlicher) de fabricação alemã.

“Nos barulho do Coxó/ Briga até as lagartixa/ Os calangos de combléia/ E elas de **manulicha**...” (SALES, 2011, p. 50).

Número de ocorrências: 1.

PARABÉLUM – s. m. Pistola automática de grande calibre, originalmente fabricada na Alemanha.

“Enquanto isso, muitos adiantavam que o negro não usara uma repetição mas sim um **parabélum** — arma com que atirava muito bem. Um homem chegou a dizer na porta do botequim de Leó: — Os tiros foram disparados de tão perto, que o capote do coronel ficou sapecado de pólvora” (SALES, 2011, p. 53).

Número de ocorrências: 11.

REPETIÇÃO – s. f. Arma de fogo; espingarda.

“Vinha jogando cabriolas, com uma **repetição** na mão , e gritava como um louco: — Cadê um homem de coragem? Eu hoje estou com vontade de fazer um fecho! O velho Justino sacou rapidamente a fogo-central, pondo-se em guarda. — Entregue a arma, Peixoto! — advertiu-o com um grito. Os garimpeiros recuaram” (SALES, 2011, p. 32).

Número de ocorrências: 7.

5.6.2 MICROCAMPO DAS ARMAS BRANCAS

BODOQUE – s. m. Arma usada para arremessar pequenas pedras; atiradeira.

“— Cortei o rabo de uma. Olhe como está bulindo! O arco do **bodoque** tornava a retesar-se. A pelota zunia. — Acertei na cabeça! — Esbagacei a barriga daquela!” (SALES, 2011, p. 71).

Número de ocorrências: 2.

CANIVETE – s. m. Navalha com lâmina retrátil ou dobrável, usado para vários fins.

“Todos os anos, ao chegar à Passagem, era logo procurado pelos garimpeiros, que para ali se dirigiam numa verdadeira romaria; atendia-os na sala, aparando as unhas com um **canivete**, o velho Justino sentado ao lado” (SALES, 2011, p. 19).

Número de ocorrências: 1.

LAMBEDEIRA – s. f. Faca comprida e estreita, provida de ponta.

“Sem nada mais responder, o jagunço continuou a descer a rua no seu andar gingado, o saco nas costas e a ponta da faca — uma grande **lambedeira** — aparecendo por baixo do paletó. Eram duas horas da tarde. Na praça, o vento levantava uma nuvem de poeira amarela, cobrindo a fachada das casas” (SALES, 2011, p. 51).

Número de ocorrências: 1.

PUNHAL – s. m. Arma branca curta, constituído por uma lâmina pontiaguda e um cabo.

“Passaram-se assim muitos dias sobre a morte de Zé de Peixoto. Peba desapareceu na mesma noite do crime, levando consigo as poucas coisas do negro — a balança de pesar diamantes, o guarda-sol e um velho **punhal** encontrado na gaveta da mesa, tendo deixado a venda com as portas escancaradas. Em vão a Polícia o procurou, e ninguém mais soube notícias dele, presumindo todos que ele tivesse abandonado a cidade logo depois da giranda, naturalmente receoso de ter o mesmo fim do companheiro” (SALES, 2011, p. 183).

Número de ocorrências: 12.

ZÉ-TRANQUILINO – s. m. Espécie de punhal, constituído por uma lâmina de espada e cabo de prata lavrada.

“Alguns garimpeiros riram da extravagante ideia. Boca-de-Virgem de novo se lembrou de Zé Cândido — da sua figura austera, do seu bigode, do seu chapéu-chile, da sua imponência quando conduzia o turíbulo na procissão do 'Divino, de roupa preta e colarinho duro, e de quando ele passava para a serra, de capanga no ombro e calças arregaçadas, o punhal **zé-tranquilino** na cintura, parecendo mais um cangaceiro. Era inacreditável!” (SALES, 2011, p. 220).

Número de ocorrências: 2.

Quadro 9: Listagem das lexias constantes no macrocampo dos armamentos e seus microcampos.

MACROCAMPO	MICROCAMPOS E LEXIAS	Total de lexias
Dos Armamentos	Das armas de fogo: Comblain, combléia, espingarda cano de chapéu-de-sol, fogo-central, fuzil mauser, garrucha, manulicha, parabélum, repetição. Das armas brancas: bodoque, canivete, lambedeira, punhal, zé-tranquilino.	14

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

5.7 MACROCAMPO LEXICAL DA RELIGIOSIDADE E MANIFESTAÇÕES POPULARES

O léxico também está presente na religiosidade e cultura dos falantes de uma língua. A comunidade das lavras é extremamente devota e isso está refletido em sua linguagem nas suas invocações e manifestações. As posturas têm sua razão de ser pelo cristianismo como elemento inserido dentro da cultura e da história brasileiras em sua fundação. A religiosidade é um fator social que marca traços culturais de como os seus sujeitos se relacionam e se organizam. É um fator de identidade, em que as escolhas lexicais de seus narradores refletem suas escolhas religiosas.

Cabe ressaltar que essa religiosidade está atravessada em todos os âmbitos dessa comunidade: nos nomes das ruas, nos nomes das fazendas, nos nomes dos rios etc., isso se concretiza e se insere nas relações cotidianas. Consideram também que as Lavras não são essencialmente de religiosidade cristã. Encontramos outros indícios de outras religiões, principalmente de matriz africana. O sagrado cristão está presente nos locativos e outras denominações, sendo esse mais visível em sua toponímia. Já as manifestações de matriz de religiosidade africana dentro da obra *Cascalho* (SALES, 2011) também são vistas nos discursos essencialmente quando se falam de plantas medicinais, rezas, garrafadas e receitas caseiras, se aproximando bem mais do cotidiano do garimpeiro. Na prática o garimpeiro é uma pessoa devota de um sincretismo religioso da fusão das divindades cristã com crenças indígenas e africanas. Mantendo uma convivência que não elimina nenhuma matriz mencionada anteriormente, apenas ressaltando que a tradição religiosa judaico cristã se faz bem mais presente por razões históricas e simbólicas explicadas dentro da formação do Brasil.

5.7.1 MICROCAMPO DOS SANTOS

NOSSA SENHORA DA GLÓRIA – s. f. Título que se refere a Virgem Maria professada pela Igreja Católica.

“Subiam agora uma pequena rampa, ao lado da qual crescia o capim-cacheado, de pendões cor de palha, cujas hastes os garimpeiros infusados vendiam na cidade, depois de preparadas para flechas de foguetes, por ocasião das novenas e das festas de **N. S. da Glória** e do Divino” (SALES, 2011, p. 100).

Número de ocorrências: 12.

NOSSA SENHORA DA PIEDADE – loc. subst. Título dado à imagem de Maria, inspirado na famosa *Pietà* de Michelangelo.

“Alguns pensaram que tivesse caído uma faísca – outros se lembraram da tempestade que desabara em Andaraí no dia em que retiraram **Nossa Senhora da Piedade** do altar. Por um instante, só se ouviu mesmo o rio roncando dentro da noite, chegando água” (SALES, 2011, p. 27).

Número de ocorrências: 2.

NOSSA SENHORA DO PARTO – loc. subst. Título dado à imagem da Virgem Negra de Paris, que era venerada na igreja de Saint-Etienne-des-Grès. Ao longo dos anos, inúmeras famílias e, principalmente, gestantes invocam a proteção da virgem.

“— **Nossa Senhora do Parto** lhe dê boa hora, Peba! — gritou Filó, antes de tomar a estrada oposta, que se abria sobre um grande lajedo áspero em toda a superfície, exceto na trilha a bem dizer lixada por pés humanos” (SALES, 2011, p. 122).

Número de ocorrências: 1.

NOSSO SENHOR BOM JESUS DA LAPA – loc. subst. Título dado à Jesus voltado ao mistério da Paixão e Morte, destacando o aspecto da representação vivenciada do próprio drama do Calvário.

“Do cadáver estendido na marquesa, lívido e inchado, ainda escorria água. Em várias partes do corpo — um fardo úmido — havia sinais das cordas com que ele fora amarrado ao varão de maria-mole, para facilitar o transporte. Entre garrafas vazias servindo de castiçais, tinham colocado uma imagem de **N.S. Bom Jesus da Lapa**. Na sala espalhava-se o cheiro nauseante das velas de sebo” (SALES, 2011, p. 25).

Número de ocorrências: 1.

SANTA BÁRBARA – s. f. Santa Católica, invocada como protetora contra raios, tempestades e trovões. Padroeira dos mineiros.

“Oh, a chuva!... Desabara de urna vez, corno um castigo. Era preciso queimar palha benta, rezar para **Santa Bárbara**. Por que viera ela surpreender a garimpagem justamente na sua fase mais importante? Deus do Céu! Só podia ser mesmo maldição... Aquela maldição das cheias inesperadas que pesava sobre o seu garimpo” (SALES, 2011, p. 22).

Número de ocorrências: 6.

SANTA RITA – s. f. Santa Católica, considerada madrinha dos sertões e padroeira das causas impossíveis.

“Como acontecia todos os sábados, o rancho de Sinhá do Ouro lá estava com o seu cheiro de igreja — com a sua vela de 400 réis alumando o pequenino nicho de **Santa Rita**, em cujo

louvor se rezava aquela ladainha que começava assim: Viva **Santa Rita**, Que é Santa mulher, No céu e na terra, Ela faz o que quer!” (SALES, 2011, p. 79).
Número de ocorrências: 3.

5.7.2 MICROCAMPO DAS FESTAS E MANIFESTAÇÕES POPULARES

FESTA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA – loc. subst. Festa do Catolicismo em que Nossa Senhora da Glória é representada com os braços abertos num ato de louvor a Deus, tendo sobre sua cabeça uma coroa de 12 estrelas, conforme é mencionado no livro do Apocalipse. Festa comemorada no dia 15 de agosto.

“Aos poucos, porém, de tão repetidos, os seus casos foram perdendo interesse, e cederam lugar às novidades que iam surgindo — uma mulher-dama que tinha quebrado uma garrafa de cerveja na cabeça de outra, um garimpeiro que havia barnburrado, uma farra no cabaré de Dona com algum arruaceiro querendo rasgar a harmônica a punhal, um sereno de baile, e, por último, os preparativos para a **festa de N. S. da Glória**, que, a julgar pelo entusiasmo dos mordomos, ia ser de arromba naquele ano!” (SALES, 2011, p. 184).

Número de ocorrências: 1.

FESTA DO DIVINO – loc. subst. Festa ao Espírito Santo, em suas diversas manifestações, é uma das mais antigas e difundidas práticas do catolicismo popular. É realizada sete semanas depois do Domingo de Páscoa, no dia de Pentecostes.

“Subiam agora uma pequena rampa, ao lado da qual crescia o capim-cacheado, de pendões cor de palha, cujas hastes os garimpeiros infusados vendiam na cidade, depois de preparadas para flechas de foguetes, por ocasião das novenas e das **festas de N.S da Glória e do Divino**” (SALES, 2011, p. 100).

Número de ocorrências: 2.

MARUJADA – s. f. Fandango (dança popular de origem ibérica) desde a Bahia até o Sul do Brasil.

“A volta à cidade lhes trazia sempre um sabor de novidade, com todas as sugestões de divertimento dos dias de folga, e, por isso mesmo, à medida que se aproximavam dela, falavam cada vez menos nos garimpos, para comentarem ora episódios relacionados com mulheres-damas conhecidas, ora os leilões da novena de Nossa Senhora da Glória, ora o jogo de ronda, em que Arlindo Papiaca ganhara seis contos, limpando até mesmo um mosquitador de Lençóis que por lá aparecera, ou o caso ocorrido recentemente com o garimpeiro Alfredo Tiborna, mestre da **marujada** da festa do Divino Espírito Santo – e autor involuntário da morte do finado Arquimedes, num frege que houve no cabaré do Beco da Chocolateira” (SALES, 2011, p. 214).

Número de ocorrências: 1.

MINEIRO-PAU – s. m. Humilhação generalizada com danças e músicas referindo-se à pessoa escarnecida pela manifestação.

“— Eu garanto por você. Só quero ver! Preciso de urna letra que esculhambe de verdade. Canelinha ainda pensou um instante; por fim, disse, empurrando vivamente o chapéu para a nuca: — Então ouça — e cantou em voz baixa, batendo com o fundo do copo para marcar o compasso: Seu dr. Oscar do Soure!/**Mineiro, pau! Mineiro, pau!**/Burro assim nunca se viu!/**Mineiro, pau! Mineiro, pau!**/Promotor filho da puta! /**Mineiro, pau! Mineiro, pau!**” (SALES, 2011, p. 279).

Número de ocorrências: 5.

QUARESMA – s. f. Período de quarenta dias, subsequentes à Quarta-feira de Cinzas, em que os católicos e algumas outras comunidades cristãs se dedicam à penitência em preparação para a Páscoa.

“Então ele teve, ainda sob influência do sonho, uma súbita visão da procissão de fogaréus. Lembrou-se da **quaresma** E, instintivamente, murmurou consigo próprio: “Deus lhe dê o céu, minha mãe”” (SALES, 2011, p. 29).

Número de ocorrências: 3.

5.7.3 MICROCAMPO DOS LIVROS SAGRADOS E REZAS

LIVRO DE REZAS – loc. subst. Livro de orações Católicas para todos os momentos da vida.

“Ele pousou então a mão no ombro dela. Ela estremeceu. No nicho, o dourado das imagens reluzia. — Basta, minha filha... — disse ele, fechando o **livro de rezas**” (SALES, 2011, p. 34).

Número de ocorrências: 1.

MAGNIFICAT – s. f. Oração entoada por Nossa Senhora em que ela louva ao Senhor e expressa agradecimentos pelas magnificências que lhe foram concedidas.

“Vá rezar a “**Magnificat**” ordenou-lhe, o coronel. — E queime palha benta. Esta chuva está parecendo um castigo — e encostou a repetição de Zé de Peixoto junto ao armário. Defronte do nicho ardiam duas velas; Nenzinha acabara de rezar a “**Magnificat**”” (SALES, 2011, p. 33).

Número de ocorrências: 2.

Quadro 10: Listagem das lexias constantes no macrocampo das manifestações religiosas e culturais e seus microcampos.

MACROCAMPO	MICROCAMPOS E LEXIAS	Total de lexias
Da religiosidade e manifestações populares	Das divindades: Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora do Parto, Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa, Santa Bárbara, Santa Rita. Das festas e manifestações populares: Festa de Nossa Senhora da Glória, Festa do Divino, Marujada, Mineiro-Pau, Quaresma. Dos livros sagrados e rezas: livro de rezas, magnificat.	13

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

5.8 MACROCAMPO LEXICAL DA SEXUALIDADE E DO CORPO

Neste macrocampo podemos constatar os aspectos sociais e os valores morais do comportamento erótico-sexual da comunidade do garimpo e de como seus integrantes percebem seus corpos. Essa estrutura lexical reflete uma classificação linguística das mediações sociais referentes ao corpo e à sexualidade. Partindo desse pressuposto linguístico, podemos compreender comportamentos a partir das lexias que carregam traços de cultura e ideologia. O que reflete em como a comunidade percebe o mundo, pois este macrocampo conjuntamente com os outros revela os costumes e as formas dos indivíduos se relacionarem. O que ocorre no plano linguístico é que algumas lexias são culturalmente específicas, refletindo as condições de vida e a história do lugar.

As expressões estão relativamente dentro de um contexto cultural do corpo e da sexualidade. Sendo assim, as palavras assumem significados diversos de acordo com o contexto de uso. As variantes das genitálias (bico de candeeiro, Joaquim-madrugada etc.), o ato sexual (descarregar o corpo, trepar etc.), entre outras são concebidas como tabus linguísticos, entendido que tais lexias possuem um pudor quanto ao serem pronunciadas. Apesar do tabu existente, em razão do chamado “bons costumes” e da moral e por serem chamadas de palavras vulgares ou impróprias, estão presentes na boca dos sujeitos da sociedade garimpeira. O autor de *Cascalho* (SALES, 2011) tratou de registrar também essas palavras como perfazendo o vocabulário da comunidade das lavras em suas relações íntimas e afetivas.

5.8.1 MICROCAMPO DAS PARTES DO CORPO

BEIÇO – s. m. Lábios.

“— Meia-praça meu só come 10 mil-réis. Sua letra não chegava a ser letra o negro mordida o **beijo**, fazendo força ao traçar os seus garranchos. Mas, por fim, assentou tudo” (SALES, 2011, p. 92).

Número de ocorrências: 2.

BUNDA – s. m. Glúteos; Nádega.

“O povo se comprime corno sardinha em lata. Já pisaram até no pé de urna velha que vinha descalça cumprindo urna promessa. Está perigando! E capaz de virar fregue, como aconteceu naquela vez que deram um beliscão na **bunda** da amásia de um inspetor. A propósito, o delegado vem ao lado de seis ou oito policiadores com armas curtas mal disfarçadas — reparando, para ver se pega com a boca na botija algum sujeito que queira abusar, tirar proveito da ocasião” SALES, 2011, p. 263).

Número de ocorrências: 6.

ESPINHAÇO – s. m. Coluna vertebral.

“— Isso é verdade — concordou o bruaqueiro Miguel. — Como eu estava dizendo, primeiro me botaram no enchedor. Quando eu enchi duzentos barris, não aguntei mais. Já estava com o **espinhaço** me doendo” (SALES, 2011, p. 41).

Número de ocorrências: 3.

PEADOR – s. m. Pé ou joelho.

“— Já vi um garimpeiro atarraxado lá, com o **peador** esfolado, e o povo em redor olhando, parecendo feira, só porque o desgraçado tinha roubado 20 mil-réis de quinto: Piranhas não é terra de gente” (SALES, 2011, p. 212).

Número de ocorrências: 1.

RABO DE JUÍZO – exp. pop. Nádegas; traseiro; bunda.

“Depois a gente vai buscar Silvério no Ribimba: o porre de hoje vai ser por conta dele. — Parou de repente e acrescentou. — Mas que **rabo de juízo** tem aquela Helena! — Eu gastei foi meu dinheiro todo — insistiu Neco. — Precisamos descobrir uma frente de serviço rica” (SALES, 2011, p. 260).

Número de ocorrências: 1.

TOBA – s. m. Ânus.

“Ora, vá tomar no **toba**! Tire um pedaço daquela carne de dois pelos dos Campos de São João, e meta no espeto pra mim” (SALES, 2011, p. 104).

Número de ocorrências: 1.

5.8.2 MICROCAMPO DOS ÓRGÃOS SEXUAIS

BICO DE CANDEEIRO – loc. subst. Referência ao pênis.

“Olhando-o de banda, Peba julgou ser urna manifestação de esperteza o ar concentrado do companheiro, e, sem que pudesse evitar, associou-o de repente a todos aqueles patizeiros que eram mestres em roubo de diamantes, sobretudo quando trabalhavam de alugados, escondendo pedras na areia do corte, na costura dos calções ou nas dobras dos cintos, e até mesmo na glândula do pênis, quando estes eram do tipo **bico de candeiro**. Sim, era preciso estar vigilante, não o deixar à vontade, estar atento e observá-lo” (SALES, 2011, p. 126).

Número de ocorrências: 1.

JOAQUIM-MADRUGADA – exp. pop. Pênis.

“— Já na roça, vocês pegam eu sei em que é... Alguns garimpeiros compreenderam logo o duplo sentido da frase e começaram a rir. Mas Filó, não se satisfazendo com o efeito da pilhéria, recorreu a uma expressão de gíria: — Lá vocês pegam é em **Joaquim-madrugada**... Então não teve ninguém que não risse. Foi uma gargalhada geral Silvério agora estava só dentro do rancho. Os outros garimpeiros tinham descido para a cidade, foram dar um giro pelas vendas” (SALES, 2011, p. 75).

Número de ocorrências: 1.

PÉ-DE-TABAQUEIRA – s. f. Vagina.

“— De qualquer maneira — conveio Neco — ele passa melhor do que a gente. Tem a sua costela certa toda noite, o seu **pé-de-tabaqueira** que não falha. — E a quem é que os gringos

vendem? — perguntou de repente Silvério, cuja palestra interrompida o interessava particularmente” (SALES, 2011, p. 218).

Número de ocorrências: 1.

QUIMBAS – s. m. Testículos. Palavra apenas utilizada no plural.

“Certa noite, depois de terem os garimpeiros falado de um cabra valente que urinara no chapéu de seu Aurino, o maior comprador de diamantes de Xique-Xique, um homem voltou-se para ele e lhe disse que o tal cabra tinha sido seu pai. — Era seu pai, Zezinho. Um macho inteirado, de quatro **quimbas**. Ele ficara entusiasmado com a história daquele homem destemido” (SALES, 2011, p. 46).

Número de ocorrências: 1.

5.8.3 MICROCAMPO DAS DOENÇAS SEXUAIS

BUBÃO – s. m. Adenite dos linfonodos axilares ou inguinais devida a infecções como gonorreia, cancro mole, linfogranuloma venéreo, sífilis, peste ou tuberculose; bubo, encórdio.

“— Seu Carvalhal quis trocar ela foi por dois vidros de depurativo, dizendo que Cabeça-Seca estava muito sífilítico e que precisava limpar o sangue. Seu Carvalhal é gente! Cabeça-Seca estava, na verdade, com aquele **bubão** que apanhou com Francina, que eu bem que dei conselho a ele pra não andar com ela, mas o problema dele agora era matar a fome” (SALES, 2011, p. 189).

Número de ocorrências: 1.

DOENÇA DE RUA – loc. subst. Doença sexualmente transmitida.

“— Sinhá do Ouro, eu estou até com vergonha. Mas o diabo deste menino pegou uma **doença de rua** e eu quero que a senhora trate dele. A boa mulher não regateou os seus serviços. Disse ao menino: — Olhe, meu filho, você pegue uma lagartixa, dê a sua mãe pra torrar, com tripas e tudo, e depois moa bem moída, até virar pó. Depois bote o pó num quarto de cachaça, mexa bem mexido e beba” (SALES, 2011, p. 78).

Número de ocorrências: 1.

5.8.4 MICROCAMPO DAS RELAÇÕES ÍNTIMAS AFETIVAS

AMIGAÇÃO – s. f. Amasio, concubinato.

“— Não é esculhambação não. Eu estou falando é sério. Nem sei mesmo como ela não se amigou, pois uma **amigaçã**o podia remediar as dificuldades dela. Isso prova, aliás, que ela era uma mulher de peso e medida, diferente da mãe de muita gente que eu conheço... Todos compreenderam a indireta de Filó, mas como estavam interessados na história, "que Filó era mesmo um mestre pra contar casos", divertindo-os bastante na serra, reclamaram para que ele continuasse” (SALES, 2011, p. 110).

Número de ocorrências: 1.

AMIGAR – v. Amasiar, concubinato.

“Nem sei mesmo como ela não se **amigou**, pois uma amigação podia remediar as dificuldades dela. Isso prova, aliás, que ela era uma mulher de peso e medida, diferente da mãe de muita gente que eu conheço... Todos compreenderam a indireta de Filó, mas como estavam

interessados na história, "que Filó era mesmo um mestre pra contar casos", divertindo-os bastante na serra, reclamaram para que ele continuasse" (SALES, 2011, p. 110).
Número de ocorrências: 2.

DEFLORAR – v. Desvirginar.

"Nas últimas três semanas, estava assim a São Pedro vivendo dias de grande movimento, com boa parte da produção de carbonatos do município se escoando através das transações intensificadas do coronel. Agora já não eram as costumeiras visitas de gente que vinha solicitar favores, tecer intrigas ou apresentar queixas — pedir providências contra algum sujeito que havia **deflorado** uma moça e não queria casar, contra um vizinho que derrubara a cerca de outro, ou contra alguém que cometera desmandos na serra, desviando água dos regos ou quebrando corridas de revólver na mão: essas questões eram sempre mais comuns" (SALES, 2011, p. 288).

Número de ocorrências: 1.

DESCABAÇAR – v. Desvirginar, deflorar.

"O caso de José Alves pode servir de exemplo. A semana passada, tiraram uma filha dele de casa, e ele foi se queixar ao coronel na São Pedro. Sabe o que o coronel disse a ele? Perguntou: "Você não tem arma não?". José Alves respondeu que não tinha. Então o coronel disse: "Pois tome esta repetição, mas me devolva, ouviu?e dê um tiro na cara de quem **descabçou** sua filha" (SALES, 2011, p. 137).

Número de ocorrências: 1.

DESCARREGAR O CORPO – exp. pop. Copular; Ter relação sexual.

"— Ora, Vita! você por si já é mulher pra botar qualquer homem doido... A negra envaideceu-se: — Ainda bem que você sabe disso. Filó pensou: "Ah, sujeita besta! Você só presta mesmo pra gente **descarregar o corpo**". Mas disse coisa diferente: — Pois é. Se der certo, já sabe. Eu estou na casa de Sinhá do Ouro" (SALES, 2011, p. 82).

Número de ocorrências: 1.

PERDER-SE – v. Perder a virgindade antes do casamento.

"— Eu ainda conheci uma filha dele fazendo vida na Rua das Barricas — declarou Zé do Fumo. — Era Elvirinha — explicou a velha Do Ouro. — A que tocava piano. As outras também **se perderam**, mas foram pra Feira de Santana com d. Almira — esclareceu. — Não quiseram se passar pra garimpeiro" (SALES, 2011, p. 85).

Número de ocorrências: 2.

RUFIAGEM – s. f. Conquista amorosa; namoro.

"De repente, porém, eis que a luz de um fifó veio coar-se através de uma janela, depois através de outra e mais outra — e ele instintivamente parou; cada urna delas se lhe afigurava um obstáculo à sua passagem. No primeiro momento, pensou em dar uma volta pelo lado de cima do barranco, tomando a estrada do chalé; logo desistiu, entretanto. Chegando-lhe aos ouvidos rumores de vozes, de envolta com latidos de cães, sons de harmônica e gargalhadas de homens e mulheres, compreendeu a inutilidade de esquivar-se, passando pelos fundos das casas: o movimento do sábado, com a noite povoada de garimpeiros e raparigas, com gente bebendo no balcão das vendas e a **rufiagem** solta nas ruas, já atingira aquela parte da cidade" (SALES, 2011, p. 134).

Número de ocorrências: 1.

TOCAR GLORIOSA – loc. verb. Masturbar-se.

“— Em cima da serra você não conhece ele. Vive que nem um bicho, trabalhando dia e noite, sem respeitar domingo nem dia santo, só pra fazer figura em Andaraí. Mania besta, mania de ser rico — comentou. — Mas de que adianta isso? De que adianta ele passar uma semana com Helena, com Cleonice, ou com qualquer outra mulher de prateleira-de-cima, se depois ele vai ficar dois ou três meses **tocando gloriosa** em cima da serra? De que adianta? Se ele não aguenta a tese, pra que essa besteira de querer passar pelo que não é? Filó é que tem razão — observou, — Bem ele disse que Pedro Almofadinha devia procurar sua baixa posição e se colocar” (SALES, 2011, p. 97).

Número de ocorrências: 1.

TREPAR – v. Fazer sexo; copular.

“— Um bambúrrio muito mal empregado — comentou Filó. — Pra que é que Zé Cláudio quer dinheiro mesmo? Não bebe... não **trepa**... — Será que ele é bicho-de-blusa mesmo? — duvidou Joaquim Boca-de-Virgem. — Se a gente fosse botar gongolo em xibungo — disse Filó, confirmando a seu modo a acusação — ele e o tabelião Romualdo não deixavam mais ninguém dormir em Andaraí. E cuspiu de lado” (SALES, 2011, p. 220).

Número de ocorrências: 1.

Quadro 11: Listagem das lexias constantes no macrocampo do corpo e da sexualidade e seus microcampos.

MACROCAMPO	MICROCAMPOS E LEXIAS	Total de lexias
Da sexualidade e do corpo	Das partes do corpo: beijo, bunda, espinhaço, peador, rabo de juízo, toba. Dos órgãos sexuais: bico de candeeiro, Joaquim-madrugada, pé-de-tabaqueira, quimbas. Das doenças sexuais: bubão, doença de rua. Das relações íntimas afetivas: amigação, amigar, deflorar, descabaçar, descarregar o corpo, perder-se, rufiagem, tocar gloriosa, trepar.	21

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

5.9 MACROCAMPO LEXICAL DOS QUALIFICADORES

A representação de cada lexia aponta para uma relação entre língua e aspectos socioculturais, remetendo a várias facetas da vida cotidiana da comunidade do garimpo. A língua carrega em si as concepções de mundo e revela valores, além de ideologias. O macrocampo lexical dos qualificadores possui as designações que a sociedade atribui para masculinos (atributos para homens) e femininos (atributos para mulheres). Esses atributos são aspectos identitários representativos de como os indivíduos se comportam ou são vistos na sociedade. Essa representação obedece a uma convenção da cultura local perpassada pela

língua por meio da experiência pessoal, de julgamentos, de preconceitos e aquilo que as pessoas são de fato. O reconhecimento dos indivíduos. Aragão (2016, p. 39) ressalta que:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Todo ato ou todo objeto ideológico é sempre acompanhado, comentado, analisado, glosado por discurso, na medida em que a ligação que unem linguagem e pensamento é uma ligação de unicidade.

O léxico, enquanto descrição de uma cultura, está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante, mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade.

Assim, na sociedade os homens e mulheres pertencem a grupos sociais envolvidos em relações específicas e bem diferentes que tem por base uma divisão hierárquica entre os sexos, o que se constitui relações de poder de um sistema patriarcal. Essas relações se dão historicamente e culturalmente em cada sociedade e tem características e concepções para cada gênero. Assim, os papéis sociais são sexuais e essa noção perpassa os qualificadores. Remete a reproduções atributivas para homens e mulheres segundo os seus papéis sociais, isso perpassa pela língua em como homens e mulheres por meio dos seus comportamentos, responsabilidades e atribuições se percebem. Portanto, observar os qualificadores para masculinos, femininos e infantis nos revelam em como cada grupo social é visto e rotulado. Direciona-nos a conhecer linguisticamente a ordenação das práticas sociais atribuídas e distribuídas via divisão sexual, ou papel social.

Dessa forma, o uso constante das palavras delinea crenças e indica perfis identitários. Assim, podemos constatar o quanto a figura da mulher é evocada de forma pejorativa: “aguada”, “fouveira”, “fubuca”, as quais apontam para uma visão preconceituosa alimentada pelo patriarcalismo, raiz do machismo, atingindo, assim, todas as esferas da sociedade, inclusive das camadas mais populares, que cotidianamente lutavam pela sobrevivência. Quando é mencionado mulher/esposa como uma “costela” refere-se às “filhas de Eva” ou “filhas de Maria” como trata Mary Del Priore (1994) falando sobre a mulher no período histórico da Colônia, mas que também pode ser estendido nessa temporalidade do romance. Essas definições endossavam o ideal católico do discurso moralizador na tentativa de criar uma “[...] mentalidade de continência e castidade para mulheres” (PRIORE, 1994, p. 15). Regrando, assim, os comportamentos em todas as esferas da sociedade, sendo vigiada e direcionada ao sacramento do casamento para formação da família, esta então, difusora da fé.

A língua configura-se como o elo entre a cultura e a sociedade, sendo evidente que guarda e representa as atividades humanas, deixando transparecer todos os valores,

ideologias, tradições etc., perpetuando por meio dos signos todos os aspectos da vida de uma comunidade. Desse modo, consideramos que os qualificadores são uma pequena amostra das palavras encontradas no romance *Cascalho* (SALES, 2011), demonstrando a riqueza lexical de tradições conservadoras encontradas na Chapada Diamantina-BA, o que pode suscitar outros estudos de cunho dialetológico, lexicológico e lexicográfico dado à profusão do conhecimento lexical dessa parte da Bahia.

A conjuntura social permeada pelas práticas linguísticas nos mostra construções do gênero tendo por base qualificadores, que revelam tradições, depreciação do gênero feminino, subordinação que acentua desigualdades. O sistema simbólico das relações de gênero está presente em todos os lugares e níveis sociais estando inter-relacionado a fatores culturais, econômicos e políticos. Com isso, na língua fica bem clara a caracterização que se dá a masculinos e femininos por meio dos qualificadores.

5.9.1 MICROCAMPO DOS QUALIFICADORES MASCULINOS

ARRUACEIRO – adj. Aquele que pratica ou promove arruaça, confusão na rua, baderneiro, quem demonstra valentia.

“— Estou tranquilo, José. Já lhe disse — frisou o outro. — E se vim falar com você, foi apenas porque dr. Marcolino me pediu. Ele não quer nenhuma perturbação da ordem... — Ora, seu Esquivel Eu não sou nenhum **arruaceiro** não. — Sei disso. — Mas foi por causa da questão da Passagem... — Qual é questão da Passagem, seu Esquivel Pode ficar sossegado que eu vou falar pessoalmente com dr. Marcolino. Eu vim foi tratar de minha vida, seu Esquivel O delegado não esperou por mais nada. Notando que havia um tom de enfado nas palavras do jagunço, apanhou o chapéu e despediu-se imediatamente” (SALES, 2011, p. 56).
Número de ocorrências: 3.

BAMBURRISTA – adj. Aquele que é favorecido pela sorte. Que consegue fortuna no garimpo.

“Baixo, franzino, trôpego, o velho João Vítor envelhecera ali na Passagem, e em outros tempos fora garimpeiro **bamburrista**. Agora, já sem forças para trabalhar, cuidava da capela e cobrava imposto dos bruaqueiros” (SALES, 2011, p. 25).
Número de ocorrências: 5.

BESTA – adj. Ignorante, pouco inteligente.

“— Você é um curau mesmo — disse Peba. — Não entende nada de garimpo. Então você acha que se tudo isso estivesse trabalhado eu vinha meter minha enxada aqui? Você me acha com cara de **besta**? E passou a explicar: — Na verdade, existe muito serviço trabalhado, mas é corno se não existisse. Os antigos não sabiam garimpar” (SALES, 2011, p. 99).
Número de ocorrências: 2.

BURRALHÃO – adj. Aquele que é muito curto de inteligência; estúpido, bronco.

“— Grandíssima besta! — exclamou dr. Marcolino, amassando a carta. — Que **burralhão!** Esquível tocou-lhe no braço: — Já lhe disse, doutor... O Canelinha é que serve para essas coisas” (SALES, 2011, p. 277).

Número de ocorrências: 1.

CABULETÉ – s. m. Indivíduo desprezível.

“Antes de chegar perto de Zé de Peixoto, o coronel já foi gritando, cheio de cólera: — Aprenda a respeitar homem, seu filho da mãe! E cerrando os punhos no ar: — Você faz-se de besta? Quem está falando sou eu, está ouvindo? Sou eu, **cabuleté** descarado!” SALES, 2011, (p. 33).

Número de ocorrências: 3.

CABRA DO PAU-FURADO – loc. adj. Pessoa portadora de espingarda. O cano da espingarda é o “pau-furado”.

“— O cel. Germano era amigo do cel. Felisberto. Mandou duzentos homens pra o Coxó. Cel. Felisberto ganhou a luta, e o prestígio do cel. Germano cresceu Tudo isso porque ele soube escolher seus jagunços, seus **cabras do pau-furado**. Se não tivesse ido gente como Zé de Peixoto, cel. Felisberto teria perdido a luta. E o cel. Germano estava frito nas unhas do cel. Heliodoro, que foi, em vida, o maior inimigo do cel. Felisberto” (SALES, 2011, p. 50).

Número de ocorrências: 1.

CABRA RETINTO E DOBRADO – loc. adj. Pessoa de cor muito escura.

“Quando o coronel viu o cachorro-mestre entrar na sala, voltou-se logo para a porta: João Vaqueiro, que era esperado naquela manhã, vindo da fazenda São Pedro, ia entrando também. O chefe mandou que ele se sentasse e pediu-lhe notícias da fazenda. — Tudo lá vai bem — respondeu o vaqueiro, que era um **cabra retinto e dobrado**. Não há novidade não senhor” (SALES, 2011, p. 39).

Número de ocorrências: 1.

CAIPORA – adj. Diz-se de pessoa de má-sorte, que nunca, ou dificilmente, tem sucesso naquilo que faz.

“— Salu é **caipora** — disse Neco. — Nem pra trabalhar de alugado ele arranja serviço — Ele estava vivendo de passar buzo — esclareceu outro. — Ia pra serra, fazia de conta que estava trabalhando, e de tarde ele aparecia na praça com urna pedra pra vender, corno se tivesse pegado ela no garimpo. Depois descobriram: o que ele vendia era refugo de partida, a mando de seu Teotônio. Daí por diante ninguém mais acreditou nele” (SALES, 2011, p. 311).

Número de ocorrências: 1.

CURAU – adj. Que ou quem se comporta como novato; inexperiente.

“— Não vá me trazer nenhum **curau** — observou. — Não. Ele é novato aqui mas é muito bom de serviço — explicou o outro. Salu já garimpou com ele e me disse. A luz do candeeiro alumiaava frouxamente o cômodo exíguo. Zé de Peixoto palitava os dentes com um pau de fósforo. Peba debruçou-se no balcão” (SALES, 2011, p. 66).

Número de ocorrências: 4.

DESMARCADO – adj. Diz-se do indivíduo masculino que tem o membro sexual de tamanho excessivo.

“— Ei, negro **desmarcado!** — gritou alguém. O meia-praça continuou a ensaboar-se, enquanto o seu companheiro esfregava o calcanhar com um bugalhau, cantarolando em voz alta” (SALES, 2011, p. 209).

Número de ocorrências: 1.

DOCA – adj. Cego de um olho.

“— Então você entrou foi no come-calado, hem, seu mano? — aparteou um garimpeiro **doca**, que era sobrinho de Bertulino Mentira-Fresca, de Lençóis” (SALES, 2011, p. 42).

Número de ocorrências: 3.

ENCABULADO – adj. Diz do indivíduo que está envergonhado; constrangido; acanhado.

“— De maneira alguma eu participaria de uma sociedade com quem quer que fosse. É contra o meu feitio. O jagunço alisou com a mão a fita do chapéu. — Eu falei... eu falei por falar, doutor — disse, um tanto **encabulado**. — Aliás, o senhor não precisa ser meu sócio” (SALES, 2011, p. 62).

Número de ocorrências: 3.

ENROLISTA – adj. Diz daquele que não cumpre o que promete; atrapalhado.

“— Tomás, aquele que trabalhava de mergulho, não sabe? bateu o quinto. Ladrão sem-vergonha! Negro **enrolista** descarado” (SALES, 2011, p. 227).

Número de ocorrências: 2.

ESCROTALHÃO – adj. Diz-se daquele que não é confiável, mesquinho, mal-educado, negligente.

“Do capangueiro Teotônio, não vacilava em dizer de “um crápula de pai e mãe”. Definia o Carvalhal como sendo “um **escrotalhão**”, enquanto o tabelião Romualdo, em cuja rotunda figura o promotor ainda não pusera os olhos, recebia a sumária classificação de “pederasta”. Por aí afora, chegava ao árabe Mansur, a quem o telegrafista chamava impulsivamente de “gringo porco e ladrão”” (SALES, 2011, p. 165).

Número de ocorrências: 1.

ESMOLAMBADO – adj. Diz-se daquele que está em molambos; em farrapos.

“— Eta, bamburrista velho de guerra! — tinham-lhe contado. — O bicho vive agora **esmolambado**, levando burro de viajante pra manga, mas já espancou muito H. J. na diária!” (SALES, 2011, p. 76).

Número de ocorrências: 1.

ESTROINA – adj. Diz-se daquele que age levianamente; irresponsável; desajuizado.

“Imaginando a possibilidade de ser explorado, sentiu em volta de si um ambiente contrafeito de falsa e ocasional intimidade, o que lhe despertou um súbito rancor em relação à mulher: ela também soubera do carbonato e queria apenas o seu dinheiro. Sim: tudo agora lhe parecia bastante claro como uma ameaça iminente: de nada adiantara ter evitado a companhia dos sócios **estroinas**” (SALES, 2011, p. 249).

Número de ocorrências: 1.

ESTREMUNHADO – adj. Diz-se daquele que acabou de despertar e está estonteado de sono; aturdido.

“Algumas mulheres lavavam coadores na porta dos ranchos, enquanto outras preparavam o churrasco de carne-seca que os seus homens levariam para a serra. Enchia o ar um cheiro de torresmo chiando nas panelas, e o garimpeiro Meloro, com a cara **estremunhada**, veio sentar-se no lajedo para gatear um ralo. A velha Vitória passou com uma lata de água na cabeça, de volta do rio, e deu bom-dia a uma moça que estava com urna chocolateira na mão” (SALES, 2011, p. 57).

Número de ocorrências: 1.

GABOLA – adj. Diz-se daquele que é contador de vantagem; fanfarrão; mentiroso.

“— você não está vendo, Boca-de-Virgem! A informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, bugalhau pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! – repetiu, com ar **gabola**” (SALES, 2011, p. 42).

Número de ocorrências: 1.

INFUSADO – adj. Diz-se daquele que não encontra diamantes.

“No ano anterior, por exemplo, o coronel fizera uma apuração de mais de cem contos — e o garimpeiro Filó Finança, que andava **infusado**, bamburrara na primeira semana, gastando 800 mil-réis com uma mulher-dama boazinha mesmo que viera de Tamburi. Sem dúvida, era o Paraguaçu, para todos os efeitos, o melhor garimpo das Lavras” (SALES, 2011, p. 17).

Número de ocorrências: 5.

INTEIRADO – adj. Diz-se daquele que está foi informado; sabedor; noticiado.

“— Era seu pai, Zezinho. Um macho **inteirado**, de quatro quimbas. Ele ficava entusiasmado com a história daquele homem destemido. Ah, se aquele pai ainda fosse vivo, aquele pai machão que urinava no chapéu dos capangueiros, ele talvez não estivesse na companhia da velha Sebastiana, viveria em liberdade, teria uma criação de homem! A partir dessa noite, passou a interessar-se mais ainda pela conversa dos garimpeiros, que sabiam histórias de negros valentes como ele queria ser” (SALES, 2011, p. 46).

Número de ocorrências: 2.

LAMBACEIRO – adj. Diz-se de, ou aquele que faz ou é dado a fazer lambança; Que gera desordem; barulho, confusão, tumulto.

“Aquele negro é um cabra **lambaceiro**, que já devia ter tomado bala há muito tempo” (SALES, 2011, p. 141).

Número de ocorrências: 1.

MADRUGADOR – adj. Aquele que se levanta cedo da cama; aquele que surge primeiro em um lugar.

“No dia seguinte, muito cedo ainda, Zé de Peixoto foi procurá-lo. Acreditava que um entendimento pessoal com o intendente resolvesse sua situação ali na cidade, pondo-o ao abrigo de urna possível perseguição de Quelezinho. Como sabia que o médico era **madrugador**, foi engolindo o café e saindo. Acendeu o cigarro e já na porta da rua” (SALES, 2011, p. 57).

Número de ocorrências: 1.

MANCOMUNADO – adj. Diz-se daquele que se mancomunou; acomunado; associado.

“E comunicou que Zé de Peixoto fizera ‘mais uma das dele’. **Mancomunado** com Peba, espancara um garimpeiro e lhe dera uma purga de azeite, por infundadas suspeitas de roubo, obrigando-o a lavar os excrementos. Foi um ótimo pretexto para Quelezinho: — Vou mandar matar aquele cachorro agora mesmo! — bradou” (SALES, 2011, p. 141).

Número de ocorrências: 1.

MÃO-CHEIA – exp. pop. Expressão popular que se dirige àquele que executa muito bem uma profissão; que é perito em algo.

“As mulheres, agasalhadas nos xales, ralhavam com os filhos para não saírem. Estes, não podendo ver de perto o rio, onde desde cedo se tornaram nadadores de **mão-cheia**, ficavam nas janelas espiando os garimpeiros. Algum dia fariam a mesma coisa, atravessariam a praça com uma candeia de azeite na mão, para ver as cabeças-d'água de noite” (SALES, 2011, p.30).

Número de ocorrências: 1.

NABABO – s. m. Indivíduo muito rico, que ostenta grande luxo.

“— Ora, não confunda alhos com bugalhos! — e Nascimento deu de ombros. — Não vá atrás de conversa de jornal. Quando alguém escreve contra qualquer coisa, como é o caso deste sujeito, é porque tem alguma cavação em vista ou está despeitado. A verdade é que, se não existissem os ricos, tachado de ‘**nababos** privilegiados’ aí nesse artigo, simplesmente porque eles e suas mulheres se enfeitam de diamantes dos pés à cabeça, a situação dos garimpeiros era muito pior, posso lhe garantir” (SALES, 2011, p. 207, 208).

Número de ocorrências: 1.

NEGRO DE TUTANO – loc. adj. Aquele que é destemido; corajoso.

“Nenzinha, sua amásia, viera com ele, e d. Santa, sua esposa, ficara na São Pedro — fazenda onde ele residia, e que distava poucas léguas dali. Conforme acontecia todos os anos, o barracão fora entregue a Zé de Peixoto — **negro de tutano** que os garimpeiros respeitavam. Enquanto o velho Justino, já bastante experimentado no serviço, ficara incumbido de gerir a garimpagem” (SALES, 2011p. 18).

Número de ocorrências: 1.

PAU-D'ÁGUA – adj. Aquele que tem o hábito de embriagar-se; bêbedo, ébrio.

“Tudo correra, entretanto, por conta de urna identidade de atitude em relação ao meio em que viviam. A esta conclusão chegou dr. Oscar depois da primeira visita do telegrafista, quando o ouviu chamar de ‘**pau-d'água** reles’ a dr. Marcolino. Estranhando que semelhante comentário partisse daquele sujeito que lhe aparecera no sobrado de bengala, de roupa mescla e colete branco, com um maciço aspecto de conferencista, procurou indagar, levado por natural curiosidade, a respeito de sua vida (SALES, 2011, p. 164).

Número de ocorrências: 1.

PEIXE-PODRE – s. m. Ser desprezível; sem valor.

“— Veja o meu caso — continuou, já em outro tom. — Estou aqui há seis anos. Tenho comprado meu diamantinho de vez em quando, que eu não sou **peixe-podre**, mas o que é que eu tenho ganho com isso? Sou porventura rico? Não passo de um empregado do Governo. Vivo nas Lavras, mas é como se não vivesse. Seus diamantes nunca me puseram para a frente” (SALES, 2011, p. 169).

Número de ocorrências: 1.

POLTRÃO – adj. Diz-se daquele que não tem coragem; medroso; covarde.

“O promotor sorriu. Já se habituara como tom arrasador da palestra do amigo, não mais estranhando suas expressões de incontido desdém. Nas conversas que entretinham, e que versavam ordinariamente sobre pessoas de Andaraí, o coletor Barroso era por ele incisivamente tachado de “rato”. Ao seu ver, o juiz de Direito não passava de um ‘**poltrão**’. Do capangueiro Teotônio, não vacilava em dizer de “um crápula de pai e mãe”. Definia o Carvalhal como sendo “um escrotalhão”, enquanto o tabelião Romualdo, em cuja rotunda figura o promotor ainda não pusera os olhos, recebia a sumária classificação de “pederasta”.

Por aí afora, chegava ao árabe Mansur, a quem o telegrafista chamava impulsivamente de "gringo porco e ladrão" (SALES, 2011, p. 165).

Número de ocorrências: 1.

RAÇADO – adj. Diz-se daquele que possui espírito de luta; determinação; empenho; coragem.

“— O negro é **raçado** mesmo — Se o coronel não tem o santo forte, estava torado na bala. — Mas também ele só atirou porque estava de porre — convinham alguns. — De porre ou não, só sei dizer é que ele tem cabelo na venta — contestavam outros” (SALES, 2011, p. 54).

Número de ocorrências: 1.

XIBUNGO – s. m. Homossexual.

“— Se você continuar com descaração comigo, eu lhe dou um tiro. Está pensando que eu sou **xibungo**? O pequeno Zé respondeu que ele atirava "mas era com a bunda" — Pois então abra a boca pra você ver se eu não atiro dentro dela — disse o outro” (SALES, 2011, p. 48).

Número de ocorrências: 3.

5.9.2 MICROCAMPOS DOS QUALIFICADORES FEMININOS

AGUADA – adj. Pouco atrativa, sem graça.

“Alguém comentou num grupo: — Que nada! Aquilo é uma negra **aguada**, fubuca. Não vale um centenário. É do tipo ‘come, onça’. Já andei com ela uma vez pra nunca mais. E mesmo que uma tábuia” (SALES, 2011, p. 241).

Número de ocorrências: 1.

BANANEIRA QUE JÁ DEU CACHO – exp. pop. Pessoa que já passou de sua melhor fase. Pessoa que perdeu a jovialidade.

“— Que nada! — rebateu Zé de Peixoto. — Joana é **bananeira que já deu cacho**. E os dois desceram a ladeira com destino ao cabaré de Felícia. Do outro lado do rio — a cidade era um coradouro imenso, com a lua estendendo lençóis nos oitões caiados” (SALES, 2011, p. 68).

Número de ocorrências: 1.

COLHER-DE-PAU – adj. Pessoa que sabe cozinhar bem; Entendida de culinária.

“Andavam em passo regular, e enquanto andavam comentavam o trabalho que tinham feito durante os últimos dias (havendo sempre alguém para se queixar do cascalho, que só dava no bagajudo), trocavam impressões sobre alguma mulher do cabaré de felícia, falavam da negra Bataclã, boa fêmea, mas também uma **colher-de-pau** de primeira, em cuja casa haviam comido uma moqueca de surubim no sábado anterior, depois de urna farra que acabara de madrugada” (SALES, 2011, p. 209).

Número de ocorrências: 1.

COSTELA – adj. mulher; esposa.

“— De qualquer maneira — conveio Neco — ele passa melhor do que a gente. Tem a sua **costela** certa toda noite, o seu pé-de-tabaqueira que não falha” (SALES, 2011, p. 217).

Número de ocorrências: 1.

ESGUEDELHADA – adj. Diz-se daquela que é despenteada; descabelada; com o penteado descomposto.

“O luar estava uma beleza. De sorte que os moradores do bairro apagaram os fifós, fecharam a portas de suas casas e se reuniram para conversar. Acendendo a baga de palha que trazia atrás da orelha, Sinhá do Ouro ficou pensando na toalha que mandara fazer para Santa Rita. Foi quando a mulher de Salu apareceu, suja, **esguedelhada**, na porta do seu casebre, e gritou: — Tião, ô Tião! Ninguém respondeu. A velha Vitória passou por ela, de cachimbo na boca. — Como vai, Sinhá Vitória? Depois tornou a gritar: — Tião, ô Tião?! A velha Vitória foi seguindo, e logo depois se sentava na porta do rancho de Sinhá do Ouro” (SALES, 2011, p. 79).

Número de ocorrências: 1.

FORNIDA DE CARNE – loc. adj. Atraente sexualmente.

“Na casa, porém, havia uma pessoa que lhe tornava a existência menos penosa: sua prima Florinda, filha da velha Sebastiana. Era uma mulata **fornida de carnes**, que fazia vida em várias localidades das Lavras, o que não a impedia de demorar-se, às vezes, uma ou duas semanas na Passagem. Nessas ocasiões, valia-se o pequeno Zé da proteção da prima, que tudo fazia por ele” (SALES, 2011, p. 47).

Número de ocorrências: 1.

FOUVEIRA – adj. Pele ressecada; descolorida.

“A contragosto, nunca a trazia para o garimpo, por causa das freguesias de roupa lavada e engomada com as quais ela arranjava sempre algum dinheiro: ajudava-o nas despesas. — Aqui na serra — comentou Filó — uma negra de canela **fouveira** como essa de Adolfo bem que já serve. Houve risos entre os demais garimpeiros. A mulher ia agora desaparecendo na estrada, com a sua pequena trouxa feita com um cobertor dorme-bem: carregava na cabeça o seu próprio leito” (SALES, 2011, p. 217).

Número de ocorrências: 1.

FUBUCA – adj. Ordinária, de ínfima qualidade; Mulher que comercializa o próprio corpo; meretriz, prostituta.

“Alguém comentou num grupo: — Que nada! Aquilo é uma negra aguada, **fubuca**. Não vale um centenário. É do tipo ‘come, onça’, Já andei com ela uma vez pra nunca mais. E mesmo que uma tábua. Em meio aos rumores da noite — as gargalhadas das mulheres se confundiam com os sons dispersos da tocata da novena” (SALES, 2011, p. 241).

Número de ocorrências: 1.

MULHER DE PRATELEIRA-DE-CIMA – loc. adj. Diz-se da mulher de boa qualidade sexual.

“Vive que nem um bicho, trabalhando dia e noite, sem respeitar domingo nem dia santo, só pra fazer figura em Andaraí. Mania besta, mania de ser rico — comentou. — Mas de que adianta isso? De que adianta ele passar uma semana com Helena, com Cleonice, ou com qualquer outra **mulher de prateleira-de-cima**, se depois ele vai ficar dois ou três meses tocando gloriosa em cima da serra? De que adianta? Se ele não aguenta a tese, pra que essa besteira de querer passar pelo que não é? Filó é que tem razão — observou, — Bem ele disse que Pedro Almofadinha devia procurar sua baixa posição e se colocar” (SALES, 2011, p. 97).

Número de ocorrências: 1.

REPIMPADA – adj. Que comeu muito; que está de barriga cheia; abarrotada; empanturrada.

“Um homem veio acender o cigarro na baga que outro trazia no canto da boca. Andou olhando os beijos enrolados com coco ralado — especialidade de seu Dudu — e pilheriou:

— De quem é essa obra? Uma negra **repimpada** no vestido de estamparia larga soltou uma gargalhada: a palavra obra fazia-a rir sempre” (SALES, 2011, p. 227).
Número de ocorrências: 1.

TRESNOITADA – adj. Diz-se daquela que passa a noite sem dormir; que passa as noites em claro.

“Uma mulher-dama **tresnoitada** entrou na padaria para comprar bolachas. Agenor Cabeça-Seca, que estava perto, tomou deboche: — Mas Tutu, até quando você quer crescer a traseira? A mulher respondeu com boca de nojo: — Olhe com os olhos e coma com a testa — e saiu rebolando as volumosas nádegas, a meia libra de bolachas papudas na mão” (SALES, 2011, p. 89).

Número de ocorrências: 1.

5.9.3 MICROCAMPO DOS QUALIFICADORES INFANTIS

DIABO – adj. Inquieto; traquino.

“— Sinhá do Ouro, eu estou até com vergonha. Mas o **diabo** deste menino pegou uma doença de rua e eu quero que a senhora trate dele” (SALES, 2011, p. 78).

Número de ocorrências: 2.

Quadro 12: Listagem das lexias constantes no macrocampo dos qualificadores e seus microcampos.

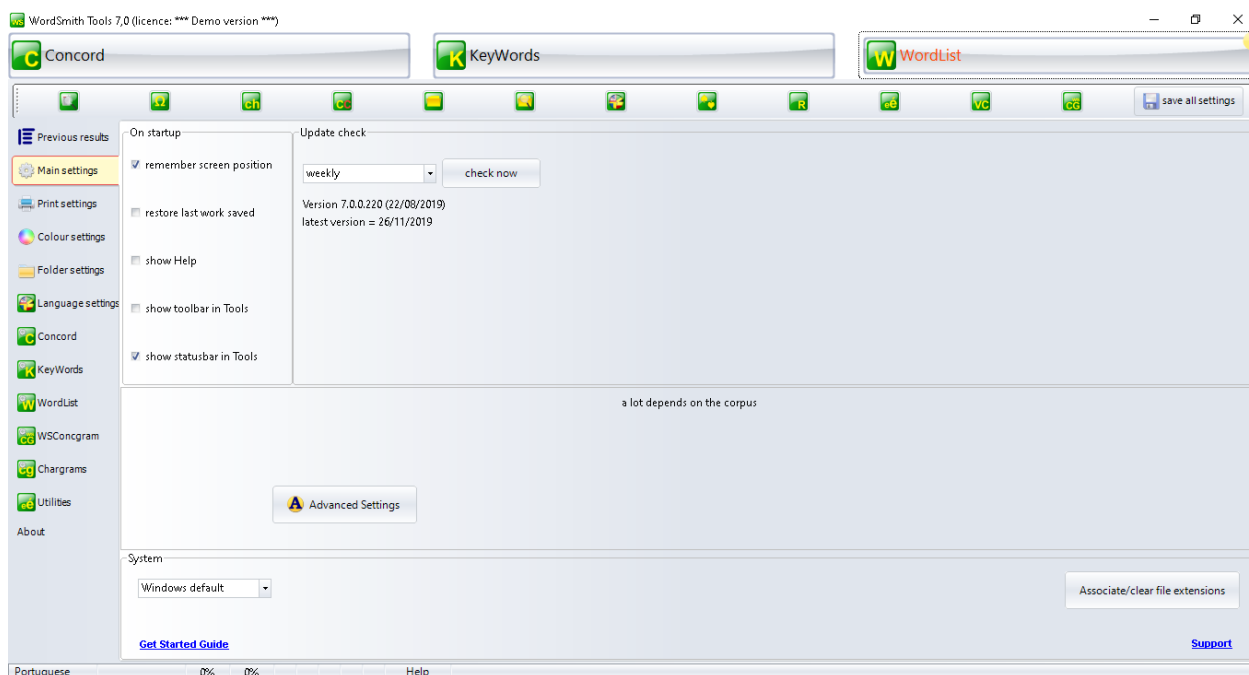
MACROCAMPO	MICROCAMPOS E LEXIAS	Total de lexias
Dos Qualificadores	Dos qualificadores masculinos: arruaceiro, bamburrista, besta, buralhão, cabuleté, cabra do pau-furado, cabra retinto e dobrado, caipora, curau, desmarcado, doca, encabulado, enrolista, escrotalhão, esmolambado, estroina, estremunhado, gabola, infusado, inteirado, lambaceiro, madrugador, mancomunado, mão-cheia, nababo, negro de tutano, pau-d'água, peixe-podre, poltrão, raçado, xibungo. Dos qualificadores femininos: aguada, bananeira que já deu cacho, colher-de-pau, costela, esguedelhada, fornida de carne, fouveira, fubuca, mulher de prateleira de cima, repimpada, tresnoitada. Dos qualificadores infantis: diabo.	43

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

5.10 LEXIAS, OCORRÊNCIAS E FREQUÊNCIAS

Para o levantamento de ocorrência e frequência das lexias do romance *Cascalho* (SALES, 2011), utilizamos a ferramenta computacional *WordSmith Tools 7.0*, que é um programa de verificação de *corpus* ou *corpora* que fornece dados analíticos para estudo linguístico. A versão do programa foi disponibilizada pelo NeiHD (Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais) que possui o software com registro. Não nos alongaremos colocando todos os detalhes da evolução do software, funcionamento e recursos do *WordSmith Tools*, para isso Nascimento (2018) nos fornece, por meio de seu trabalho, informações completas e o passo a passo sobre as funções do programa computacional.

Figura 8: Interface do *WordSmith 7.0*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

Estruturamos os dados por meio dos macrocampos e microcampos correspondentes informando por meio de quadro o número de ocorrências. Assim, temos uma relação do número de ocorrências e a informação de como essas lexias aparecem no *corpus*. A listagem tornar-se importante no sentido de explicar a produtividade no emprego de certas lexias, o que nos permite verificar a influência de uma palavra, a sua tipicidade e como o autor a utiliza em em que contextos. A ocorrência mostra a atitude do autor da obra nas escolhas linguísticas formando padrões lexicais, ou seja, um conjunto de palavras que produz diversos sentidos ao

que ler. O vocabulário suscita contextualização, ambientação, história, cultura, localização, comportamento social etc. A artesanaria lexical produzida pelo autor nos remete a uma imagem que ele deseja produzir suscitando debate acerca tanto de cunho linguístico quanto literário.

Figura 9: Lista de palavras em ordem alfabética e em ordem de frequência.

Word list (C:\Users\moondragon\Documents\Mestrado em Estudos Linguísticos\2019. 1\Escrita da Disserta

N	Word	Freq.	%	Texts	% Disp...ion	Lemmas	Set
1	DE	4.057	4,40%	1	10...0%	0,98	
2	O	3.245	3,52%	1	10...0%	0,96	
3	A	3.002	3,26%	1	10...0%	0,97	
4	QUE	2.631	2,86%	1	10...0%	0,97	
5	E	2.218	2,41%	1	10...0%	0,98	
6	DO	1.300	1,41%	1	10...0%	0,95	
7	NÃO	1.167	1,27%	1	10...0%	0,95	
8	COM	1.129	1,23%	1	10...0%	0,94	
9	UM	1.108	1,20%	1	10...0%	0,95	
10	DA	1.041	1,13%	1	10...0%	0,93	
11	SE	998	1,08%	1	10...0%	0,90	
12	EM	918	1,00%	1	10...0%	0,95	
13	OS	887	0,96%	1	10...0%	0,92	
14	NA	843	0,91%	1	10...0%	0,97	
15	PARA	732	0,79%	1	10...0%	0,95	
16	NO	728	0,79%	1	10...0%	0,97	
17	É	659	0,72%	1	10...0%	0,92	
18	UMA	594	0,64%	1	10...0%	0,96	
19	POR	588	0,64%	1	10...0%	0,95	
20	ELE	542	0,59%	1	10...0%	0,91	
21	ERA	504	0,55%	1	10...0%	0,92	
22	AO	502	0,54%	1	10...0%	0,92	
23	AS	455	0,49%	1	10...0%	0,97	
24	SEU	447	0,49%	1	10...0%	0,86	
25	COMO	414	0,45%	1	10...0%	0,93	
26	EU	411	0,45%	1	10...0%	0,84	
27	MAS	357	0,39%	1	10...0%	0,91	
28	DISSE	349	0,38%	1	10...0%	0,91	
29	MAIS	349	0,38%	1	10...0%	0,92	
30	VOCÊ	340	0,37%	1	10...0%	0,86	
31	FOI	331	0,36%	1	10...0%	0,86	
32	JÁ	330	0,36%	1	10...0%	0,92	
33	DOS	326	0,35%	1	10...0%	0,92	
34	À	322	0,35%	1	10...0%	0,93	
35	LHE	297	0,32%	1	10...0%	0,90	

frequency alphabetical statistics filenames notes

11.619 entries Row 1 T S Help DE

Fonte: Word List Tools 7.0

Por outro lado, existem palavras de baixa frequência em relação ao uso daquelas de maior frequência. Essas de menor frequência indicam um léxico qualitativo e pode estar associado a condições sócio-histórico-culturais bem específicas, demonstrando uma realidade vivida daquele grupo, visão de mundo, de quem a utiliza. Conquanto que as lexias sejam de alta ou baixa frequência, são testemunhas da história de uma comunidade, esse duplo aspecto nos dá ideia de base lexical e estatística do funcionamento da língua e das escolhas realizadas

pelo autor. O que também acentua que as palavras mais frequentes são as mais reconhecidas numa percentagem de incidências e distribuição no *corpus*, sendo significativas no uso efetivo que fazem da lexia. Observemos o comportamento das lexias em suas ocorrências e frequência em cada macrocampo e seus microcampos.

Quadro 13: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em cidades e povoações.

MACROCAMPO LEXICAL DO ESPAÇO GEOGRÁFICO		
Microcampo das cidades e povoações		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Andaraí	73	0,08%
Coxó	9	0,00%
Feira de Santana	9	0,00%
Itaetê	9	0,00%
Jussiape	1	0,00%
Lençóis	17	0,02%
Mato Grosso	1	0,00%
Mucujê	5	0,00%
Palmeiras	9	0,00%
Passagem	46	0,05%
Piranhas	18	0,02%
Rio de Contas	1	0,00%
Tamburi	1	0,00%
Xique-Xique	5	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 14: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em ruas e bairros.

MACROCAMPO LEXICAL DO ESPAÇO GEOGRÁFICO		
Microcampo das ruas e bairros		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Jaqueira	6	0,00%
Rapa-Tiçã	4	0,00%
Ribimba	27	0,03%
Santa Bárbara	6	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 15: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em localizações.

MACROCAMPO LEXICAL DO ESPAÇO GEOGRÁFICO		
Microcampo das localizações		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Bacia dos nagôs	1	0,00%

Boca da gruna	2	0,00%
Boca da mata	1	0,00%
Cabelo da roda	1	0,00%
Campos de São João	2	0,00%
Coradouro	1	0,00%
Estrada dos bichinhos	3	0,00%
Lavras	45	0,05%
Mãe do povo	6	0,00%
Santa Luzia	4	0,00%
São Pedro	19	0,02%
Vai-quem-quer	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 16: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em rios, cachoeiras e afins.

MACROCAMPO LEXICAL DA NATUREZA		
Microcampo dos rios, cachoeiras e fins		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Boca do tanque	2	0,00%
Cabeceira	3	0,00%
Córrego do Padre	1	0,00%
Rio Baiano	2	0,00%
Rio Gafanhoto	1	0,00%
Rio Paraguaçu	32	0,03%
Rio Piabas	2	0,00%
Rio Santo Antônio	1	0,00%
Poço da Donana	2	0,00%
Viriato	3	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 17: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em fenômenos da natureza.

MACROCAMPO LEXICAL DA NATUREZA		
Microcampo dos fenômenos da natureza		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Cabeça-d'água	2	0,00%
Cheia de Santa Luzia	1	0,00%
Estiar	1	0,00%
Lebreia	1	0,00%
Lusco-fusco	1	0,00%
Mormaço	1	0,00%
Remanso	3	0,00%
Sol a pino	1	0,00%
Tromba-d'água	3	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 18: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em flora.

MACROCAMPO LEXICAL DA NATUREZA		
Microcampo da flora		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Angiquinho	1	0,00%
Arruda	1	0,00%
Azedinha	1	0,00%
Babatimã	1	0,00%
Banana-brava	1	0,00%
Batata-da-serra	1	0,00%
Bico doce	1	0,00%
Cabeluda	1	0,00%
Camboatá	3	0,00%
Candeia-de-bolota	2	0,00%
Canjoão	3	0,00%
Canapu	1	0,00%
Canela d'ema	4	0,00%
Capim-açu	1	0,00%
Capim-cacheado	1	0,00%
Capim-da-lapa	1	0,00%
Capim-pubo	1	0,00%
Catinga-de-porco	1	0,00%
Chapéu-de-frade	1	0,00%
Cura-facada	1	0,00%
Dom-bernardo	1	0,00%
Fedegoso	3	0,00%
Grão-de-galo	1	0,00%
Gravatá	2	0,00%
Hortelã graúda	1	0,00%
Imbé	2	0,00%
Inchacolhão	1	0,00%
Inhame	1	0,00%
Jasmim	2	0,00%
Jeriza	1	0,00%
Juçara	1	0,00%
Jurubeba	1	0,00%
Lírio	1	0,00%
Losna	2	0,00%
Malva lava-prato	2	0,00%
Mandacaru	1	0,00%
Maria-mole	2	0,00%
Maxixe	1	0,00%
Mucujê	5	0,00%
Murici	2	0,00%
Negro-nu	2	0,00%
Neve	1	0,00%
Pau-de-mocó	1	0,00%

Pau-terra	1	0,00%
Pedreste	1	0,00%
Pindoba	2	0,00%
Pinhão leitoso	1	0,00%
Poejo	1	0,00%
Quiabo	1	0,00%
Quina-de-vara	1	0,00%
Quitoco	1	0,00%
Saborosa	1	0,00%
Sapucaia	1	0,00%
Sempre-viva-da-serra	1	0,00%
Três-folhas	1	0,00%
Velame	4	0,00%
Xiquexique	2	0,00%
Xumbaré	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 19: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em fauna.

MACROCAMPO LEXICAL DA NATUREZA		
Microcampo da fauna		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Asa-caída	1	0,00%
Batixó	2	0,00%
Borrachudo	1	0,00%
Cabeça-de-patrona	2	0,00%
Caburé	2	0,00%
Calango	2	0,00%
Canarinho-da-terra	1	0,00%
Cocuruto	1	0,00%
Coral	2	0,00%
Coqui	1	0,00%
Cumbá	1	0,00%
Curimatã	1	0,00%
Jaracuçu	1	0,00%
Martim-pescador	6	0,00%
Mocó	6	0,00%
Mutuca	1	0,00%
Pirá	1	0,00%
Piranha	1	0,00%
Sabiá	2	0,00%
Teiú	1	0,00%
Traíra	2	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 20: Relação das lexias, suas ocorrências e ferramentas e equivalentes.

MACROCAMPO LEXICAL DAS LAVRAS		
Microcampo das ferramentas e equivalentes		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Almocafo	1	0,00%
Balança granatária	10	0,00%
Bateia	24	0,02%
Bolinete	1	0,00%
Broca	6	0,00%
Carumbé	28	0,03%
Crivo	1	0,00%
Cunha de marreta	2	0,00%
Desbrutador	3	0,00%
Farracho	2	0,00%
Enxada	13	0,01%
Esbirro	1	0,00%
Frincheiro	6	0,00%
Marrão	2	0,00%
Pequenito	2	0,00%
Pião de cata	2	0,00%
Picuá	17	0,02%
Ralo	13	0,01%
Socador de broca	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro**Quadro 21:** Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em profissões e trabalho.

MACROCAMPO LEXICAL DAS LAVRAS		
Microcampo das profissões e trabalho		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Alugado	15	0,02%
Bruaqueiro	8	0,00%
Capangueiro	26	0,03%
Frente	42	0,05%
Garimpeiro	162	0,18%
Lavrista	6	0,00%
Meia-praça	33	0,04%
Mosquitador	7	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 22: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em serviços e afins.

MACROCAMPO LEXICAL DAS LAVRAS		
Microcampo dos serviços e afins		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Apuração	12	0,01%
Broqueamento	1	0,00%
Cata	12	0,01%
Cateamento	6	0,00%
Faiscar	1	0,00%
Faisqueira	1	0,00%
Garimpar de lancheio	1	0,00%
Mamparra	1	0,00%
Mosquitar	1	0,00%
Quebrar cata	4	0,00%
Rego	5	0,00%
Sistema de barranco	1	0,00%
Sistema de tição	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 23: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em diamantes e afins.

MACROCAMPO LEXICAL DAS LAVRAS		
Microcampo dos diamantes e afins		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Arrozinho	3	0,00%
Bala	13	0,01%
Carbonato	67	0,07%
Chapéu de frade	1	0,00%
Jaça	1	0,00%
Lambreu	2	0,00%
Lasca com dois grãos	1	0,00%
Mosquitinho	1	0,00%
Mosquito	5	0,00%
Olho-de-arara	1	0,00%
Xibiu	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 24: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em formações geológicas e cascalhos.

MACROCAMPO LEXICAL DAS LAVRAS		
Microcampo das formações geológicas e cascalhos		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Ajogo	1	0,00%
Bagajudo	1	0,00%

Balinha	3	0,00%
Bosta de cabra	5	0,00%
Bosta de barata	4	0,00%
Bugalhau	4	0,00%
Cabeça de formiga	1	0,00%
Caldeirão bidogue	1	0,00%
Caldeirão casco de burro	1	0,00%
Cascalhão	1	0,00%
Cocá	1	0,00%
Emburrado	5	0,00%
Esmeril	20	0,02%
Favinha	1	0,00%
Feijão azul-oleoso	1	0,00%
Ferragem	11	0,01%
Fervedouro	2	0,00%
Frente de serviço	7	0,00%
Frincha	2	0,00%
Garimpo	73	0,08%
Gruna	29	0,03%
Grupiara	4	0,00%
Informação	10	0,01%
Mocororô osso de cavalo	1	0,00%
Mondubi	1	0,00%
Montoeira	3	0,00%
Murundu	1	0,00%
Ovão	1	0,00%
Paiol	12	0,01%
Perau	2	0,00%
Piçarra mestra	2	0,00%
Restinga	2	0,00%
Rompimento	2	0,00%
Tombador	2	0,00%
Veio	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 25: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em taxas.

MACROCAMPO LEXICAL DAS LAVRAS		
Microcampo das taxas		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Quinto	20	0,02%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 26: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em habitações e apetrechos.

MACROCAMPO LEXICAL DAS LAVRAS		
Microcampo das habitações e apetrechos		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Biboca	3	0,00%
Birô	3	0,00%
Botequim	8	0,00%
Cabaré	16	0,02%
Candeeiro-placa	4	0,00%
Colchão de arasto	1	0,00%
Escarradeira	2	0,00%
Espelunca	1	0,00%
Esteira	9	0,00%
Fifó	13	0,01%
Jirau	1	0,00%
Loca	1	0,00%
Oitão	7	0,00%
Platibanda	2	0,00%
Pote	1	0,00%
Rancho	63	0,07%
Tabique	6	0,00%
Trempe	4	0,00%
Urinol	3	0,00%
Venda	25	0,03%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro**Quadro 27:** Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em utensílios de cozinha.

MACROCAMPO LEXICAL DA ALIMENTAÇÃO		
Microcampo dos utensílios de cozinha		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Chocolateira	10	0,01%
Colher de sopa	1	0,00%
Gamela	2	0,00%
Panela de barro	3	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro**Quadro 28:** Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em pratos crus, cozidos e assados.

MACROCAMPO LEXICAL DA ALIMENTAÇÃO		
Microcampo dos pratos crus, cozidos e assados		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Arroz de cacimba	1	0,00%
Carne seca	12	0,01%

Carne frescal	1	0,00%
Cuscuz	2	0,00%
Fato	1	0,00%
Fígado	3	0,00%
Lombo	3	0,00%
Moqueca	1	0,00%
Pirão	1	0,00%
Sarapatel	2	0,00%
Toicim	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 29: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em bebidas.

MACROCAMPO LEXICAL DA ALIMENTAÇÃO		
Microcampo das bebidas		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Cachaça com óleo de copaíba	1	0,00%
Garrafada	1	0,00%
Jacuba	2	0,00%
Jinjibirra	1	0,00%
Moca	2	0,00%
Restilo	1	0,00%
Vermute	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 30: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em doces e salgados.

MACROCAMPO LEXICAL DA ALIMENTAÇÃO		
Microcampo dos doces e salgados		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Beiju de coco	2	0,00%
Bolacha papuda	3	0,00%
Doce de rapadura com gergelim	1	0,00%
Queimado	2	0,00%
Raspadura	1	0,00%
Voador	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 31: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em roupas de cama.

MACROCAMPO LEXICAL DAS INDUMENTÁRIAS		
Microcampo das roupas de cama		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Cobertor dorme-bem	2	0,00%
Desaperta-puta	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 32: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em vestimentas.

MACROCAMPO LEXICAL DAS INDUMENTÁRIAS		
Microcampo das vestimentas		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Calça de brim	1	0,00%
Calção de valença	4	0,00%
Capote	5	0,00%
Ceroula de valença	1	0,00%
Fraque	3	0,00%
Gibão	1	0,00%
Paletó de alpaca	2	0,00%
Xale	4	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 33: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em acessórios e generalidades.

MACROCAMPO LEXICAL DAS INDUMENTÁRIAS		
Microcampo dos acessórios e generalidades		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Bagueta	1	0,00%
Braguilha	2	0,00%
Capanga	12	0,01%
Chagrin	1	0,00%
Chapéu-chile de copa alta	4	0,00%
Linho H.J	1	0,00%
Madapolão	1	0,00%
Valise	5	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 34: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em armas de fogo.

MACROCAMPO LEXICAL DOS ARMAMENTOS		
Microcampo das armas de fogo		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Comblain	2	0,00%
Combléia	1	0,00%
Espingarda cano de chapéu-de-sol	1	0,00%
Fogo-central	2	0,00%
Fuzil mauser	1	0,00%
Garrucha	1	0,00%
Manulicha	1	0,00%
Parabélum	11	0,01%
Repetição	7	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 35: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em armas brancas.

MACROCAMPO LEXICAL DOS ARMAMENTOS		
Microcampo das armas brancas		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Bodoque	2	0,00%
Canivete	1	0,00%
Lambedeira	1	0,00%
Punhal	12	0,01%
Zé-tranquilino	2	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 36: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em santos.

MACROCAMPO LEXICAL DA RELIGIOSIDADE E MANIFESTAÇÕES POPULARES		
Microcampo dos santos		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Nossa Senhora da Glória	12	0,01%
Nossa Senhora da Piedade	2	0,00%
Nossa Senhora do Parto	1	0,00%
Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa	1	0,00%
Santa Bárbara	6	0,00%
Santa Rita	3	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 37: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em festas e manifestações populares.

MACROCAMPO LEXICAL DA RELIGIOSIDADE E MANIFESTAÇÕES POPULARES		
Microcampo das festas e manifestações populares		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Festa de Nossa Senhora da Glória	1	0,00%
Festa do Divino	2	0,00%
Marujada	1	0,00%
Mineiro-Pau	5	0,00%
Quaresma	3	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro**Quadro 38:** Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em livros e rezas.

MACROCAMPO LEXICAL DA RELIGIOSIDADE E MANIFESTAÇÕES POPULARES		
Microcampo dos livros e rezas		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Livro de rezas	1	0,00%
Magnificat	2	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro**Quadro 39:** Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em partes do corpo.

MACROCAMPO LEXICAL DA SEXUALIDADE E DO CORPO		
Microcampo das partes do corpo		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Beijo	2	0,00%
Bunda	6	0,00%
Espinhaço	3	0,00%
Peador	1	0,00%
Rabo de juízo	1	0,00%
Toba	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro**Quadro 40:** Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em órgãos sexuais.

MACROCAMPO LEXICAL DA SEXUALIDADE E DO CORPO		
Microcampo dos órgãos sexuais		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Bico de candeeiro	1	0,00%
Joaquim madrugada	1	0,00%
Pé-de-tabaqueira	1	0,00%

Quimbas	1	0,00%
---------	---	-------

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 41: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em doenças sexuais.

MACROCAMPO LEXICAL DA SEXUALIDADE E DO CORPO		
Microcampo das doenças sexuais		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Bubão	1	0,00%
Doença de rua	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 42: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em relações íntimas afetivas.

MACROCAMPO LEXICAL DA SEXUALIDADE E DO CORPO		
Microcampo das relações íntimas afetivas		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Amigação	1	0,00%
Amigar	2	0,00%
Deflorar	1	0,00%
Descabaçar	1	0,00%
Descarregar o corpo	1	0,00%
Perder-se	2	0,00%
Rufiagem	1	0,00%
Tocar gloriosa	1	0,00%
Trepar	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 43: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em qualificadores masculinos.

MACROCAMPO LEXICAL DOS QUALIFICADORES		
Microcampo dos qualificadores masculinos		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Arruaceiro	3	0,00%
Bamburrista	5	0,00%
Besta	2	0,00%
Burralhão	1	0,00%
Cabuleté	3	0,00%
Cabra do pau-furado	1	0,00%
Cabra retinto e dobrado	1	0,00%
Caipora	1	0,00%
Curau	4	0,00%
Desmarcado	1	0,00%
Doca	3	0,00%

Encabulado	3	0,00%
Enrolista	2	0,00%
Escrotalhão	1	0,00%
Esmolambado	1	0,00%
Estroina	1	0,00%
Estremunhado	1	0,00%
Gabola	1	0,00%
Infusado	5	0,00%
Inteirado	2	0,00%
Lambaceiro	1	0,00%
Madrugador	1	0,00%
Mancomunado	1	0,00%
Mão-cheia	1	0,00%
Nababo	1	0,00%
Negro de tutano	1	0,00%
Pau-d'água	1	0,00%
Peixe-podre	1	0,00%
Poltrão	1	0,00%
Raçado	1	0,00%
Xibungo	3	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 44: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências em qualificadores femininos.

MACROCAMPO LEXICAL DOS QUALIFICADORES		
Microcampo dos qualificadores femininos		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Aguada	1	0,00%
Bananeira que já deu cacho	1	0,00%
Colher-de-pau	1	0,00%
Costela	1	0,00%
Esguedelhada	1	0,00%
Fornida de carne	1	0,00%
Fouveira	1	0,00%
Fubuca	1	0,00%
Mulher de prateleira de cima	1	0,00%
Repimpada	1	0,00%
Tresnoitada	1	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Quadro 45: Relação das lexias, suas ocorrências e frequências dos qualificadores infantis.

MACROCAMPO LEXICAL DOS QUALIFICADORES		
Microcampo dos qualificadores infantis		
Lexias	Número de ocorrências	Frequência em %
Diabo	2	0,00%

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Nessa seção, por meio de quadros, procedemos na forma de quantificar as lexias quanto às suas ocorrências e frequências mensurando quadro a quadro os macrocampos e microcampos dos campos lexicais. A decomposição das unidades lexicais nos dá a dimensão de como se comportam essas lexias dentro do *corpus*, a partir de probabilidades quanto ao uso, e fatores de utilização que o autor se dispõe para a inserção dessas lexias em seu texto.

O que observamos em primeira instância é o domínio vocabular terminológico do autor sobre o garimpo, indicando o alto grau de familiaridade e referências do universo das lavras diamantinas. Sendo que, as maiores ocorrências e frequências ocorrem no macrocampo das lavras dos quadros 20 a 26. Trata-se, pois, de um domínio que respalda a proposta e temática da obra com usos de vocabulário de especialidade amplamente utilizados. Cabe ainda ressaltar que

O discurso literário é um ato linguístico e não pode ser isolado dos outros gêneros e estudado apenas pela literatura. Deve ser tratado também pela linguística como um gênero discursivo plural que mescla aspectos linguísticos e estilísticos, refletindo o contexto, a ideologia do autor, o momento sócio-histórico-cultural etc. A relação entre texto literário e dimensão sociocultural pode ser entendida quando se parte do texto para o contexto, isto é, ao analisar o texto literário do ponto de vista discursivo (CARDOSO, 2018, p. 16).

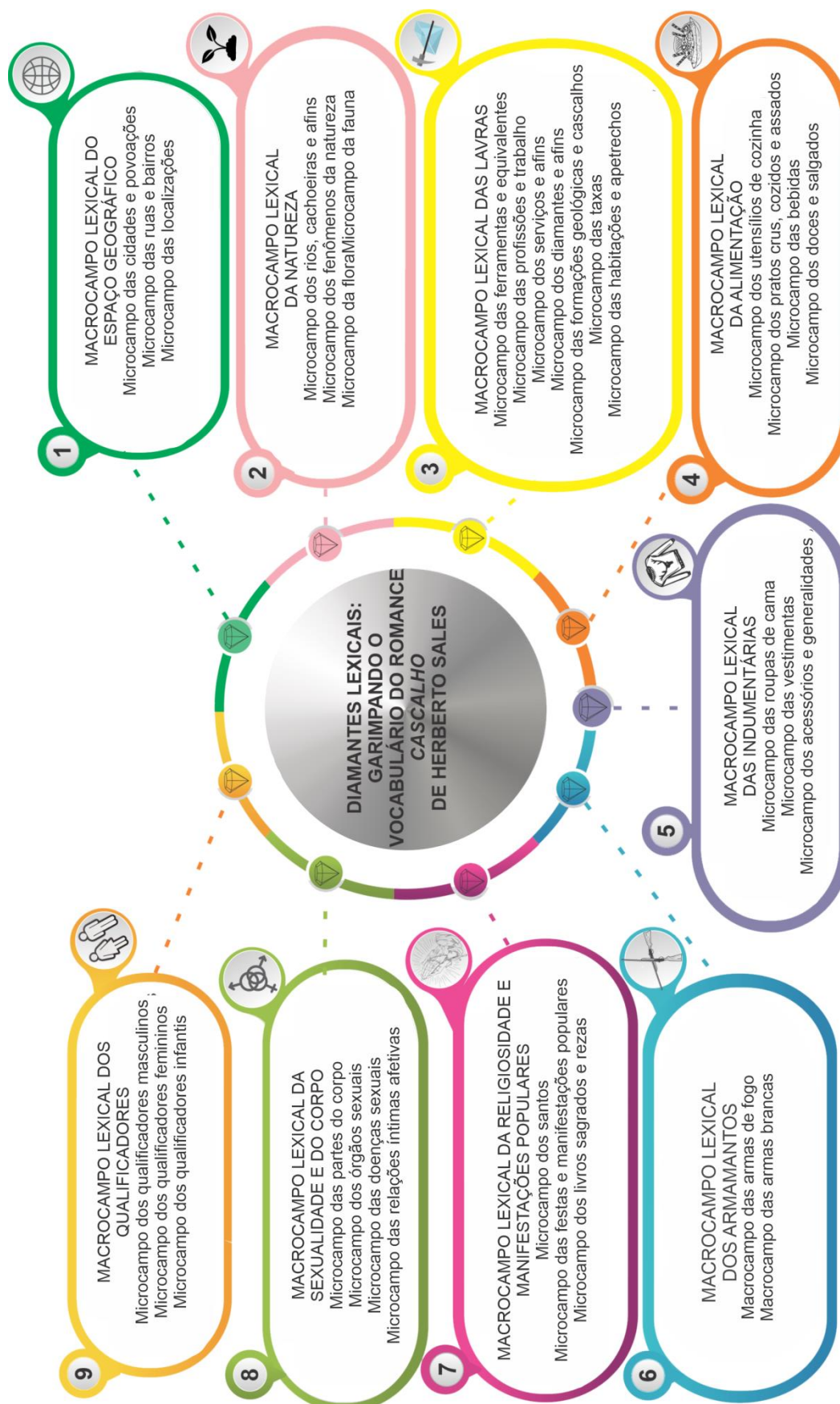
Esse vocabulário especializado que encontramos emerge da própria experiência do autor no garimpo (SALES, 1955; SALES 2006), quer dizer, ele se apropria e faz uso de sua convenção linguística amparado de sua dimensão sociocultural. Utilizando essa linguagem como representação via itens lexicais distribuídas no texto literário. Os dados nos permitem visualizar um grupo de itens lexicais com baixa frequência, em sua grande maioria de 0,00%, mas que conjuntamente perfazem um conjunto significativo de vocabulário diferenciado que engloba esse contexto sócio-histórico-cultural do conhecimento e familiaridade do autor, mas por vezes desconhecido para o público em geral.

A constituição do vocabulário de *Cascalho* (SALES, 2011) em sua base é de itens lexicais, em relação à sua distribuição no discurso narrativo, que reflete o registro lexical que

envolve a história, a sociedade, a cultura do garimpo das lavras diamantinas, apesar da baixa ocorrência e frequência de muitas lexias conforme os macrocampos. A sua distribuição no texto, apesar de alguns itens só aparecerem uma única vez para não mais se repetirem, não desqualifica, e nem soa forçado no discurso. Ao contrário, faz jus a itens utilizados segundo a necessidade do autor, o que vislumbra a circulação de lexias que enriquecem o repertório vocabular que o representa.

Para tanto, constatamos que existe uma base terminológica de especialidade de garimpo explicitado no macrocampo das lavras que percorre toda narrativa, para o qual convergem todos os outros macrocampos. O que nos levaria a outra abordagem de pesquisa e de metodologia que poderão ser explanadas em outro trabalho específico. Entrementes, a história da Chapada Diamantina na Bahia é constituída tendo por base as lavras, portanto o vocabulário se forma por meio desse elemento motivador. As localizações, as povoações, cidades, fenômenos da natureza, alimentação, vestuário etc. remetem a algum aspecto do garimpo. Toda originalidade do discurso narrativo parte da premissa da valorização de seu vocabulário específico. A estilística do autor, sua artesanania lexical, procedem em função da valorização da linguagem local em circulação em espaços e temporalidade daquele momento histórico. Esses são nossos “diamantes lexicais”, o tesouro vocabular que conta a história da Chapada Diamantina por meio da língua.

Figura 10. OS MACROCAMPOS E MICROCAMPOS LEXICAIS



Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

6 A RESTINGA E AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada nos possibilitou ter um retrato linguístico lexical da comunidade do garimpo de Andaraí, na Chapada Diamantina, Bahia, por meio da obra literária *Cascalho* (SALES, 2011) de Herberto Sales. Sob o aspecto do léxico conhecemos perfis identitários, sociedade e cultura contribuindo assim para a história social da língua portuguesa. Por esta incursão, tendo como suporte a metodologia dos campos lexicais de Eugênio Coseriu (1977), estruturamos em macro e microcampos, estabelecemos uma hierarquia desses campos catalogados. A língua é o meio utilizado pela sociedade do garimpo, o qual reflete sua cultura, estando entrelaçados como um legado histórico.

Nesse sentido, a língua representa o ambiente físico e social dos falantes. Assim, o primeiro contato do homem no mundo é com o meio ambiente, dessa forma estabelecemos o primeiro macrocampo lexical com o espaço geográfico, pois para adentrarmos nas lavras diamantinas precisamos conhecer esse seu entorno, em como a comunidade rotulou seu espaço e os fenômenos naturais que lhes atinge. O macrocampo da natureza nos levou a conhecer parte do bioma ou biomas da Chapada Diamantina na Bahia, pois a mesma possui áreas de cerrado, caatinga e matas de altitude formando um conjunto paisagístico singular. A organização social da comunidade do garimpo, que essencialmente estava ligada ao mundo rural, possuía fortes vínculos com o meio ambiente, o que não se pode desconsiderar a relevância que possui dessa integração do homem com o seu meio físico.

Os sujeitos da narrativa revelam pelo léxico as marcas da vivência com o meio rural com um conhecimento empírico da natureza, o que são linguagens de vertente regional no uso e nas descrições, sem a nomenclatura científica. Selecionamos os que descrevem o seu lugar, inventariando os elementos da flora e da fauna descritos pelos narradores numa perspectiva de senso comum das vivências mais rústicas com hábitos interioranos. O que realça ainda mais o sentido de isolamento e com pouco contato com o mundo externo da zona urbana de grandes centros.

Com isso, avultam os macrocampos das lavras, da alimentação, das indumentárias, dos armamentos, da religiosidade e manifestações populares, da sexualidade e corpo, dos qualificadores, o que marca expressões que traduzem hábitos, costumes, ideologias, que linguisticamente vão ficando registrados nos elementos da sociedade e da cultura da “civilização do diamante”. Traduzem via léxico a visão de mundo de seu universo físico e social. Decerto, esses elementos sócios históricos podem ser acessados pela língua utilizada pelos falantes da região das lavras, o que abre possibilidades de revisitar um momento

histórico da vida social dessa comunidade. Assim, a história das lavras diamantinas fica inscrita em sua linguagem peculiar, que ao nomear seu universo é possível nos situar no tempo e no espaço, representando de maneira mais clara um complexo inventário linguístico, configurando-se como um patrimônio vocabular.

O estudo lexical depreendido proporcionou elencar e relacionar língua, cultura e sociedade, que a linguagem utilizada não é tão somente a designação do meio físico e social, mas uma das múltiplas faces é sua expressividade dos costumes e enternecimentos, a ação da vida por meio da linguagem. O léxico representa de forma mais clara essa relação das práticas sociais dos falantes, sendo uma forma de adentrar o mundo particular traduzindo e registrando as percepções vividas da sociedade no tempo e espaço. Portanto, o léxico de *Cascalho* (SALES, 2011) é testemunha daquela comunidade que demonstra a complexidade da cultura, as formas das pessoas se relacionarem, as estruturas sociais, com características próprias da linguagem utilizada nas lavras.

Além do mais, por meio do léxico, é possível identificar traços culturais de uma comunidade que evidenciam as crenças adquiridas, a partir dos elementos constituintes da língua. Quando se trata do garimpo, como apresentado no romance, o acervo lexical reflete características socioculturais de uma população no mundo do trabalho, da sociedade, dos sentimentos, das sensações etc. Essa experiência linguística, expressada dentro da obra, permitiu a classificação e análise das formas de um vocabulário específico de um lugar, que ocorre constantemente no romance *Cascalho* (SALES, 2011).

Portanto, pesquisar o léxico, a partir de um romance regional, nos permitiu a possibilidade de conhecimento do processo de comunicação entre usuários de uma língua. Mesmo se tratando de uma ficção, esta recupera imagens e expressões linguísticas reais. É concebido que a arte imita a vida, sendo assim, no universo literário, isso é mostrado pelos movimentos de criação e por ser reflexo de realidades externas. Levando em conta que o escritor Herberto Sales era usuário da língua e estava familiarizado com os falares de sua comunidade, presta-se de sua experiência para retratar o vocabulário regional em *Cascalho* (SALES, 2011). O autor, por meio da arte literária, retratou uma época, uma região, um vocabulário, o qual foi fonte para o presente trabalho linguístico.

A análise e descrição de um romance regional com as características de *Cascalho* (SALES, 2011) aquiescem o conhecimento de lexias particulares ao universo da Chapada Diamantina, na Bahia, pois esta se insere dentro de um acervo maior que é o da língua portuguesa. Assim, o estudo do léxico aqui apontado permitiu, em seus resultados, entender

as relações entre língua, cultura e sociedade, correlacionando esses elementos aos estudos linguísticos analisados dentro do *corpus*.

O romance *Cascalho* (SALES, 2011) de Herberto Sales narra as circunstâncias da vida do garimpo de diamantes na Chapada Diamantina, na Bahia, o seu encadeamento vocabular regionalista se impõe em toda narrativa. Na linguística do texto não existem apenas denúncia, crítica social, atmosferas de lutas políticas etc., marcadas pela decadência das lavras e tipos regionais. Há elementos de intencionalidade do autor que discursa valores ideológicos, contexto social e papéis estabelecidos. Nesse assomo, nascem as palavras, escolhas, intencionalidade e artesanaria lexical. O que revela expressividade e produz efeitos ao leitor diante de um rico veio vocabular. Desde o lançamento, na primeira metade do século XX, ressalta um agregado linguístico que necessitava ser pesquisado, pois o tecido narrativo é pungente e verossímil, não havendo reservas para o constante vocabulário que flui a todo instante.

Esse garimpo lexical precisava ser explorado e, com efeito, tomamos cálculo desse cabedal iniciando o cateamento dos diamantes lexicais com nossos carumbés, bateias e ralos, instrumentos esses apropriados. Realizamos a apuração e no picuá de imbé inventariamos os diamantes lexicais. Com isso, descortinamos o romance *Cascalho* (SALES, 2011) via estudo linguístico do seu léxico, evidenciando as marcas linguísticas da Chapada Diamantina e seu entorno sócio histórico cultural. As lexias catalogadas constituem um acervo opulento que compõe macroestruturas divididas em campos léxicos significativos, remetendo ao espaço geográfico, à natureza, expressões populares, festas religiosas e populares, mundo do trabalho nas lavras etc., desvendando parte da história da região por meio de sua língua.

A partir da catalogação de 370 lexias subsidiada por uma base teórica metodológica da Lexicologia, Lexicografia, dentre outras vertentes teóricas significativas de contextualização e linguísticas, organizadas em campos lexicais, trouxemos a lume, a partir da linguagem dos personagens de *Cascalho* (SALES, 2011), o universo de uma comunidade garimpeira, o que corrobora que língua, cultura e sociedade estão entrelaçadas em uma dinâmica relacionada à formação histórica da Língua Portuguesa e própria história local. O trabalho dissertativo apresentado compete para a proposta do projeto de pesquisa estabelecido em seus objetivos, métodos e justificativas. Ressaltando que ainda existe uma profusão de outras lexias que poderão ser aproveitadas em trabalhos posteriores devido à riqueza vocabular encontrada e reveladora de outras facetas de investigação que não puderam ser operadas no momento, pelas restrições inerentes à propositura do presente trabalho.

Levando em consideração o exposto, a demanda de comunicação dialógica entre o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) e escolas é profícuo e necessário como resposta devolutiva social das pesquisas realizadas, na academia, forma essa de aproximar comunidade e universidade. Além disso, por constatação empírica, existem escolas de educação básica e universidades no próprio território de identidade da Chapada Diamantina que desconhecem a obra *Cascalho* (SALES, 2011), por isso, convém destacar as possibilidades de aplicação pedagógica dos resultados desta pesquisa, em aulas de Língua Portuguesa e afins, a saber, um trabalho que destaque o romance regionalista que estudamos ressaltando sua linguagem e seu vocabulário entrelaçados com a cultura e a sociedade em suas variações e contexto de uso. Valorizando, assim, a história local/regional, fazendo conhecer o universo linguístico da Chapada Diamantina, região turisticamente valorizada e conhecida mundialmente. Dessa forma, a Linguística, enquanto disciplina, extrapola seus limites para além dos muros do universo acadêmico, fazendo-se conhecida em outras áreas da sociedade.

Consecutivamente, pretendemos organizar um glossário extensivo da obra *Cascalho* (SALES, 2011) ou um vocabulário abrangendo outras obras de Herberto Sales elencando, assim, um repertório maior do autor, como um produto para auxílio na leitura do(s) romance(s), além de fazer conhecer a história, sociedade e cultura da comunidade do garimpo por meio da sua linguagem peculiar. Assim esperamos contribuir para a valorização do texto literário e preservação da identidade inscrita via tesouro vocabular da Chapada Diamantina.

O trabalho do garimpo quando chega ao fim não é um fim definitivo, após a apuração os cascalhos extraídos e lavados são deixados nas depressões e córregos. Esse refugio pode ser utilizado por outro garimpeiro para exploração própria. Trabalhar de restinga ou restingar significa voltar a mexer no mesmo cascalho já trabalhado, o que geralmente era feito por outro garimpeiro, que solitário, tentava encontrar outros diamantes deixados que não fossem percebidos na primeira apuração. Tomando o garimpo como metáfora para o presente trabalho dissertativo, exploramos os diamantes lexicais do romance *Cascalho* (SALES, 2011) de Herberto Sales e a sensação que fica é que existe uma restinga. Não do tipo que ficava no garimpo, pois os diamantes encontrados no refugio eram sempre inferiores, de pequeno valor. Ao contrário, aqui a restinga é rica, o que pode suscitar valiosos trabalhos posteriores.

Doravante, existem inúmeras possibilidades de trabalho linguístico a partir do léxico de *Cascalho* (SALES, 2011) que não foram exploradas e nem aprofundadas na dissertação. As unidades complexas do léxico ou fraseologismos encontrados suscitam um novo campo de pesquisa, por exemplo. A análise do discurso autoritário coronelista, as vozes dos garimpeiros são aberturas para possibilidade de outra vertente de pesquisa linguística. Para além de

Cascalho (SALES, 2011), é plausível uma análise linguística ampla do léxico tendo como base estudo de *corpora*, com uma bibliografia de romances que abordam o garimpo na Chapada Diamantina-BA. De antemão, possuímos esse acervo circunscrito na espacialidade e temporalidades definidas que se referem ao objeto pesquisado. Segundo a indicação de Cerqueira (2018), os romances são: *Lavras Diamantinas* de Marcelino José das Neves (1967), *Maria Dusá* de Lindolfo Rocha (1980), *Bugrinha* de Afrânio Peixoto (1972), *Garimpos* de Herman Lima (1932), *Ametistas de Caititu* de Filgueiras Filho (1963), *A cidade encantada* de Xavier Marques (1919), *O diamante verde* de Almachio Diniz (1981) e *Contos do norte* de Alberto Rabello (1927). Essa reunião literária, embora algumas escassas e raras no mercado literário da atualidade, são significativas no que tange à narrativa baiana com temática que abrange a Chapada Diamantina nos tempos áureos do garimpo desde a segunda metade do século XIX até primeira metade do século XX.

Em vista da presente dissertação, conseguimos bamburrar com os diamantes lexicais arrolados e ainda existem outros com possibilidade de apresentação de todo vocabulário na perspectiva lexicográfica, o que seria também interessante. As inovações lexicais, os neologismos, os empréstimos estrangeiros, essencialmente europeus, para algumas lexias suscitam outro foco teórico-metodológico. Depois que sentimos a febre do garimpo lidamos com o cascalho sempre. Prontos a voltar a se debruçar com a bateia e continuar garimpando, pois outros diamantes nos esperam para um iminente bamburrar.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. **Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária medieval**: o livro de cozinha da Infanta D. Maria. Salvador: Quarteto Editora, 2009.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, Aparecida N.; SEABRA, Maria Cândida T. C. de. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2012. v. 6, p. 141-161.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do Léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos. (org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.
- AQUINO, Tomás de. **Suma teológica** – justiça, religião, virtudes sociais. Vol. 6. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ABREU, Sílvio Fróes. **A riqueza mineral do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. Filologia: uma linha para a lexicologia tecer os seus pontos. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto Editorial, 2006. p. 227-240.
- AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.
- ANDRADE, Oswald de. **Marco zero II** – Chão. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
- ANDRADE, Oswald de. **Marco zero I** – A revolução melancólica. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- ARAGÃO, Maria do Socorro. A fraseologia como marca do léxico regional-popular. In: COSTA, Daniela de Souza Silva, BENÇAL, Dayme Rosane (org.). **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande: UFMS, 2016. p. 33-49.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa: Edições FUNESC, 1990.
- ARAÚJO, Carla; ASSUNÇÃO, Carlos. Lexicologia: mutações teórico-metodológicas no séc. XX. **Aletheia** – Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos, Braga, V. 21, p. 9-22, 2017.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. **Floração de imaginários**: o romance baiano no século 20. Itabuna/Ilhéus-BA: Via Litterarum, 2008.
- AUGUSTO, Everaldo. **Literatura e documento**: histórias e mitos na primeira narrativa de Herberto Sales. São Paulo: Alfa e Ômega, 2007.

BALDINGER, Kurt. Língua e cultura. Tradução de Ataliba de Castilho. **Alfa**, Marília, n. 9, p. 37-56, mar. 1966.

BARREIROS, Liliane Lemos Santana. **Bahia humorística**: causos sertanejos de Eulálio Motta. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Maria Ieda (org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/CITRAT, 2001. p. 23-45.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BÍBLIA, português. **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, Graça et al., (eds.). **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 747-758.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998a. p. 11-20.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998b.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, n. 28, p. 1-26, 1984.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de filologia e lingüística em homenagem a Isaac Nicolau Salum**. São Paulo: T.A Queiroz/Ed. Universidade de São Paulo, 1981. p. 131-145.

BOUDOUX, Adriana Silva Teles. **Entre o céu e o inferno**: garimpendo representações identitárias no romance das lavras diamantinas. 2008. 150f. (Dissertação) – Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2008.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BRASIL, Assis. **Herberto Sales**: Regionalismo e utopia. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

CARDOSO, Elis de Almeida. **O léxico no discurso literário**. São Paulo: EDUSP, 2018.

CÔRREA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CÔRREA, Roberto Lobato (org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15-47.

CATHARINO, José Martins. **Garimpo-garimpeiro-garimpagem**: Chapada Diamantina, Bahia. Rio de Janeiro: Philobiblon/Fundação Miguel Calmon, 1986.

CASCALHO. Direção: Tuna Espinheira. ASACINE produções. Salvador, BA, 2004. Cor, 104 min.

CASCALHO. Direção: Leo Marten. Sul Filmes produções. Rio de Janeiro, RJ. 1950. PB.

CASCALHO. Edição maravilhosa. Rio de Janeiro, n. 158: EBAL, 1957.

CERQUEIRA, Dorine. **O romance do século XX na Bahia** (De 1901 a 2000). Salvador: Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), 2018.

COSERIU, Eugenio. **Lições de lingüística geral**. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980a.

COSERIU, Eugenio. **Tradição e novidade na ciência da linguagem**: Estudos de história da lingüística. São Paulo: Presença/Editora da USP, 1980b.

COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural**. 2. ed. Vers. esp. Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977. p. 210-242.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/#>. Acessado em: 28 jun. 2017.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acessado em: 28 jun. de 2017.

DICIONÁRIO INFORMAL DE PORTUGUÊS. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acessado em: 28 jun. de 2017.

DINIZ, Almachio. **O diamante verde**. São Paulo: GRD, 1981.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Versão 3.0 [CD-ROM].

FIGUEIREDO, Cândido. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913.

FILGUEIRAS FILHO. **Ametistas de caititu**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1963.

FIORIN, José Luiz. Língua, identidades e fronteiras. **Diversitas**, São Paulo, n. 1, p. 147-164. mar./set. 2013.

GARCIA, Frédéric Robert. **Configurações identitárias em Cascalho e Além dos marimbus de Herberto Sales**. 2013. 229f. (Tese) – Doutorado em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

GARCIA, Frédéric Robert. Cascalho: os diferentes projetos identitários na terra do garimpo. In: REHEM, Reheniglei; GARCIA, Frédéric Robert (org.). **Identidade, território, utopia: literatura baiana contemporânea**. Ilhéus: Editus, 2011. p. 165-180.

GARCIA JR, Afrânio. Meninos de engenho: tradições e dramas familiares feitos símbolos da brasilidade. **Antropolítica**, Niterói, n. 30, p. 21-47. 1 sem. 2011.

GOÉS, Andréa Beatriz Hack de. **A religiosidade na obra de Herberto Sales**. Salvador: EDUFBA, 2010.

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. **Homens e armas: um estudo semântico em Crônicas de Fernão Lopes**. 2007. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

GONÇALVES, Maria Salete Petroni de Castro. **Garimpo, devoção e festa em Lençóis, BA**. São Paulo: Escola de Folclore, 1984.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009. 1 CD. Versão 3.0 [CD-ROM].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Limite político administrativo (2016). Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>>. Acesso em: 1 mar. 2019.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. v. 3. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. p. 193-208.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LIMA, Herman. **Garimpos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

MARTÍNEZ, Marcos. Setenta años de teoria de los campos: balance provisional. **Revista Española de Linguística**, Madrid: Universidad Complutense de Madrid, n. 33, v. 2. p. 261-314. 2001.

MARQUES, Xavier. **A cidade encantada**. Salvador: Livraria Catilina, 1919.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: EDUSP, 2001.

MELLO, Eliana. Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato. In: MELLO, Eliana; ALTENHOFEN Cléo V; RASO, Tommaso (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 173-185.

MILLIET, Sérgio. Nota à 3ª edição. In: SALES, Herberto. **Cascalho**. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 13-14.

MIRANDA, Féliz Bugueño. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. v. 3. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.p. 261-272.

MORAES, Walfrido. **Jagunços e heróis**: a civilização dos diamantes nas lavras da Bahia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

MORAES SILVA, Antônio de. **Diccionario da lingua portugueza**. Rio de Janeiro: Editora Empreza Litteraria Fluminense, 1890.

NASCIMENTO, Geovanio Silva do. **O sertão traduzido**: estudo dos marcadores culturais do domínio ecológico na tradução de *Os Sertões* para a língua espanhola. 2018. 264f. (Dissertação) – Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História regional e local**: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade. Feira de Santana: UEFS/ Salvador: Acácia, 2002.

NEVES, Marcelino José das. **Lavras Diamantinas**. Salvador: Fundação Gonçalo Muniz, 1967.

NUNES, José Horta. Lexicologia e lexicografia. In: GUIMARÃES, Eduardo; FONTANA, Mônica Zopp. (org.). **A palavra e a frase**. Campinas: Pontes Editores, 2010. p. 148-172.

O GUAYCURU, Bahia: Anno 3. Segunda feira 29 de setembro de 1845. Numero 128. p. 3.

OLIVEIRA, Edgard. **Companhia Valença Industrial CVI**. Disponível em: <http://conhecendoobaixosul.blogspot.com/2014/06/cvi-brochura-da-historia-da-cvi.html>. Acesso em: 7 de dez. 2019.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. **Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina**: um estudo de caso. 2008. 207f. (Tese) – Doutorado em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

PAIXÃO, Neli Ramos. **Ao soar do apito da fábrica**: idas e vindas de operárias (os) têxteis em Valença – Bahia (1950-1980). 2006. 113f. (Dissertação) – Mestrado em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

PEIXOTO, Afrânio. **Bugrinha**. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução à lingüística**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 11-24.

PIRES, Eliane Cristine Raab. **Língua e cultura**. Portugal: Instituto Politécnico de Bragança, 2006.

PRIORE, Mary Del. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

POPPER, Karl Raimund. **Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária**. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1975.

POTTIER, Bernard. **Estruturas lingüísticas do português**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

PÓVOA, Liberato. **Dicionário tocantinense de expressões e afins**. Goiânia: Editora Kelps, 2002.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. O vocabulário regional de Jorge Amado em Terras do sem fim. **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, v. XVI, n. 04, t. 1, p. 1024-1032, 2012. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf. Acesso em: 10 mar. 2019.

RABELLO, Alberto. **Contos do norte: contos regionais bahianos**. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos – Editor, 1927.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida Ribeiro. Sofro de topofilia. In: QUEIROZ, Rita (Org.). **Brasis poéticos**. Campos dos Goytacazes-RJ: Darda Editora, 2019. p. 7-8.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida Ribeiro; BARREIROS, Liliane Lemos Santana; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Unidades fraseológicas na obra *Cascalho*: uma breve discussão sobre os seus aspectos socioculturais. **REVEC - Revista de Estudos Culturais**. São Cristovão-SE, v. 4, n. 2, p. 51-62, mai. ago. 2018.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida Ribeiro. **Estudo do vocabulário regional constante em Cascalho de Herberto Sales**. 2017. 140 f. (Monografia) - Especialização em Estudos Linguísticos e Filológicos, UNEB/Campus XIII, Itaberaba, 2017.

ROCHA, Lindolfo. **Maria Dusá**. São Paulo: Editora Ática, 1980.

SALES, Herberto. Discurso de Herberto Sales: na ocasião em que recebeu o título de doutor honoris causa. In: SANTOS, José Ricardo (org.). **Herberto Sales: A saga de um bamburrar literário**. Simões Filho-BA: Kalango, 2017. p. 21-28.

SALES, Herberto. **Cascalho**. 11. ed. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

SALES, Herberto. **Diamante**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1980.

SALES, Herberto. **Garimpos da Bahia**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/SIP: 1955.

SALES, Fernando. **Herberto Sales e a gênese de Cascalho**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SEABRA, Giovanna. **Chapada Diamantina: o falso brilhante**. Ituiutaba-MG: Barlavento, 2017.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, cultura, léxico. In: Sobral, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins (org.). **Linguagem, sociedade e discurso**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65-84.

SILVA, Daianna Quelle da S. Santos; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Entre um manuscrito e “suas” ações sexuais: edição filológica e estudo lexicológico do processo crime de estupro de Maria Possidonia de Jesus (1907). In: SANTOS, Cosme Batista dos; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (org.). **As palavras e as culturas: estudos da relação entre léxico e cultura na realidade baiana**. Salvador: Eduneb, 2016. p. 17-34.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA (SIG-BAHIA). Sistema de Informações sobre Recursos Hídricos – SIRH. Salvador: Superintendência de Recursos Hídricos, 2003. 2 CD - Rom.

SISTEMA DE REFERÊNCIA GEOCÊNTRICO PARA LAS AMÉRICAS (SIRGAS2000). Disponível em: <<http://www.sirgas.org/pt/sirgas-realizations/sirgas2000/>>. Acessado em: 19 set. 2019.

SOUZA, Bernardino José de. **Dicionário da terra e da gente do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939.

VILELA, Mário. **Ensino da língua portuguesa: Léxico, dicionário, gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

VILMA, Ângela. **A tessitura humana da palavra**: Herberto Sales, contista. Salvador: SCT/FUNCEB, 2004.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

APÊNDICE

Índice remissivo das lexias

A

Aguada 241

Ajogo 17

Almocafo 122

Alugado 20, 21, 23, 37, 41, 42, 65, 72, 75, 115, 116, 120, 126, 311, 312, 313

Amigação 110

Amigar 110

Andaraí 19, 20, 25, 27, 37, 41, 45, 51, 53, 59, 60, 61, 72, 73, 74, 83, 96, 97, 98, 105, 108, 137, 139, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 169, 173, 174, 180, 183, 184, 185, 191, 200, 201, 203, 210, 220, 223, 248, 265, 277, 288, 291, 294, 296, 297, 298, 301, 303

Angiquinho 107

Apuração 17, 18, 34, 72, 113, 116, 132, 133, 135, 150, 153

Arroz de cacimba 102

Arrozinho 42

Arruaceiro 56, 180, 184, 214

Arruda 77

Asa-caída 107

Azedinha 212

B

Babatimã 96

Bacia dos Nagôs 64

Bagajudo 209

Bagueta 198

Bala 294, 295

Balança granatária 140, 149, 183, 232, 235, 240, 291

Balinha 17, 42

Bamburrista 25, 76, 98, 107, 213

Banana-brava 96

Bananeira que já deu cacho 68

Batata-da-serra 106

Bateia 15, 34, 35, 58, 100, 105, 116, 123, 125, 126, 128, 132, 189, 214

Batixó 99, 192

Beijo 92, 104

Beiju de coco 89, 227

Besta 33, 57, 82, 95, 97, 99, 100, 112, 113, 127, 173, 208, 275, 277

Biboca 45, 54, 174, 256

Bico de candeeiro 126

Bico-doce 100

Birô 140, 142

Boca da Gruna 54, 89, 311, 314

Boca da mata 44

Boca do tanque 23, 24

Bodogue 71

Bolacha papuda 89

Bolinete 58

Borrachudo 102

Bosta de cabra 100, 101

Bosta de barata 42, 43

Botequim 53, 157, 230, 241, 242, 255

Braguilha 274, 275

Broca 15, 17, 36, 42, 47, 94, 99, 210

Broqueamento 17

Bruaqueiro 25, 41, 58, 72, 88, 90, 104

Bubão 189

Bugalhau 42, 58, 89, 98, 109, 209

Bunda 48, 88, 94, 102, 110, 184, 221, 263

Burralhão 277

C

Cabaré 41, 68, 98, 114, 116, 127, 146, 174, 183, 184, 185, 195, 209, 214, 215, 223, 226, 231, 244

Cabeça-d'água 15, 28

Cabeça de formiga 101

Cabeça-de-patrona 212, 314

Cabeceira 15, 26, 58
Cabelo da Roda 17
Cabeluda 106
Cabuleté 33
Caburé 104, 299
Cabra do pau-furado 50
Cabra retinto e dobrado 39
Cachaça com óleo de copaíba 257
Caipora 311
Calango 50, 214
Calça de brim 110
Calção de valença 103, 314
Caldeirão casco de burro 107
Caldeirão de bidogue 107
Camboatá 54, 68, 96
Campos de São João 89, 104
Canapu 96
Canarinho-da-terra 163
Candeia-de-bolota 102, 116
Candeeiro-placa 15, 55, 149, 177
Canela d'ema 17, 42, 95, 314
Canjoão 79, 190
Canivete 19
Capanga 41, 102, 105, 117, 118, 214, 220, 221, 222, 223
Capangueiro 46, 69, 73, 77, 83, 84, 85, 90, 98, 106, 111, 127, 133, 138, 165, 170, 192, 203, 204, 207, 208, 217, 221, 229, 233, 237, 238, 239, 266, 267, 288
Capim-açu 100
Capim-cacheado 100
Capim-da-lapa 104
Capim pubo 43
Capote 30, 31, 53
Carbonato 64, 126, 127, 136, 138, 193, 207, 209, 210, 211, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 227, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 245, 249, 266, 288, 289, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 303, 304, 306, 307, 309, 315

Carne-seca 51, 57
Carne frescal 89
Carumbé 15, 17, 34, 65, 98, 102, 104, 108, 112, 113, 116, 123, 124, 125, 130, 131, 214, 224, 251, 252, 311, 315
Cata 18, 22, 23, 24, 27, 34, 42, 58, 121, 189, 210
Cateamento 17, 18, 20, 24, 38, 43, 50, 289, 290
Catinga-de-porco 46
Casalhão 58
Ceroula de valença 187
Chagrin 64
Chapéu-chile de copa alta 64, 140, 162, 220
Chapéu de frade 151
Chapéu-de-frade 96
Cheia de Santa Luzia 17
Chocolateira 57, 104, 146, 187, 194, 214, 245, 246, 247, 260
Cobertor dorme-bem 218, 248
Cocá 42
Cocuruto 102
Colchão de arrasto 107
Colher-de-pau 209
Colher de sopa 198, 199
Comblain 148
Combléia 50
Coral 212
Coqui 122
Coradouro 68
Córrego do Padre 54
Costela 217
Coxó 40, 41, 50, 158, 183, 299
Crivo 140
Cumbá 91
Cunha de marreta 36
Cura-facada 114
Curau 23, 24, 26, 66, 99

Curimatã 91

Cuscuz 76, 89

D

Deflorar 288

Desbrutador 123

Descabaçar 137

Descarregar o corpo 82

Desmarcado 209

Desaperta-puta 107

Diabo 69, 70, 78, 80, 263

Doca 42, 94, 221

Doce de rapadura com gergelim 89

Doença de rua 78

Dom-Bernardo 96

E

Emburrado 16, 34, 42, 96, 99, 124, 214, 318

Encabulado 62, 77, 200

Enrolista 227, 230

Enxada 15, 64, 74, 98, 99, 101, 105, 111, 113, 122, 123, 203, 212, 311, 312, 313

Esbirro 99, 318

Escarradeira 143, 193

Escrotalhão 165

Esguedelhada 79

Esmeril 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125

Esmolambado 76

Espingarda cano de chapéu-de-sol 48

Espelunca 160

Espinhaço 41, 105, 212

Esteira 29, 39, 107, 145, 187, 251, 257

Estiar 26

Estrada dos Bichinhos 50, 68, 152

Estremunhado 57, 260

Estroina 249

F

Faiscar 19

Farracho 37, 58

Fato 231

Favinha 42

Fedegoso 18, 39, 210

Feijão azul-oleoso 42

Feira de Santana 85

Ferragem 127, 128, 135, 136, 220, 223

Fervedouro 58, 98

Festa de Nossa Senhora da Glória 100, 184

Festa do Divino 100, 214, 220, 228, 259

Fifó 79, 104, 107, 134, 145, 187, 188, 189, 224, 225, 242, 244, 245, 251, 252, 285

Fígado 107, 168

Fogo-central 32

Fornida de carne 47

Fouveira 217

Fraque 110, 199

Frente 15, 18, 35, 60, 61, 189

Frente de serviço 35, 65, 67, 236, 240, 260

Frincha 315, 316

Frincheiro 15, 58, 315, 316

Fubuca 241

Fuzil Mauser 86

G

Gabola 42

Gamela 231, 317

Garimpar de lancheio 119

Garimpeiro 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 54, 57, 58, 62, 64, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 93, 95, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 114, 115,

124, 127, 133, 134, 135, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 167, 168, 174, 175, 179, 180, 184, 185, 188, 192, 197, 200, 202, 203, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 226, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 244, 245, 246, 251, 252, 256, 257, 259, 262, 265, 266, 267, 268, 288, 291, 303, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 317

Garimpo 17, 19, 20, 21, 22, 23, 35, 47, 56, 58, 59, 63, 66, 68, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 84, 87, 96, 97, 98, 99, 105, 106, 108, 111, 113, 114, 115, 116, 118, 122, 124, 127, 133, 134, 139, 148, 150, 152, 153, 167, 169, 173, 174, 178, 185, 189, 187, 188, 208, 214, 218, 220, 223, 226, 229, 239, 245, 248, 253, 287, 290, 301, 310, 311, 313, 319

Garrafada 72, 257

Garrucha 159

Gibão 300

Grão-de-galo 99

Gravatá 101, 215

Gruna 15, 19, 29, 54, 73, 89, 94, 96, 116, 189, 213, 297, 303, 310, 311, 314, 315, 316, 317, 318, 319

Grupiara 16, 21, 24, 43, 98, 99, 100, 210

H

Hortelã graúda 25

I

Imbé 96, 209, 233

Inchacolhão 122

Informação 42, 43, 98, 220, 245

Infusado 17, 24, 97, 100, 106, 108, 189

Inhame 91

Inteirado 46, 49

Itaetê 201, 285, 291

J

Jaça 236

Jacuba 71

Jaracuçu 314

Jasmim 81, 243, 247

Jaqueira 65, 89, 134, 135, 142

Jeriza 107

Jinjibirra 94

Jirau 287

Joaquim-madrugada 75

Juçara 104

Jurubeba 210

Jussiape 51

L

Lambaceiro 141

Lambedeira 51

Lambreu 143, 149

Lasca com dois grãos 103

Lavras 16, 17, 18, 47, 59, 72, 74, 78, 83, 84, 95, 103, 106, 108, 120, 160, 169, 170, 174, 175, 176, 178, 185, 204, 205, 206, 207, 216, 217, 246, 257, 265, 295, 307

Lavrista 23, 161, 172, 189, 202, 274, 302

Lebreia 26

Lençóis 25, 42, 74, 106, 108, 109, 143, 149, 151, 214, 301

Linho H.J 64

Lírio 101

Livro de rezas 34

Loca 96, 257

Lombo 168

Losna 46, 77

Lusco-fusco 103

M

Madapolão 107

Madrugador 57

Mãe do povo 43, 105, 106, 115, 116

Magnificat 33

Malva lava-prato 106, 312

- Mamparra 228
Mancomunado 141
Mandacaru 102
Manulicha 50
Mão-cheia 30
Maria-mole 25, 38
Marrão 18, 36
Martim-pescador 23, 24
Marujada 214
Mato Grosso 26
Maxixe 91
Meia-praça 20, 34, 43, 56, 62, 64, 66, 75, 85, 92, 93, 112, 113, 115, 116, 120, 124, 125, 133, 188, 209, 220, 226, 236, 239
Mineiro-pau 272, 273, 275, 282, 283, 284
Moca 96, 104
Mocó 43, 103, 107
Mocororô osso de cavalo 98, 99
Mondubi 96
Montoeira 64, 99, 100, 106, 211
Mormaço 273
Mosquitar 45
Mosquitador 214, 229, 265, 266, 267, 288
Mosquitinho 66
Mosquito 83, 97, 113, 148, 152, 189, 312
Mucujê 101, 106, 176, 221
Mulher de prateleira-de-cima 97
Murici 73, 102
Murundu 253, 300
Mutuca 103
- N**
- Nababo 207
Negro de tutano 18
Negro-nu 96, 102

Neve 96

Nicho 33, 34, 79, 157

Nossa Senhora da Glória 100, 184, 188, 256, 258, 259, 261, 262, 264, 274

Nossa Senhora da Piedade 27

Nossa Senhora do Parto 122

Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa 122

O

Oitão 22, 51, 70, 71, 179, 298, 310

Olho de arara 43

Ovã 34

P

Paiól 15, 111, 112

Paletó de alpaca 85, 140

Palmeiras 23, 24, 109, 116, 204, 205, 221, 254, 307

Panela de barro 102

Parabélum 53, 67, 124, 128, 129, 130, 152, 156, 183, 184

Passagem 15, 16, 18, 19, 21, 25, 29, 39, 45, 47, 50, 51, 54, 56, 57, 65, 108, 140, 184, 228, 288, 289, 301, 303

Pau-d'-água 164

Pau-de-mocó 100

Pau-terra 99

Peador 212

Pé-de-tabaqueira 218

Pedreste 106

Peixe-podre 169

Perau 96, 211, 212

Perder-se 85

Pequenito 123

Piã da cata 42, 126

Piçarra-mestra 190, 211, 219, 316

Picuá 35, 72, 140, 143, 146, 149, 152, 153, 157, 229, 232, 233, 234

Pindoba 68, 96

Pinhão leitoso 106

Pirá 91

Piranha 91

Piranhas 66, 76, 119, 174, 178, 183, 209, 210, 211, 212, 271, 272

Pirão 168

Platibanda 64, 139

Poço da Donana 17, 47

Poejo 77

Poltrão 165

Pote 147

Punhal 57, 67, 113, 117, 120, 123, 149, 183, 184

Q

Quaresma 29, 205

Quebrar cata 18, 58

Queimado 89

Quiabo 91

Quimbas 46

Quina-de-vara 99

Quinto 21, 35, 62, 74, 83, 88, 105, 125, 212, 216, 228, 229, 232, 240, 251, 288

Quitoco 77

R

Rabo de juízo 260

Raçado 54

Ralo 15, 36, 37, 57, 100, 112, 123, 124, 125, 132, 140

Rancho 26, 57, 59, 68, 69, 71, 73, 75, 76, 79, 80, 85, 92, 93, 94, 96, 99, 101, 102, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 122, 123, 132, 133, 174, 188, 215, 224, 225, 226, 242, 243, 250, 252, 287, 300, 312, 313

Rapa-Tição 54, 68, 89, 134

Raspadura 92

Rego 17, 96, 98, 122

Remanso 54, 146, 300

Repetição 32, 33, 53, 137, 148, 154

Repimpada 227

Restilo 67

Restinga 19, 99

Ribimba 54, 66, 68, 69, 70, 71, 77, 78, 79, 83, 89, 93, 133, 158, 157, 187, 190, 215, 224, 242, 260, 262, 309, 310

Rio Baiano 99, 144

Rio de Contas 84

Rio Gafanhoto 176

Rio Paraguaçu 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 31, 34, 35, 41, 42, 43, 139, 144, 290, 301, 303

Rio Piabas 16, 125

Rio Santo Antônio 90, 91

Rompimento 174, 190

Rufiagem 134

S

Sabiá 100, 214

Saborosa 243

Santa Bárbara 22, 54, 89, 97, 134, 174

Santa Luzia 17, 44, 298, 299

Santa Rita 79

São Pedro 18, 39, 40, 45, 49, 53, 86, 137, 144, 214, 287, 288, 289, 290, 291, 298

Sapucaia 99

Sarapatel 193, 196

Sempre-viva-da-serra 96

Serviço de barranco 24

Sistema de tição 43

Socador de broca 36

Sol a pino 130

T

Tabique 149, 165, 232, 233, 255, 278

Tamburi 17

Teiú 214

Toba 104

Tocar gloriosa 97

Toicim 92

Tombador 18, 42

Traíra 91

Trempe 57, 104, 189, 245

Trepar 220

Três-folhas 96

Tresnoitada 89

Tromba-d'água 26, 28

U

Urinol 24, 195, 275

V

Vai-Quem-Quer 103

Valise 165, 296, 305, 307

Veio 24, 96

Velame 55, 71, 78, 243

Venda 39, 51, 66, 67, 75, 88, 91, 92, 93, 102, 111, 134, 145, 152, 157, 174, 183, 192, 226, 242, 250, 255, 266, 268

Vermute 95

Viriato 19, 38, 124

Voador 258

X

Xale 29, 30, 33, 79, 224

Xibiu 149

Xibungo 48, 220

Xique-Xique 46, 51, 189, 219

Xiquexique 78, 106

Xumbaré 96

Z

Zé-tranquilino 149, 220